



RICK RIORDAN APRESENTA

Aru Shah

EO FIM DOS TEMPOS



AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

ROSHANI CHOKSHI

PLATA
FORMA 3D



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Para as minhas irmãs: Niv, Victoria, Bismah, Monica e Shraya.
Nós realmente precisamos de uma música tema.

TÍTULO ORIGINAL *Aru Shah and the End of Time*

© 2018 by Roshani Chokshi

Publicado originalmente por Disney • Hyperion, um selo da Disney Book Group. Direitos de tradução geridos por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna

Agência Literária, SL. Todos os direitos reservados.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Flávia Yacubian

REVISÃO Isadora Prospero e Raquel Nakasone

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini

DESIGN DE CAPA Phil Caminiti

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Abigail L. Dela Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chokshi, Roshani

Aru Shah e o fim dos tempos [livro eletrônico] / Roshani Chokshi; tradução Índigo. – São Paulo: Plataforma21, 2018. – (Saga Pândava; v. 1)epub; 2 MB

Título original: *Aru Shah and the End of Time*

ISBN 978-85-92783-81-5

1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título. II. Série.

18-17594 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br

plataforma21@vreditoras.com.br

ARU SHAH VAI FAZER VOCÊ PIRAR

Alguma vez já aconteceu de você ter lido um livro e pensado: “Nossa, eu queria ter escrito isso!”?

Para mim, *Aru Shah e o fim dos tempos* é um desses livros. Ele contém tudo que eu gosto: humor, ação, excelentes personagens e, claro, mitologia incrível! Mas este não é um livro que eu poderia ter escrito. Simplesmente não tenho a destreza ou conhecimento de causa para adentrar o imenso e incrível mundo da mitologia hindu, muito menos para torná-lo tão divertido e acessível ao leitor.

Para a nossa sorte, Roshani Chokshi possui esse dom.

Se você não tem familiaridade com mitologia hindu... uau, prepare-se! Você achava que Zeus, Ares e Apolo eram feras? Espere até conhecer Hanuman e Urvashi. Achava que contracorrente era uma arma bacana? Confira essa linda seleção de astras divinais: bastões, espadas, arcos e redes tecidas a partir de raios. Pode escolher. Você vai precisar delas.

Achava a Medusa assustadora? Ela não é nada comparada às nagini e aos rakshas.

Aru Shah, uma garota descolada e inteligente que está no sétimo ano e mora em Atlanta, está prestes a mergulhar nessa doideira toda, e sua aventura vai te fazer pirar – da melhor maneira possível.

Se você já conhece mitologia hindu, está prestes a ter a reunião de família mais divertida de todos os tempos. Vai encontrar vários dos seus personagens favoritos – deuses, demônios, monstros, vilões e heróis. Vai subir aos céus e descer ao Submundo. E, independentemente de quantos desses mitos já conhece, aposto um picolé de limão que vai aprender algo novo.

Deu para perceber como estou animado em compartilhar esse livro com você? Pois é, estou super. Então, o que está esperando? Aru Shah está no Museu Arqueológico de Arte e Cultura Indiana, onde sua mãe trabalha. As férias começaram, e Aru tem certeza de que o dia será entediante.

Ixi! Ela não tem noção!



UM

Em que Aru se arrepende de ter aberto a porta

O problema de crescer cercada por coisas extremamente perigosas é que depois de um tempo você se acostuma com elas.

Desde que se lembra, Aru viveu no Museu Arqueológico de Arte e Cultura Indiana. E ela sabia perfeitamente bem que a lâmpada que ficava no fim da Galeria dos Deuses jamais deveria ser tocada.

Ela podia mencionar “a lâmpada da destruição” da mesma maneira que um pirata que domou um monstro marinho pode dizer casualmente: “Ah, você está falando do velho Ralph ali?”. Mas embora estivesse acostumada com a lâmpada, nunca a tinha acendido antes. Isso seria contra as regras. As regras que ela repassava todo sábado, quando guiava o grupo de visitantes da parte da tarde.

Talvez algumas pessoas não gostem da ideia de trabalhar no fim de semana, mas para Aru aquilo não parecia trabalho.

Parecia uma cerimônia.

Como um segredo.

Ela vestia seu elegante colete escarlate com três botões cor de mel. Simulava um tom de voz de curadora de museu, aquele que sua mãe usava, e as pessoas – essa era a melhor parte – *ouviam*. Elas nem piscavam. Especialmente quando Aru falava sobre a lâmpada amaldiçoada.

Às vezes, ela achava que esse era o assunto mais fascinante que já havia discutido. Uma lâmpada amaldiçoada é muito mais interessante que, digamos... uma visita ao dentista. Se bem que há quem diga que as duas coisas são igualmente amaldiçoadas.

Aru vivia no museu havia tanto tempo que o lugar não continha mais nenhum segredo. Ela cresceu lendo e fazendo lição de casa sob o elefante gigante de pedra que ficava na entrada. Muitas vezes adormeceu no teatro e acordou um pouco antes de ouvir a gravação chiada da visita autoguiada informando que a Índia se tornou independente dos ingleses em 1947. Ela até tinha o hábito de esconder um estoque de balas na boca de uma estátua de dragão de quatrocentos anos (ela o chamava de Steve) na Ala Oeste. Aru sabia tudinho sobre o museu. Exceto uma coisa...

A lâmpada. Em grande parte, ela ainda era um mistério.

– Não é bem uma lâmpada – sua mãe, a conhecida curadora e arqueóloga

dra. K. P. Shah, havia dito na primeira vez que a mostrou para Aru. – Nós a chamamos de *diya*.

Aru se lembrava de ter pressionado a ponta do nariz contra a caixa de vidro, observando o pedaço de barro. No que diz respeito a objetos amaldiçoados, aquele era, de longe, o mais sem graça. Tinha a forma de um disco de hóquei que levou uns beliscões. Pequenas marcas, como mordidinhas, frisavam as bordas. E, mesmo assim, apesar do aspecto absolutamente banal, até as estátuas que ocupavam a Galeria dos Deuses pareciam se afastar da lâmpada, dando bastante espaço para ela.

– Por que não pode acender? – ela havia perguntado à mãe.

A mãe não correspondeu ao seu olhar.

– Às vezes, a luz revela coisas que seria melhor ficarem no escuro. Além do mais, a gente nunca sabe quem está de olho.

Bem, Aru estava. A vida toda ela esteve de olho.

Todos os dias, depois da escola, ela ia para casa, pendurava a mochila na tromba do elefante de pedra e se mandava para a Galeria dos Deuses.

Era a exposição mais popular do museu, composta por uma centena de estátuas dos mais variados deuses hindus. Sua mãe havia revestido as paredes com espelhos altos para que os visitantes pudessem ver os artefatos por todos os ângulos. Os espelhos eram “vintage” (palavra que Aru usou ao fazer uma troca com Burton Prater: uma moeda esverdeada por dois dólares e meia barra de Twix). Por conta dos altos arbustos de murta de crepe e olmos que ficavam do lado de fora das janelas, a luz que penetrava a Galeria dos Deuses tinha um aspecto meio difuso. Quase nebuloso. Era como se as estátuas usassem coroas de luz.

Aru parava na entrada, o olhar concentrado nas suas estátuas favoritas – Senhor Indra, o Rei dos Céus, empunhando um raio; Senhor Krishna, tocando flauta; Buddha, sentado com a coluna ereta e as pernas dobradas em posição de meditação – antes que seus olhos fossem invariavelmente atraídos pela *diya* em sua caixa de vidro.

Ela ficava ali parada por minutos, esperando alguma coisa... qualquer coisa que tornasse o dia seguinte na escola mais interessante, ou que fizesse com que as pessoas percebessem que ela, Aru Shah, não era apenas mais uma aluna do sétimo ano se arrastando pelo ensino fundamental, mas alguém *extraordinária*...

Aru estava esperando a magia acontecer.

E todo dia ela se frustrava.

– Façam alguma coisa – ela sussurrava para as estátuas dos deuses. Era segunda-feira de manhã, e ela ainda estava de pijama. – Vocês têm tempo de sobra pra fazer alguma coisa incrível: estou de férias de outono.

As estátuas não faziam nada.

Aru deu de ombros e olhou pela janela. As árvores de Atlanta, na Geórgia, ainda não tinham se dado conta de que era outubro. Apenas a parte superior das copas havia assumido um tom escarlate e dourado, como se alguém as tivesse mergulhado pela metade num balde de fogo e depois as fincado de volta na grama.

Como Aru havia imaginado, tudo levava a crer que seria mais um dia sem novidades. Esse deveria ter sido seu primeiro aviso. O mundo tem uma tendência a enganar as pessoas. Ele gosta de fazer um dia parecer bonito e preguiçoso como mel aquecido pelo sol escorrendo por um vidro enquanto espera até que você esteja distraído...

E é então que ele ataca.

* * *

Momentos antes do alarme de visitantes soar, a mãe de Aru se deslocava pelo minúsculo apartamento de dois quartos conectado ao museu. Ela parecia estar lendo três livros ao mesmo tempo enquanto falava ao telefone numa língua que soava como um coro de sininhos. Aru, por sua vez, estava deitada de cabeça para baixo no sofá, atirando pedaços de pipoca em sua mãe, numa tentativa de chamar atenção.

– Mãe. Não diga nada se você topa me levar ao cinema.

A mãe riu graciosamente ao telefone. Aru fez uma careta.

Por que *ela* não conseguia rir assim? Quando Aru ria, parecia que estava se engasgando com o próprio ar.

– Mãe. Não diga nada se concordar em me dar um cachorro. Quero um cão dos Pirineus. Podemos chamá-lo de Beowulf!

Agora a mãe assentia com os olhos fechados, o que queria dizer que estava realmente prestando atenção. Não apenas a Aru.

– Mãe. Não diga nada se eu...

Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii ppp!

Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiippp!

Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii ppp!

A mãe ergueu a delicada sobancelha e encarou Aru. *Você sabe o que fazer.* E Aru sabia o que fazer. Ela apenas não queria fazê-lo.

Rolou para fora do sofá e engatinhou pelo chão feito o Homem-Aranha numa última tentativa de chamar a atenção da mãe. Era uma proeza e tanto considerando que o chão estava coberto de livros e xícaras de *chai* pela metade. Ela olhou de volta e viu a mãe anotando alguma coisa num bloquinho. Arrastando-se, Aru abriu a porta e foi até a escada.

As tardes de segunda-feira eram tranquilas. Até Sherrilyn, chefe de segurança do museu e caridosa babá da Aru nos fins de semana, não trabalhava às segundas. Qualquer outro dia – exceto domingo, quando o museu fechava –, Aru distribuía adesivos aos visitantes. Ela os direcionava às diversas exposições e mostrava onde ficavam os banheiros. Certa vez, até teve a oportunidade de gritar com alguém que acariciou o elefante de pedra, que continha um aviso muito evidente de NÃO TOQUE (na cabeça de Aru, isso valia para qualquer pessoa que não fosse ela mesma).

Às segundas-feiras, ela estava acostumada a receber visitantes ocasionais procurando abrigo temporário por conta do frio ou da chuva. Ou pessoas querendo expressar sua preocupação (da maneira mais educada possível) pelo fato de o Museu Arqueológico de Arte e Cultura Indiana estar prestando homenagem ao demônio. Ou às vezes apenas o carteiro precisando de uma assinatura numa entrega.

O que ela não esperava ao abrir a porta para receber o novo visitante é que seriam três alunos da Escola Augustus Day. Aru sentiu aquela sensação de elevador-quando-para-rápido-demais. Uma onda de pânico acertou seu estômago, e os três alunos a encararam. Ela e seu pijama de Homem-Aranha.

A primeira, Poppy Lopez, cruzou os braços bronzeados e com sardas. Os cabelos castanhos estavam presos num coque de bailarina. O segundo, Burton Prater, esticou a palma da mão, na qual segurava uma moeda bem feia. Burton era baixo e pálido, e a camisa listrada, preta e amarela, fazia com que parecesse uma abelha patética. A terceira, Arielle Reddy – a garota mais bonita da classe, com pele escura e lustrosos cabelos pretos –, apenas lançou-lhe um olhar fulminante.

– Sabia – disse Poppy, triunfante. – Você disse pra todo mundo na aula de matemática que sua mãe ia te levar pra França nas férias.

Isso foi o que a mamãe prometeu, Aru pensou.

No verão anterior, a mãe de Aru havia se enrodilhado no sofá, exausta depois de mais uma viagem internacional. Logo antes de cair no sono, havia apertado o ombro de Aru e dito: *Talvez eu te leve pra Paris no outono, Aru. Tem um café à margem do rio Sena onde dá pra ouvir as estrelas surgindo antes de dançarem no céu escuro. Iremos a boulangeries e museus, tomaremos café em pequenas xícaras, e passaremos horas e horas nos jardins.*

Naquela noite, Aru ficou acordada sonhando com as estreitas ruas sinuosas e jardins tão chiques que até suas flores pareciam arrogantes. Com essa promessa em mente, Aru arrumou o quarto e lavou a louça sem reclamar. E na escola, a promessa virou sua armadura. Todos os demais alunos da Augustus Day tinham casas de veraneio em lugares como Ilhas Maldivas ou Provence, e reclamavam quando seus iates estavam no conserto. A promessa de Paris fez com que Aru se sentisse pelo menos um pouquinho mais enturmada.

Agora, Aru tentava não se intimidar pelos olhos azuis de Poppy.

– Minha mãe teve de sair numa missão supersecreta pelo museu. Não pôde me levar junto.

Isso era parcialmente verdadeiro. Sua mãe nunca a levava junto nas viagens a trabalho.

Burton atirou a moeda verde no chão.

– Você me enganou. Eu te dei dois paus!

– E você recebeu uma moeda vintage – Aru respondeu.

Arielle a interrompeu:

– Nós sabemos que está mentindo, Aru Shah. É isso que você é: uma mentirosa. E quando a gente voltar pra escola, vamos contar pra todo mundo.

As entranhas de Aru se contorceram. Quando começou a frequentar a Augustus Day, no mês anterior, estava esperançosa. Mas isso durou pouco.

Diferentemente dos outros alunos, ela não era levada para a escola num carro preto e vistoso. Não tinha uma casa de veraneio na praia. Não tinha um quarto de estudo ou um solário, apenas um quarto, e mesmo assim sabia que na verdade seu quarto estava mais para um armário com delírios de grandeza.

Mas o que tinha era imaginação. A vida toda Aru sonhou acordada. Toda semana, enquanto esperava a mãe voltar para casa, inventava uma história: a mãe era uma espiã, uma princesa deposta, uma feiticeira.

A mãe alegava que nunca queria viajar a trabalho, porém era uma

necessidade para manter o museu funcionando. E quando voltava para casa e se esquecia das coisas – como o campeonato de xadrez da Aru ou o treino do coral – não era porque não se importasse, mas porque estava ocupada demais fazendo um malabarismo entre o estado de guerra, paz e a arte.

Então, na Augustus Day, sempre que as outras crianças perguntavam, Aru inventava histórias. Como as que contava para si mesma. Falava sobre cidades que nunca tinha visitado e comidas que nunca tinha provado. Se aparecia com sapatos detonados, era porque o velho par tinha sido enviado para a Itália, para o conserto. Ela aprendeu a fazer aquele franzido de sobrelanceira condescendente que todo mundo fazia, e deliberadamente alterava a pronúncia dos nomes das lojas onde comprava suas roupas, como a “francesa” *Tar-Jay* ou a “alemã” *Vahl-Mahrt*. Se isso não funcionava, apenas bufava e dizia:

– Acredite, você não seria capaz de reconhecer a marca.

E foi assim que se enturmou.

Durante um tempo, as mentiras funcionaram. Ela até foi convidada a passar um fim de semana no lago com Poppy e Arielle. Mas Aru estragou tudo no dia em que foi flagrada se esquivando da fila dos carros. Arielle perguntou qual era o carro dela. Aru apontou para um, e o sorriso de Arielle sumiu.

– Gozado, porque esse é o carro do meu motorista.

Agora Arielle estava dando o mesmo sorrisinho para Aru.

– Você disse pra gente que tinha um elefante – Poppy falou.

Aru apontou para o elefante de pedra atrás dela.

– Eu tenho!

– Você disse que o resgatou da Índia!

– Bem, minha mãe disse que ele foi recuperado de um templo, que é uma maneira sofisticada de dizer resgatado.

– E você disse que tem uma lâmpada amaldiçoada – disse Arielle.

Aru viu a luz vermelha no celular do Burton: constante e sem piscar. Ele estava gravando! Ela entrou em pânico. E se botassem o vídeo na rede? Ela tinha duas opções: 1) Podia torcer para que o universo tivesse pena dela e permitisse que explodisse numa bola de fogo antes de ter de voltar para a escola, ou 2) Podia mudar de nome, deixar crescer uma barba, mudar de cidade.

Ou, para escapar da situação....

Ela podia lhes mostrar algo impossível.

– A lâmpada amaldiçoada é real. Posso provar.

DOIS

Ops!

Eram quatro da tarde quando Aru e seus três colegas adentraram a Galeria dos Deuses.

Quatro da tarde é como um porão. Em teoria, totalmente inofensivo. Mas se parar para pensar sobre o que é um porão, perceberá que é cimento derramado sobre terra batida. Contém espaços fedorentos e inacabados, e vigas de madeira que projetam sombras bastante intensas. É algo que diz *quase, mas não exatamente*. Quatro da tarde é a mesma coisa. Quase, mas não exatamente tarde. Quase noite, mas não exatamente. E é bem característico da magia e dos pesadelos escolher esses momentos “quase-mas-não-exatamente”, e aguardar.

– Por sinal, cadê sua mãe? – Poppy perguntou.

– Na França – Aru respondeu, tentando manter o queixo erguido. – Não deu pra ir com ela porque tive que ficar tomando conta do museu.

– Ela deve estar mentindo de novo – disse Burton.

– Está mentindo com certeza. É a única coisa que ela sabe fazer – acrescentou Arielle.

Aru se abraçou. Ela sabia fazer muitas coisas, se ao menos as pessoas notassem... Sabia memorizar fatos que ouviu uma única vez. Também sabia jogar xadrez, tão bem que poderia ter participado do campeonato estadual, se Poppy e Arielle não tivessem lhe falado: “*Ninguém* joga xadrez, Aru. Você não vai fazer isso”. E assim Aru largou a equipe. Ela também era boa nas provas. Mas, agora, toda vez que se sentava para fazer uma prova, só pensava em como a escola era cara (estava custando uma fortuna à mãe), e como todo mundo ficava reparando nos seus sapatos, que estavam na moda no ano passado, mas não neste. Aru *queria* que prestassem atenção nela. Mas a atenção vinha pelos motivos errados.

– Achei que você tinha dito que morava num apartamento no centro, mas no registro da escola estava o endereço desta espelunca – Arielle bufou. – Quer dizer que você mora *dentro* do museu?

Sim.

– Não, né?! Olha em volta. Cadê o meu quarto?

É lá em cima.

– Se você não mora aqui, então por que tá de pijama?

– Na Inglaterra, todo mundo usa pijama de dia – explicou Aru.

Talvez.

– Os nobres fazem assim.

Se eu fosse nobre, usaria.

– Tá bom, Aru.

Os quatro estavam na Galeria dos Deuses. Poppy torceu o nariz.

– Por que os seus deuses têm tantas mãos?

As pontas das orelhas da Aru enrubesceram.

– É o jeito deles.

– Vocês têm, tipo, milhares de deuses?

– Não sei – Aru respondeu.

Dessa vez, estava dizendo a verdade. Sua mãe havia dito que os deuses hindus eram numerosos, mas não permaneciam a mesma pessoa o tempo todo. Às vezes, reencarnavam – suas almas renasciam em outra pessoa. Aru gostava da ideia. Imaginava quem ela teria sido numa outra vida. Talvez aquela versão de Aru teria sabido como derrotar o monstro que era o sétimo ano.

Seus colegas correram pela Galeria dos Deuses. Poppy balançou o quadril, ergueu as mãos imitando uma das estátuas, e começou a rir. Arielle apontou para as formas roliças das deusas e virou os olhos. Aru sentiu o sangue ferver.

Ela quis que as estátuas se estilhaçassem ali mesmo. Desejou que não fossem tão... nuas. Tão diferentes.

Ela se lembrou do ano anterior, quando sua mãe a levou ao banquete de honra do sexto ano da velha escola. Aru vestiu o que considerava sua roupa mais bonita: um *salwar kameez* azul-claro, cheio de espelinhos em formato de estrelas e bordado com milhares de fios de prata. Sua mãe vestiu um *sari* vermelho-escuro. Aru sentiu como se estivesse num conto de fadas. Pelo menos até o momento em que as duas entraram no salão do banquete, e todos os olhares mais pareciam de pena. Ou constrangimento. Uma das garotas falou bem alto: “Ela não sabe que não é Halloween?”. Aru simulou uma dor de barriga para poder ir embora cedo.

– Para com isso! – exclamou quando Burton começou a mexer no tridente do Senhor Shiva.

– Por quê?

– Porque... Por causa das câmeras! E quando minha mãe voltar, ela vai

informar o governo da Índia e virão atrás de você.

Mentira, mentira, mentira. Mas funcionou. Burton deu um passo para trás.

– Então, cadê a tal lâmpada? – Arielle perguntou.

Aru foi até o fundo da exposição. A caixa de vidro reluziu à luz do entardecer. Abaixo dela, a diya parecia envolta em sombras. Empoeirada e sem graça.

– É isso? – perguntou Poppy. – Parece que foi feita pelo meu irmão no prézinho.

– O museu adquiriu a Diya de Bharata após 1947, quando a Índia se tornou independente da Grã-Bretanha – Aru explicou, na melhor imitação da voz da sua mãe. – Acredita-se que a Lâmpada de Bharata ficava no templo de – nãoerreapronúnciadeKurukshetra – Ku-ruk-shet-ra.

– Kuru o quê? Que nome estranho. E estava lá por quê? – Burton perguntou.

– Porque foi lá que aconteceu a Guerra de *Mahabharata*.

– A guerra de quê?

Aru limpou a garganta e entrou no modo guia de museu.

– O *Mahabharata* é um de dois poemas da antiguidade. Foi escrito em sânscrito, uma língua antiga que ninguém fala mais. – Aru fez uma pausa para criar efeito. – O *Mahabharata* conta a história de uma guerra civil entre os cinco irmãos Pândavas e seus cem primos.

– Cem primos? – repetiu Arielle. – Impossível.

Aru a ignorou.

– A lenda diz que, ao acender, a Lâmpada de Bharata desperta Sono, um demônio que convoca Senhor Shiva, o terrível Deus da Destruição, que dançará sobre o mundo, provocando o final dos tempos.

– Uma dança? – Burton desdenhou.

– Uma dança cósmica – reiterou Aru, tentando fazer com que soasse melhor.

Quando ela pensava no Senhor Shiva dançando, imaginava alguém batendo os pés no céu. Rachaduras aparecendo nas nuvens e raios. O mundo todo se quebrando e estilhaçando em pedacinhos.

Mas era óbvio que seus colegas estavam imaginando alguém fazendo uma coreografia ridícula de dança.

– Quer dizer que se você acender a lâmpada o mundo acaba? – Burton perguntou.

Aru olhou para a lâmpada, como se ela pudesse contribuir com algumas palavras. Mas a lâmpada permaneceu calada, como as lâmpadas costumam fazer.

– Sim.

Arielle franziu a boca.

– Então acende. Se está dizendo a verdade, acende.

– Se eu estiver dizendo a verdade, coisa que estou, por sinal, você tem ideia do que poderia acontecer?

– Não tente se safar. Acende logo. Duvido.

Burton ergueu o celular. A luz vermelha foi um insulto.

Aru engoliu em seco. Se a mãe estivesse ali, a teria puxado pela orelha. Mas ela estava lá em cima, se arrumando para sair. De novo. Honestamente, se a lâmpada fosse tão perigosa, então por que sempre a deixava sozinha com ela? Sim, Sherrilyn estava lá. Mas Sherrilyn passava a maior parte do tempo assistindo alguma série de TV ou *reality show*.

Talvez não fosse nada de mais. Ela podia apenas acender uma pequena chama, e depois apagá-la. Ou, em vez disso, podia quebrar a caixa de vidro e agir como se tivesse sido amaldiçoada. Podia começar a andar que nem um zumbi. Ou engatinhar que nem o Homem-Aranha. Eles ficariam assustados o bastante para nunca mais comentar o ocorrido.

Por favor, ai, por favor, eu nunca mais vou mentir, prometo.

Ela repetiu essas palavras em sua cabeça conforme pegava a caixa de vidro e a erguia. Assim que o vidro foi removido, finos raios vermelhos de luz atingiram a lâmpada. Se um único fio de cabelo caísse em um daqueles raios de laser, uma viatura da polícia viria correndo até o museu.

Poppy, Arielle e Burton inspiraram fundo ao mesmo tempo. Aru ficou cheia de si. *Viu? Eu disse que era importante.* Ela se perguntou se poderia parar por aí. Talvez fosse suficiente. Então Poppy se inclinou para a frente.

– Vai logo. Que tédio.

Aru digitou o código de segurança – sua data de aniversário – e observou os raios vermelhos desaparecendo. O ar se fundiu com o odor da diya de barro. Tinha o odor do interior de um templo: cheiro de coisas queimadas e temperos.

– É só falar a verdade, Aru – disse Arielle. – Se falar, só precisa pagar dez dólares para cada um de nós e a gente não posta o vídeo de você sendo desmascarada pela própria mentira boba.

Mas Aru sabia que a coisa não acabaria aí. Entre um demônio que podia acabar com o mundo e uma menina do sétimo ano, Aru (e provavelmente a maioria das pessoas) escolheria o demônio, com certeza.

Sem os raios vermelhos apontados para ela, a lâmpada tinha um aspecto ameaçador. Como se de alguma maneira tivesse sentido que havia uma barreira a menos. Aru sentiu um frio na espinha, e seus dedos ficaram inertes. O pequeno prato de metal no meio se assemelhava demais a um olho vidrado – olhando bem para ela.

– Não tenho fósforo – Aru disse, dando um passo para trás.

– Eu tenho. – Poppy mostrou um isqueiro verde. – Peguei no carro do meu irmão.

Aru pegou o isqueiro. Girou a pequena esfera metálica, e uma tímida chama surgiu. Ela perdeu o fôlego. *Apenas uma acendida rápida*. Daí ela poderia fazer a encenação do Plano Aru Melodramática, livrar-se dessa confusão e *nunca jamais* mentir novamente.

Conforme aproximava a chama da lâmpada, a Galeria dos Deuses escureceu, como se um interruptor tivesse desligado toda a luz natural. Poppy e Arielle se aproximaram uma da outra. Burton tentou se aproximar também, mas Poppy o empurrou.

– Aru...

Uma voz parecia chamar por ela, vindo de *dentro* da lâmpada de barro.

Ela quase derrubou o isqueiro, mas o segurou firme bem a tempo. Não conseguia desviar o olhar da lâmpada, que parecia puxá-la cada vez mais para perto.

– Aru, Aru, Aru...

– Acaba logo com isso, Shah! – Arielle berrou.

De canto de olho, ela viu a luz vermelha do celular do Burton piscar, insinuando um ano horrendo pela frente, com salada de repolho do refeitório no armário, e o rosto da mãe se contorcendo de decepção. Mas talvez se fizesse isso, se por um golpe de sorte conseguisse enganar Arielle e Poppy e Burton, talvez permitissem que se sentasse com eles na hora do almoço. Talvez ela não precisasse mais se esconder por trás de suas histórias, pois finalmente sua própria vida seria *suficiente*.

Então acendeu.

Ela levou a chama até o lábio da diya.

Quando seu dedo tocou no barro, um estranho pensamento invadiu a cabeça

de Aru. Ela se lembrou de um documentário sobre criaturas das profundezas marinhas. Algumas usavam iscas, como uma esfera reluzente para atrair presas. No instante em que um peixe se atrevia a nadar em direção à luzinha flutuante, a criatura marinha, com sua imensa bocarra aberta, o engolia. Era essa a impressão que passava a lâmpada: um pequeno halo de luminosidade conectado a um monstro escondido nas sombras...

Um truque.

No instante em que a chama acendeu, uma luz explodiu atrás dos olhos de Aru. Uma sombra se desenrolou da lâmpada, a coluna curvando e esticando. Ela emitiu um som medonho – uma risada? Aru não conseguia tirar o som da cabeça. Ele grudou nos seus pensamentos como um resíduo oleoso. Foi como se todo o silêncio tivesse sido raspado e jogado para outro lugar.

Aru tropeçou, indo para trás, conforme a coisa feita de sombra emergia languidamente da lâmpada. Ela sentiu o pânico nos ossos. Tentou assoprar a vela, mas a chama não cedeu. Lentamente, a sombra se tornou um pesadelo. Era alta e monstruosa, com chifres e dentes e pelos.

– Ai, Aru, Aru, Aru... o que foi que você fez?

TRÊS

Acorda

Aru acordou no chão. As luzes piscaram. Havia um cheiro estranho no ambiente, como se estivesse enferrujando. Ela se apoiou nos cotovelos, seus olhos buscando a lâmpada. Mas ela havia *sumido*. Não havia sequer vestígio dela, a não ser os estilhaços de vidro no chão. Aru virou o pescoço para olhar para trás...

Todas as estátuas a encaravam.

Ela sentiu um gelo na espinha.

– Poppy? – chamou, colocando-se em pé. – Arielle? Burton?

Foi então que os viu.

Os três ainda agarrados um ao outro. Pareciam estar num filme que alguém pausou no meio de uma cena de luta. A mão da Poppy estava no peito do Burton. Ele estava apoiado nos calcanhares, tombando para trás, prestes a cair. Os olhos da Arielle estavam fechados e franzidos, a boca aberta num berro silencioso. Eles estavam suspensos no tempo. Aru esticou o braço e tocou neles. A pele estava quente. Notava-se o pulso em suas gargantas. Mas não se mexiam.

Não *conseguiam* se mexer.

O que tinha acontecido?

Seu olhar flagrou a luz vermelha no bolso do Burton. O celular. Talvez pudesse voltar a gravação. Mas o celular não saía do bolso dele. Tudo estava congelado. Exceto ela.

Aquilo era um sonho. Tinha de ser. Ela se beliscou.

– Ai!

Com certeza, estava acordada. De certa maneira, seus colegas também. Porém, por que tudo estava tão... parado? Um som estridente ecoou do lado de fora da Galeria dos Deuses. Ela se aprumou. O som parecia vir de uma porta.

– Mãe? – sussurrou, correndo até lá.

A mãe devia ter ouvido o barulho e descido. Ela saberia o que fazer. Na entrada da Galeria dos Deuses, Aru avistou três coisas que não fizeram o menor sentido:

1. Sua mãe também estava congelada, os dois pés suspensos no ar,

como se tivesse sido capturada no meio de uma corrida. Os cabelos negros nem voltaram a encostar nas costas. Olhos e boca escancarados, tamanho o pânico.

2. A galeria toda parecia estranha, sem luz e achatada. Pois *nada* tinha sombra.
3. O som estridente não viera da porta. Viera do elefante.

Aru observou, tomada por algo entre deslumbre e horror, quando o elefante que havia passado décadas em pé no museu de repente se deitou no chão. Ergueu a tromba – a mesma tromba que durante anos Aru usou como um gancho para sua mochila – e a encostou na cabeça. Num movimento ágil, a mandíbula se moveu com um chiado.

Em pânico, Aru correu em direção à mãe. Ela pegou a sua mão, tentando arrancá-la do ar.

– Mãe! O elefante está possuído. Você *precisa* acordar. Sério!

A mãe não se mexeu. Aru acompanhou seu olhar. No momento em que foi congelada, ela olhava bem na direção da Galeria dos Deuses.

– Mãe?

Uma voz surgiu do oco do elefante. Grossa e áspera e seca. Aru se encolheu.

– QUEM TEVE O ATREVIMENTO DE ACENDER A LÂMPADA? – perguntou a voz. Era tão sombria quanto uma tempestade. Aru achou que raios saíam da boca do elefante, coisa que, sob qualquer outra circunstância, teria sido legal.

– QUEM TEVE O ATREVIMENTO DE DESPERTAR SONO DO SEU SONO?

Aru tremeu.

– Fui... fui eu... mas foi sem querer!

– VOCÊ MENTE, COMBATENTE! E POR ISSO FUI CONVOCADO.

O som de asas batendo ecoou da boca do elefante. Aru engoliu em seco.

Esse era o fim, Aru teve certeza. Pássaros comem gente? Vai ver... depende do tamanho do pássaro. Ou da pessoa. Sem a menor vontade de testar, enfiou o rosto ao lado do corpo da mãe, mas não conseguiu se encaixar sob o braço rígido. Os sons do elefante aumentavam constantemente. Uma sombra se projetou no chão. Imensa e alada.

O que quer que estivesse falando, saiu voando da boca do elefante.

Era um...

Pombo.

– Credo! – Aru exclamou.

Sua mãe sempre dizia que pombos são “ratos com asas”.

– Cadê? – perguntou o pombo. – Um dos cinco antigos guerreiros acendeu a Lâmpada de Bharata.

Aru inclinou a cabeça, uma pergunta voando da boca antes que ela conseguisse se segurar.

– Por que sua voz está tão diferente?

De dentro do elefante, o pássaro soara como se pudesse convencer uma montanha a virar um vulcão. Agora soava como seu professor de matemática, naquela vez que tentou cantar à capela, mas tropeçou numa pecinha de Lego. Durante o resto do dia sua voz ficou com um tom irritadiço e emburrado.

O pombo encheu o peito.

– Algum problema com a minha voz, menina humana?

– Não, mas...

– Não lhe pareço um pássaro dotado de grande poder de destruição?

– Quer dizer...

– Pois saiba que cidades inteiras estão injuriadas com a minha pessoa. Elas pronunciam meu nome como se fosse uma maldição.

– Isso é bom?

– É algo poderoso – bufou o pássaro. – E entre o bem e o poder, eu sempre fico com a segunda opção.

– É por isso que você é um pombo?

Pássaros conseguem cerrar os olhos? Caso não, esse certamente aprendeu a dar essa impressão.

– Alguém acendeu a lâmpada. Sono vai despertar. É meu dever sagrado guiar o irmão Pândava que a acendeu.

– *Pândava*? – Aru repetiu.

Ela conhecia esse nome. Era o sobrenome dos cinco irmãos do poema *Mahabharata*. Sua mãe havia dito que cada um possuía grandes poderes e podia empunhar armas fantásticas, pois eram filhos de deuses. Heróis. Mas o que isso tinha a ver com a lâmpada? Será que ela tinha batido a cabeça sem perceber? Ela apalpou o crânio procurando um galo.

– Sim. Pândava – o pombo respondeu, jocoso. Ele estufou o peito. – Apenas um dos cinco irmãos Pândavas poderia acender a lâmpada. Você sabe

para onde ele foi, menina humana?

Aru ergueu o queixo.

– Eu acendi a lâmpada.

O pombo ficou olhando. E depois olhou um pouco mais.

– Bem, então, é melhor deixar o mundo acabar.

QUATRO

I-nép-ci-a

Aru havia lido em algum lugar que se você olhar para um chimpanzé, ele vai olhar de volta, sorrir... e então atacar.

Ela não havia lido nada sobre as consequências de se olhar para um pombo. Mas sabia que o olhar é um negócio poderoso. Sua mãe costumava lhe contar histórias de Gandhari, uma rainha que escolheu viver com os olhos vendados, em consideração ao marido cego. Apenas *uma única vez* ela tirou a venda, para olhar o filho mais velho. Seu olhar era tão poderoso que poderia torná-lo invencível – se ele estivesse nu. Mas, não, ele ficou encabulado demais de ficar sem as roupas de baixo. Mesmo assim ele ficou superforte, porém não tão forte como poderia ter sido. (Aru o entendia. Aquele devia ter sido um momento terrivelmente constrangedor.)

Então Aru manteve contato visual com o pombo... mas deu um passo para trás.

Finalmente, o pássaro relaxou. Ele tombou a cabeça. Suas asas afrouxaram.

– Os últimos Pândavas dormentes eram tão brilhantes! – disse, balançando a cabeça. – O último Arjuna era um senador. O último Yudhistira era um juiz renomado. O último Bhima era um atleta olímpico, e Nakula e Sahadeva eram modelos masculinos famosos que escreveram excelentes livros best-sellers de autoajuda e começaram a primeira academia de *hot yoga* do mundo! E agora olha só onde a linhagem descambou: numa menina. Era o que faltava.

Aru não achou isso exatamente justo. Até as pessoas famosas foram crianças em algum momento. Juízes não nascem de peruca, segurando um martelinho.

E isso levava a outra questão: do que o pássaro estava falando? Todos aqueles nomes – Arjuna, Yudhistira, Bhima, Nakula e Sahadeva – eram os nomes dos cinco irmãos Pândavas mais famosos. Havia mais um – Karna, o Pândava secreto. Nas histórias, os demais Pândavas nem sabiam que ele era irmão deles até a guerra começar.

E por que o pássaro disse dormentes? Isso não queria dizer dormindo?

O pombo virou de costas e num gesto dramático dobrou uma asa sobre o bico.

– Então essa é a minha sina – lamentou. – Eu estava fazendo progresso. O melhor da minha turma, entende? – Ele fungou.

– Hã... desculpa?

– Ah, de que adianta?! – O pombo ergueu a asa e a encarou. – Você devia ter pensado nisso antes de ter botado a gente nessa confusão! Olha só pra você... Que horror.

Ele cobriu o rosto com as duas asas, resmungando consigo mesmo:

– Por que toda geração precisa ter seus próprios heróis?

– Espera. Quer dizer que cada geração teve cinco irmãos Pândavas? – Aru perguntou.

– Infelizmente – disse o pássaro, afastando as asas.

– E eu sou um deles?

– Por favor, não me faça repetir isso.

– Mas... como pode ter certeza?

– *Porque você acendeu a lâmpada!*

Aru parou. Ela de fato *acendeu* a lâmpada. Ela havia levado a chama até o bico metálico do objeto. Mas o isqueiro era do irmão da Poppy. Isso contava? E ela ia acendê-la só por um minutinho, não mantê-la acesa. Isso a tornava só um pouquinho herói?

– Estou bastante seguro de que você é um Pândava – o pássaro continuou. – Bastante seguro. Pelo menos não vou dizer que não é. Caso contrário, por que eu estaria *aqui*? E por sinal, *por que* estou aqui? O que significa ter que vestir esse corpo deplorável? – Ele encarou o teto. – Quem sou eu?

– Eu...

– Ah, deixa para lá – disse o pássaro com um suspiro resignado. – Se você acendeu aquela lâmpada amaldiçoada, o outro vai saber.

– Quem...?

– Nós teremos que atravessar a Porta de Muitos. Ela sempre sabe. Além do que, é bem mais fácil que consultar o Google Maps. A engenhoca mais confusa do século.

– Você é um pássaro! Não deveria *saber* para qual direção você está indo?

– Eu não sou qualquer *pássaro*, herói metido a sabichão. Eu sou – o pássaro gaguejou, e daí parou. – Acho que não importa quem sou. O importante é a gente cessar isso antes que uma destruição de verdade aconteça. Durante os próximos nove dias, o Tempo irá congelar em todo lugar que Sono passar. No nono dia, Sono alcançará o Deus da Destruição, e Shiva fará a dança que

resultará no fim de todos os Tempos.

– O Deus da Destruição não poderia simplesmente dizer *não, obrigado?*

– Você não entende nada de deuses – o pombo fungou.

Aru parou para pensar. Ela não estava chocada com a ideia de que deuses e deusas existissem, mas sim em perceber que uma pessoa poderia de fato chegar a conhecê-los. Eles eram como a lua: distante o bastante para não adentrar seus pensamentos com frequência e radiante o bastante para inspirar fascínio.

Aru olhou novamente para o corpo congelado de sua mãe e de seus colegas.

– E eles vão ficar parados desse jeito?

– É temporário – o pássaro respondeu. – Contanto que você não fique assolada em inépcia.

– I-nép-ci-a? Isso é francês?

O pássaro bateu a cabeça contra um corredor de madeira.

– O universo tem um senso de humor cruel – murmurou. – Você é uma das poucas que pode consertar as coisas. Mas até aí, também é a pessoa que começou tudo. Portanto você, e o outro, devem ser heróis.

Isso não soou muito heroico para Aru. Soou apenas como uma confusão épica que requeria uma faxina épica. Seus ombros caíram.

– O que você quer dizer por “o outro”?

– Seu irmão, claro! Você acha que pode sair numa missão sozinha? Missão demanda famílias. Seu irmão, ou talvez irmã, embora eu ache que isso nunca tenha acontecido, estará esperando por você. Quando um Pândava acorda, o outro também acorda, normalmente aquele que está melhor qualificado para lidar com o desafio em questão. Até agora, os Pândavas sempre surgiram como pessoas adultas, e não pacotes de hormônios e incompetência.

– Valeu.

– Vamos lá, menina criança.

– Quem é você?

Aru não ia dar um passo sem algum tipo de comprovação, mas duvidava que o pássaro tivesse uma identidade. O pombo parou, e então disse:

– Embora um nome tão ilustre não devesse ser pronunciado por uma criança, pode me chamar de Subala. – Ele se aprumou. – Eu sou... quer dizer, bem, eu *era*... É uma longa história. A questão é: estou aqui pra ajudar.

– Por que eu deveria ir com você?

– Criança ingrata! Você não tem nenhum senso de *dharma*? Essa é a sua

missão! O congelamento vai continuar a se espalhar como uma doença quando Sono acordar. Se ele não for combatido até a lua nova, sua mãe permanecerá assim para sempre. É isso o que quer?

Aru sentiu as bochechas esquentarem. Claro que não queria isso. Mas também sentia como se o mundo todo houvesse girado no sentido errado, e ela ainda estivesse tentando recuperar o equilíbrio.

– Seu nome é Subala? São muitas sílabas – disse Aru, o medo se infiltrando em seu coração. – E se eu precisar de ajuda e tiver que te chamar? Eu poderia perder um braço ou uma perna enquanto tento pronunciar a coisa toda. Vou te chamar de Sue.

– Sue é nome de menina. Eu sou macho.

Aru, que muitas vezes era obrigada a ficar ouvindo a seleção de músicas de Johnny Cash da Sherrilyn, não concordou com Subala.

– Não é, não. Havia um “Menino Chamado Sue”. Você sabe, seu pai saiu de casa quando ele tinha três anos...

– Me poupe das atrocidades da música country – Subala bufou, voando em direção à boca do elefante.

Bem, se ele se recusava a ser chamado de Sue, que tal...

– Buu! – Aru gritou.

Subala virou a cabeça, percebeu o que havia acabado de fazer, e xingou. Ele se empoleirou no topo da tromba do elefante.

– Pode ter vencido essa, mas se eu fosse você, rapidinho eu tiraria esse sorrisinho esperto da cara. Suas ações provocaram consequências sérias, menina criança. Como Pândava dessa geração, agora é sua obrigação responder ao chamado da missão. A necessidade não havia aparecido em mais de oitocentos anos. Mas eu tenho certeza de que sua mãe lhe contou tudinho a respeito. – Buu olhou para ela. – Ela contou, né?

Aru se calou ao recordar o tipo de coisas que sua mãe havia lhe contado no decorrer dos anos. Eram coisas pequenas que não iam ajudar a degelar as pessoas congeladas naquela sala: que o nome da dança coletiva dos estorninhos é murmuração; que certas histórias ficam embutidas dentro de outras; que quando se faz chai o certo é colocar as folhas de hortelã por último.

Mas não houve nenhuma menção a missões. Nenhuma menção sobre Aru ser um Pândava. Ou como ela virou o que virou.

E com certeza não houve nenhuma instrução em relação a como deveria se

preparar no caso de detonar, acidentalmente, o fim do universo.

Talvez sua mãe não achasse que Aru seria boa nesse tipo de coisa.

Talvez não quisesse criar expectativas, levando Aru a crer que pudesse fazer algo heroico.

Dessa vez Aru não podia mentir. Não era o tipo de situação em que poderia desconversar e, como num passe de mágica, tudo ficaria bem.

– Não – respondeu, obrigando-se a corresponder ao olhar do Buu.

Mas o que viu fez com que sua mão se fechasse em punhos apertados. O pombo estava fazendo aquele-lance-de-franzir-os-olhos. Ele olhava para ela como se não fosse grande coisa... e isso estava errado.

Ela tinha o sangue – ou pelo menos a alma – de uma heroína. (Ou algo assim. Ela não tinha muita certeza em relação à logística da reencarnação.)

– Posso não saber, mas posso aprender.

Buu ergueu a cabeça.

As mentiras borbulharam rapidamente em sua garganta. Palavras apaziguantes. Palavras enganosas não necessariamente ruins:

– Uma vez minha professora me chamou de gênio – Aru exclamou.

Ela não explicou que sua professora de Educação Física não disse isso como um elogio. Aru havia estabelecido um tempo “recorde” – para ela – de levar quatorze minutos para correr uma pista de um quilômetro e meio. Da vez seguinte que correram para quebrar seus recordes anteriores, ignorou totalmente a pista e simplesmente caminhou até a linha de chegada. Sua professora lhe deu uma bronca e disse: “Você acha que é um gênio, ou algo assim?”.

– E eu sou uma aluna “A” – ela disse para Buu.

No sentido de que ela era uma aluna cujo nome começava com a letra A.

Quanto mais argumentava – mesmo que fossem apenas meias verdades, na melhor das hipóteses –, melhor se sentia. Palavras têm poder.

– Excelente. Todos os meus medos foram apaziguados – disse Buu num tom seco. – Agora vamos. Estamos perdendo tempo.

Ele arrulhou, e a boca do elefante se abriu até ficar do tamanho de uma porta, a mandíbula tocando o chão. Uma brisa de outro lugar a atingiu com uma rajada, rodopiando pelo ar parado do museu.

Um passo adiante e ela estaria vagando para bem longe de Atlanta... Estaria num mundo completamente diferente. Ela sentiu uma rajada de entusiasmo, seguida por uma fisgada dolorida de culpa. Se não conseguisse dar um jeito

na situação, sua mãe ia acabar como todas as outras coisas do museu: uma relíquia empoeirada. Aru esfregou os dedos contra a mão rígida da mãe.

– Vou resolver isso. Prometo.

– É bom mesmo! – Buu retrucou da sua posição na tromba do elefante.

CINCO

A outra irmã

Agarrando uma das presas do elefante como um corrimão, Aru pisou no interior da boca da estátua. Dentro, era gelado e seco, muito maior do que parecia possível. Um salão surgiu, esculpido a partir de pedra e mármore, e o teto se erguia alto. Aru olhou à sua volta, abismada, lembrando todas as vezes que se apoiara no elefante, jamais sabendo que por dentro ele escondia um corredor mágico.

Buu voou pela passagem, chamando-a para ir junto.

– Vem! Vem!

Aru correu para conseguir acompanhá-lo.

O corredor se fechou atrás dela. À frente, uma porta fechada, e por uma das frestas laterais escapava luz.

Buu pousou no ombro de Aru e bicou sua orelha.

– Por que você fez isso? – ela exclamou.

– Isso foi por ter mudado o meu nome – disse o pombo, todo presunçoso. – Agora, diga para a Porta de Muitos que precisa alcançar o seu irmão que acordou.

Irmão. De repente, Aru sentiu-se indisposta. Sua mãe viajava quase todo fim de semana. Será que ela estava trabalhando... ou visitando outros filhos? Crianças com as quais ela preferia passar seu tempo?

– Como eu posso ter *irmãos*?

– Sangue não é a única coisa que pode nos unir a alguém – disse Buu. – Você tem um irmão porque compartilham a mesma divindade. Você é filha dos deuses porque um deles ajudou a moldar a sua alma. Isso não faz diferença na genética. Genética define que nunca terá mais que um e cinquenta de altura. Sua alma não se importa com isso. Almas não têm altura, percebe?

Aru não ouviu nada após “*Você é filha dos deuses*”. Até esse ponto, seu cérebro apenas entendeu claramente que ela podia ser uma Pândava. Mas, se fosse uma Pândava, isso significava que um deus ajudou a *fazê-la*. E a reivindicou como sua. Como *filha*.

Sua mão voou até o coração. Aru teve o estranho impulso de alcançar dentro de si, como se pudesse arrancar a própria alma. Ela queria olhar na parte de trás de si, como que tentando encontrar uma etiqueta numa camiseta.

O que estaria escrito? FEITA NO CÉU. TIPO ISSO. Se não dava para pegar, não parecia real.

Então outro pensamento se instalou, um que era ainda mais estranho que o fato de um deus ser seu pai.

– Então eu sou, tipo, uma deusa?

Isso até que não seria ruim.

– Não – respondeu Buu.

– Mas os Pândavas eram como semideuses. Eles podiam usar armas divinais e coisa do tipo. Então isso significa que sou uma semideusa, certo? – Aru perguntou. Ela examinou as mãos, dobrando-as como o Homem-Aranha fazia para ejetar teias. – Isso significa que posso fazer coisas mágicas também? Ganho poderes? Ou uma capa?

– Nada de capas.

– Um chapéu?

– Não.

– Uma música tema?

– Por favor, pare.

Aru olhou para as suas roupas. Se fosse encontrar um irmão desaparecido, adoraria estar usando algo que não fosse um pijama do Homem-Aranha.

– O que acontece depois que... que eu o encontrar?

Buu fez aquele lance de pombo em que a observava por um ângulo.

– Bem, teremos que ir ao Outromundo, é claro. Não é bem o que costumava ser. Ele murcha com a imaginação humana, então suspeito que atualmente deva ser do tamanho de um armário. Ou talvez uma caixa de sapato.

– Então como vou caber?

– Ele abrirá espaço – Buu respondeu, distraído. – Você devia ter visto como era nos tempos de glória. Havia um Bazar Noturno onde era possível comprar sonhos num varal. Se soubesse cantar bem, podia usar a voz para comprar pudim de arroz salpicado com luar. A coisa mais gostosa que já comi. Bem, só perde para um demônio apimentado. Hummm. – Ele ignorou a careta da Aru. – Nós vamos levar você até a Corte do Céu. Lá poderá perguntar formalmente para o Conselho de Guardiões sobre os detalhes da missão. – As penas de Buu tremelicaram quando ele mencionou o Conselho. – Você receberá suas armas. Eu vou conseguir resgatar o meu lugar de honra, pode apostar. E daí é com você e seu irmão. Ou irmã, que os deuses nos ajudem.

– Armas? – Aru repetiu. – Que tipo de armas? Isso não é algo que se ensina

no sétimo ano. Como vou impedir Sono de alcançar o Deus da Destruição se não sei disparar um arco e flecha?

– Arco e flecha a gente *atira*!

– Certo. Isso eu sei.

Aru não era exatamente a melhor em Educação Física. Na semana anterior, havia coçado o interior do nariz com força o suficiente para simular um sangramento e escapar da queimada.

– Talvez você tenha um talento escondido em algum lugar aí dentro – disse Buu. Ele deu uma piscadinha. – Enterrado bem fundo, imagino.

– Mas se existem tantas deidades, por que *elas* não ajudam? Por que deixar para, como você mesmo diz, um pacote de hormônios e incompetência?

– Deuses e deusas podem ajudar ocasionalmente, mas não se metem em assuntos que afetam apenas os humanos. Para eles, as vidas dos mortais são uma poeirinha nos cílios.

– Você não acha que os deuses ficariam talvez um pouquinho chateados se descobrissem que o universo inteiro deles foi dizimado?

Buu deu de ombros.

– Até o Tempo tem de acabar. A verdadeira medida de quando os outros vão se envolver tem a ver com o fato de *você* conseguir ou não. Os deuses vão aceitar o resultado de um jeito ou de outro.

Aru engoliu em seco.

– Ótimo. Melhor assim.

Buu mordiscou sua orelha.

– Ai! Dá pra *não* fazer isso?

– Você é filha dos deuses! Endireita as costas!

Aru esfregou a orelha. Uma deidade era seu... *pai*. Ela ainda não conseguia acreditar.

Ela havia mentido sobre tantas coisas, mas jamais havia inventado histórias em relação a um pai. Teria se sentido ridícula contando vantagens sobre alguém que não havia demonstrado nenhum interesse em sua pessoa. Por que então se daria ao trabalho de fazer com que ele parecesse melhor do que realmente era? Ele nunca esteve presente. Fim de história.

Sua mãe não falava nele, tampouco. Havia apenas uma foto de um homem na casa. Ele era bonito, tinha cabelos escuros, e o tom da pele se assemelhava a âmbar escuro, e os olhos eram super-estranhos. Um era azul e o outro castanho. Mas Aru sequer tinha certeza de que era seu pai. E ele não se

parecia de jeito nenhum com uma deidade. Pelo menos, não com alguém da Galeria dos Deuses. Mas, até aí, estátuas antigas nem sempre são uma boa referência. Todo mundo fica com a mesma cara quando é esculpido em granito e arenito, e sua fisionomia fica limitada a sorrisos apagados e pálpebras semicerradas.

Aparentemente ela mesma era divinal, mas sempre que se olhava no espelho, tudo que via eram suas sobrancelhas teimando em tentar se fundir. E era uma questão de bom senso que mesmo que fosse só um tiquinho divina, não deveria ter monocelha.

– Agora – disse Buu –, diga à Porta de Muitos para onde deseja ir.

Aru olhou para a porta. Havia vários símbolos e cenas gravadas na moldura. Imagens de guerreiros ajustando arcos e soltando flechas em direção ao céu.

Quando Aru piscou, até chegou a ver uma flecha de madeira zunir através do painel. Esticou o braço e apoiou a palma da mão na porta. A madeira esculpida pressionou de volta, como um gato acariciando sua mão. Como se também estivesse tentando conhecê-la.

– Leve-me até... o outro Pândava – pronunciou as palavras sem ar.

Ela estava certa. Palavras têm poder. Ao dizer a palavra Pândava, todos os sentimentos que vieram à tona ao descobrir quem ela era de verdade foram liberados como uma nascente d'água vindo à tona.

Não foi desagradável.

Foi como andar de montanha-russa, e relaxante o suficiente para que o pânico inicial virasse outra coisa. Euforia. Alegria. Antecipação.

Ela era Aru Shah.

De repente, o mundo que ela achava que conhecia se abriu, como se cortinas de um palco tivessem sido escancaradas para lhe mostrar que havia muito *mais* que aquilo que ela tinha imaginado. Havia magia. Segredos escondidos na escuridão. Personagens de histórias, como as que lhe contaram a vida toda, estavam tirando suas máscaras e dizendo: *Eu nunca fui uma lenda, mas a verdade.*

E – o pensamento apagou seu sorriso – havia também a sua mãe... agora congelada com uma expressão de preocupação no rosto. O coração de Aru parecia um nó dolorido dentro do corpo. *Não vou deixar você assim, mãe. Prometo.*

A porta se abriu.

A luz a banhou.

Buu grasnou.

Aru sentiu-se empurrada para a frente. Adeus, clima ameno da Geórgia. Tudo era gelado e claro. Quando piscou, viu que estava parada numa grande entrada de carros de uma extensa casa branca. O sol ia se pondo. Todas as árvores estavam sem folhas. E bem à sua frente havia uma... tartaruga gigante?

Não, espera. Uma menina. Uma menina com uma mochila extremamente sem graça. Ela estava parada, com braços cruzados, e com o que parecia tinta preta de batalha borrada sob os olhos. Ela tinha uma caneta grossa numa mão e um saco de amêndoas na outra.

– Existem abelhas no Outromundo? – a menina perguntou. Não parecia muito surpresa em ver Aru. Aliás, o olhar era meio que de censura, como se Aru tivesse chegado atrasada. – Não sei se sou alérgica mesmo, mas nunca se sabe. A pessoa pode *morrer* depois de um minuto por conta de uma picada de abelha. *Um minuto*. E aposto que não tem nenhuma enfermaria lá. Quer dizer, sei que existem curas mágicas e tal, mas e se não for o suficiente? – A garota virou os olhos para Aru, o olhar se estreitando. – Espero que não seja alérgica a abelhas. Tenho apenas uma injeção de epinefrina. Mas acho que dá para dividir. Eu aplico em você e você aplica em mim?

Aru olhou para ela. Essa era a outra lendária irmã Pândava? Descendente de um deus?

A menina começou a remexer na mochila. Buu enfiou a cara na grama. Aru podia ouvir seus soluços abafados de OQueQueEuFizPraMerecerIsso.

SEIS

Olhe, mas sem olhar

Sua família também deve ter sido congelada, se você veio até aqui pra me encontrar – disse a menina. Sua voz estava um pouco embargada, mas ela fez um esforço para ficar com a postura ereta. – Por acaso trouxe algum dinheiro? Não consegui roubar a carteira da minha mãe. Achei que seria errado. – Ela espirrou e seus olhos se arregalaram. – Será que eu sou alérgica à magia? Isso é algo que...

– Pare – Buu gemeu. – Você é Pândava?

A menina assentiu.

– Responda! – disse Buu.

Aru o cutucou com o sapato.

– Ela fez que sim com a cabeça.

– Não percebi.

– Talvez porque sua cara esteja enfiada na grama?

Buu havia desmaiado na grama em frente à casa que Aru desconfiava ser onde a menina morava. Era tão sem graça. Nada a ver com o tipo de lugar onde ela achava que outra filha de deuses estaria. A grama era totalmente urbanizada. Certinha e tão verde que chegava a chamar atenção. Com muito esforço, Buu rolou até ficar de costas. Suspirando, Aru o pegou e o mostrou para a menina.

– Esse é nosso... bem...

– Assistente encantado, auxiliar, alívio cômico e coisa e tal – explicou Buu. Ele continuou deitado na palma das mãos dela. – Às vezes, os heróis dos épicos são auxiliados por reis--águia e príncipes-macacos-inteligentes. Mas isso foi há muito tempo. O mundo anda meio enferrujado no quesito exuberância, então... cá estou.

– Heróis ganham reis-águia e nós ganhamos um... – começou a outra menina.

Aru tossiu bem alto.

– Nós ganhamos um ser que já foi renomado e ilustríssimo.

Ilustríssimo era uma palavra que Aru tinha ouvido num filme em que as pessoas sempre se referiam a uma grande imperatriz. Ela imaginou que significasse *ilustrada*, pois o rosto da imperatriz era certamente desenhado (*ninguém* tem sobranceiras como as dela). Mas pessoas importantes

aparentemente não tomavam como uma ofensa. Até Buu se recompôs na sua mão, aprumou as penas e assentiu.

A menina lançou um olhar do tipo *tem certeza?* para Aru. E Aru deu de ombros. Talvez fosse uma mentira para animar o pássaro. Talvez fosse verdade. Pensar assim era moleza para Aru. Havia feito isso a vida toda: olhar para algo não tão incrível e se convencer de todas as coisas que tornavam aquilo incrível.

– Eu sou a Aru.

A outra menina piscou.

– Mini.

– Hã?

– Eu sou a Mini – a menina repetiu.

– Quer dizer, você é baixinha – disse Aru. – Mas...

– Tipo, esse é meu nome.

– Ah.

– Então... somos irmãs? Mas não irmãs-irmãs. Mais para irmãs de alma.

Mini parecia bem mais calma que Aru ao descobrir que ela era uma Pândava.

– Algo assim – Aru respondeu.

– Ah.

Havia tantas coisas que Aru gostaria de perguntar. Os pais da Mini deviam ter lhe contado sobre sua verdadeira identidade, pois ela estava – a seu próprio modo – preparada. Ela *sabia* o que estava acontecendo. Sabia que Aru era relacionada a ela de algum modo, pois também era uma Pândava.

Mas a situação ainda não fazia muito sentido. Era tão desconfortável quanto usar sapatos um tamanho maior.

Se Aru fosse cem por cento honesta consigo mesma (ela era a única pessoa com quem era totalmente honesta), diria que sentia uma pontada de decepção. Mas o que esperava? Muitas vezes, o encantamento que antecipava não correspondia à realidade.

No ano anterior, quando soube do baile da escola, imaginou um filme de Bollywood. Luzes brilhando. Um vento – *vindo do nada* – que fizesse seus cabelos voarem, e todo mundo começando a dançar uma música coreografada no mesmo exato momento. Quando Aru entrou, nenhum vento fez seus cabelos voarem. Mas alguém espirrou no seu rosto. Todos os refrigerantes estavam mornos, e toda a comida estava fria. Esqueça a dança coreografada

(tirando o *Cha Cha Slide*, que não conta). As crianças que estavam dançando – ao som de música pop – estavam estranhamente... eufóricas. Um dos professores tinha de ficar gritando: “Deixe espaço entre vocês, pelo amor de Jesus!”. Ao final da noite era: “DEIXE ESPAÇO PRA SANTÍSSIMA TRINDADE!”. E para terminar, o ar-condicionado pifou no meio do baile. No fim, parecia que Aru estava vagando em meio a um rio de odores corporais pós-recreio do fundamental. O que era, sinceramente, bem horrível.

Conhecer Mini era melhor que um baile da escola. Mesmo assim, Aru se sentia enganada.

Ela queria um sorriso fraternal que dizia *Eu te conheço a vida toda*. Em vez disso, deparou-se com uma desconhecida bem estranha e um pombo cuja insanidade ia se revelando lentamente. Talvez devesse ser assim mesmo, como parte de uma *seleção*. Ela era uma heroína (tipo isso), então talvez precisasse ser paciente e *provar* que era digna do papel de Pândava. Somente então a magia aconteceria.

Então Aru encarou Mini com o que ela torceu para que fosse seu sorriso mais amigável e reluzente.

Mini deu um passo para trás, segurando sua injeção com mais força.

Ela não parecia uma reencarnação de Pândava, assim como Aru também não. Mas Mini era muito diferente de Aru. Tinha olhos puxados. Sua pele tinha um tom dourado claro, como mel bem ralinho. Diferente do tom castanho-marrom da Aru. Mas fazia sentido. A Índia é um país enorme com cerca de um bilhão de pessoas. As pessoas são diferentes, dependendo do estado. Elas sequer falam as mesmas línguas.

Buu decolou das mãos de Aru e pairou em frente ao rosto das meninas.

– Você é Mini, ela é Aru. E eu, desesperado. Terminaram as apresentações? Ok. Agora vamos embora pro Outromundo.

– Desesperado, como a gente chega lá? – Mini perguntou.

Buu piscou.

– Vamos torcer pra que tenha herdado alguns talentos, já que obviamente não entende ironia.

– Tenho deficiência de ferro. Isso conta? – Mini arriscou.

Antes que Buu pudesse enfiar a cara na grama de novo, Aru o pegou.

– A gente não teria que estar em algum lugar agora? Sono está solto por aí, congelando as pessoas, e se a gente não conseguir derrotá-lo até o nono dia, todo mundo... – Aru engoliu em seco. Enquanto ela não tinha falado em voz

alta, não parecia tão real. – Elas ficarão desse jeito.

– Para o Outromundo! – gritou Buu.

Poderia ter soado realmente épico. Como Batman gritando: *Para o Bat-móvel!* Mas mal deu para entender, pois Buu estava se esgoelando em meio às mãos da Aru, fechadas em concha. Ela o colocou numa árvore ali perto.

– Não lembro como se chega lá – disse Mini. – Fui uma vez, mas fiquei com enjoo da viagem de carro.

Aru foi tomada por um golpe de inveja.

– Você já *esteve* no Outromundo?

Mini assentiu.

– Meus pais levaram meu irmão quando ele fez treze anos. Eu tive que ir também, pois não conseguiram encontrar ninguém pra ficar comigo. Se não me engano, todos os pais de Pândava costumam levar os filhos pro Outromundo quando demonstram sinais de serem semideuses. Os seus não?

Os seus não?

Aru detestou a pergunta e todas as suas variações. Ela ouvia isso o tempo todo.

Minha mãe fez um sanduíche para eu levar na excursão. A sua não?

Meus pais sempre vão ao meu treino de coral. Os seus não?

Desculpa, não posso ficar depois do horário de aula. Minha mãe vem me buscar. A sua não?

Não. A dela não ia, não vai, não faz.

A expressão de Aru já devia ser resposta suficiente. O rosto de Mini se suavizou.

– Aposto que ela pretendia, mas acabou não conseguindo. Tudo bem.

Aru olhou para Mini: os lábios apertados e as sobrancelhas franzidas. Mini tinha *pena* dela. Perceber isso foi como uma picada de mosquito. Mínima e afiada.

O suficiente para irritar.

Mas também fez com que Aru se perguntasse: se a mãe da Mini tinha lhe contado tudo, será que isso significava que suas mães se conheciam? Elas *conversavam*? Se sim, por que Aru não sabia?

Empoleirado num pé de murta, Buu começou a se aprumar.

– Certo. Então é assim que a gente chega lá. Você...

– Nós não vamos de carro? – Mini perguntou.

Aru fez uma careta. Ela não conhecia muito sobre magia, mas não achava

que fosse possível chegar de carro ao Outromundo. Buu balançou a cabeça.

– Perigoso demais. Sono está procurando por vocês.

Aru sentiu os pelos do braço arrepiando.

– Por quê? – perguntou. – Eu achei que ele só queria acordar o Deus da Destruição. O que ele quer com a gente?

– Ele vai querer as suas armas – respondeu Buu. – O Deus da Destruição está cercado por uma esfera celestial que só pode ser quebrada por um dispositivo imortal como aquelas armas.

– Mas nós não temos armas! – exclamou Mini. – Eu, pelo menos, não tenho. – Ela ficou pálida. – Eu devia ter? Você tem? Será que é tarde demais para eu pegar uma? Existe alguma específica, como ter apenas lápis número dois para provas ou...

– SILÊNCIO! – gritou Buu. – Não tem problema se estiverem desarmadas. Agora, quanto a onde vão retirar essas armas poderosas, prefiro deixar essas instruções a cargo do Conselho de Guardiões. Eles estarão esperando por nós no Outromundo.

Ele desceu voando até ficar de frente para elas. Daí pousou no chão, andando num pequeno círculo.

– A chave para se chegar ao Outromundo é alcançar. Vocês devem pegar alguma coisa invisível. Imaginem que seja um fio de esperança. Tudo que precisam fazer é encontrá-lo e puxar. Simples.

– Um fio de esperança? – disse Aru. – Isso é impossível.

– Se não fosse, todo mundo iria! – retrucou Buu.

Mini empurrou os óculos para um pouco mais ao topo do nariz, então alcançou à sua frente. Cautelosamente, como se o ar pudesse mordê-la. Nada aconteceu.

– Olhar para o lado ajuda – disse Buu. – É assim que normalmente se encontra a maioria das entradas para o Outromundo. Você tem de olhar sem olhar. Você tem de acreditar e não acreditar. É uma coisa no meio do caminho.

Aru tentou. Ela olhou de lado, sentindo-se completamente ridícula. Mas daí, por incrível que pareça, viu uma coisa que parecia um fio de luz pendurado no meio da rua vazia. O mundo estava quieto. Todas as lindas casas estavam ao mesmo tempo perto e a um milênio de distância. Aru pensou que se esticasse o braço, seus dedos encostariam numa fina folha de vidro.

– Quando você chegar no limbo, feche os olhos.

Mini obedeceu, e Aru seguiu o exemplo. Ela esticou os braços, sem esperar nada, mas *desejando* desesperadamente.

Seus dedos não encontraram nada a princípio, mas então... sentiu. Como uma onda de calor.

Lembrava o verão. Aqueles raros dias em que sua mãe a levava ao lago. Às vezes, havia pontos frios na água. E às vezes havia redemoinhos de calor, um pouco de água aquecida pelo sol difuso ao redor.

Ou às vezes era apenas porque alguém tinha mijado ali perto. Isso era péssimo.

A sensação era a mesma (o calor, não o xixi).

Ela pegou o fio, e alguma coisa firme encontrou a palma da mão.

Uma maçaneta.

Não bem uma maçaneta. Mais como um tiquinho de mágica tentando fazer sua melhor imitação de maçaneta. Era gelada e parecia metal, mas se contorcia e tentava escapar da mão. Houve um chiado indignado quando Aru apertou a maçaneta um pouco mais. Todos os seus pensamentos se condensaram num único comando:

Deixe-me entrar.

A maçaneta emitiu um chiado.

Ela empurrou.

E onde antes havia um trecho de rua, um pé de murta enrugado e uma caixa de correio levemente deformada... agora havia um painel de luz. As asas de Buu vibraram atrás dela.

Os três atravessaram aquela entrada de luz. (Bem, Buu foi de carona, porque decidiu se empoleirar na cabeça da Aru.) Seus olhos se ajustaram lentamente. Tudo que ela conseguiu ver no começo foi um teto cavernoso que formava um arco. Eles estavam numa caverna gigante cravejada de estrelas. Luzinhas minúsculas voavam por eles.

– Abelhas! – Mini gritou.

Aru piscou. Não eram luzes, ou abelhas, mas mariposas. Mariposas com asas de fogo. Toda vez que uma passava por ela, ouvia um sussurro de risada. As paredes estavam ocultas em sombras. Não havia portas de entrada ou saída. Eles estavam numa bolha.

Aru examinou o estranho chão: branco fosco e irregular. Cada ladrilho era de um tamanho diferente. Aliás, quanto mais olhava para ele, mais parecia

com...

– Ossos! – exclamou uma voz na frente. – Gostaram? Levei séculos pra juntar. É bem aconchegante de andar em cima, mas cuidado com os dentes. Alguns são incisivos.

Aru ficou tensa. Mini enfiou a mão na mochila e pegou um inalador.

As pequenas mariposas de luz começaram a se reunir em torno de uma forma na escuridão. Uma a uma, tremularam as asas e ficaram paradas, como se abotoassem quem quer que estivesse parado nas sombras. A forma ficou mais distinta.

Agora parecia um crocodilo enrolado em luzinhas de Natal. Só que esse crocodilo era azul intenso e do tamanho de uma casa de três andares. O crocodilo também estava sorrindo, ou de alegria ou – conforme o pânico da Aru começava a indicar – *de fome*.

SETE

O Conselho de Guardiões

P – orfavornãocomaagente, porfavornãocomaagente, porfavornãocomaagente – Mini disse rapidamente.
– Comer vocês? – a criatura repetiu, chocada, com olhos arregalados. Aru achou que pareciam olhos de inseto, estranhamente prismados, como um amontoado de telas de TV. – Vocês não me parecem nada comestíveis. Desculpa. Não quis ser indelicado.

Aru não ficou minimamente ofendida, mas achou melhor não comentar.

Buu desceu do seu ombro.

– Makara! Guardião das fronteiras entre os dois mundos!

Aru ficou passada. *Um makara de verdade*. Ela havia visto fotos deles, mas apenas como estátuas de crocodilo que protegiam templos e portas. Reza a lenda que a deusa do rio Ganges montou em um na água. Aru não sabia dizer se isso fazia deles barcos míticos ou cães de guarda. A julgar pela animação com que o makara estava abanando o rabo, apostaria na segunda opção.

– Abra alas para essa geração de irmãos Pândavas – disse Buu.

O makara franziu o cenho.

– Parecem mais irmãos.

– Foi o que eu quis dizer – retrucou Buu.

– Espera aí... Estou reconhecendo você – disse o makara lentamente, virando a cabeça enquanto observava Buu. – Está diferente.

– Sim. Bem, isso acontece quando a pessoa foi... – A frase de Buu terminou num grunhido incoerente. – As heroínas estão aqui para conhecer o Conselho e receber detalhes da missão.

– Ah! Mais uma chance de o mundo acabar! Que maravilha. Espero receber mais visitantes. Eu nunca recebo muitas visitas. Aah! Acho que não abri uma entrada para uma Declaração em... bem, já faz um tempo. Não sei há quantos anos. Nunca fui muito bom com números – disse o makara, encabulado. – Toda vez que tento contar, eu me distraio. Mesmo quando estou conversando, às vezes é como... é como... – O makara piscou. – Estou com fome. Já posso ir?

– Makara! – Buu rosnou.

O makara se encolheu e se agachou mais próximo do chão.

– Abra a porta para a Corte do Céu.

– Ah! Claro. Sim, farei isso! – disse o makara. – Primeiro, só preciso averiguar que elas são quem alegam ser. Quem são mesmo? Ou o quê? Sabe como é, eu nunca vi um rato-do-mato de fato, e outro dia li a respeito num livro sobre animais. Elas são ratas?

– Humanas – Aru respondeu.

– Bem pequenas para humanas. Têm certeza de que não são ratinhas?

– Nós ainda estamos em fase de crescimento – Mini explicou. – Mas meu pediatra disse que provavelmente não vou passar de um e cinquenta.

– Você disse um e cinquenta? – perguntou o makara. – Acho que você vai continuar muito pequena. Mas isso é só a minha opinião.

O makara ergueu a cabeça, pois podia enxergar além deles. Alguma coisa brilhou naqueles olhos de prisma. Aru viu uma imagem de si mesma abrindo a porta do museu para Poppy, Arielle e Burton. Viu o isqueiro alcançando o bico da lâmpada. Alguma outra coisa reluziu nas profundezas do olhar do makara... Aru viu Mini encontrando os pais congelados no sofá. Estava passando um filme na TV. Um garoto mais velho, que talvez fosse irmão dela, estava no meio do ato de arremessar uma bola de basquete para o alto.

Primeiro, Mini ficou em posição fetal no chão da sala e chorou e chorou. Depois de alguns minutos, subiu e pegou uma mochila. Ela se olhou no espelho, pegou o lápis de olho da mãe e riscou traços violentos nas bochechas. Então beijou os pais enrijecidos, abraçou o irmão imóvel e saiu para a rua, preparada para encarar qualquer força maligna que estivesse destinada a derrotar.

Mini, apesar de todo o nervosismo com alergia e abelhas mágicas, era corajosa.

O rosto de Aru queimou. Comparada a Mini, não era nada corajosa.

– Bem, elas são quem você diz que são – concluiu o makara. – Espero que o Conselho acredite em mim.

– Eu também – Buu resmungou. – Nunca minto.

Aru não podia dizer o mesmo.

Mini estava encarando Aru.

– Foi você quem acendeu a lâmpada?

Lá vem a culpa.

– Eu sabia que *iria* acontecer – Mini disse apressadamente, como se tivesse ofendido Aru. – Minha mãe contou que Sono sempre esteve destinado a tentar nos combater. Não se preocupe, não estou brava. Você não tinha como

saber do que a lâmpada era capaz.

Isso era verdade, mas mesmo assim... Aru *sabia* que não devia acendê-la. O problema era que sua mãe nunca havia lhe contado o *motivo*. Então Aru achou que fosse apenas um daqueles avisos genéricos que os pais dão aos filhos, como: *Não saia sem protetor solar ou então vai se queimar!* Ou, como a mulher que administrava a colônia de férias do templo hindu local gostava de relembrar: *Não saia sem protetor solar ou então vai ficar ainda mais morena e não vai conseguir encontrar um marido!* Mas até que isso acontecesse, quem se importava? Aru nunca se queimou, e não tinha a menor necessidade de encontrar um marido aos doze anos.

Mas não existem loções protetoras quando se trata de demônios. Tudo se resumia a uma coisa: não era para acender a lâmpada, e, mesmo assim, ela acendeu. O fato de que estava “destinado” a acontecer não a absolveia da culpa. A culpa começava a revirar seu estômago. Ao ponto em que achou que fosse vomitar.

Uma mariposa luminosa pairou em frente a Aru, Mini e Buu. Suas asas cresceram, e luz rodopiou pelo ar, como caligrafia feita de luar. As asas se esticaram e desdobraram até que as meninas e o pássaro estivessem completamente envoltos.

– Adeus, pequenas humanas não comestíveis e Subala! – gritou o makara, não mais visível. – Que todas as portas que encararem na vida se abram e jamais lhes deem um tapa na bunda ao fechar!

A mariposa se dissipou, e elas se encontraram num salão a céu aberto. Não à toa era chamado de Corte do Céu. Acima deles, o céu era marmorizado com nuvens. As paredes eram fitas de luz reluzente. Música delicada preenchia o ar. O espaço tinha aquele delicioso aroma fresco de terra logo após uma tempestade de verão. Aru desejou que o mundo cheirasse assim o tempo *todo*. Como mel e menta e coisas verdes que crescem.

Ao seu lado, Mini gemia, apertando a barriga.

– Eu já falei que tenho acrofobia?

– Você tem medo de aranhas?

– Não! Isso é *aracnofobia*. Eu tenho medo de altura!

– Altura?

Aru olhou para baixo. E desejou não ter feito isso. Havia uma explicação para que parecesse que pairavam sobre a terra: de fato estavam pairando sobre a terra.

Abaixo dos seus pés, duas mechas de nuvens. E abaixo delas... uma queda *bem* longa através de um montão de céu vazio.

– Não tirem esses chinelos de nuvem – avisou Buu, batendo as asas ao lado. – Seria uma lástima e tanto.

Mini choramingou.

– É aqui que o Conselho se reúne?

– Eles se reúnem às terças e quintas, e durante a lua cheia e a lua nova, e também para a estreia e para o episódio final de cada temporada de *Game of Thrones*.

Falando em tronos... Sete cadeiras imensas e de aspecto nobre flutuavam em torno deles. Todas feitas de ouro. Exceto uma, fora do círculo, detonada e enferrujada. Ela pôde apenas ver as letras U-A-L-A estampadas embaixo.

Os outros nomes eram mais fáceis de ler. Conforme Aru os pronunciava, perdeu o ar. Ela os reconheceu das histórias que havia ouvido e dos artefatos que sua mãe havia adquirido para o museu. Lá estava Urvashi, a *apsara*, a cantora celestial e dançarina que diziam ser imbatível em beleza. Daí havia Hanuman com o rosto de macaco, o malandro que ficou famoso por ter ajudado o rei Rama na luta contra o rei dos demônios. Havia outros nomes. Como Uloopi e Surasa, as rainhas-serpentes; o rei-urso, Jambavan; e Kubera, o Senhor da Riqueza. Os Guardiões eram imortais e dignos de devoção, mas normalmente ficavam à parte da liga principal de deuses e deusas.

Quando Buu mencionou um conselho, Aru havia imaginado conselheiros mal-humorados do acampamento de verão... não as próprias pessoas dos mitos e contos que enfiaram em sua cabeça desde que era bebê. Urvashi era, tipo, uma rainha ninfa divinal, e Hanuman, filho do deus do vento, um poderoso semideus.

Aru desejou *mesmo* não estar usando um pijama do Homem-Aranha. Parecia um pesadelo horrível em que andava no carpete vermelho de uma estreia de filme superchique com um chapéu de papel-alumínio e galochas de borracha, e *por que isso estava acontecendo com ela?*

Aru se virou para Mini:

– Numa escala de um a dez, como acha que estou? Dez sendo *queime suas roupas*.

– Mas daí você não estaria vestindo nada de nada! – exclamou Mini, horrorizada.

– Então o que está dizendo é que estou horrível, mas que a alternativa seria

muito pior?

O silêncio da Mini foi um AHÃM claríssimo.

– Melhor pijama que pele – concordou Buu. – A não ser que seja a pele de um demônio que você abateu. Isso seria adequado para um herói.

Usar uma pele de demônio pesada e fedorenta?

– Prefiro poliéster – Aru disse.

– Poli Ester? A pobre garota! – Buu gemeu. Para um pombo, parecia bem perturbado. – Crianças do fundamental têm uma crueldade incomum.

Talvez percebendo que a conversa evoluía de idiota para idiotizante, Mini interrompeu:

– Por que será que alguns dos tronos estão pela metade?

Aru examinou melhor o círculo de tronos. Alguns estavam parcialmente transparentes.

– Nem todos os guardiões do Conselho estão no posto ao mesmo tempo – esclareceu Buu. – Qual seria a necessidade disso quando o mundo não precisa ser salvo? Ninguém achava que a lâmpada seria acesa pelos próximos dez ou vinte anos. Achavam que havia tempo para se preparar para Sono. Até que... *alguém*. – Ele olhou para Aru.

Aru piscou inocentemente. *Quem? Eu?*

Ao seu lado, Mini arriscou olhar entre os pés e começou a dizer, gemendo:

– Vou passar mal.

– Ah, não vai, não – ralhou Buu. Ele pairou no ar e cutucou o nariz dela. – Vocês duas não vão me envergonhar em frente aos Guardiões. Coluna reta! Asas apuradas! Bicos para a frente!

– O que vai acontecer? – perguntou Aru.

Normalmente ela não ficava ansiosa em ter de conhecer pessoas. Mas Urvashi e Hanuman não eram pessoas. Não eram lendas, tampouco. Eram *reais*.

– É obrigação do Conselho entregar uma missão. Sono está solto por aí, neste exato momento, procurando uma maneira de alcançar as armas celestiais e usá-las para acordar o Deus da Destruição. Vocês devem pegar as armas primeiro.

– *Sozinhas?* – Mini perguntou.

– Vocês terão a mim – disse Buu, orgulhoso.

– Ótimo. Pois nada diz *pega eu, demônio* melhor que um parceiro-pombo – disse Aru.

– Grossa! – Buu bufou.

– Não é tão mal! – disse Mini com animação forçada. – O Conselho não deveria ajudar?

Em resposta, Aru ouviu uma risada que soou como alguém coçando um candelabro.

– E por que eu deveria ajudar vocês? – perguntou uma voz melódica.

Antes, o lugar cheirava a tempestade de verão; agora cheirava como se todas as flores existentes tivessem sido destiladas num perfume. Não era agradável. Era *exagerado*.

Aru se virou para ver a mulher mais bela do mundo sentada num trono identificado como URVASHI. Ela usava *legging* preta e um *salwar kameez* que teria parecido tão simples quanto algodão branco se não reluzisse como tecido de luar. Nos tornozelos, um conjunto de sinos *gughrro* reluzentes. Ela era alta, tinha pele escura e os cabelos estavam penteados numa trança lateral mal-ajambrada. Parecia que tinha acabado de sair de um ensaio de dança. Coisa que, pois era a dançarina principal dos céus, provavelmente era verdade.

– Foi isso que você trouxe de volta para nos salvar? É melhor eu atar fogo em mim mesma e poupar o Deus da Destruição do incômodo.

Levou um instante para Aru perceber que Urvashi não estava falando com ela ou Mini. Estava falando com Buu.

À esquerda da dançarina celestial, uma voz grossa soltou uma risada poderosa.

– Você é rancorosa mesmo, não é? Já não faz um milênio desde que ele estragou seu modelito?

O semideus macaco Hanuman se materializou no trono. Estava usando um blazer prateado e uma camisa com estampa de folhas da floresta. Seu rabo se acomodou no encosto da cadeira, e de uma das suas orelhas pendia uma joia que parecia uma pequena coroa.

– Não era um modelito qualquer, seu gorila – Urvashi retrucou. – Era feito dos pulos das batidas de coração de todas as pessoas que encostaram o olho em mim. Demorou *séculos* para costurar! Subala sabia!

– Ele é um pássaro, você esperava o quê? – disse Hanuman.

– Pássaro não! – gritou Buu. – Você sabe!

Aru estava tão distraída com a discussão que demorou a perceber que Mini estava puxando sua manga. Ela apontou para o trono detonado com as letras

U-A-L-A.

Agora Aru podia ver onde as outras letras poderiam ter estado: *S* e *B*. Subala. Buu era um dos Guardiões! Mas não se parecia com os demais. Não era iluminado e poderoso. E o trono dele tinha sido empurrado para fora do círculo. O que tinha acontecido?

– Vocês sabem por que estou aqui – disse Buu para os Guardiões. – Esses são os heróis escolhidos desta geração.

Urvashi franziu o nariz.

– Nós fomos rebaixados de treinar e auxiliar os salvadores da humanidade a ter de dar uma de babá? Não, obrigada.

Aru enrubesceu.

– Não somos crianças.

– Bem, Aru... – disse Mini. – Nós meio que somos.

– Somos pré-adolescentes.

– É a mesma coisa, apenas uma palavra diferente.

– Sim, mas soa melhor – Aru murmurou.

– Seja lá o que forem, existe apenas uma coisa que são para mim – disse Urvashi. – Vocês. Não. Valem. O. Meu. Tempo. – Ela deu uma batidinha no apoio de braço do trono e fixou o olhar intenso em Buu. – Sinceramente, como foi que conseguiu trazer duas crianças mortais até aqui?

– Os caminhos de sempre – Buu bufou. – E não são crianças mortais. Elas têm almas de Pândava. Sei que é verdade.

– Se realmente forem Pândavas, então adoro a ironia de que você foi o escolhido para ajudá-las. – A risada de Urvashi soava como sinos gunghroo.

– Mas não acredito. As almas dos Pândavas estão dormindo desde o fim da Guerra de *Mahabharata*. Por que ressurgiriam agora?

Aru sentiu a pele pinicando de fúria.

– Porque Sono acordou – interrompeu. – E nós precisamos de ajuda para salvar nossas famílias.

Ao lado, Mini assentiu com pesar.

– Por isso vocês precisam nos dar uma arma e nos dizer o que fazer – continuou Aru.

Hanuman as olhou solenemente.

– Sono? – O rabo ficou reto atrás dele. – É como havíamos temido então, Urvashi. Tudo o que nós vimos... é ele.

Sob os pés de Aru, o céu desapareceu. Estática ondulou pelo ar, e foi como

se ela e Mini agora estivessem pisando numa enorme tela de TV. Hanuman passou a mão sobre a tela, e imagens se entrelaçaram abaixo deles.

A primeira visão foi da rua em frente ao Museu Arqueológico de Arte e Cultura Indiana. Uma folha ao vento não havia caído. As únicas coisas em movimento eram as nuvens. Estava silencioso, mas o silêncio não era agradável. Era como um cemitério – deserto, assustador e imperturbável.

A segunda visão era da rua de subúrbio onde encontraram Mini. Dois garotos haviam sido congelados enquanto discutiam por causa de um gibi. Uma garota jogando basquete havia pulado em direção ao aro e foi pega no ar, os dedos ainda segurando a bola.

Ao lado de Aru, Mini deixou escapar um grito.

– Meus vizinhos! Eles estão bem? Sabia que se passar doze horas sem beber água você pode *morrer*? E se...

– Os congelados não sofrem – explicou Hanuman. – Mas sofrerão se Sono não for derrotado até a lua nova.

Aru sentiu um nó na garganta. Todas aquelas pessoas... pessoas que nunca conheceu. Elas seriam prejudicadas por causa *disso*, por causa *dela*.

– Sono está na nossa cola – disse Buu num tom sombrio. – Procurando onde passamos por último.

– Procurando é uma palavra leve demais para o que ele está fazendo. Ele está caçando – disse Urvashi.

Aru sentiu arrepios na espinha. Mas algo não fazia sentido. Se Sono estava procurando por elas, então por que simplesmente não permaneceu no museu quando Aru acendeu a lâmpada?

Ele estava certamente procurando por elas (ela se recusava a imaginá-lo *caçando* – era uma menina, não um coelho), mas estava planejando também. Pelo menos é isso que ela faria, se fosse um demônio. Se seus inimigos estão atrás de você, tem de se esquivar. Era como jogar xadrez. Você tem de fazer o movimento menos previsível possível. E para chegar até o objetivo – o rei –, primeiro tem de eliminar as defesas.

– Alguma outra coisa aconteceu? – Aru perguntou.

Urvashi curvou os lábios com desdém.

– Alguma outra coisa além de gradualmente congelar o mundo, quer dizer? – zombou.

Mas Hanuman entendeu. Ele estalou o rabo para cima.

– Os veículos... – ele disse lentamente. – Os veículos dos deuses e das

deusas desapareceram.

Aru sabia, das histórias que a mãe lhe contava, que quando Hanuman dizia veículos, não se referia a carros ou bicicletas. Estava falando de montarias especiais que as deidades usam. Ganesha, o deus com cabeça de elefante dos novos começos, andava num rato. (*Deve ser um rato bem bombado*, Aru sempre pensava.) A deusa da sorte, Lakshmi, andava de coruja. Indra, o rei dos deuses, andava num cavalo majestoso de sete cabeças.

– Sono pretende desacelerar os céus também – disse Urvashi, arregalando os olhos. – Ele quer nos cortar pela raiz... Mas se acordou mesmo, então por que os agentes dos céus são... elas? – Acenou para Aru e Mini.

Mini apertou a mochila com mais força. Mas não estava enraivecida como Aru. Seus olhos brilhavam como se estivesse prestes a chorar.

– Porque... porque nós somos Pândavas – Aru disse, controlando a voz para não oscilar. – E é nosso dever ou...

– *Dharma* – Buu sussurrou. – É a missão sagrada delas ajudar os Pândavas a combater Sono uma última vez.

Combater? Uma última vez? Tudo isso era novidade para Aru. Até os Guardiões fecharam a cara ao ouvir essas palavras.

– Certo. Isso – disse Aru. – Então, vocês vão ter que nos ajudar.

– Ah, é mesmo? – perguntou Urvashi com a voz terrivelmente calma. – Se são Pândavas, então provem.

Hanuman ficou em pé no trono.

– Nós nunca forçamos ninguém a se submeter à Declaração antes de estarem prontos. Os Pândavas sempre foram treinados, pelo menos! – Ele olhou para Aru e Mini. – Elas são apenas crianças.

– De acordo com as regras – disse Urvashi, com um sorriso cruel –, deve ser um acordo unânime entre os Guardiões presentes acreditarmos que são de fato semideusas. Eu não acredito. E se são *apenas* crianças, não deviam se importar.

Aru estava prestes a falar, mas alguém falou antes.

– Vamos provar – disse Mini.

Suas mãos estavam fechadas em punho na lateral do corpo. Aru sentiu uma estranha onda de orgulho na surpreendentemente corajosa Mini. Mas Buu não parecia entusiasmado. Ele voou até o antigo trono, seu rosto tão sofrido e solene quanto o rosto de um pombo pode ser.

– Que comece a Declaração! – gritou Urvashi.

A Corte do Céu voltou às sombras. E onde antes ficava um círculo de tronos, agora havia outra coisa: cinco estátuas gigantescas. Se já não estivessem no céu, Aru teria pensado que a cabeça das estátuas tocava nas nuvens.

O coração de Aru disparou e a onda de confiança anterior se desfez.

– Você fica falando em “declaração”, mas o que estamos declarando exatamente?

– Tipo renda? Deduções? – Mini pressionou. Ela desconsiderou a cara de espanto de Aru. – O que foi? Minha mãe é fiscal de imposto.

– Vocês não estão declarando nada – disse Buu. – São os deuses quem vão *declarar*. Cada um dos irmãos Pândavas tinha um pai divino diferente. Vocês estão prestes a descobrir quem são os seus.

Das histórias que sua mãe contava, Aru sabia que havia cinco irmãos principais. Os primeiros três – Yudhistira, Arjuna e Bhima – eram filhos do deus da morte, do deus dos céus e do deus do vento, respectivamente. Os Pândavas gêmeos – Nakula e Sehadeva – nasceram com a bênção dos Ashvins, os deuses gêmeos da medicina e do pôr do sol. E havia mais um: Karna, o Pândava secreto, o filho do deus do sol.

Aru não entendia por que eram todos chamados de irmãos quando não tinham sequer a mesma mãe, mas talvez tivesse a ver com o que Buu tinha comentado: não precisavam ter relação sanguínea para serem irmãos. Suas almas compartilhavam uma mesma característica de divindade que valia tanto quanto sangue.

Ou algo assim.

– Espera. Então, tipo, eles vão simplesmente surgir nos céus, acenar para a gente e dizer: É, aquela parece ser minha? – Aru perguntou.

– E a documentação? – Mini perguntou, a voz estridente acusando pânico. – É como uma conversa ou vão usar agulhas, como num teste de paternidade?

Se Buu soubesse as respostas, tinha interesse zero em compartilhar. Ignorando as perguntas, caminhou até uma das estátuas gigantes.

– *Pranama* conforme eu disser os nomes dos deuses.

Pranama era quando você tocava nos pés dos mais velhos. Aru tinha de fazer isso quando ia ao templo e esbarrava com o sacerdote ou alguém muito, muito mais velho e respeitado.

– Sempre tenho de fazer isso quando os parentes da minha mãe vêm visitar – sussurrou Mini. – Meu vô tem pés superpeludos...

– E os parentes do seu pai? – Aru perguntou.

– São filipinos. Minha *lola* só gosta que peguem nos pés dela se for para fazer massagem.

– *Shh!* – ralhou Buu.

– Como a gente vai saber que um dos deuses está nos declarando? – Aru perguntou.

– Simples. Eles as deixarão viver.

– QUÊ? – Mini e Aru gritaram ao mesmo tempo.

As paredes de fitas de luz começaram a piscar.

– Não se preocupem – disse Buu, distraído. – Eu só me equivoquei em relação a alguém ser um Pândava uma única vez.

– Então quer dizer que essa pessoa...

– Cuidado! – Mini gritou, puxando Aru.

As fitas de luz lentamente mudaram para um monte de pontos reluzentes, como estrelas. Mas daí se aproximaram, e Aru viu que não tinham nada de estrelas.

Eram *pontas de lanças*.

E estavam apontadas bem para elas.

OITO

Quem é o seu papai?

Aru tinha visto muitos filmes. Provavelmente mais do que seria adequado. Não que se importasse. De acordo com os filmes, nesse momento deveria estar vendo sua vida passando diante dela com um monte de pessoas gritando entre lágrimas: *Fique com a gente! Não siga a luz!*

As lanças cresciam conforme se aproximavam. Elas rasgavam o ar, e o som que emitiam era algo entre vibração e assobio.

O olhar de Aru percorreu o céu vazio. Esqueça as regras dos filmes. Ela seguiria qualquer coisa – mesmo uma suspeita luz reluzente ao fim de um túnel –, se isso significasse uma saída.

Mas daí a chuva de lanças cessou. Foi como se alguém tivesse apertado PAUSE.

– Não se preocupem – disse Buu. – As lanças não vão acertar *pra valer* até que tenham prestado sua homenagem aos cinco deuses do *Mahabharata*.

Aru e Mini estavam agachadas e abraçadas uma à outra. Ambas olhando para as setas vibrantes pairando a menos de um metro acima de suas cabeças. Podia ter sido coisa da imaginação, mas as setas pareciam realmente incomodadas por ter de esperar um instante antes de poderem se atirar em Aru e Mini.

– Ah, que bom...? – disse Aru.

– Dharma Raja, nós o reconhecemos – disse Buu com uma voz grossa.

A estátua de Dharma Raja, Senhor da Justiça e da Morte, pairou acima. Ele tinha cor de cinza. Duas presas afiadas despontavam sob o lábio. Numa mão, segurava o bastão *danda*, a vara usada para punir almas na vida após a morte. Aru sentiu sua respiração acelerar ao lembrar qual dos irmãos Pândavas era seu filho: Yudhistira. O primogênito dos irmãos Pândavas, conhecido por sua nobreza e sabedoria.

Aru não tinha certeza se queria que Dharma Raja fosse seu pai. Ser reconhecida por ser a mais sábia e a mais justa? Pressão *demais*.

– Pranama! – sussurrou Buu.

Mini e Aru avançaram rapidinho e tocaram seus pés.

– Senhor Indra – disse Buu.

A estátua de Indra, Rei dos Céus, foi a seguinte. Sua pele era da cor de uma

tempestade. Na mão, segurava a arma Vajra, o raio. Não havia a mínima chance de Aru ser filha de Indra. Seu filho Pândava era Arjuna, o Triunfante. De todos os irmãos Pândavas, Arjuna era o mais famoso. Foi quem viveu o maior número de aventuras, e era conhecido pela habilidade incrível com arco e flecha. Se sabedoria e justiça eram pressão demais, imagine ser considerado o maior herói da história.

Não, obrigada, pensou Aru.

– Senhor Vayu.

Hum, pensou Aru. *Esse até que não seria ruim.*

Vayu, Senhor dos Ventos, provocou uma leve brisa. Ele tinha pele escura e parecia um ator bonitão de Bollywood. Tinha uma bandeira giratória que anunciava as direções. Seu filho Pândava era Bhima, o Forte. Bhima era conhecido por ter um apetite ridículo de tão enorme, por ser superforte e ter um temperamento ruim. Aru achou que seria capaz de lidar com tudo isso.

– Os Ashvins, Nasatya e Dasra.

Duas estátuas com cabeças de cavalo reluziram. Eram os deuses do nascer e do pôr do sol, e da medicina. Os filhos Pândavas deles também eram gêmeos. Nakula, o Belo e Sahadeva, o Sábio. *Com certeza eu não me importaria de ser conhecida pela minha beleza,* pensou Aru.

Ela ainda tinha algumas dúvidas sobre a coisa da sabedoria.

Mini e Aru prestaram homenagem para cada um. Quando terminaram o último pranama, ambas ficaram em pé, com as costas grudadas uma na outra, em meio ao círculo de deuses. Acima, Aru ouviu o assovio impaciente das setas. Elas vibravam, não como uma folha prestes a cair do galho, mas como uma espécie de besta raivosa que está legitimamente *tremendo* de excitação antes de esraçalhar você. Tarde demais, Aru se lembrou da “garantia” de Buu, de que as setas não as acertariam até que tivessem terminado os pranama.

Elas haviam terminado com certeza.

Um som agudo cortou o ar, como se alguém tivesse derrubado uma porção de agulhas de costura. Uma seta caiu perto do pé de Aru. Mini gritou.

Mais algumas setas atingiram o chão. Não todas de uma vez. Não, isso seria fácil.

Foi como se alguém estivesse atijando os deuses: alguma dessas meninas interessou? Quer salvar uma? Precisa de alguns minutos para pensar melhor?

Aru ergueu os braços, tentando enxergar através dos vãos dos dedos.

– Anda! – Mini gritou, tentando empurrar Aru para fora do círculo de estátuas.

Aru vacilou para trás. Quando olhou para o lugar onde esteve parada, viu um punhado de setas fincadas no ar.

– Fiquem tranquilas! – Buu gritou.

– Quem consegue ficar tranquila quando um monte de setas estão sendo atiradas em sua direção? – Aru gritou.

– Um deus! – respondeu Buu.

– Mas nós não somos! – disse Mini.

– É. Tem razão!

Mini ergueu a mochila e correu para perto da Aru.

– A gente tem que se esconder – sussurrou.

Mas de que ia adiantar? As setas iam encontrá-las. Aru olhou para as estátuas com rostos frios e impassíveis. *Elas não se importavam?* Aru tentou arrancar o dedão do pé de uma das estátuas para jogá-lo nas setas. Não que isso fosse adiantar alguma coisa, mas pelo menos ia *parecer* útil. Mas a pedra não cedeu. Mais setas caíram na sua frente. Uma delas a dois centímetros do seu mindinho. Outra zuniu perto do seu ouvido. Agora as setas pareciam uma colônia de morcegos.

– Já era – resmungou Mini, segurando a mochila. Ela pressionou o corpo contra as pernas de pedra de Vayu.

Aru se abraçou.

As pontas das setas rodopiaram em sua direção, soprando vento contra seu rosto.

Aru esticou o braço, os olhos bem apertados.

– PARA!

O vento assobiante cessou. Aru piscou. Seu braço continuava estendido. Por um momento, questionou se foi *ela* mesma quem brecou as setas. Mas daí viu o que a estava protegendo: uma rede. Ela rangia e reluzia como se sua trama fosse feita de raios elétricos.

Seus pés não estavam mais no chão. Ela flutuava, cercada por um halo luminoso. Nesse momento, teve o desejo mais absurdo de fazer duas coisas:

1. Cantar a música *Ciclo sem fim* do Rei Leão.
2. Vomitar.

Ficar suspensa por uma força invisível? Ahã... não, obrigada. Mas daí ela olhou à sua volta e percebeu que as setas haviam sumido. E que as estátuas tinham mudado de posição. Antes, estava apoiada no deus dos ventos. Mas agora era Indra, o deus do trovão, que olhava para ela. Seu rosto ainda era feito de pedra. Mas sua expressão tinha mudado de indiferente para... impressionado. Como se tivesse acabado de perceber quem era Aru.

Sua filha.

Ela, Aru Shah, era a filha de Indra, Rei dos Céus.

NOVE

As três chaves

Muitos hindus não comem carne. Assim como alguns dos amigos judeus e muçulmanos de Aru não comem carne de porco. Toda vez que serviam hambúrguer no almoço da escola, ela tinha de optar pela gororoba de cogumelo portobello extremamente borrachudo que parecia (e provavelmente tinha gosto de) couro de dinossauro. Seus colegas olhavam com dó.

– Coitada. Hambúrguer é bom *demais* – alguém dizia. – Não sabe o que está perdendo.

Aru discordava. *Pizza* era bom demais. Além disso, como poderia se importar em estar perdendo algo que nem conhecia?

Talvez com pais fosse a mesma coisa. Ela e a mãe estavam perfeitamente bem, apenas as duas, obrigada por perguntar.

Mas até aí, um pai não é um hambúrguer. Hambúrguer é algo que se pode recusar...

Aru nunca teve escolha no que diz respeito a não ter um pai.

Quando pensava demais nesse assunto, ficava furiosa. Como o pai dela teve coragem de deixá-las? Aru se considerava relativamente incrível. (Claro, era meio suspeita.) E daí tinha sua mãe... linda, inteligente e elegante. Mas ela também ficava triste. Talvez, se o pai estivesse presente, a mãe seria mais feliz. O fato de alguém ter tido o atrevimento de fazer sua mãe triste apenas deixava Aru ainda mais brava.

Mas agora que estava cara a cara com a verdade, ela se sentiu, bem, como se tivesse sido atingida por um raio. O que soa irônico. Ela nunca teve pista alguma de que Indra poderia ser seu pai... ou teve?

Aru sempre amou tempestades. Às vezes, quando tinha pesadelos, uma chuva de trovões e raios a acordava do nada, iluminando o céu como uma cantiga de ninar composta exclusivamente para ela.

Será que era por causa de Indra?

Mas se Indra era seu pai, isso fazia de Aru uma reencarnação de Arjuna. O maior guerreiro. Ela não era nada como ele. Arjuna era bom e digno e perfeito. *Quase*, pensou Aru, *ao ponto do exagero*. Sua mãe certa vez lhe contou que Arjuna era tão digno que aceitou um exílio de doze anos na floresta apenas para manter sua palavra.

Assim como muitos governantes do passado, os reis da Índia tinham mais de uma esposa. Mas era bem raro que uma esposa tivesse mais que um marido. E, no entanto, esse era o caso na história de Draupadi, a princesa virtuosa e bela que se casou com os cinco irmãos Pândavas. Ela passou um ano como esposa de cada um deles. Isso fazia mais sentido para Aru que a outra opção.

Imagine entrar em casa, chamando: *Querido, você está em casa?* e ter de ouvir:

Sim, querida!

Sim, querida!

Sim, querida!

Sim, querida!

Sim, querida!

Mas era uma regra entre os cinco irmãos que ninguém podia invadir a privacidade de Draupadi quando ela estava com o seu marido do ano. Certo dia, Arjuna foi chamado para enfrentar um monte de demônios. Ele teve de aceitar o chamado, pois é obrigação dos heróis. O único problema é que ele havia deixado seu arco e flecha especial na sala onde a Princesa Draupadi jantava com um dos seus irmãos. A penalidade por atrapalhar a privacidade deles era o exílio. Em vez de deixar a população inocente ser atacada por demônios, Arjuna optou por quebrar a regra.

E é por isso que teve de ir para a floresta durante doze anos.

Aru detestava essa história. O exílio era completamente desnecessário. Seu irmão e Draupadi até perdoaram Arjuna quando ele explicou que só precisava pegar o arco e flecha. E por que ele teve de *entrar* na sala? Poderia ter simplesmente batido na porta e gritado: *Mano, esqueci meu arco e flecha. Você pode pegar pra mim?* Seria como pedir a um amigo para passar papel higiênico por baixo da porta.

Mas Arjuna fez isso. Supostamente, era uma coisa boa. Para Aru, era apenas uma perda de tempo.

Aru olhou para a estátua. Ela podia não ter nada a ver com Arjuna, mas talvez ter o Rei dos Céus como seu pai não seria tão ruim no caso de você ter detonado, sem querer, o fim do mundo...

À sua volta, a rede de raios desapareceu. No seu lugar, pairava uma esfera dourada do tamanho de uma bola de pingue-pongue. Curiosa, ela a pegou no ar e a virou nas mãos. *Que troço é esse?* Mas foi bem então que Mini deixou

escapar um soluço.

Aru se virou e viu Mini sentada numa nuvem, apertando a mochila contra o peito. A estátua de Dharma Raja havia se movido e agora pairava sobre ela. O bastão danda havia sido arremessado de sua mão, quebrando as setas que iam em direção a Mini.

– Morte? – ela sussurrou. – Eu sou Filha da Morte?

Com toda a sinceridade, Aru achou aquilo bem bacana. Imagine entrar numa festa e anunciar: EU SOU A FILHA DA MORTE. Quase certo de que ganharia a primeira fatia de bolo. Além do mais, essa seria a única ocasião apropriada para usar a frase mais mimada de todos os tempos: *Espera só até eu contar para o meu pai*. Mas os olhos da Mini estavam marejados.

– Isso estraga tudo! Achei que eu seria filha de um dos gêmeos Ashvin! A filha do deus da medicina! Qual faculdade de medicina vai me aceitar se eu for Filha da Morte? – Ela balançava o corpo para a frente e para trás, chorando.

Uma sombra cobriu Aru. Ela olhou para cima e viu Buu as rodeando, mas havia alguma coisa estranha na sombra... Não parecia o tipo de sombra projetada por um pombo. Era... imensa.

Buu voou até o ombro de Aru. Ele olhou para ela, depois para Mini. Depois repetiu o movimento.

Buu não foi sutil quanto à dica: *Vai lá dar uma força!*

Bufando, Aru se aproximou devagarinho. Ela se agachou ao lado da Mini e apoiou a mão no ombro dela.

– O que foi? – Mini fungou.

Aru pensou no que normalmente fazia para se animar. Ela tentava mudar a situação em sua mente. Olhá-la de um jeito diferente.

– Não é tão ruim – Aru começou. – Nas histórias, Yudhistira era o filho do Dharma Raja e ninguém fugia dele. Todo mundo o procurava para se aconselhar porque era realmente sábio e justo e coisa e tal. Ele era um rei muito bom também... E talvez, como médica, você será ainda *melhor* por ser a Filha da Morte. Talvez seja capaz de identificar mais rápido quando tem algo errado. Pois será capaz de *farejar* a morte! Como um cachorro!

Mini ergueu a cabeça.

Aru continuou:

– Pensa só: você será capaz de *salvar* tantas pessoas. Será a melhor médica. Mini fungou novamente.

–Você acha?

Talvez?

– Com certeza – disse Aru. – O importante é o que você faz com o que tem. Não é, Buu?

Buu bufou.

– Viu? Buu também acha. E ele nunca mentiu! Ele é, tipo, nosso guardião fiel e coisa e tal. Não tentaria nos enganar.

Nesse ponto, algo na expressão de Buu se retraiu. Ele tombou levemente a cabeça.

– Verdade – disse baixinho.

Mini se levantou. Ela deu um sorrisinho. Sem aviso prévio, atirou os braços em volta de Aru e a apertou bem apertado, conseguindo pegar um pouco da asa de Buu. Ele grasnou. Ela apertou mais forte.

– Obrigada.

Aru ficou parada, dura. Nunca ninguém havia lhe agradecido antes, muito menos com um *abraço*, após ter contado uma mentira. Mas talvez não tivesse mentido. Talvez não fosse mentir, mas uma questão de usar a imaginação. Olhar para alguma coisa com uma perspectiva diferente. Isso não era tão mau. E talvez esse tipo de coisa poderia ajudá-la a fazer amigos em vez de perdê-los?

Aru a abraçou de volta.

Um trovão soou no céu. Aru e Mini se separaram num pulo. As estátuas dos pais de alma dos Pândavas desapareceram e a Corte do Céu rematerializou-se. Urvashi e Hanuman estavam empoleirados na beirada dos tronos, de olhos arregalados.

– Então é verdade – disse Urvashi, a voz macia de tanto espanto.

– Elas *realmente* são... quer dizer... são *elas* mesmo.

– Os Pândavas foram despertados para a batalha mais uma vez – disse Hanuman, esfregando o queixo.

– Não todos – atalhou Urvashi, encarando Aru e Mini.

– Apenas as almas reencarnadas de Arjuna e Yudhistira.

– Por enquanto – comentou Hanuman, num tom sombrio. – Se Sono não for refreado, os demais despertarão também.

Aru olhou abaixo dos pés, onde o mundo não era mais que um borrão de árvores e rios. Em algum lugar lá embaixo havia outras pessoas com almas de Pândava. O que estariam fazendo? Estariam congeladas? Teriam alguma

noção de quem eram de verdade, como Mini? Ou seriam como ela... completamente sem noção?

– Os demais só despertarão se necessário. Com o aumento da escuridão vem a resposta da luz – explicou Buu. – Mesmo no caos, o mundo buscará o equilíbrio.

– Essa é a parte em que você diz: “Faça ou não faça. Tentativa não há.”?

Buu fez uma careta.

– Se Sono for tentar acordar o Deus da Destruição, vai precisar de armas celestiais – disse Hanuman. – Vocês sabem o que isso significa, Pândavas?

– Que devemos quebrar as armas para que Sono não possa usá-las? – Aru respondeu ao mesmo tempo que Mini disse:

– Temos que pegá-las antes dele?

– Ou isso – concordou Aru.

Hanuman olhou para elas com uma cara bem séria.

– A Filha da Morte diz a verdade.

Levou um instante para Aru lembrar que *Filha da Morte* significava Mini. Então o que isso fazia dela? *Filha do Trovão*, percebeu Aru, emburrada. Parecia nome de cavalo.

– Antes que eu explique a vocês sua missão, mostrem-me quais presentes os deuses lhes deram – disse Urvashi. – Se os deuses quiserem, aliviarão as dores da jornada.

Presentes? Então Aru se lembrou da esfera dourada que apareceu quando a rede de raios de Indra sumiu. Ela a tirou do bolso do pijama.

– Você quer dizer esse aqui?

Urvashi torceu a boca num sinal de desgosto.

Mini procurou na mochila e tirou um pequeno estojo roxo de pó compacto.

– Isso aqui surgiu quando – ela engasgou nas palavras *Dharma Raja* – me reivindicou.

– Um brinquedo... e um espelhinho de mão – observou Urvashi. Ela se virou para Hanuman. – Os heróis não costumavam ganhar lindos corcéis? Ou armaduras de batalha? Até espadas?

Seria exagero da Aru ou aquele olhar no rosto de Hanuman era de preocupação?

– O Senhor Indra e Dharma Raja têm seus... enigmas.

Mini franziu as sobrancelhas.

– O que isso quer dizer?

– Acho que significa que eles têm pele escamosa – disse Aru.

– Isso é eczema.

– Significa – disse Hanuman aumentando a voz – que seus pais são misteriosos, mas sempre por um motivo. Esses presentes devem ajudá-las na sua missão.

Aru se sentiu ridícula. Do que ia servir uma bola diante de um demônio? Era como tentar parar uma avalanche com uma colher.

– Aí está a prova – disse Urvashi. – Talvez signifique que os deuses não desejem que o mundo seja salvo.

– Ou – grasnou Buu – pode significar que dessa vez precisamos de um tipo diferente de herói.

– *Heroína* – corrigiu Mini, baixinho.

Heróis. Heroínas. Era isso que Aru realmente era? Ou seria apenas alguém que cometeu um erro de proporções épicas e tinha de fazer algo épico para corrigi-lo?

Urvashi estava com o olhar perdido, a boca apertada numa linha estreita. Mas um minuto depois os ombros caíram e ela ergueu o queixo.

– Muito bem, crianças. Aproximem-se para ouvir sua missão.

Aru e Mini avançaram atrapalhadamente. O ar as mantinha no alto. O vento aumentou e as envolveu. Aru estremeceu. Não havia mais a sensação de montanha-russa. No instante em que viu a rede brilhante lançada pelo deus Indra, seu coração se tornou pesado. Em teoria, uma missão parecia sensacional. Mas, na realidade, várias vidas estavam em risco.

Talvez fosse por isso que super-heróis usavam capas. Talvez nem fossem capas, mas naninhas, como a que Aru tinha ao pé da cama e puxava para perto antes de dormir. Talvez super-heróis simplesmente amarrassem as naninhas no pescoço para que tivessem um pouco de conforto aonde quer que fossem. Pois, sinceramente... Salvar o mundo é assustador. Nenhum prejuízo em admitir isso. (E nesse momento a naninha seria bem-vinda.)

Urvashi se levantou do seu trono.

– Sono precisa das armas celestiais para libertar o Deus da Destruição. Vocês devem despertar as armas antes. Para isso, devem seguir para o Reino da Morte. Dentro do Reino da Morte há a Lago do Passado. Olhem dentro do lago e descobrirão como Sono poderá ser exterminado de uma vez por todas.

– Reino macabro, armas adormecidas, lago bizarro, entendi. Certo, vamos acabar logo com isso – disse Aru. – Então, onde fica a porta para o reino?

Tem alguma entrada por aqui? Ou talvez...

– Normalmente você chega ao Reino da Morte quando morre – disse Urvashi.

Aru e Mini trocaram olhares ansiosos.

– Uni-duni-tê – Mini começou.

Ao mesmo tempo, Aru gritou.

– Tá com você! – E deu um tapa no ombro da Mini, que ficou pálida.

– Ai, não.

– Crianças – disse Urvashi, mostrando a palma da mão. – Tem um jeito de abrir a Porta da Morte sem morrer. Vão precisar de três chaves. Mas estão escondidas, precisam ser encontradas. A primeira chave é um raminho da juventude. A segunda chave é uma mordida de maturidade. E a terceira é um gole de velhice.

Aru encarou Urvashi.

– Certo, então para qual loja de departamentos vamos?

Mini riu, mas era de nervoso, do tipo *vou-morrer-com-certeza*.

– Esse mapa vai ajudá-las – continuou Urvashi. – Simplesmente toquem no símbolo da chave e serão transportadas para algum lugar perto dela. Mas, daí em diante, fica por sua conta encontrar e reivindicar a chave verdadeira.

Urvashi abriu as mãos. Aru não tinha notado até esse momento que a pele dela era coberta de imagens, da ponta dos dedos até o cotovelo. Era um *mehndi*, um desenho feito com o pó das folhas da hena, uma planta. São tatuagens temporárias que mulheres fazem durante celebrações como casamentos e festivais. Mas aquele desenho era diferente de tudo que Aru já tinha visto.

Para começar, ele se *mexia*.

No pulso de Urvashi, flores brotaram de um galho. *O raminho da juventude*.

Um livro abriu e se fechou ao lado da mão. *A mordida da maturidade*.

Uma onda de água percorreu seus dedos. *O gole da velhice*.

Mas o centro da palma estava em branco.

– Vocês têm nove dias até a lua nova, Pândavas. Menos que isso, talvez, pois aqui o tempo corre de maneira diferente que no reino dos mortais – disse Urvashi. – Impeçam Sono de roubar as armas celestiais, descubram no Lago do Passado como ele pode ser detido, e daí receberão o treinamento Pândava do Conselho inteiro. – Ela fez uma pausa para jogar os cabelos sobre os

ombros. – Comigo inclusive. Há pessoas que matariam pela oportunidade de estar na minha presença. Aliás, já aconteceu. – Ela sorriu. – Se tiverem êxito, até seu desonrado guardião poderá voltar ao Conselho.

Buu se alvoroçou, pulando de um pé para o outro no ombro da Aru.

– Elas vão conseguir, sei que vão. Elas têm a mim para guiá-las, afinal, e eu fui esplêndido.

– Foi – disse Urvashi. Ignorando Buu, ela pegou na mão da Aru. Depois na da Mini. Quando Aru olhou para baixo, o mesmo mapa mehndi cobria sua própria pele. – Aí. Seu mapa. Lutem bem.

Pela primeira vez, o sorriso de Urvashi foi caloroso. Mas havia um toque de tristeza nele. Ela dobrou as pernas sobre o corpo e apoiou as mãos no colo. Estava tão vibrante e linda que era difícil acreditar que esteve presente em todas as antigas histórias. Aru sabia que Urvashi não apenas havia treinado heróis... ela os *amara*. Até se casara com um, tivera filhos com ele. Mas eles eram mortais. Ela devia ter continuado vivendo.

– Tão jovens – Urvashi murmurou. – Não é certo.

E com isso, desapareceu.

Hanuman olhou de Aru para Mini.

– A filha do Senhor Indra e a filha do Djarma Raja? É de fato intimidador. Antes de deixarem a Corte do Céu, tem uma coisa que eu gostaria de lhes dizer.

Intimidador?

Isso era bom? Ela esperava que sim. No ano anterior, todo mundo da classe tinha feito o teste do *Divergente* no Buzzfeed e ela caiu na facção “Audácia”, o que aparentemente significava que era valente e corajosa. Então... êba!?

E se Hanuman – o Hanuman – achava que eram intimidadoras, talvez não fosse tão ruim assim. Mas daí olhou para a sua mão com os três símbolos das chaves absurdas (como, exatamente, alguém toma um *gole* de velhice?) e seu estômago virou. Não, era ruim mesmo.

Hanuman abriu as patas. Um pequeno sol pairou sobre sua palma. Brilhava com tamanha intensidade que Aru desejou estar de óculos escuros.

– Quando eu era jovem, confundi o sol com uma fruta. E me meti numa confusão e tanto por causa disso – ele disse, soando mais envaidecido que culpado. – Eu bati de frente com um planeta, atrapalhei um eclipse que estava agendado. Seu pai, Indra, ficou tão bravo que usou seu famoso raio para me arremessar do céu. Ele me acertou na lateral do rosto, e foi assim que eu

ganhei o nome Hanuman, ou “mandíbula proeminente”. – Ele a acariciou, sorrindo com a lembrança. – Eu costumava fazer umas pegadinhas com os sacerdotes também. Então eles me amaldiçoaram. Foi uma maldiçõzinha. Do tipo que é feita para crianças imortais bagunceiras.

– Eles te castigaram com uma maldição? – Mini perguntou.

– Só por estar se comportando como uma criança? – Aru acrescentou.

Isso não parecia muito justo.

– Eles disseram que eu nunca mais ia me lembrar de quão forte e poderoso sou até que alguém me lembrasse disso – disse Hanuman. – Às vezes eu me pergunto se essa não é uma maldição que atinge todo mundo, em algum momento.

O pequeno sol na sua palma desapareceu. Ele acariciou a cabeça delas de leve. Com um último aceno para Buu, o macaco semideus sumiu. Agora havia apenas os três e uma vastidão de céu vazio.

– Vamos lá, Pândavas – disse Buu. – O mapa vai nos guiar até o local da primeira chave. Daí em diante, é com vocês.

Aru tocou na imagem da primeira chave, o galho florido no pulso, e sentiu uma pontada no estômago. Perdeu o fôlego. Um instante depois, os três estavam parados num estacionamento, numa galeria de lojas. Onde estavam? Não parecia Atlanta. Neve congelava os galhos pelados de umas poucas árvores delgadas. Apenas alguns carros e furgões estavam estacionados ali. Uma vendedora deixou o cigarro cair quando as viu. Mas se ela achou estranho que duas pessoas e um pombo tivessem se materializado do nada, não comentou.

Aru sentiu uma onda de alívio. Se a vendedora estava se mexendo, isso significava que Sono não tinha encontrado o rastro delas. Ainda.

– Ai, não! – disse Mini.

– O que foi? – Aru perguntou.

Mini ergueu a mão. No meio da sua palma, havia um símbolo:



– É o número de dias que temos até a lua nova – disse Buu, num tom preocupado.

– É? – perguntou Aru, olhando de lado para a palma da própria mão.

– É um nove bem estranho.

– Está em sânscrito – explicou Buu.

Mini olhou a sua mão.

– *Ashta* – disse lentamente. – O número oito.

Aru sentiu os pelos do braço arrepiarem. Elas já tinham perdido um dia!

– Como sabe? – perguntou, sentindo uma leve inveja.

– Eu aprendi sozinha a contar até dez em quinze línguas! – Mini disse com orgulho.

– Parece uma perda de tempo.

Até Buu assentiu.

Mini fuzilou os dois com um olhar.

– Bem, foi útil, não? Considerando que agora sabemos que só temos oito dias até o mundo congelar e o Tempo parar.

Aru aprumou os ombros. Um vento frio bagunçou seus cabelos. Ela teve aquela sensação grudenta de estar sendo *observada*.

– Buu... o que acontece se Sono encontrar a gente antes de encontrarmos as armas?

Buu bicou a calçada.

– Ah. Bem. Ele mata vocês.

Mini chorou baixinho.

Recado para mim mesma, pensou Aru. *Nunca mais sair numa missão.*

DEZ

Uma visita ao salão de beleza

Demorou uns bons cinco minutos até que Mini conseguisse dizer alguma coisa.

– Matar... a gente? – gemeu.

– Ele é um demônio, Mini – disse Aru. – O que achava que ele ia fazer? Nos convidar pra tomar um chá?

Buu saltitou pela calçada, pegou uma pedrinha com o bico, voou e a derrubou sob a cabeça da Mini.

– Ai!

– Ótimo! Você sentiu a dor. É para que aprecie, menina criança. É assim que sabe que não está morta – disse Buu. – Pelo menos não por enquanto. E você... – Ele olhou feio para Aru. – Cuidado com a língua afiada.

Aru virou os olhos. Ela só estava dizendo o óbvio.

– Ele não poderia simplesmente encontrar o caminho por conta própria até o Reino da Morte? – Aru perguntou. – Por que tem que ficar seguindo a gente?

Aquele demônio parecia preguiçoso.

– Ele não consegue ver o que vocês conseguem – disse Buu.

– E se ele tentar nos atacar enquanto isso? – Mini perguntou. – Não temos nada com que nos defender.

Isso não era exatamente verdade. Cada uma tinha um presente. Aru abriu a mão, onde segurava a bola de pingue-pongue dourada. Não tinha jeito de que ia fazer alguma coisa notável. Ela a jogou no chão. Instantaneamente a bola pulou de volta para a sua mão. Aru fez uma careta. Ela a atirou mais longe. Voltou mesmo assim. Daí ela a atirou para o outro lado da rua, onde rolou direto para dentro do bueiro.

Um segundo depois, estava de volta na sua mão.

– Certo, isso é mais bacaninha, mas mesmo assim... é inútil numa luta contra um demônio.

– Agradeça mesmo assim – Buu a repreendeu.

– Obrigada, Universo – disse Aru. – Mesmo que eu morra, pelo menos posso ser enterrada com essa bola grudada na minha mão.

– Enterrada não – disse Mini. – Você não vai ser cremada? Acho que isso depende se vai querer seguir o ritual hindu.

– Não está ajudando, Mini.

– A gente nunca sabe o que será útil quando a gente mais precisa – disse Buu.

Parecia que ele ia dizer mais alguma coisa, mas daí Mini soltou um berro esganiçado.

– Nossa! – ela disse, olhando para o estojinho de pó compacto que havia ganhado de Dharma Raja.

Aru sentiu um golpe de inveja. O presente da Mini fazia uma coisa mágica de verdade? Por que o dela não?

– O que ele está mostrando? – perguntou.

– Uma espinha – disse Mini, virando o nariz para o lado.

– O quê? Só isso?

– Significa que estou crescendo!

– Ou significa que não lava o rosto – Aru caçoou.

– Ou isso – disse Mini.

Ela parecia bem menos animada ao fechar o pó compacto.

– Então temos um espelhinho e uma bola reluzente – comentou Aru.

– Sim – disse Buu.

– Para combater monstros.

– Sim.

Sinceramente, qual o *sentido* de ser semideusas se aquilo era tudo que elas ganhavam? Metade da graça estava nas armas lustrosas! E onde estava o corcel majestoso? Ela se sentiria bem melhor se pelo menos tivesse uma capa.

– Talvez não precisem de nenhuma arma adicional para pegar as três chaves – sugeriu Buu.

– E se a gente precisar? – Mini perguntou.

As penas de Buu se arrepiaram.

– Se precisarem, daí terei de levá-las ao Bazar Noturno.

Bazar Noturno? Parece incrível, Aru pensou.

– Isso se a gente sobreviver ao encontro da primeira chave – disse Mini.

Essa ideia era menos incrível.

Mini olhou à sua volta.

– Se o mapa mehndi de Urvashi nos trouxe até aqui, então a primeira chave deve estar em algum lugar por aqui... Mas por que alguém esconderia a chave do Reino da Morte numa galeria de lojas?

Os três olharam pelo estacionamento. Havia um *delivery* chinês e uma lavanderia. Também um Starbucks faltando algumas letras na placa, então ficava STA B S.

O olhar de Aru foi para uma placa um pouco mais luminosa que as demais:

SALÃO DE BELEZA

VOCÊ VAI FICAR TÃO QUENTE QUE VAI EXPLODIR EM CHAMAS!

Quanto mais Aru olhava para a placa, mais a versão da chave mehndi reluzia. Ao seu lado, Mini acenou com os dedos.

– Seu mapa está brilhando? Talvez funcione como um dispositivo de localização – disse Mini, apontando para o desenho do “raminho da juventude” no pulso.

– Só tem um jeito de descobrir – disse Aru. – Temos que entrar.

Mini engoliu em seco, em alto e bom som, mas assentiu, e eles foram até o salão.

Luzes ondulavam em torno da entrada. Parecia uma loja de Halloween, com algumas decorações perdidas de fantasmas numa janela e uma abóbora podre na porta. Máscaras de mulheres berrando pendiam do teto. Seus rostos alongados e bocas escancaradas fizeram com que Aru se lembrasse da pintura de Edvard Munch que uma vez a professora havia mostrado em sala de aula.

– Esse lugar é estranho – disse Mini, chegando mais perto de Aru. – Tá sentindo esse cheiro?

Ela estava. Um cheiro intenso, ocre, como borracha queimada ou folhas tostadas. Franziu o nariz e cobriu o rosto com a manga.

– É cheiro de coisa queimada – disse Aru. – Ou *alguém* queimado.

Mini fez pequenos binóculos com as mãos e pressionou o rosto contra a porta.

– Não consigo ver nada – sussurrou.

A porta era um espelho escuro. Aru se perguntou se seria do tipo que permitia que as pessoas do outro lado enxergassem, enquanto você só via seu próprio reflexo. Aru havia aprendido sobre esse tipo de porta da pior maneira possível. Duas semanas antes tinha olhado na porta espelhada na sala dos professores para ver se tinha alguma caca no nariz. Um professor tossiu baixinho do outro lado e disse “Querida, não tem caca nenhuma. Confia em mim. Posso ver direitinho”.

Aru ficou megaenvergonhada.

Mas agora não estava megaenvergonhada. Sentiu um frio na espinha. O ar

estalava e chiava feito madeira na fogueira. Os pelinhos na sua nuca se arrepiaram. Uma luz brilhou no bolso do pijama. A bola de pingue-pongue reluzia.

As seguintes palavras estavam gravadas na porta: MADAME BEE ASURA, CABELEIREIRA SÊNIOR.

Aru conhecia aquele nome. Mas de onde?

– Buu, quando a gente abrir a porta, você não vai poder agir como, bem... como você mesmo – Aru disse.

– O que quer dizer com isso? – Buu retrucou.

– Tem que agir como um pombo! Ou então vai estragar nosso disfarce.

– Vocês querem que eu fique aqui *fora*?

– Vou abrir a porta – disse Mini. Ela pegou um pedaço de bolacha da mochila, esfarelou, e o jogou no chão. – Toma, passarinho!

– Eu. Não. Como. Do. Chão.

O cheiro azedo de queimado encheu as narinas de Aru.

– Eu. Não. Me. Importo – ela sussurrou de volta. – Agora fique aqui e seja um bom pombo enquanto a gente investiga.

Um sino tocou conforme Aru abria a porta.

As meninas entraram de fininho. Mini deixou a porta ligeiramente aberta, de modo que Aru podia ver um olho de pombo espiando pelo vão.

O salão era pintado num tom azul-marinheiro vívido. Aru encostou de leve na parede e sentiu que era fria e dura. Feita de *pedras preciosas*. Painéis de espelhos compunham o teto e o chão. Cadeiras de salão, grandes e confortáveis, ficavam alinhadas em frente às paredes. Mas em vez de um espelho à frente de cada uma, havia um retrato. Cada um era de uma mulher bonita. E no entanto... não pareciam muito felizes...

Pois foram capturadas no meio de um grito, como as máscaras do teto.

A fila de cadeiras de salão parecia não ter fim. Devia ter umas setenta fotos de mulheres gritando.

– Não. Não. Não – disse Mini. – Tem alguma coisa errada aqui.

– Como posso ajudar, meninas?

Do fundo do salão, Aru viu uma mulher linda vindo em direção a elas. Urvashi era linda da mesma maneira que uma flor é linda. A mente das pessoas já era treinada para achá-la encantadora.

Mas essa mulher era linda da maneira como um raio de tempestade atravessando o céu é lindo. Quase assustador. Com certeza chocante.

Era magra e alta, com cabelos pretos e lustrosos penteados em cachos macios no topo da cabeça. Quando ela sorria, Aru podia ver uma meia-lua de dentes fortes por trás do batom vermelho.

– Querem cortar o cabelo?

– Não... – Mini respondeu.

Aru lhe deu uma cotovelada nas costelas.

– Não era nossa intenção, mas podemos?

Aru queria passar mais tempo com aquela mulher deslumbrante. Só de estar perto dela, já se sentia hipnotizada. Sentiu um desejo arrebatador de agradá-la.

– De jeito nenhum – disse Mini com firmeza, pegando o braço da Aru.

– Qual o seu problema? – Aru murmurou, puxando o braço de volta. A mulher só queria cortar o cabelo delas. Além do que, era tão... linda. – De qualquer maneira, nós queremos dar uma olhadinha.

– Temos tido pouco movimento – disse a mulher. Agora ela estava parada na frente delas. – Sou a Madame Bee. Como se chamam, lindinhas?

– Mini.... – A voz da menina começava a oscilar. Ela não olhava para a mulher. Seus olhos estavam fixos na parede.

– Aru.

– Nomes bonitos – Madame Bee cantarolou. – Normalmente só corto o cabelo de mulheres mais velhas. Elas têm um tipo de beleza um pouco mais, digamos... potente. – Ela riu. – Ela foi fermentada por mais tempo, como o chá, portanto dura mais. Aqui, sentem-se.

Ela as conduziu até duas cadeiras de salão vazias.

– É rapidinho – disse Madame Bee. – Só preciso pegar o material no fundo. – Antes de sair, ela sorriu. Fez com que Aru tivesse a sensação de ter comido uma pilha de waffles: aquecida, adocicada e... sonolenta.

– Veja – Mini sibilou. Ela pegou o rosto da Aru e o virou em direção à parede.

As mulheres nos quadros mais próximos continuavam berrando. Mas havia algo mais: seus olhos... se mexiam. Acompanhando Mini e Aru. Outro arrepio gelado atingiu Aru, despertando-a.

– Ela aprisionou essas mulheres, Aru – Mini sussurrou. – Nós temos que sair daqui!

Aru deslizou da cadeira. Mini estava certa.

– A primeira chave tem que estar aqui – disse Aru. Ela ergueu a mão, onde

o desenho reluzia cada vez mais. – Temos que encontrar o raminho da juventude antes!

As meninas vasculharam o ambiente. Era impecável. Com os espelhos no teto e no chão, deveriam tê-la encontrado com facilidade. Mas não viram nada que parecesse o desenho do mehndi.

– Tem que estar aqui em algum lugar... – disse Mini.

– Os deuses não podiam ter nos dado presentes mais úteis? – Aru resmungou. Não conseguia chamar Indra de “pai”. Era estranho demais.

Mini pegou o estojinho de pó compacto. Quando o abriu, algo estranho aconteceu.

No espelhinho, Aru viu uma versão alternativa do salão onde estavam. As paredes eram revestidas não com pedras preciosas, mas com fragmentos de ossos. Em vez de um chão encerado, pisavam em terra batida. E quando Mini virou o estojinho de modo a refletir os quadros das mulheres gritando, as pinturas revelaram algo muito diferente: caveiras.

– O estojinho enxerga através dos feitiços – disse Mini, assombrada.

Um som fez com que dessem um pulo de susto.

Ambas olharam para cima e viram Madame Bee vindo em direção a elas, trazendo uma pequena bandeja com duas jarras em miniatura.

– Tive que encontrar recipientes pequeninhos para as cinzas de vocês – explicou, sorrindo.

Aru e Mini olharam para o estojo de pó compacto. Onde antes havia uma linda mulher, agora viam Madame Bee como aquilo que era de fato:

Uma *asura*.

Um demônio.

Nos cabelos, em vez de lindos cachos pretos, espirais de fogo. Seus dentes eram presas que se curvavam por trás dos lábios finos e pretos. A pele não tinha o tom escuro de âmbar, mas era de um branco pálido e leitoso.

E havia uma coisa no topo da cabeça. Uma fivela azul muito chique?

Não, um graveto com pequenos botões de flor azuis. Tirando a cor, era idêntico ao desenho nos seus mapas mehndi.

Era o raminho da juventude.

A primeira chave para o Reino da Morte.

ONZE

Cinzas, cinzas, todo mundo erra a mão

O-que estão fazendo fora das cadeiras, crianças? – Madame Bee perguntou.

Mini engoliu em seco, depois fechou o estojinho de pó compacto com um estalo.

– Apreciando o ambiente – Aru respondeu rápido. – É tudo tão bonito, que nem você.

Madame Bee abriu um sorriso. Ergueu as sobrancelhas e jogou os cabelos por cima dos ombros.

– Há anos coleciono beleza, então é claro que fiquei linda. Agora, que tal vocês se sentarem? Quem eu vou cortar primeiro?

– Hum... cortar o *cabelo*, você quer dizer, certo?

Madame Bee inclinou a cabeça. A luz que havia no ambiente escorreu pelas paredes. Sombras aveludadas emergiram como serpentes.

– Não.

Ela atirou a bandeja no chão e deu um salto. Aru só conseguiu sair do caminho, arrastando Mini junto.

– Ah, para com isso, não sabem que é falta de educação brincar com a comida? – Madame Bee perguntou. – Não gosto de ser mal-educada. Apenas parem quietas.

Mini e Aru correram. Aru derrapou no chão, quase batendo em cheio numa cadeira. Ela se levantou e suas pernas se puseram a trabalhar. Mas, por mais que tentasse alcançar a porta, esta parecia ir para cada vez mais longe.

Aru olhou para os espelhos do teto. Onde estava a asura? Seu reflexo não aparecia nos espelhos. *Talvez ela tenha desaparecido*, pensou Aru num momento de esperança.

Mas então uma sensação gelada se espalhou por seu corpo.

Uma voz vinda de trás dela fez cócegas no seu pescoço.

– Chegue mais perto, querida. Estamos com escassez de beleza. Você não tem muita, mas dá pra dar uma ou duas mordidinhas.

Aru pulou e girou, mas Madame Bee desapareceu com um estalo e reapareceu no outro lado do salão.

– Não adianta se esconder! – ela cantarolou.

Com cada palavra, desaparecia e depois reaparecia cada vez mais perto.

– Psiu! – Mini sussurrou.

Madame Bee continuava tagarelando e girando em círculos, ou seja lá o que é que asuras fazem quando estão comemorando. Ali, encostada numa das paredes, havia uma mesa gigante coberta com cartões-postais, escovas e um monte de latas de spray de cabelo. Escondida debaixo da mesa, Mini espiou, e Aru se aboletou atrás dela. A asura apenas riu, avançando lentamente em direção às duas como se tivesse todo o tempo do mundo.

– Buu, socorro! – Aru gritou.

Se o pombo conseguiu ouvi-la, não atendeu ao chamado.

– Não pensem que não sei exatamente quem vocês são – cantarolou a asura –, pequenas Pândavazinhas! Foi muito atencioso terem vindo até aqui apenas para que eu possa roubar a beleza de vocês. Não adianta chamar seu amiguinho de penas. Ele não consegue adentrar meu mundo. Assim como vocês não conseguirão sair.

– Ai, deuses, o que a gente faz? – Mini sussurrou, abraçando os joelhos contra o peito. – Como é que meus pais vão conseguir identificar meu corpo se eu virar cinzas? Tudo que tenho são meus registros dentários e...

– Mini! O estojinho! – Aru sussurrou.

Talvez haja um motivo para Madame Bee ter se cercado de espelhos falsos, Aru pensou. Toda aquela conversa sobre beleza fez com que Aru tivesse uma ideia. Apalpou a calça do pijama até encontrar a bola de pingue-pongue luminosa. De repente, Madame Bee se agachou. Seu rosto parecia ter virado de cabeça para baixo.

– Achei! – ela cantarolou, com o sorriso sinistro escancarado.

Aru encarou o demônio, ignorando o arrepio gelado que percorria sua espinha.

– Eu menti. Você não é tão bonita. Olha só!

Mini virou o espelho do estojinho em direção à asura. O rosto do demônio ficou ainda mais pálido. Os cabelos estalaram e chiaram como se ela tivesse sido eletrocutada pela visão da sua própria feiura.

– Nãããã! – a asura gritou. – Essa não sou eu! Não sou eu! – Ela se contorceu no chão.

Aru e Mini correram para trás. A bola de pingue-pongue dourada aqueceu o bolso da Aru. Ela a pegou e deu uma olhadela. Ela reluzia como um sol em miniatura.

– Eu te pego! – gritou a asura.

Aru jogou a bola bem no seu rosto.

– Se não conseguir nos enxergar, não pega, não! – Aru gritou.

A luz da bola cegou Madame Bee, e ela caiu para trás.

– Meus olhos! – urrou.

Um brilho rosa-dourado preencheu o salão, e Aru teve uma estranha visão de alguém coletando a primeira luz do amanhecer em centenas de baldes.

– Maldita luz celestial – a asura gemeu.

Hã? Aru pensou. *Então é isso que tem nessa bola...* Talvez não fosse tão inútil, no final das contas.

Aru ergueu o braço e a bola voltou em cheio para a palma da sua mão. Mini continuava segurando o estojinho de pó compacto e, ao ver a bola, engasgou. Na outra mão da Mini, surgiu uma esfera dourada idêntica.

– Mas...? – Aru começou a dizer.

Mini apertou a bola nos dedos. Ela sumiu.

Tinha sido uma ilusão.

– Como você fez isso? – Aru perguntou.

– Eu... eu não sei – Mini respondeu, confusa. – Só olhei pra bola dourada e *pensei* nela, e daí uma apareceu. Mas não era real!

– Onde vocês estãoãã, Pândavas? – a asura cantarolou.

Ambas se afastaram lentamente.

A asura estava engatinhando, virando a cabeça de um lado para o outro, vasculhando o salão. O coração da Aru acelerou. O demônio estava recuperando a visão!

– E agora? – Mini perguntou sem fôlego. – Como vamos pegar o...? Você sabe o quê...

Alguma coisa estava incomodando Aru. De onde estava vindo aquele persistente cheiro de queimado? Onde a asura queimava as coisas?

– Me mostra de novo o salão no espelhinho do pó compacto? – Aru pediu.

Mini virou o espelhinho de frente para elas.

Havia um detalhe que Aru não tinha notado antes.

A visão sem feitiço do salão não havia mudado, porém os olhos da Aru detectaram um detalhe: marcas de mão aqui e ali. Marcas de *cinzas*. Será que o cheiro de queimado vinha da própria Madame Bee? Aru teve um clique. Tudo começou a fazer sentido. Até o nome do salão. *Bee Asura*. B. Asura. Aru baixou a voz e sussurrou:

– Eu sei quem ela é. Ela é Brahmasura! A asura que conseguia tocar em qualquer pessoa e transformá-la em cinzas!

– E de que serve saber isso? – Mini sussurrou.

– Porque agora nós sabemos como derrotá-la.

– Sabemos?

– Sabemos – disse Aru, dessa vez com mais convicção. – Fica com o espelhinho na mão. Acho que ele não mostra apenas o que é ilusão, também consegue produzi-las.

– Como produziu a bola – disse Mini, entendendo tudo.

Justo então, Brahmasura se aproximou.

– Isso não foi muito legal, crianças – cantarolou. – Não sabem que demônios consideram uma coisa extremamente mal-educada ser esbofeteado no rosto com luz celestial? Isso... revela coisas.

Bem diante de seus olhos, a pele da Brahmasura começou a enrugar e ficar flácida. Os dentes caíram pelos lábios, que murchavam. O nariz se alongou até virar um focinho e presas emergiram nos dois lados.

Aru quase vomitou.

A cabeça da asura virou na direção delas. Ela lambeu os lábios.

– Achei vocês – ela disse com voz macia e melódica. Avançou engatinhando. – Então estão vendo o que sou de verdade, não é? Tudo bem. Sempre achei que mulheres são boas em enxergar o que existe por trás das ilusões.

Mini segurou o estojo de pó compacto com força. Ela tremia. Aru segurou sua outra mão.

– Pobres Pândavazinhas. – Brahmasura riu. – E acharam que poderiam ser heróis?

Ao ouvir isso, Mini estreitou os olhos.

– Na verdade, heroínas. Somos *meninas*.

Madame Bee riu. Então engatinhou mais rápido, como uma aranha mutante medonha e rastejante.

– Espera! – Aru gritou. – Eu não atacaria a gente, se fosse você – ela seguiu falando sem fôlego. – Afinal, perdeu algo. Não vai querer de volta? – Ela assentiu para Mini, em cuja testa gotas de suor reluziam.

Mini então enfiou a mão no bolso da jaqueta e pegou um graveto com flores azuis luminosas. Afastou-se o máximo. A asura mostrou os dentes. Mini não hesitou em acenar o graveto na cara da Brahmasura. Madame Bee o reconheceu e soltou um berro.

– Onde pegou isso?

– Roubamos – Aru respondeu. – Você o deixou cair quando bateu a cabeça na mesa.

Mini se afastou lentamente. Numa das mesas do salão, havia um secador de cabelo. Mini o pegou sem fazer barulho, acenando exageradamente com uma mão. *Não consigo segurar por muito mais*, verbalizou com movimentos da boca, mas sem emitir som. Seus dedos estavam ficando brancos com o esforço de produzir a ilusão do raminho da juventude.

Só mais um instante, Aru pensou.

De leve, a asura apalpou a própria cabeça, cautelosa para evitar tocá-la com a mão mortífera. Quando as costas dos dedos tocaram no verdadeiro raminho da juventude, ela fez uma careta desdenhosa.

– Suas bobinhas mentirosas – Madame Bee disse. – Sono foi dilacerado. Podemos nos deleitar sem medo. Vocês realmente acharam que conseguiriam...

– Agora, Mini! – Aru gritou.

Mini ligou o secador de cabelo. Brahmasura urrou quando o ar quente atingiu seu rosto. Os cabelos longos e oleosos chicotearam, e o demônio os estapeou, tentando jogá-los para trás sem encostar neles. Mini fechou os olhos, correu para a frente e bateu o secador em cima da mão da asura.

A palma do demônio aterrissou com um baque seco no seu próprio couro cabeludo. Um grito horrível ondulou pelo ar. Labaredas explodiram em torno da mão da Brahmasura.

Aru arrancou Mini do caminho.

Imediatamente, o cheiro de queimado tomou conta do ambiente. O salão ficou inundado de luz, e Aru cobriu o rosto. Seus ouvidos latejavam com o som dos gritos da Madame Bee.

Quando Aru finalmente conseguiu olhar, seus olhos foram direto para Mini, que estava de quatro, vasculhando o chão. Até que se sentou, sorrindo vitoriosa.

– Caiu. – Orgulhosa, ela exibiu uma coisa que segurava na mão: o reluzente raminho da juventude. O verdadeiro.

Ao seu lado, ainda soltando fumaça, jazia uma pilha com as cinzas do demônio.

DOZE

Que venha o próximo demônio! Espera, melhor não...

Mini segurou o raminho da juventude com o braço bem esticado.

– Mini, por que está segurando assim?

– É obviamente um perigo biológico! E se estiver contaminado? Estava nos *cabelos* de um demônio durante vai saber quanto tempo. E como ela conseguiu botar nos cabelos se tudo que toca vira cinza?

Aru pensou em todos os produtos de cabelo e frascos do salão.

– Acho que seu toque só queimava coisas vivas.

– Não acha que o raminho seja uma coisa viva?

– É uma chave para o Reino da Morte – disse Aru. – É impossível matar a morte.

Agora Mini parecia até mais desconfiada em relação ao raminho.

– Será que pode acontecer alguma coisa comigo? Por eu estar segurando? Tipo, fazer com que eu fique jovem pra sempre?

– Isso é ruim? – Aru não se importaria em nunca ter rugas. Sendo criança para sempre, teria direito ao começo da fila. E poderia continuar ganhando desconto de criança na sorveteria.

– Olha pra mim! – disse Mini. – Eu seria baixinha pra sempre! Isso é... isso é muito assustador.

Aru tirou um lenço de papel amassado do bolso.

– Se está preocupada, use isso aqui pra não ter que tocar no raminho da juventude por tempo demais.

Mini olhou para o lencinho com uma expressão preocupada.

– Tá usado?

Sim.

– Claro que não.

– Então por que estava no seu bolso?

Aru ergueu o queixo.

– A realeza britânica sempre carrega lencinhos amassados. Porém os deles são de tecido.

– Tenho certeza de que...

– Baixinha para sempre? – Aru perguntou, balançando o pedaço de papel.

Suspirando, Mini pegou o lenço e o enrolou em volta do raminho. Elas

deram uma última olhada nas cinzas da Brahmasura enquanto se dirigiam até a porta.

– Abatemos o primeiro dragão! – disse Aru, erguendo a mão para um “bate aqui”.

Mini recuou.

– Você não deveria tocar na mão das pessoas. É o jeito mais rápido de pegar um resfriado. Ou gripe. E se não tiver sido vacinada, pode morrer.

– Sim, mas talvez não permaneça morta. Eu achava que a Brahmasura tinha sido morta há um tempão.

– Talvez as almas dos demônios também consigam reencarnar. Assim como nós.

Essa ideia não era muito reconfortante. Aru baixou a mão. (Nada é mais constrangedor que um “bate aqui” sem recíproca... principalmente depois que já passou um tempo e não dá para seguir fingindo que estava apenas se espreguiçando.)

Vendo a decepção da Aru, Mini deu outra sugestão:

– Que tal um cutucão de cotovelo em vez disso? É higiênico e divertido!

Aru franziu a testa.

– Você parece um daqueles cartazes de consultório médico.

– Eu gosto daqueles cartazes... São informativos. E coloridos.

Aru riu.

– Tudo bem, então.

As meninas bateram os cotovelos.

Assim que saíram pela porta, Aru foi tomada por uma sensação de tem-algo-errado-aqui. Antes de terem entrado no salão da Madame Bee, o tempo lá fora estava um pouco frio e com vento. Agora não havia mais vento algum, e a temperatura estava gelada. Quando entraram era começo da tarde, mas agora era quase noite. O céu estava da cor de um machucado. Aru olhou para o estacionamento, onde uma árvore atrofiada tinha perdido quase todas as folhas. Uma folha rodopiava lentamente até o chão. Um pouco lentamente demais.

Do alto, um bater de asas fez Aru recuar e gritar:

– Pare aí mesmo, Sono, estou armada e sou perigosa!

Mas daí ela percebeu que a coisa com asas era Buu.

– Sem noção! – ele a reprimiu. – Não saia gritando o nome dele por aí!

Ele desceu, resmungando, dando bicadas no cabelo delas e as encarando.

– Por que demoraram tanto? – perguntou.

– Desculpa aí, mas somos guerreiras pensantes – Aru respondeu, apurando o pijama mal-ajambrado com o máximo de dignidade possível.

– Tivemos de desenvolver um plano. Tivemos de analisar a situação. Tivemos de...

– Gritar, quase morrer, revidar um demônio com um secador de cabelo – Mini concluiu.

– É nesse momento que vocês deixam de me entreter com as historinhas da sua incompetência e me surpreendem? – Buu perguntou com esperança.

Mini acenou o raminho da juventude.

– Uma chave a gente já tem, agora faltam duas! Próxima: mordida de maturidade.

Aru quis rir, mas seus olhos insistiam em se dirigir à árvore no estacionamento. Seu pijama fininho não estava conseguindo protegê-la do frio.

– Aposto que se safaram por sorte – Buu bufou, vibrando as penas.

Aru teria argumentado, mas percebeu algo: Buu se *importava* com elas.

– Você gosta da gente! – caçoou. – Ficou preocupado!

– Humpf – Buu bufou. – Se tivessem morrido, seria uma mancha negra na minha reputação, então sim, num nível bem básico eu estava... preocupado. – O gostinho de triunfo que Aru sentiu logo desapareceu com o que ele disse em seguida: – E tenho mais motivos para me preocupar. A asura reconheceu vocês?

Aru estremeceu, lembrando de que Brahmasura havia cantarolado Pândavazinhas... Mini assentiu.

– Isso não é bom. Nada bom – disse Buu, bicando o chão de um jeito nervoso. – Sono está tentando encontrar aliados. Mostrem-me o mapa da segunda chave.

Mini ergueu a mão para que o livro com páginas sendo viradas aparecesse na lateral.

– Está no Bazar Noturno – disse Buu, pensativo. – Talvez a gente consiga convencer aquelas Estações arrogantes a lhes darem algumas armas.

– Estações? – Mini repetiu.

Buu ignorou a pergunta e continuou conversando consigo mesmo:

– Essa passou raspando. É até pior do que eu havia imaginado, se Sono falou com Brahmasura.

– Se Sono a conhecia, por que simplesmente não pegou a chave da Brahmasura? – Aru perguntou.

– Ele não consegue enxergar as chaves, e a Brahmasura nunca soube o que o raminho era de verdade. Ela decerto achou que era um enfeite mágico que preservava sua beleza.

– Deixa eu ver se entendi direito – disse Mini. – Sono não consegue enxergar as chaves, mas sabe que a *gente* consegue... O que significa que poderia estar atrás da gente nesse exato momento...

Aquela sensação gelada que Aru estava tendo não era apenas do outono se convertendo sorrateiramente em inverno... Era *ele*. No estacionamento, avistou a mesma vendedora que antes estava fumando. Agora estava encurvada sobre o celular, olhando, a boca paralisada numa expressão de desagrado. Ela estava congelada.

– É... Mini? Buu?

– O que foi? – Buu respondeu de um jeito ríspido. – Nós precisamos pensar num plano caso ele encontre vocês!

– Eu... eu acho que ele já encontrou.

Aru observou horrorizada quando uma linha preta surgiu no céu, como se alguém tivesse aberto o zíper do crepúsculo para mostrar a noite pairando sob sua pele.

– Temos que sair daqui! – ela gritou.

Mini enfiou o raminho da juventude na mochila e catou Buu no ar.

– Lembrem como acessar o Outromundo! – Buu sussurrou. – Busquem a luz, olhem sem olhar, e toquem no segundo... – Mas o resto das palavras foram afogadas conforme uma rajada de vento as jogara para trás.

Aru teria batido contra a porta do salão se Mini não a tivesse segurado pelo braço. Juntas, tocaram o segundo símbolo de chave, na lateral das mãos. O vento uivou. Aru pôde sentir o familiar clarão de canto de olho, mas outra coisa chamou sua atenção.

Uma forma escura começou a emergir do concreto do estacionamento, uma forma imensa de tinta rodopiante e gelo. E junto uma gargalhada. Os pelos da nuca de Aru se arrepiaram. Ela *conhecia* aquela risada. Era a mesma que ouviu quando acendeu a lâmpada. Uma mancha de gelo se espalhou nos lugares onde Sono havia pisado, cobrindo tudo pelo caminho.

Uma dor poderosa atravessou Aru. Todas as coisas congeladas – folha, pedra e humana – a faziam lembrar de uma pessoa: sua *mãe*.

Hanuman havia lhe garantido que sua mãe não sentiria dor. Mas por mais quanto tempo ela permaneceria daquele jeito? No meio da palma da mão, o número oito começava a mudar de forma. Seu tempo estava acabando.

E agora Sono as havia encontrado.

– Aru! – Mini gritou. – Vem!

Mini estava a dois palmos dela e parada com metade do corpo dentro, metade fora, de um corte de luz. Ela estendeu a mão, e Aru correu para pegá-la. Seus dedos encostaram nos de Mini, e aquela fisgada familiar do Outromundo puxou Aru.

Mas daí se rompeu.

Alguma coisa a tinha pego. Ela não conseguia dar um passo adiante.

– Vem, Aru! – Buu gritou.

Aru ofegou. Alguma coisa estava lhe espremendo. Ela engasgou e tossiu. Escuridão invadia o canto da sua visão. Uma cauda preta, de cobra, se enroscou no seu pulso. Ela estava presa.

– Eu... eu não consigo – ela cuspiu.

Mini puxou o braço dela, tentando trazê-la para dentro do portal. Conforme Aru se debatia, ouviu uma voz no seu ouvido: *Igualzinho a sua mãe, não é Aru? Escorregadia e embusteira...*

Um bater de asas roçou seu rosto.

– Sai! Sai! Sai! – Buu gritou. Ele picou violentamente as caudas do Sono até que elas estremececeram, soltando o suficiente para permitir que Aru pegasse a bola dourada no bolso. Agora tinha um tom fosco de dourado, não mais reluzente a ponto de cegar, como quando foi usada contra Brahmasura.

– FAÇA ALGUMA COISA! – gritou para a esfera, todo o pânico focado como um raio laser. Ela a imaginou se iluminando, transformando-se numa espada, virando uma serpente feita de luz, *qualquer* coisa que pudesse tirá-la dali...

Houve uma explosão de luz e as caudas de serpente se soltaram.

Aru pulou até o portal. Os gritos raivosos do Sono a perseguiram enquanto ela atravessava. Finalmente, aterrissou de bunda (coisa que doeu bem mais do que deveria, pois não tinha muito acolchoado embutido) no meio de uma floresta.

Através da costura ainda aberta surgiu o braço de um homem, apalpando para a direita e para a esquerda, tentando pegá-las.

Mini começou a dar pauladas na mão com o raminho da juventude,

gritando:

– Eu – *paulada* – não – *paulada* – gosto – *paulada* – de – *paulada* – você!

Para Aru, aquilo não soou nada cruel, mas vindo de Mini, era o mais violento possível.

Com uma *paulada* final, o braço retrocedeu. Buu entrou voando pelo vão do portal, bicando a linha de luz como se estivesse fechando um zíper. Depois de um clarão final, o portal e a mão desapareceram completamente. Quando Aru abriu a palma da mão, a bola voltou.

Buu esvoaçou até o chão, as asas caídas de exaustão.

Aru o acolheu e abraçou.

– Obrigada – ela disse.

– Nada de grude! – Buu bufou. Mas não se afastou.

– Aquele era Sono, né? – Aru perguntou.

Não havia como confundir a voz, ou a risada. Sentia pontadas de culpa. Foi *ela* quem o soltara no mundo.

– Ele sabia onde a gente estava – disse Mini, segurando firme na mochila. – E agora sabe onde a segunda chave está!

Buu se soltou dos braços de Aru.

– Não. Ele não sabe. Eu troquei a localização do portal no último minuto para esconder nosso paradeiro.

Eles estavam cercados por vegetação. Aru não avistou uma única pessoa. Qualquer que fosse o lugar para onde Buu as havia levado, não estava no mesmo fuso horário do salão, pois ali ainda era dia. Não que houvesse muita luz. Acima, carvalhos solenes bloqueavam a maior parte dos raios, então sobrava pouca luz para iluminar a floresta escura como chocolate.

– Vocês estão seguras, mas não por muito tempo – disse Buu. – Sono estará atento a qualquer sinal de magia. Nós precisamos de proteção adicional para chegar ao Bazar Noturno, onde a segunda chave se encontra.

– Proteção? Tipo seguro de viagem? – Mini perguntou.

– O que é isso? – Buu perguntou. – Quer saber de uma coisa? Esquece que eu perguntei.

– Será que não podemos pedir uma ajuda para os deuses? – Aru sugeriu. – Eles não iam simplesmente largar a gente com uma bola e um espelhinho, né? – Aru se sentiu boba por ter esperança de que seus pais de alma demonstrariam mais interesse, mas isso não a impediu de olhar para o céu, imaginando se avistaria uma mensagem soletrada em raios. Apenas para ela.

- Eu falei pra vocês: eles não vão se meter em assuntos humanos.
- Que tal em assuntos de semideusas? – Aru perguntou.
- Eles *não* se metem. É a regra deles.
- Então *quem* é que vai nos ajudar?

Buu pareceu perdido em pensamentos por um bom tempo. Andou em círculos pelo chão, daí cambaleou até um pequeno formigueiro ao lado de um tronco caído. Ficou olhando.

- Acho que sei de uma pessoa que teria muito interesse em conhecer vocês – disse lentamente. – Se ao menos conseguisse encontrá-lo. Hum... Ah, espera! Ali! Estão vendo aquilo?

Ele estava apontando para a terra. Aru e Mini trocaram olhares ansiosos. Mini fez um gesto sutil, girando o dedo perto da cabeça: *Ele pirou de vez*. Buu lançou um olhar furioso para elas.

- Não. *Olhem*.

Aru chegou mais perto e viu a fina linha de formigas se afastando do tronco e subindo por uma pilha de folhas.

- Devemos seguir as formigas – disse Buu.
- Ah tá – Aru disse para Mini. – Pirou de vez.
- Nós seguimos as formigas, pois todas as formigas vão para Valmiki.
- Valmiki? Ele está vivo? – Mini perguntou em choque. – Mas ele viveu há milhares de anos!
- Você também – disse Buu, seco.
- Quem é Valmiki? – Aru perguntou. O nome soava familiar, mas não conseguia se lembrar de onde.
- O sábio do aprendizado – explicou Mini. – Ele é a pessoa que escreveu o *Ramayana*!

Além do *Mahabharata*, o *Ramayana* era outro antigo poema épico que muitos indianos conheciam. Contava a história de Rama, uma das reencarnações do deus Vishnu, que lutou contra um demônio de dez cabeças para salvar a esposa. A mãe de Aru colecionava algumas obras de arte retratando as aventuras de Rama, e Aru conseguiu se lembrar da imagem de um sábio sentado num formigueiro. Ela também se lembrou de outra coisa a respeito dele:

- Valmiki não era um assassino?
- Bem, ele começou como um – disse Mini.
- Mesmo que você tenha cometido assassinato apenas uma vez, *continua*

sendo um assassino...

– Ele mudou – atalhou Buu. – Durante muitos anos, Valmiki permaneceu sentado, entoando a palavra *mara*, que quer dizer matar. Mas com o tempo o canto mudou e virou *Rama*, outro nome do deus.

– E daí um monte de formigas o cercou, e foi assim que ele ganhou o nome dele! – acrescentou Mini. – Em sânscrito significa *nascido de um formigueiro*.

Aru não tinha tanta certeza de que as pessoas fossem capazes de mudar de verdade. Em várias ocasiões, sua mãe havia prometido que as coisas seriam diferentes. Às vezes, ela mantinha a palavra por uns seis dias. Durante esses dias, acompanhava Aru durante a caminhada até a escola, preparava jantares não-tão-sem-gosto, até conversava sobre assuntos que não fossem sua mais recente aquisição para o museu.

Mas no fim tudo sempre voltava ao normal.

Mesmo assim, aquela mãe era melhor que uma mãe congelada. Aru engoliu a vontade de chorar. O que estavam fazendo ali? Precisavam pegar aquelas armas celestiais, e rápido!

– Pessoas *podem* mudar – Buu acrescentou. Seus olhos pareciam muito cientes naquele momento, como se tivesse lido os pensamentos de Aru. Ela também não deixou de notar que Buu parecia um pouco na defensiva.

– Tudo bem, se você diz. Mas por que a gente tem que encontrar esse cara?
– Aru perguntou.

– Valmiki é muito sábio – disse Buu. – Ele reuniu todo tipo de mantra, palavras sagradas que vão lhes ajudar. Porém, fiquem sabendo que ele ainda é terrível...

– Por quê? – Aru perguntou em choque. – Porque ele era um assassino?

– Pior – respondeu Buu. – Ele é... – ele baixou a voz – um *escritor*. – Ele balançou a cabeça num sinal de desgosto.

Buu e Mini começaram a andar (bem, Mini andou enquanto Buu foi no seu ombro), seguindo a trilha das formigas. O chão estava escuro, e encontrar os insetos era como tentar catar grãos de pimenta num pano preto.

– Não consigo mais enxergar as formigas – Mini disse.

– Usa a luz do celular – disse Aru.

– Não dá – explicou Mini. – Descarregou antes de vocês virem me buscar. Você não tem um?

Aru resmungou:

– Não. Minha mãe só vai deixar eu ter no ano que vem.
– Eu consigo enxergar perfeitamente bem – disse Buu, abrindo caminho com cuidado entre a grama.

Essa provavelmente foi a única vez que foi útil ter um parceiro pombo.

Adiante havia várias árvores mirradas. Entre elas, uma rocha marrom que Aru teve quase certeza de que não estava ali quando estavam um pouco mais longe. Buu caminhou até a coisa e deu duas bicadas.

– Valmiki! Precisamos da sua ajuda!

Era imaginação da Aru ou a rocha se mexeu um pouco?

– Ah, sai daí...

Aru olhou mais perto. O que parecia ser uma rocha na verdade era um formigueiro gigante. Ela sacudiu cada um dos pés, tremendo um pouco. E se as formigas estivessem subindo nas suas pernas? Os insetos no morro começaram a se mover rapidamente, para a frente e para trás, formando linhas que finalmente soletraram as palavras:

A NÃO SER QUE SUA VIDA VOCÊ QUEIRA AMALDIÇOAR EIS O
TEMPO PARA EM VERSO SE FALAR

TREZE

O *hipster* no formigueiro

A
Valmiki:

–h, não – disse Buu.

– O que foi? – Aru perguntou.

– Odeio poemas com rima.

As formigas se reorganizaram numa nova mensagem de

SE ISSO FOR VERDADEIRO
ENTÃO TAMBÉM TE ODEIO

– Poetas são tão dramáticos – disse Buu.

– Ó, Senhor do Aprendizado – Mini disse timidamente –, ansiamos por sua proteção, modo de dizer. Se o Senhor conversar com a gente, teremos... grande prazer. Temos uma chave mágica, entende, e se o senhor odeia Buu, espero que não odeie a mim e Aru. Não queremos morrer. É verdade, pode crer. Ajude essas pobres meninas e esse amigo em forma de ave. Assim acharemos as outras chaves.

As sobrancelhas de Aru foram parar no topo da testa. Ela jamais seria capaz de criar uma rima. Sem dúvida, ia demorar um tempão.

O formigueiro fez uma pausa, pensativo.

SUAS RIMAS DEIXAM A DESEJAR,
MAS TALVEZ EU SAIBA COMO AJUDAR

Rachaduras começaram a aparecer no formigueiro.

Gradualmente, ele se estilhaçou como gelo seco sobre uma poça, e uma cabeça emergiu. Um olho castanho-claro as encarou. Outro olho abriu com uma piscada. Daí o formigueiro rachou no meio para revelar um senhor idoso sentado no chão, de pernas cruzadas. Os cabelos grisalhos estavam presos num coque, e ele usava um par de óculos coloridos e uma barba muito bem aparada. Na sua camiseta estava escrito: NÃO SOU HIPSTER. Ele pegou uma caneca com canudo que surgiu do nada, pairando no ar. A bebida cor de laranja absorvia a luz.

– Eu lhes ofereceria um pouco de chá de açafrão, mas vocês me interromperam no ápice da criação. Estou tentando escrever um livro, sabem como é? Algo com cinquenta páginas, e que pare em pé. Mas não consigo encontrar uma boa abertura... Talvez com pessoas na floresta, numa aventura?

– Ou poderia ser superchato e começar com elas acordando – Aru sugeriu.
Mini olhou feio para ela.

– Precisamos de proteção – Aru continuou. – É urgente, e...

– Você deve se expressar em rima, ou então não terá minha estima – disse Valmiki, tranquilo.

Do nada, surgiu uma máquina de escrever. Ele começou a teclar furiosamente. Aru achou melhor não comentar que não havia papel. Era só para se exhibir? Parecia estranho ter de anunciar *Olhem para mim, estou escrevendo!* Mas, até aí, escritores são bem estranhos.

– Comporte-se mais como a sua irmã! – Buu a repreendeu.

Aru desconfiou que essa não seria a última vez que ouviria essa frase. Ela apertou o bico de Buu até que ele se calasse, coisa que o irritou.

Na verdade, o talento da Mini para compor rimas era muito mais um motivo de admiração que inveja. O único jeito de *ela* conseguir ajudar seria se Valmiki gostasse de poesia *beatnik*. Eles tinham acabado de estudar isso na aula de inglês, então Aru conseguiria estalar os dedos num ritmo e começar a gritar sobre supermercados com frutas neon, mas não achou que isso teria alguma utilidade no momento.

– Roubamos o raminho da juventude de um demônio supergrandão – Mini continuou. – Mas agora precisamos pegar armas com as... – Mini interrompeu e olhou para Buu.

– Estações – ele murmurou.

– Estações?

Valmiki fez cara de espanto, como quem diz: *Vocês estão forçando a barra do que é uma rima, mas por outro lado, estão com um prazo que não anima...*

Mini seguiu, apressada:

– Buu disse que o senhor poderia nos proteger do mal; esperamos que ele tenha dito... a real.

Valmiki apoiou as costas no formigueiro e acariciou a barba lentamente. Existem duas maneiras de se acariciar uma barba. Existe o jeito vilão eu-sou-devastador-mas-também--amo-a-textura-da-minha-barba, e o jeito pensativo será-que-essa-barba-me-deixa-com-cara-de-devastador. Valmiki pertencia ao segundo tipo.

– Para aprender a coisa certa a se falar, existe um preço que se deve pagar.

Mini abriu a mochila e mostrou.

– Dinheiro eu não tenho, não – disse Mini. – Talvez Aru possa pagar uma

taxa de contribuição?

Aru apalpou os bolsos.

– Não tenho nada – ela respondeu antes de lembrar que tinha de ser rimado e acrescentou: – só encontrei um rombo. Mas e o pombo?

– Eu não estou à venda!

Aru suspirou.

– Então leva como prenda...

Ei, rimou!

– Não quero nada que tenham para barganhar; quero as histórias que podem me ajudar a contar. – Valmiki se debruçou sobre a máquina de escrever e curvou os dedos. – Essa é uma nova era de épicos, minha gente – disse o sábio-poeta. – E eu tenho duas Pândavas à minha frente! Temos todas as lendas e poemas de amor, mas está na hora de oferecer algo com mais teor. Prometam que me darão um dia de suas vidas de presente, e lhes darei a bênção de um caminho menos tortuoso pela frente.

Então Valmiki queria escrever suas biografias? Sim, por favor! Isso parecia... incrível. Aru já estava pensando em títulos para a sua:

A Lenda de Aru

As Crônicas de Aru

As...

– Aru? – Mini chamou. – Com os termos desse senhor você pode concordar? São poucas as desvantagens que eu tenho a apontar.

Tudo bem. As Crônicas de Aru e Mini.

– Espera! – disse Buu. – Não vão entregar os direitos das suas vidas assim, sem acordo formal! O dia há de ser um dia trivial. E por dia entenda-se vinte e quatro horas de um mortal. Concorde, ou então enfrentará o poderio divinal.

Aru nem tinha pensado nisso. Essa era oficialmente a segunda vez que ficou feliz por ter um pombo de guardião.

Valmiki encolheu os ombros, mas parecia um pouco insatisfeito.

– Não se deve pressionar se queres um trabalho bem-feito!

– E você se achando o perfeito! – disse Buu todo cheio de si.

Ainda bem que Buu respondeu, pois a única coisa em que Aru conseguiu pensar para rimar com *bem-feito* foi *peido*, sendo que não dá para lançar uma palavra dessas quando se conversa com um lendário sábio-poeta.

– Então, meus amigos, o que dizem: chegamos à uma conclusão? – perguntou Valmiki. – Um movimento de cabeça é suficiente confirmação.

Um dia eu volto para receber minha remuneração. Até lá, Pândavas, avancem na missão.

Aru sorriu, mexendo a cabeça tão rápido que achou que poderia perdê-la. Mini, como sempre, foi mais cautelosa. Ela observou Valmiki por um tempão antes de assentir.

Valmiki sorriu.

– Essa rima não vai salvar sua vida, que é feita de clareza, mas ela há de lhes proteger da invisibilidade. Repita uma vez; com cuidado para não tropeçar, ou então um monstro pode lhes devorar. Agora, repitam comigo, pequenas heroínas, pois não quero que acabem em ruínas.

Mini e Aru chegaram mais perto.

– Deixe de olhar, deixe de enxergar, algo como eu não há – disse Valmiki.

As palavras atravessaram Aru, tão poderosas que imaginou poder vê-las fluando à volta. Antes que conseguissem agradecer Valmiki, ele afundou de volta para dentro do formigueiro e este se fechou à sua volta.

– Agora que vocês têm o mantra – disse Buu –, vamos tentar de novo alcançar o local da segunda chave. Sono não deve conseguir encontrá-las dessa vez.

Não *deve*, mas *pode*.

Aru tomou coragem, e ela e Mini disseram as palavras em voz alta. “Deixe de olhar, deixe de enxergar, algo como eu não há.” Até esse momento, Aru nunca tinha dado muita atenção ao gosto de uma palavra ou frase. Às vezes, quando dizia algo cruel, ficava um gostinho amargo depois. Mas quando disse o mantra de Valmiki, ela *sentiu* magia na língua, como bolinhas efervescentes.

A última coisa que Aru viu antes de tocar no símbolo da segunda chave no mapa mehndi foram algumas novas palavras na rocha. As formigas poetas soletraram o que parecia ser o primeiro rascunho (bem ruim) de um poema épico (mas, até aí, todo primeiro rascunho é terrível):

A NOITE ERA CHUVOSA E ESCURA
QUANDO MENINAS E POMBO PARTIRAM NUMA AVENTURA
PARA IMPEDIR SONO EM SUA TENTATIVA
DE DESPERTAR O DESCANSO DO SENHOR SHIVA

CATORZE

Uma viagem ao mercado

Alguma coisa encostou em Aru conforme ela atravessava para o Outromundo. Garras raspando levemente no seu corpo. Aru não se sentiu segura. Teve aquela sensação arrepiante de estar sendo observada. Olhou para baixo e avistou uma coisa que quase fez seu sangue congelar:

A ponta de um rabo preto e grosso cravejado de estrelas. Ele deslizou sobre seus pés. Enquanto isso ela murmurava:

– Deixe de olhar, deixe de enxergar, algo como eu não há.

A coisa toda deve ter durado um minuto talvez. Nesse meio-tempo, Aru ouviu a voz de Sono em sua cabeça. *Igualzinha a sua mãe. Escorregadia e embusteira.*

Como Sono podia conhecer a sua mãe? Isso significava que a mãe da Mini era uma heroína também? Essa não era a primeira (ou última) vez que Aru se perguntava por que sua mãe manteve tudo em segredo. Por que Mini foi informada e ela não?

Um clarão surgiu acima. Aru olhou à volta e viu que estava parada em outro estacionamento. Mini e Buu estavam ali. Ela não soube dizer em que cidade foram parar, mas era um pouco mais quente que o lugar anterior. Ali, o outono dava um toque dourado ao mundo. O céu estava claro, e as nuvens pareciam mais próximas, como se pendessem por conta de uma chuva armazenada.

– Por que a gente sempre vai parar em estacionamentos? – Mini perguntou.

– Melhor isso que no meio da rua – Buu respondeu.

Eles estavam parados na frente de um supermercado atacadista. Enormes carrinhos de compra vermelhos estavam alinhados próximos a fardos de feno. As árvores com suas folhas em tom escarlate e açafrão estavam tão vívidas que parecia que alguém tinha coberto cada folha com papel alumínio dourado.

Aru sentiu uma coceira na palma da mão. Olhou e viu que o número oito havia desaparecido, substituído por uma marca nova e reluzente:



– Que diabos significa isso? – perguntou. – Por favor, diga que o universo

ficou com dó da gente e que em sânscrito isso significa *curtam um dia sem demônios* e não o número três, que é o que parece ser.

Mini examinou a mão de Aru.

– Não é o número três.

– Eba!

– É o número seis.

– O QUÊ?

– *Saat*. Seis – Mini leu. Ela franziu as sobrancelhas e se virou para Buu: – Mas ontem, nossos mapas diziam que tínhamos oito dias pela frente! O que aconteceu?

Buu sacudiu as penas.

– Viajar para o Outromundo tem um custo. O tempo nem sempre adere aos padrões dos mortais.

– Mas isso significa... significa que estou acordada há setenta e duas horas?

– Mini gemeu. – Eu devia estar morta! Estou morta?

Aru a beliscou.

– Ai!

– Não. Vivinha da Silva.

Mini esfregou o braço e fez uma careta.

– Vocês são Pândavas – Buu disse. – Precisam de menos sono e comida que os mortais. Mas de vez em quando precisam de alguma coisa para permanecerem fortes. Vamos pegar uns lanchinhos aí dentro.

– Dentro desse supermercado? – Aru perguntou.

Não que ela tivesse alguma objeção. Ao contrário, um pacote tamanho industrial de Oreo era exatamente do que ela precisava.

– Esse não é um supermercado qualquer – disse Buu, orgulhoso. – Para as pessoas do Outromundo, torna-se uma loja diferente dependendo de quem é e do que precisa. Para nós, será o Bazar Noturno. Dentro, encontraremos as Estações e pediremos que confeccionem armaduras. Afinal, iremos atrás da segunda chave.

Aru esperava de todo o coração que a segunda chave estivesse localizada junto a um pacote tamanho industrial de Oreo. Mas qualquer pensamento sobre bolachas recheadas rapidamente desapareceu com o que Mini disse em seguida:

– Topo ir pra qualquer lugar, contanto que a gente não esbarre com Sono de novo. Viram a cara dele quando a gente deixou Valmiki? Ele estava *bem* do

meu lado! Eu podia jurar que ele queria alguma coisa. Até *encostou* em mim!
– Ela estremeceu. – Pelo menos, acho que foi ele. Era uma cauda de cobra gigante. Mas parecia ele.

– Sono disse alguma coisa pra você? – Aru perguntou.

Mini franziu a testa.

– Não. E pra você?

Aru hesitou.

– Antes. Da última vez que tentamos atravessar para o... seja lá o que for esse lugar. Ele falou dentro da minha cabeça, e me comparou à minha mãe. Me chamou de embusteira que nem ela. Foi tão estranho.

Buu, no topo da cabeça da Mini, parecia estar tentando se encolher.

– Você sabe alguma coisa a respeito disso, Buu? – Aru perguntou.

– Eu? Não. Nada! – ele grasnou. – Vamos lá!

– Se ele descobriu onde a gente estava da última vez, e se é capaz de nos encontrar quando estamos viajando de um lugar para outro, decerto consegue encontrar de novo, mesmo que a gente tenha o mantra para cobrir nosso rastro – disse Mini.

– O que a gente faz se Sono nos alcançar?

– Corremos mais rápido que ele – disse Buu. E, com isso, voou em direção à entrada do supermercado.

Aru estava prestes a fazer uma piadinha com Mini, mas ela tinha se virado e estava correndo em meio à selva de carros estacionados e carrinhos de compra abandonados.

– Ei, Mini! Achei você! – Aru gritou.

Aru deu duas voltas na Seção A do estacionamento antes de avistá-la. Mini estava enrodilhada no capô de uma minivan que proclamava MEU FILHO É UM ESTUDANTE NOTA 10.

Quando Aru a alcançou, Mini não virou a cabeça. Só ficou traçando o símbolo em sânscrito na palma da mão.

– Você vai me deixar pra trás, não é? – Mini perguntou baixinho.

– O quê? Por que acha isso?

– Eu não sou tão boa quanto você nesse... nesse... Eu nem devia ter saído em missão ou coisa do tipo! Da primeira vez que minha mãe me levou pro Outromundo eu vomitei. Os guardiões da fronteira nem me deixaram atravessar.

– É melhor que o meu caso – disse Aru. – Minha mãe nem me levou pro Outromundo. Pelo menos sua mãe te contou sobre todas essas coisas.

– Ela precisava contar. – Mini fungou. – Ela é uma *panchakanya*.

– O que é isso? – Aru perguntou. Ela conseguia decifrar o que a palavra queria dizer, mas isso não a ajudou a entender.

Panch. Cinco.

Kanya. Mulher.

– É uma irmandade. Cinco mulheres que são reencarnações de rainhas lendárias de antigas histórias. Atualmente o trabalho delas é nos criar e proteger.

– Então minha mãe faz parte dessa... irmandade? – Aru perguntou.

– Acho que sim – Mini respondeu, um pouco ríspida.

Aru sabia por que Mini tinha alterado o tom de voz. Elas tinham começado a falar dos sentimentos de Mini, e agora estavam falando novamente de Aru. Mas Aru não conseguiu se controlar. Havia tanta coisa que não conhecia... e tanta coisa que *queria* conhecer.

– Você sabe quem são as outras mulheres? Elas se falam por telefone? Conheceu as outras Pândavas? São todas meninas da nossa idade?

Mini balançou a cabeça.

– Nem. – Daí ela estreitou os olhos. – Por quê? Queria ter uma Pândava diferente pra te acompanhar, em vez de mim?

– Não é isso...

– Parece que é – disse Mini. – Mas tudo bem. Estou me acostumando. Segunda opção em tudo. Sempre sou deixada pra trás.

– Isso tem a ver com o que o Buu disse? Que aquela que for mais lerda será pega por Sono?

Ela concordou com a cabeça, fungando.

– Buu só estava dando uma de Buu. Ele é um pombo.

Como se o fato de ser um pombo explicasse o comportamento malvado. Mas no caso de Buu, a observação era verdadeira.

– Eu só... não quero ser deixada pra trás. – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Acontece comigo o tempo todo, e eu detesto.

– Já foi perseguida por um monstro antes, estando na companhia de alguma outra pessoa?

Mini riu, mas como estava chorando, soou como um soluço molhado. Aru se afastou um pouco. A última coisa que queria era ranho molhado. Já

bastava estar coberta com cinzas de monstro.

– Não – respondeu Mini, quando terminou de fungar-soluçar. – Você não sabe como é. Deve ser popular na sua escola. Aposto que é boa em tudo... Você nunca esteve no Outromundo antes e mesmo assim lutou contra Brahmasura bem melhor que eu. Aposto que na escola ninguém te chama de fofqueira. E provavelmente nunca aconteceu de ir a uma festa de aniversário e descobrir que ninguém apareceu porque botaram a data errada no seu convite... As pessoas não fogem de você.

Aru se esforçou para ficar firme. Ela tinha que admitir que ser chamada de fofqueira era a pior coisa que podia acontecer na escola. Ninguém nunca mais te contava nada.

– Você já fez alguma coisa de que tenha se arrependido? – Mini perguntou.

Aru não olhou nos olhos dela. Ela poderia ter dito a verdade em relação a várias coisas. Que não era popular. Que sabia como era a sensação de estar por fora. Que seu melhor talento não era abater monstros... era fingir.

Por um momento, Aru até quis lhe contar a verdade sobre o que aconteceu com a lâmpada. Que não tinha sido um acidente, mas algo que fez de propósito apenas para impressionar pessoas que provavelmente nem mereciam, mas não conseguiu.

Foi boa a sensação de ser considerada algo mais do que era de fato, para variar.

Então fez uma pergunta diferente:

– Se pudesse voltar no tempo e desfofocar alguma coisa... você toparia?

Mini ergueu os olhos.

– Não. Dennis Connor ia mesmo cortar o cabelo da Matilda.

– Então? Por que meter o bedelho?

Esse tipo de coisa acontecia na escola o tempo todo. Aru não estava nem aí. Não era problema seu. Ou sua briga. Mini suspirou.

– Matilda teve que se afastar da escola no ano passado porque adoeceu, e quando fez quimioterapia, ficou careca. O cabelo estava voltando a crescer. Se Dennis o cortasse, ela ia ficar muito triste.

– Viu? – disse Aru. – Você fez uma coisa boa. Além do mais, Dennis tem nome composto. Ele estava pedindo...

Mini riu.

– Então você não é fofqueira... é apenas uma pessoa digna. Como um cavaleiro! Cavaleiros sempre salvam as pessoas.

Mini ergueu a palma da mão. O símbolo saat ainda parecia um três do avesso.

– E o que acontece quando os cavaleiros não são fortes o bastante?

– Mesmo quando falham, continuam sendo cavaleiros – disse Aru. – Agora vamos lá. Buu disse que esse supermercado era de um tipo especial, do Outromundo, e eu quero ver se eles têm papel higiênico especial. Talvez tenham outros itens diferenciados, como desejos a granel ou dentes de dragão ou algo assim. Podemos comprar alguns assim que encontrarmos a segunda chave. O que era mesmo? Uma mordida de maturidade?

Aquilo parecia ter animado Mini. Ela assentiu.

– Você ainda está com a primeira chave? – Aru perguntou.

Mini apalpou a mochila.

– Está bem aqui, ainda embrulhada no seu papel.

– Lencinho.

– Uhum.

– Vamos lá, Sir Mini.

Assim como todo atacadista em que Aru já havia pisado, havia vários clientes entrando e saindo. Mas ali as pessoas mudavam assim que passavam pela porta. Por exemplo, uma mulher empurrando um carrinho em direção à entrada parecia com qualquer mulher que se vê na rua. Sapatos comuns. Cabelo comuns. Roupas comuns.

No minuto em que ela pisou no tapete que dizia BEM-VINDO, de repente estava coberta com penas *douradas*. Como um pássaro gigante! E as penas eram flamejantes nas pontas. Pequenas brasas brilhavam e queimavam, caindo no chão e cuspindo como uma vela que se apaga.

Outra família estava pegando o recibo carimbado na porta antes de sair. Do outro lado do tapete, pareciam com humanos da cabeça para cima, mas da cabeça para baixo eram cobras. No momento em que atravessaram o tapete, eram humanos por inteiro.

O menino-cobra piscou para Mini.

Ela se escondeu dentro de uma cabine telefônica.

– Você é a *Filha da Morte* – Aru sussurrou. – Não entra numa cabine telefônica por causa de um menino.

– Eu não entrei! Tropecei. Não foi porque... você sabe. Não foi por ele ter feito aquela coisa com a boca em que o lábio sobe e os dentes aparecem.

– Quando ele sorriu, você quer dizer?

– Sim – confirmou Mini, esfregando furiosamente as bochechas vermelhas.
– Isso.

Buu as encarou do topo de um carrinho de compras.

– Por que demoraram tanto? Quase comecei a envelhecer.

– Você não envelhece? – Aru perguntou.

– Se precisar, pode usar o raminho da juventude – Mini ofereceu. – Só não sei direito como funciona. Será que a gente te dá uma paulada com ele?

Buu voou até o ombro da Aru e esticou a cabeça em meio aos cabelos.

– A senhorita não há de fazer isso, sua menina maligna!

– Só estava tentando ajudar – disse Mini, cruzando os braços.

– Bem, então pare de tentar antes que acabe matando um de nós – disse Buu. – Agora, antes de entrarem no supermercado, lembrem-se de que não vai se tornar o Bazar Noturno até que parem de olhar tanto.

Aru piscou repetidas vezes.

– Como assim?

– Vão para a seção de congelados e comecem a contar todos os itens de café da manhã. Isso deve ser o suficiente para fazer com que suas mentes se desconectem da realidade e vaguem por aí. Ou podem treinar álgebra. Ou ler *Finnegans Wake*, do James Joyce. Comigo é tiro e queda.

– Parece perigoso... – Mini começou a dizer, mas bastou um olhar da Aru, e ela respirou fundo. – Mas eu sou a Filha da Morte, então parece... algo que eu faria?

Aru sorriu.

No instante em que entraram, Aru sentiu aquele cheiro abafado e industrial de supermercado. Por que tudo era feito de concreto? E era tão frio...

Mesmo que estivessem no meio do verão, quando lá fora estava tão quente que a rua parecia estar derretendo, supermercados sempre eram gelados. Aru desejou ter trazido uma blusa.

No ombro dela, Buu havia construído um estranho ninho para si, usando seus cabelos, e agora observava o ambiente de dentro do cabelo-transformado-em-xale feito uma vovozinha mal-humorada.

– Por aí não! Esse é o caminho para os produtos eletrônicos. Coisas reluzentes demais, muito brilho.

Havia um monte de gente andando ao redor. Mães e pais, e crianças com aqueles tênis estranhos com rodinha na sola. Havia todo tipo de pessoa também: brancos, negros, latinos, orientais, altos, baixos, gordos, magros.

Nem todos pareciam humanos, tampouco. Alguns tinham penas ou pelo, tinham presas ou eram felinos.

Aru arregalou os olhos.

– Eles são todos como... como *nós*?

– Broncos como tijolos? – Buu sugeriu.

– Não, como...

– Heróis franzinos? – Buu sugeriu novamente.

– Aff!

– Eu não sei o que significa *aff*, mas provavelmente não – disse Buu, dando uma de esperto. – Mas se está perguntando se todos têm uma conexão com o Outromundo... sim.

– Como a nossa?

– Como a deles – esclareceu Buu. – Seja lá como for a versão que têm do Outromundo. Mas não vamos entrar em questões metafísicas. Várias coisas podem coexistir. Vários deuses podem habitar o mesmo universo. São como os dedos da mão. São todos diferentes, mas mesmo assim parte da mesma mão.

Eles passaram por um arranjo de árvores em vaso. Macieiras com frutas reluzentes da cor de pérolas. Pereiras com frutas que pareciam ouro maciço. Havia até uma árvore de Natal gigante, brilhando com a chama de centenas de velas aninhadas em seus galhos.

Aru observou quando uma menina ruiva esticou o braço até a árvore de Natal. A menina riu e, bem na frente da Aru, *entrou* na árvore. A árvore deu uma sacudida feliz. Mas assim que ela se acomodou lá dentro, uma mulher alta com cabelos ruivos começou a bater no tronco.

– Saia já daí! – ela disse com um sotaque. Irlandês? – Juro por Dagda, eu vou...

A mulher agarrou um dos galhos do pinheiro, puxando-o como uma orelha, e arrancou a menina de dentro da árvore. A menina parecia bem infeliz.

– Toda. Vez – disse a mulher que aparentava ser a mãe da menina. – É por isso que não pode ir ao parque. Maeve, minha nossa, quando seu pai souber que você...

Mas Aru não conseguiu ouvir o resto da bronca porque as duas viraram e aceleraram o passo no corredor identificado como PRODUTOS DE LIMPEZA.

– Todas essas... pessoas de Outromundo... vêm aqui? Nesse mercado? –

Mini quis saber.

Buu piscou repetidas vezes.

– Quem disse que aos olhos deles parece um mercado? Quem disse que sequer estão nos Estados Unidos? O mundo tem muitas faces, crianças. Ele apenas lhes mostra uma por vez. Agora, andem logo. Aqui o tempo passa ainda mais rápido, e ainda precisam de armaduras e da segunda chave.

– E um lanchinho? – Aru acrescentou, esperançosa.

– Sim, tudo bem, um lanchinho.

QUINZE

Por que tudo que é encantado é tão mal-educado?

Os três pararam no largo corredor de comidas congeladas e começaram a fazer um inventário: sopa de feijão preto, pãezinhos, pizzas, bagels, bagel de pizza, bucho, bacalhau, bagre, peixe do tipo não--acredito-que-não-é-peixe. Nojento. Aru aguardava a mudança na sua percepção, para que a magia despontasse no cantinho do seu campo de visão como estática de televisão. Mas não se sentiu diferente, e suas esperanças de ver algum papel higiênico mágico rapidamente se dissiparam.

– Então é aqui que as pessoas do Outromundo fazem compras? – Mini perguntou.

– E, aparentemente, onde vão procurar armaduras – Aru acrescentou.

Sem falar na busca por uma chave-para-o-Reino-da-Morte.

Durante suas idas ao supermercado, nunca aconteceu de Aru pegar um litro de leite e daí se dirigir para o corredor com um aviso de OBJETOS MORTAIS PONTIAGUDOS. (Infelizmente.)

– O Bazar Noturno teve de se adaptar, se transformar, e responder a situações como famílias que se mudam para novos países e imaginações que evoluem – Buu explicou.

– Então, como era antes...? – Aru começou a perguntar.

– Leia os rótulos – Buu atalhou, irritado.

Mini bocejou.

– Certo... mais pãezinhos sabor pizza... qual a necessidade de tantas marcas diferentes de pãezinhos sabor pizza? Sanduíches de pasta de amendoim. Salmão congelado. – Ela parou. – Sabia que salmão transmite E. coli? Isso mata.

Aru, que estava tremendo de frio por causa da refrigeração, fez uma careta.

– Tudo e qualquer coisa pode matar, Mini! Não precisa ficar lembrando o tempo todo.

Mini aprumou os ombros.

– Minha mãe sempre diz que conhecimento é poder. Só estou tentando tornar a gente mais poderosa.

– E a minha mãe diz que a ignorância é uma bênção – disse Aru, baixinho.

No entanto, ao murmurar essas palavras, parou para pensar. Ignorância não

tinha sido uma bênção. Nem um pouco. Bênção significa felicidade, mas ali estava Aru, sem saber quem era, onde estava ou o que deveria fazer. Será que sua mãe dizia isso por que havia optado por manter Aru no escuro?

Talvez a mãe tivesse agido assim para protegê-la. Era algo que fazia bastante, embora Aru nunca entendesse por quê, até dias (ou mesmo meses) depois. Como na vez que a mãe se desculpou em lágrimas quando ninguém apareceu na sua festa de aniversário no terceiro ano. Ela confessou que havia jogado fora todos os convites sem querer. As duas passaram o dia no cinema e tomaram café da manhã no lugar da janta (o que foi incrível), mas Aru ficou furiosa. Não foi até um ano depois que Aru ficou sabendo a verdade toda, por meio de uma colega de classe. Nenhuma das crianças convidadas quis ir, então a mãe mentiu para que Aru não ficasse magoada.

Aru lembrou-se da história da Mini, de aparecer numa festa de aniversário na data errada. Mini não tinha ideia do quanto as duas tinham em comum...

Mini começou a tagarelar de novo sobre as ofertas da seção.

– Waffles congelados, panquecas congeladas, estrelas congeladas, asas congeladas...

– Espera aí... – disse Aru.

Os olhos da Mini estavam sem foco.

– Profecias congeladas, modelos de sistema solar congelados, ouro congelado, chumbo congelado...

Aru olhou à volta, tentando avistar sinais de magia. Lentamente, sua visão mudou. O supermercado se apagou. O chão de cimento virou terra batida. As luzes fluorescentes do teto pararam de reluzir.

Seus ossos ficaram pesados. Ela se sentiu sonolenta.

E daí... daí foi como cair no sono no meio da aula. Um instante de felicidade perfeita, as pálpebras pesando.

Destruído pelo som de um sino.

Só que não era um sino; era um som alto e grasnado que veio de cima. O teto do mercado havia sumido, e um pássaro disparou no céu. As asas amplas eram da cor do entardecer virando noite. Metade do céu estava iluminado pelo sol e metade pela lua.

– Nossa – Mini inspirou.

Parecia que alguém tinha pegado um mercado antigo e o misturado com um supermercado moderno. Atrás de um painel de vidro, corredores em todas as direções. Até onde Aru podia ver, uma combinação de prateleiras,

mostruários, pequenas lojas e barracas. Uma loja vendia estranhos rolos de seda cujas estampas pareciam raios de luar e laços de água corrente. Ao lado, uma loja da Apple.

Ainda havia carrinhos de supermercado de metal, mas estavam... vivos. A armação de metal se curvava para cima e para baixo como bocas, e um par adicional de alças fazia arcos como sobancelhas. Quando alguém se aproximava, pequenos espinhos de metal brotavam pelo carrinho como pelos eriçados. Eles eram um pouco ferozes. Alguns deles rosnavam. Uma mulher com cauda de cobra xingava alto enquanto lutava com seu carrinho. Finalmente, quando agarrou a barra vermelha com as duas mãos, ele cedeu e permitiu ser conduzido pela triunfante mulher *naga*.

Três placas reluzentes pairavam ao longe, mas Aru não conseguiu ler o que diziam. Quando começou a andar em direção a elas, sentiu uma beliscada na orelha.

– Fica na fila! – Buu exclamou.

Somente então Aru percebeu que estavam parados numa longa fila em frente à entrada do Bazar Noturno, que reluzia do outro lado do painel de vidro.

– Isso é absurdo – disse a naga à sua frente. A mulher-cobra se virou para o marido, seu manto de cobra reluzindo. – Vou perder meu horário no cabeleireiro. Demorou meses para conseguir marcar um horário.

O marido suspirou. Nisso, uma língua bifurcada despontou da boca dele. Ele esfregou a nuca e se afundou mais entre as voltas marrons da cauda.

– É um mundo diferente, *jaani*. Menos protegido. Menos seguro. Além do que, correm boatos de que nenhum dos deuses está conseguindo localizar seus veículos.

Mini puxou a manga do pijama da Aru.

– Você ouviu?

– Claro, Mini. Estou parada bem aqui.

Mini enrubesceu.

– Você acha que eles sabem de So....

Antes que ela pudesse concluir, Buu bicou sua mão. O aviso na cara do pássaro era claro: *Não diga o nome dele*.

– O-você-sabe-quem – ela sussurrou.

– Ele não é o Voldemort!

– Bem, eu não conheço outro jeito de chamá-lo.

Aru sabia que não era para pronunciar o nome de Sono no Bazar Noturno. Decerto seria o equivalente a gritar *Fogo!* num teatro. Todo mundo estava obviamente atento. A multidão transmitia um tipo de energia frenética, como se todos estivessem esperando que alguma coisa desse muito errado. Aru até flagrou um par de conversas sussurradas.

– ... o mundo está simplesmente parando. Grupos inteiros de pessoas e bairros simplesmente congelaram de repente! Mas o padrão não faz o menor sentido! Um lugar no sudeste dos Estados Unidos, outro numa galeria de lojas no centro-oeste?

– Tenho certeza de que tem um bom motivo...

– Os mortais estão perdidinhos...

Aru tentou se encolher. Se alguém olhasse para ela, conseguiria enxergar a culpa? Tudo que fez foi acender uma luz que todo mundo achava que *seria* acesa de qualquer jeito (só que talvez não tão cedo...). Parecia quase coisa de desenho animado, como alguém atirando uma bolinha de neve numa montanha e provocando uma avalanche.

A fila andava rápido. Dentro de minutos, os três estavam parados diante de um homem musculoso com cabeça de touro. Aru reconheceu essa espécie do Outromundo das pinturas do museu. Ele era um *raksha*. Aru quase entrou em pânico. Mas nem todo demônio era mau. Essa era uma das coisas de que mais gostava quando sua mãe lhe contava histórias: vilões podiam ser heroicos, e heróis podiam fazer o mal. *Faz a gente se perguntar quem são os verdadeiros vilões*, a mãe costumava dizer. *Todo mundo tem um pouquinho de bom e de mau dentro de si*.

O raksha as encarou com olhos negros e entediados.

– Esvaziem os bolsos, por favor. Retirem qualquer coisa remotamente encantada e as coloquem nas bandejas à esquerda.

Um par de cestas de cristal flutuou. À direita, uma esteira que parecia feita de ouro fundido. Bem em frente, um arco reluzente que aos olhos de Aru lembrava um detector de metais de aeroporto.

– Aqueles que estiverem portando universos em miniatura, por favor, coloquem-nos nas bandejas à direita. Se não tiver sido registrado, um Devorador de Mundos irá eliminá-lo. Se deseja prestar uma queixa, esqueça. E se for um ser amaldiçoado ou caso tenha sido enfeitiçado, por favor, me avise antes de passar pelo sistema de segurança.

Mini foi a primeira a atravessar. Ela colocou o estojinho de pó compacto

em uma das cestas. Estava prestes a atravessar quando o raksha ergueu o braço.

– A mochila.

Mini entregou a mochila. Ela estava suando e pálida.

– Seja lá o que estiver aí dentro, não é meu. É do meu irmão.

– É o que todas dizem – o raksha retrucou, vasculhando o conteúdo.

Ele a sacudi de ponta-cabeça sobre o balcão. De dentro, surgiu um pacote de Oreos (Aru sentiu uma onda de indignação do tipo VOCÊ-TINHA-UM-ESSE-TEMPO-TODO?), um kit de primeiros socorros, um rolo de gaze, um monte de chaveiros de escoteiros (que provocou cara de espanto em Aru), e um raminho da juventude embrulhado. O raksha os observou enquanto os listava para alguém, conversando por um dispositivo acoplado ao ouvido. Daí apertou um botãozinho na lapela da sua jaqueta e murmurou:

– Positivo. Nenhum sinal de montarias divinais.

Ele recolocou tudo de volta na mochila da Mini e a devolveu.

– Próximo.

Buu esvoaçou até o ombro dele e sussurrou em seu ouvido. Por um momento, o raksha arregalou os olhos.

– Sinto muito, mano. Dureza, hein. Pode prosseguir.

Buu chiou e disparou através do portão.

Em seguida, foi a vez da Aru. Ela depositou a bola de pingue-pongue na bandeja e deu um passo para a frente, e logo o raksha esticou o braço.

– Tire os sapatos. Regras de Segurança do Transporte do Outromundo.

Ela resmungou, tirou os sapatos, e os colocou numa bandeja. Deu um passo adiante, e o raksha a parou. De novo.

– Senhorita, esses pés são seus?

– Você tá falando sério?

– Eu estou com cara de quem tá de gozação?

Aru pensou a respeito.

– Não.

– Então, sim, estou perguntando se esses pés são, de fato, seus. Se reparar no quadro à esquerda, notará as instruções dizendo que qualquer parte corporal removível, sua ou não, deve ser registrada, de acordo com as Regras de Segurança do Transporte do Outromundo.

– Cara, esses pés são meus. Até parece que estou escondendo cascos com fendas.

– Por que especificou cascos com fendas?

– Foi uma brincadeira! É assim que a gente diz na Geórgia, quando não vai com a cara de alguém! E daí a gente acrescenta um *Deus me livre* depois!

O raksha falou para dentro da lapela novamente:

– Ok. Positivo. Potencialmente pequeno, demônio sem registro. – Ele olhou para ela. – Pode passar.

Aru se sentiu insultada. Eu *posso* ser muito *intimidante*! Mas essa não era uma boa hora, não mesmo. Ela atravessou e encarou o raksha até que ele devolvesse a bola.

– Bem-vindos ao Bazar Noturno – ele disse. – Em nome dos deuses e contadores de histórias do mundo todo, desejamos que saiam com suas vidas intactas e sua imaginação assoberbada.

Agora que ela havia atravessado a entrada em forma de arco, o Bazar Noturno realmente se revelou ao redor. O céu semidividido de dia e noite brilhava. E os *cheiros*... Aru teve vontade de rolar neles para sempre. Cheirava a pipoca encharcada de manteiga, sorvete de massa de biscoito, e algodão-doce fresquinho. Ela foi até Mini e Buu, a cabeça virando para um lado e para o outro rápido, tentando ver tudinho: as árvores que não tinham casca, mas *vidro*; as lojas que pareciam literalmente correr atrás da clientela – que quase tropeçou.

– É demais – disse Mini, sorrindo. – E o cheiro é *tão* gostoso. Como um livro! Ou baunilha!

Aru estava prestes a perguntar a Mini se o nariz dela estava funcionando direito, mas Mini seguiu em frente.

– Só o meu irmão tinha vindo aqui, mas acho que não se lembra.

– Seu irmão? Por quê?

O rosto da Mini ficou vermelho como um tomate.

– Eles achavam que ele fosse o irmão Pândava... em vez de mim.

– Quando descobriram que na verdade era você?

Mini ficou ainda mais vermelha, agora parecendo o primo mutante do tomate.

– Semana passada? – ela disse, desafinando na palavra *semana*. – Pândavas pressentem perigo e às vezes até reagem a ele antes de terem controle completo das habilidades. Toda vez que meu irmão fazia alguma coisa que a gente pensava que era um milagre, acho que na verdade era eu, pois estava por perto e me assustava também. Na semana passada, nosso carro desviou

para uma vala na lateral da rua, no caminho para o treino de corrida. Eu devo ter perdido o controle porque... ergui o carro inteiro.

– Você fez o *quê*? Quero fazer isso!

Mini parecia horrorizada.

– Sério?

– Mini, você ergueu um carro, sendo que é tão pequena que eu acho que nem...

– Tudo bem, tudo bem. Credo, entendi. – Ela parecia incomodada, mas Aru reparou no sorrisinho brotando no canto da boca.

Por mais que Aru estivesse impressionada, também se sentiu mal. Mini não mentiu quando disse que a mochila não era dela. Deveria ter sido do irmão, para quando ele saísse em missão.

Agora Aru entendia por que Mini era tão insegura em relação a tudo. Em nenhuma ocasião, Mini tinha sido incentivada a pensar que talvez *ela* pudesse ser a heroína.

– Imagine o que a sua família vai dizer quando acordarem e perceberem que você salvou o mundo! – Aru exclamou.

Mini abriu um sorriso. Então, Buu voou para o ombro da Aru.

– Vamos. Precisamos encontrar o Pátio das Estações. Sei que fica aqui em algum lugar.

– E a segunda chave, né? – completou Mini.

Aru olhou para o desenho mehndi na lateral da mão. O símbolo da segunda chave era um livro. Mas não havia nenhuma barraca de livros à vista.

– Você anda tão devagar – Buu ralhou. – E a postura piorou. Eu não entendo como isso é possível.

– Você é tão ranzinza – reclamou Mini. – Talvez o nível de açúcar no seu sangue esteja muito baixo. – Ela vasculhou a mochila. – Aqui, coma um Oreo.

– Eu não quero um...

Mas Mini quebrou o biscoito em pedacinhos e enfiou um naco no bico. Buu pareceu afrontado por uns cinco segundos antes de finalmente engolir.

– Que tipo de ambrosia é essa? – Ele lambeu o bico. – Quero mais.

– Diga *por favor*.

– Não.

Mini lhe deu parte do Oreo mesmo assim.

Conforme adentravam o bazar, Aru pôde finalmente ler as três placas

enormes que indicavam os três caminhos principais do mercado:

COISAS QUE VOCÊ QUER

COISAS DE QUE VOCÊ PRECISA

COISAS DE QUE VOCÊ NÃO QUER PRECISAR

– Bem, nós precisamos pegar nossas armaduras e a segunda chave... então deve ser a segunda placa? – Aru supôs.

Buu assentiu, e para lá foram. Em volta, grupos de famílias seguiam em direção aos três caminhos. As placas pairavam acima do chão, totalmente soltas e no formato de laços gigantes com pingentes. Aru achou que as pontas arredondadas dos pingentes pareciam patinhas de gatos.

Conforme Aru, Mini e Buu se aproximavam do COISAS DE QUE VOCÊ PRECISA, a placa começou a se mexer. Ela desviou de uma loja que vendia laptops e cabos de computador. Eles pularam para cima da placa, tentando pegá-la. Mas a placa continuou correndo, fora de alcance. Ela estava fugindo deles.

– Ei! Nós não estamos de brincadeira! – Aru gritou.

Mas a placa não ouvia. Ela se meteu atrás de uma pilha de carrinhos vazios. Os carrinhos giraram nas rodas em uníssono, como uma horda de antílopes. A placa espirrou e os carrinhos dispersaram num ataque de raiva.

– Por que ela está dificultando tanto? – Mini resmungou. Ela quase esbarrou numa família de seres com cascas de tartaruga. Buu bateu as asas.

– Você não pode simplesmente pedir as coisas de que precisa. Tem de caçá-las! Mostrar que é digno de recebê-las! Vou distraí-la. Daí é com vocês.

Buu desfilou para trás e para a frente diante da placa, como se não se importasse. A placa gradualmente desceu até o chão. Lembrava o jeito de um gato sondando um sofá, curioso para investigar. Buu andou mais rápido e virou numa esquina.

A placa virou para ver aonde ele tinha ido... e Buu pulou em cima dela.

– PEGUEI! – gritou.

A placa rodopiou se encurvando feito um gato de Halloween. Quando ficou de costas para Aru e Mini, elas avançaram de fininho. Aru se esgueirou para trás de uma palmeira, que sussurrou:

– Você não tem modos, menina!

Mini pegou o espelhinho e extraiu uma ilusão de doce.

– Aquiiiiii, placa! – cantarolou, acenando. – Vem cá, placa! Vem cá!

No segundo em que a placa se virou, Aru correu e a pegou por um de seus

pingentes. No mesmo instante, a placa murchou. Ela se derreteu no chão, formando um círculo. O círculo se transformou num túnel. Degraus de ametista desciam em espiral, escuridão adentro. Buu se empoleirou na cabeça da Aru e olhou para dentro do poço.

– Damas primeiro.

DEZESSEIS

Total fora de moda

Aru não ia descer aquelas escadas primeiro de jeito nenhum. E Mini estava com cara de quem ia desmaiar.

– Idade tem prioridade sobre beleza – disse Aru, sorrindo para Buu.

Sherrilyn, sua babá, gostava de dizer essa frase sempre que os *food trucks* estavam no museu e ela queria fazer seu pedido antes da Aru. Mas Aru não se importava. Pelo menos significava que alguém achava que ela era bonita. Aru levou um susto ao perceber que não havia se lembrado da Sherrilyn desde o momento em que acendeu a lâmpada. Desejou que ela estivesse bem.

Buu resmungou, mas não argumentou. Em vez disso, voou escuridão adentro, reclamando do “privilégio da juventude”.

– No meu tempo, nós tratávamos os mais velhos com respeito! – bufou.

Aru e Mini desceram a escada. Pela primeira vez, Aru se sentiu... esperançosa. Não tinha certeza do motivo. Não que ela tivesse realizado algum ato heroico além de tentar salvar a própria vida.

Mas ela tinha dois companheiros ao lado, e até então, além de acender a lâmpada, não havia piorado a situação. Será que podia ser considerada uma heroína se tudo o que fizesse fosse consertar os próprios erros? Ou seria heroico o fato de estar disposta a consertar a situação, para começo de conversa?

Aru não sabia direito o que esperar do que vinha pela frente. A categoria COISAS DE QUE VOCÊ PRECISA parecia cobrir uma vasta gama de possibilidades. Por exemplo, ela *precisava* de água, sono, comida e ar.

No fim da escadaria, uma rajada de vento passou por ela. Mas a sensação foi de três coisas diferentes, uma após a outra. Primeiramente, uma lufada de ar quente do deserto que deixou sua garganta seca. Depois virou o tipo de ar úmido e grudento típico dos verões no sul. A blusa do pijama grudou nas costas, encharcada de suor. No segundo seguinte, gelo respingou na sua pele, e Aru tremeu de frio.

Ao seu lado, Mini inalou com força.

Aru olhou para o alto, arregalando os olhos. Ali não havia corredores de mercado, apenas floresta.

Aru e Mini ficaram paradas no meio, Buu circulando acima. Em volta, a

floresta era dividida em seis fatias, como uma torta. Na primeira seção, uma camada de gelo cobria os galhos das árvores e formava pingentes como se fossem ornamentos. Na seguinte, uma tempestade pesada dificultava a visão dos troncos. A terceira seção era uma revolução de florescimento, a terra fértil numa explosão de flores e perfume. A quarta seção era clara e seca, sendo que as folhas estavam manchadas pela luz do sol. Na quinta, as folhas eram escarlates e douradas. A sexta fatia era de um rico tom verde-escuro.

– Onde estamos? – Mini perguntou.

– É como se a gente estivesse presa em todas as estações – Aru respondeu, a voz suave pelo espanto.

– Estamos – disse Buu. – Estamos na Corte do *Ritus*. As Seis Estações. Fiquem atentas. Elas são incríveis, mas *horríveis*.

Aru sentiu o coração acelerado.

– Por quê? Devoram as pessoas?

– Pior – disse Buu, agitando as asas. – São *artistas*.

– Eu achava que só existissem quatro estações... – Mini disse.

– Quatro? – ecoou uma voz vinda de algum lugar entre as árvores. – Que tédio! Que burguês!

– Não sei disso, não – disse outra voz, dessa vez vinda de trás de Aru. – Eu poderia tornar o verão infinito. Imagine. Uma infinita instalação de *fogo*.

– As pessoas iam se queimar – disse a primeira voz.

– Ótimo! Eu não gosto mesmo de gente.

Figuras de duas estações diferentes vieram ao encontro de Aru, Mini e Buu. Um homem de pele clara com cabelos congelados e olhos acinzentados foi o primeiro a flunar até elas. Vestia um paletó reluzente e calças que pareciam feitas de vidro. Quando se aproximou, Aru viu que não era vidro, mas *gelo*. Felizmente, não era transparente, mas branca.

– Sou Inverno – ele disse friamente. – Desprazer em conhecê-las.

– Verão – disse a outra, estendendo uma mão quente.

Conforme Verão se virava, a luz parecia mudar as feições faciais daquele espírito: de feminino para masculino e feminino de volta.

A confusão da Aru deve ter sido óbvia, pois Verão encolheu os ombros e disse:

– O calor não pertence a um gênero exclusivo.

O espírito piscou antes de jogar o cabelo loiro-claro por cima do ombro. Verão vestia uma túnica de chamas. A pele era da cor de brasa fumegante,

com nervuras vermelhas de fogo.

– Por que estão aqui? – Inverno perguntou às meninas. – Foi aquela placa desgraçada que trouxe vocês? Pois não estamos no clima de projetar nada. Especialmente para pessoas aleatórias que não marcaram horário. Além do mais, ninguém aqui está inspirado para criar, não é mesmo?

– Definitivamente não – Verão suspirou. – Confeccionamos vestidos apenas para os mais fabulosos dos seres.

Eles olharam para Aru e Mini, deixando claro que não consideravam as meninas nem remotamente *fabulosas*.

– Vocês são... costureiros? – Mini perguntou.

– Por acaso *isso aí* acabou de nos chamar de *costureiros*? Nós vestimos o mundo em si. Eu bordei a terra com gelo e geada, a seda mais delicada do mundo.

– Eu faço da terra a coisa mais quente que há por aí – disse Verão, com um sorriso caloroso.

Da seção chuvosa da floresta, surgiu uma terceira figura: uma mulher de pele cinza cujos cabelos molhados grudavam no rosto. Ela parecia encharcada até os ossos, e feliz com isso.

– Sou Monção. Deixei o mundo elegante com um vestido feito de água.

A quarta companheira surgiu. Cipós se retorciam sobre a pele. Havia flores em seus cabelos. A boca era uma rosa.

– Sou Primavera. Eu visto a terra com joias – ela disse com afetação. – Mostre-me um rubi mais escuro que minhas rosas. Mostre-me uma safira mais brilhante que meus céus. Impossível. Nossos outros dois irmãos, Outono e Pré-Inverno, teriam se juntado a nós, porém estão no mundo exterior, cuidando de uma série de demandas de design. Toda celebridade precisa de uma comitiva. – Ela as mediu da cabeça aos pés. – Mas vocês não entenderiam nada disso.

– Vocês sempre viajam em duplas pra qualquer lugar que forem no mundo? – Mini perguntou.

– Vou ignorar o fato de ter se dirigido a mim diretamente e me concentrar no espaço vazio ao seu lado para responder à pergunta – disse a Primavera.

Aru considerou isso uma forçação de barra e quis revirar os olhos, mas controlou o impulso.

– Claro! – Verão respondeu, olhando diretamente para o ar perto de Mini. – Uma para a estação que está chegando, uma para a que está saindo. É

importante acompanhar os tempos. Não entendem nada de moda?

Aru olhou para o pijama de Homem-Aranha que ainda estava vestindo.

– Pelo jeito não – Verão disse num tom seco.

– Por sinal, o que estão procurando, crianças? – Primavera perguntou, aérea.

– Bem, a gente tinha esperança de que vocês nos dissessem. – Mini enrubescia mais e mais a cada palavra. – Pois nós... ééé... fomos conduzidas até aqui e... bem...

– Ééééé... – Verão tirou sarro. – Vocês foram *conduzidas* até aqui? Por uma pestilenta ave avoadada? Decerto...

– Cacofonia! – disse Inverno, batendo as mãos. – Que devastador. Que estupendo. Esse tipo de crueldade requintada nunca sai de moda.

– Cuidado – Buu alertou.

– Ou o quê? Vai cagar na nossa cabeça? – Monção perguntou.

As quatro Estações começaram a rir. Aru sentiu como se alguém estivesse esmagando seu coração. Era a mesma sensação ácida de quando caçoavam dela porque não tinha chegado à escola num carro preto e chique. Era igualzinho o jeito de Arielle e Poppy insultando e zombando, fazendo-a se sentir minúscula.

Mas eles estavam equivocados. Ela era Aru Shah. Filha de Indra. E, sim, talvez tivesse cometido um erro épico, mas isso não fazia dela nem um pouco menos épica.

Mais importante: ela tinha um plano.

Precisavam de armaduras para chegar ao Reino da Morte em segurança. Algumas armas a mais não seriam nada mal também. Era por isso que a placa as conduzira até o Pátio das Estações. E ela não ia partir sem antes conseguir o que precisava.

Aru pegou na mão da Mini. Daí ajeitou os ombros e jogou os cabelos para trás.

– Vamos lá, Mini e Buu. Aposto que conseguimos encontrar coisa melhor.

Mini lhe lançou um olhar inquisidor. Buu ergueu a cabeça.

– Eles não são bons o suficiente – disse Aru, encarando as Estações.

Aru começou a andar pela floresta. O Pátio das Estações era do tamanho de um campo de futebol, mas ela avistou um sinal de SAÍDA reluzindo ao longe. Mesmo sem se virar para trás pôde sentir o olhar de espanto das Estações. Ela teria apostado todas as moedinhas que nunca ninguém jamais

havia lhes desprezado.

– Aru, o que está fazendo? – Mini sussurrou. – Nós precisamos de ajuda!

– Sim, mas eles não sabem disso – disse Aru. – Pegue o estojo de pó compacto. Faça aparecer uns óculos de sol bem grandes. E chapéus horrendos. Coisas que celebridades usariam.

– Espero que saiba o que está fazendo – Buu bufou. – Eu não gosto de me humilhar tanto quanto você, mas esse não é o momento de bancar o orgulhoso.

– Ah, eu sei o que estou fazendo...

Aru sabia porque lidava com esse tipo de coisa todos os dias na escola, aquele baque de se sentir por fora. Aquela vontade de ser vista e de passar despercebida ao mesmo tempo.

Mini lhe entregou um chapéu e óculos escuros antes de botar o próprio par. Até Buu ganhou um par de óculos para pombo.

– Isso é ridículo – reclamou.

– Somos Pândavas – disse Aru, alto o bastante para que os espíritos do Outomundo ouvissem. – Não precisamos das Estações.

Folhas estalaram atrás.

– Você disse... *Pândavas*?

Mini desacelerou como se estivesse prestes a se virar, mas Aru puxou seu braço.

– Não vamos perder nosso tempo.

– Com licença – disse Verão, colocando-se à frente delas. A voz, antes empolada, estava calorosa e lânguida. – Acho que houve um equívoco. Disseram Pândavas? No sentido de Pândavas de verdade?

– Obviamente – disse Aru, baixando os óculos de sol e falando com o ar próximo ao rosto de Verão. – Achei que eram designers. Não deveriam ser capazes de ver a diferença entre o que é real e falso? Nós somos a mais pura verdade.

Monção se colocou ao lado de Verão e lhe deu uma bela encarada.

– *Eu* sabia o tempo todo. A chuva é purificadora, afinal. Revela a verdade.

– Mentirosa! – Primavera gritou, andando até elas.

– *Eu* que falei com elas primeiro – disse Inverno. – Suspeitei de cara.

– Como podemos ajudar? – Verão perguntou.

– Bem – Mini começou –, precisamos de armaduras e armas...

Aru lhe deu um cutucão.

– Vocês não podem nos ajudar – disse Aru, acenando a mão. – Poderiam sair da frente, por favor? Sua sombra está encostando na minha.

– Ah, sinto muitíssimo – desculpou-se Monção. – Não foi minha intenção.

– Dane-se – disse Aru.

– Podemos confeccionar armaduras e proteção! Faço as melhores! – Inverno exclamou.

– Hummm... – disse Aru. Ela prolongou o silêncio por um pouco mais. – Prove.

Inverno, Verão, Primavera e Monção assentiram ao mesmo tempo.

– E se a minha amiga aqui – Aru projetou o queixo em direção a Mini, que simplesmente ajustou os óculos escuros – aprovar, daí eu aceitarei suas miseráveis ofertas insignificantes.

Inverno assentiu, entusiasmado. Ele abriu as mãos, e uma delicada capa de gelo surgiu diante de Aru. Com uma viradinha de pulso, ela se transformou em um bracelete de diamantes. Ele a apresentou a Mini numa caixa de veludo preta.

– Atire isso em qualquer um, e o inimigo congela na hora. Além do mais, é um excelente acessório. Perfeito na sutileza. Muito elegante. Eterno.

– Tenho algo melhor! – Primavera anunciou. – Vocês podem ser Pândavas, mas continuam sendo crianças.

Aru estreitou os olhos, e Primavera acrescentou rapidinho:

– Não tomem como ofensa, de jeito nenhum.

Primavera abriu os braços cobertos com cipós, e um cubo tricotado a partir de mil flores flutuou à frente. Ela estalou os dedos e o cubo se transformou numa elegante caixa de biscoitos. Ela a abriu para mostrar dois quadradinhos, cada um com cobertura de açúcar e uma flor em cima. Docinhos!

– Mordidas de descanso e rejuvenescimento – explicou, orgulhosa. – É a minha especialidade, afinal. Da letargia do inverno, faço voltar a vida. Uma mordida e terão a sensação de vários dias de descanso. A barriga vai ficar cheia, e não terão nenhuma dor no corpo ou desconforto. É bom para a pele também. Por favor, me deem a honra de comerem um, Pândavas.

Curiosa, Aru pegou um dos docinhos e o enfiou inteiro na boca. Imediatamente, seus pés pararam de doer. Sentiu como se tivesse acabado de despertar da melhor soneca da vida, e ainda tivesse a tarde inteira pela frente, antes da janta. O gosto era delicado e floral, como aqueles bolos caríssimos com sabor de rosa que a mãe trouxera da viagem a Paris. *Bem* melhor que um

Oreo. Mini também comeu, e um instante depois parecia estar reluzindo.

– Bem? – Primavera perguntou, ansiosa.

– São... comestíveis – disse Aru, pegando a caixa. – Vai dar pro gasto.

Monção materializou uma cachoeira na frente delas, depois sussurrou algumas palavras que encolheram a cachoeira num pingente cinza. Monção a estendeu para Aru.

– Esse é o meu presente para você, Pândava. Assim como a água consegue chegar em qualquer lugar e alcançar qualquer coisa, esse pingente, quando lançado, será capaz de alcançar qualquer alvo, não importa quão longe. Mas fique esperta: o arrependimento sempre vem. É o preço de se mirar na verdade. Pois, às vezes, quando escolhemos o alvo mais mortal, estamos sendo meramente irresponsáveis.

Aru não achou justo que apenas seu item mágico viesse com ressalvas, mas também não estava em posição para recusar. O colar flutuou da mão da Monção e gentilmente envolveu o pescoço da Aru. Era frio e um pouco úmido no contato com a pele.

Verão se curvou diante de Mini.

– Pândava, por favor, aceite nossa oferenda também.

O ar vibrou. Finas chamas brotaram do chão. Elas rodopiaram e daí se entrelaçaram, formando a tiara mais linda que Aru jamais viu. Parecia feita de ouro, com rosas delicadas e uma borboleta cintilante cujas asas pareciam vitrais.

– Minha estação é feita de calor preguiçoso e amadurecimento desmemoriado sob o sol escaldante – disse Verão, teatral. – Esquecimento pode ser uma ferramenta poderosa para distrair o adversário. Pode deixá-los se sentindo abrasados e estereis. A pessoa que usar isso se esquecerá de algo importante.

– Mas, ééé, poderia... – Mini gaguejou enquanto observava desejosamente a tiara.

– Uma Pândava pode usá-la sem medo.

Mini assentiu lentamente, e Aru achou que estava vendo uma placa de neon sob a cabeça da Mini, com os dizeres MINHA! É TODA MINHA! MINHAZINHA!

A tiara era linda de fato, mas Aru não a usaria nem morta. Tiaras faziam com que seus cabelos, na altura do queixo, armassem em volta do rosto de modo que ela ficasse parecendo um lagarto-de-gola.

A essa altura, tinham alcançado o fim do Pátio das Estações. Buu olhava para Aru, chocada. Mini ficava apalpando a nova tiara e sorrindo.

Aru tocou o colar.

– Isso será o suficiente – ela disse, grossa. – Se atenderem nossas necessidades nós vamos...

– Recomendar o serviço de vocês para todo mundo que a gente conhece – Mini concluiu, sorrindo antes de lembrar que não era para sorrir. – Mas só se a gente gostar. Coisa que talvez não aconteça.

– Ah, obrigada! – disse Inverno. – Será que talvez... a gente possa... fazer uma *selfie*, sabe como é, para o Instagram?

Faça pelo Insta! Também conhecido como o grito de guerra de metade dos colegas de classe da Aru.

– Espero que não tenham trocado o algoritmo. *De novo*. Meus likes estão despencando – Primavera gemeu.

– Sinto muito – disse Aru. – Nada de foto.

Inverno ficou de ombros caídos.

– Claro, claro. Gratidão por aceitarem nossos presentes. São muito gentis.

– Muito generosas – disse Primavera.

– Muito adoráveis – disse Verão.

– Muito... inteligentes – disse Monção.

Dos quatro, somente Monção encarou Aru por um instante a mais que o necessário. Mas quando sorriu, foi com aprovação, e não desconfiança.

Aru acenou a mão como uma miss, uma leve rotação no pulso, antes que os três mergulhassem através da ampla passagem com indicação de SAÍDA.

No instante em que atravessaram o limiar, a entrada do Pátio das Estações se fechou atrás. Eles foram parar num túnel coberto de cipós. Uma multidão de pessoas o atravessava. À direita deles, uma mulher alada desesperada berrou ao celular e depois o incinerou com o punho. Ao final do túnel, uma horda de carrinhos de supermercado selvagens passou correndo.

Buu as guiou para a lateral do túnel. Um inseto metálico e dourado se materializou na frente deles, abrindo as asas de vidro temperado e vibrando até que elas se acenderam, como se estivessem sob um abajur.

– Aru, aquilo foi *genial!* – Mini gritou. Ela esticou o cotovelo e Aru retribuiu a cotovelada, sorrindo.

Aru se sentiu um pouco melhor, e não apenas por causa dos docinhos da Primavera. Pelo menos agora sabia que se tivessem de encarar aquele

monstro da cauda estrelada no futuro próximo, não estariam completamente despreparadas.

Buu esvoaçou para o ombro da Mini.

– Bem, o lendário Arjuna não teria agido assim.

– Mas eu não sou Arjuna – disse Aru, erguendo o queixo. – Sou Aru.

Buu estufou o peito.

– Eu sei.

DEZESSETE

A biblioteca de A a Z

O túnel levava a uma caverna imensa que desembocava numa biblioteca imponente.

– Livros! Exatamente do que a gente precisava! – Mini disse. Seus olhos pareciam coraçõezinhos de emoticons. – Quando minha mãe me contou histórias do Bazar Noturno, esse era o lugar que mais me deu vontade de conhecer. Todos os livros são encantados. Eles abrangem *tudo* e *todos*.

– Legal – Aru falou, desanimada.

Ela gostava de bibliotecas. Gostava de ir à seção de audiolivros e ficar ouvindo. E gostava de pregar sustos nas pessoas, esperando que tirassem um livro da prateleira só para enfiar o rosto no vão e fazer caretas do outro lado da prateleira.

Mas essa biblioteca fez com que se sentisse insegura. Teve aquela sensação gelada e pinicante que a acompanhou no estacionamento logo depois que conseguiram a primeira chave. Aru apalpou a bola dourada no bolso. Estava morna, mas felizmente não da mesma maneira de quando Sono deu as caras antes.

– Então a mordida de maturidade está em algum lugar por aqui... – disse Aru. Era impressão sua ou o desenho do livro na mão estava brilhando?

– Então, por favor, continuem vagando lenta e cautelosamente até que minhas penas mofem – reclamou Buu.

– Estou procurando! – Aru respondeu, na defensiva.

Fácil falar. A biblioteca era do tamanho de uma vila. O teto era feito de pedra negra e reluzente. Amplas janelas cravadas nas paredes revelavam um cenário incomum. Através da primeira, Aru pôde ver as profundezas do oceano. Uma raia passou planando. Através da segunda, Aru pôde ver as folhas de uma selva fechada. A terceira janela dava para o horizonte de Nova York.

Centenas de prateleiras pairavam diante delas. Aru observou, com olhos arregalados, conforme os livros pulavam e esvoaçavam. Alguns até brigavam entre si. Uma enciclopédia gigante com indicação de A-F gritou com um dicionário. E um livro intitulado *O que esperar depois que você reencarnar de uma vida de barata* arqueou as costas e sibilou para um marcador de páginas.

– Será que esse lugar é organizado feito uma biblioteca normal? – Mini perguntou. Ela parecia estar no paraíso, cercada por todos aqueles livros. – Maturidade começa com a letra M, então vamos ver se as prateleiras estão em ordem alfabética.

– E se maturidade não for um livro? – Aru perguntou. – Talvez esteja escondida dentro de alguma coisa. Livros não são chaves.

– Raminhos também não. Acho que um livro faz sentido – Mini disse baixinho. – Eles são chaves para muita coisa.

Quando Aru parou para pensar a respeito, teve de admitir que havia uma verdade ali. Podia não ter gostado dos livros que teve de ler para a escola, mas amava as histórias que a mãe lia em voz alta para ela. Aqueles contos haviam destravado coisas que chaves metálicas comuns jamais conseguiriam. Um livro particularmente bom tem a capacidade de abrir novos espaços na mente das pessoas. Até as convida a voltar e investigar as coisas que aprenderam.

– O que acha, Buu? – Aru perguntou.

Ele não respondeu. Estava voando em círculos rente ao teto. Movia-se hesitante para lá e para cá, como se estivesse tentando desvendar alguma coisa.

– Fala sério, Buu. Você tem que esticar as asas bem agora? Deve ter sido supercansativo ficar sentado nos nossos ombros o tempo todo.

Balançando a cabeça, Aru vagou em direção ao primeiro corredor. Mini já tinha puxado dois banquinhos, colocado um em cima do outro e subido para ler a lombada dos livros. Alguns volumes se curvaram, examinando Mini com a mesma atenção com que ela os examinava.

– Não consigo ver muito bem os títulos lá no alto – Mini murmurou. – Pode pedir para Buu vir ajudar?

– Ele tá ocupado bicando o teto ou algo do tipo – disse Aru. – Mas vou tentar. Buu?

Ele continuava voando de um jeito agitado. Abaixo dele, sua sombra se esparramava sobre os livros. Não parecia uma sombra normal de pombo. Essa tinha asas do tamanho de pequenos barcos e penas na cauda que pareciam fitas.

Aru se virou para olhar para o túnel de entrada e viu que todas as pessoas que estavam na biblioteca antes tinham sumido.

Elas estavam sozinhas.

Aru franziu as sobrancelhas, olhando em direção a Buu novamente.

O teto havia mudado. Parecia estar se mexendo... As cores rodopiavam e se fundiam. Aru percebeu que o que ela imaginou ser mármore polido não era pedra de jeito nenhum, mas *pele*.

Ela se equivocou quanto a outra coisa também: não estavam sozinhas.

Buu disparou de volta até elas, berrando:

– CORRAM! É ele!

Mini despencou dos dois banquinhos.

Elas dispararam, correndo em direção ao túnel, mas a abertura havia sumido. Atrás delas, alguém soltava umas risadinhas.

– Sempre tão afoita para correr dos problemas, não é? – perguntou uma voz aveludada. – Bem, são apenas crianças. Imagino que seja assim mesmo.

Aru se virou devagar, esperando ver Sono com aspecto de serpente deslizando em sua direção. Mas, na verdade, Sono podia assumir muitas formas. Perante seus olhos, a pele do teto escorregou, refazendo-se na forma de um homem.

Ele já não tinha cauda de cobra cravejada de estrelas, mas os cabelos tinham o mesmo tom de noite escura, e parecia que havia estrelas presas no cabelo. Na forma de um homem, era alto e magro. Ele parecia... faminto. O rosto era encovado. Ele usava uma jaqueta *sherwani* e calça jeans escura, e segurava uma gaiola vazia. Aru fechou a cara. Por que ele carregaria algo assim? Daí ela olhou nos olhos dele. Eram estranhos. Um era azul, e o outro castanho.

Ela teve a sensação de que o conhecia de algum lugar. Como era possível?

– Olá, filha de Indra e filha de Dharma Raja. Lembram de mim? Faz tempo... Um par de milênios. E um pouco mais.

A voz a levou de volta ao instante em que ela acendeu a lâmpada.

Aru, Aru, Aru, o que foi que você fez?

– Peço desculpas por não ter parado e conversado com você depois que me libertou daquela diya gelada, Aru, mas eu tinha uns negócios para resolver. Coisas que precisava pegar. – Ele sorriu, revelando dentes afiados de dar medo. – Mas parece que tive esse trabalho todo por nada. Essa briga não vai ser grande coisa.

– A gente nem quer... – Aru começou a dizer.

Ele bateu o pé no chão, e a terra tremeu. Livros despencaram das prateleiras e se espalharam em volta. Um deles, intitulado *Flutuante*, bateu suas páginas

finais, subiu até o teto e se recusou a se mexer apesar do *Guia Astuto* tentar trazê-lo de volta com um marcador de livros.

– Nem *pensem* em me interromper – ele disse. – Esperei por séculos. Por algumas eras. – Ele lançou um olhar feroz para Aru. – Desde que a *sua mãe* me trancou naquela lâmpada maldita.

– Minha... minha mãe?

– Quem mais seria capaz de sorrir e enfiar uma faca no meu peito? – acusou Sono. – E você é igualzinha, não? Uma mentirosa. Eu vi quando acendeu a lâmpada. Qualquer coisa para impressionar os amigos, certo? Que covarde você é, Aru Shah.

– Minha mãe não é mentirosa! – Aru gritou.

– Você nem a conhece – Sono zombou.

Aru não quis ouvir, mas sentiu o estômago se revirar. Todas aquelas vezes que ficou esperando a mãe, o jantar que havia preparado esfriando na mesa. Todas aquelas portas fechadas na sua cara. Todas as perguntas silenciadas. Era um tipo diferente de dor quando a ferida não vinha de uma mentira, mas da pura verdade. Sua mãe havia mantido segredo sobre um mundo inteiro. Ela *realmente* não conhecia a mãe.

Sono gesticulou para Mini com uma falsa cara de confusão, mas manteve o olhar em Aru.

– E o que é isso? Sua irmãzinha aqui não sabia que foi você quem me convocou? Que *você* é a razão de toda a família dela estar correndo perigo? Que você é a causa de tudo isso, e não o coitadinho de mim?

Aru arriscou uma olhadela para Mini. As sobrancelhas dela estavam franzidas. Aru podia ter libertado Sono, mas não foi de propósito. Será que Mini acreditaria? Aru não conseguia pronunciar as palavras – estavam entaladas pela culpa.

– Eu... eu posso explicar, Mini. Mais tarde.

Mini fechou a cara, mas assentiu. Não ia adiantar de nada discutir agora, logo antes da morte certa.

Sono estreitou os olhos. Largou a gaiola ao seu lado. Não estava vazia, no final das contas. Pequenas figuras de barro no formato de cavalos e tigres se agitaram ao atingirem o chão.

– Me dê o raminho da juventude – ele disse.

Aru e Mini começaram a ir para trás. Aru estava ciente de Buu voando em círculos frenéticos acima, como que tentando mandar um aviso. Ela arriscou

olhar. Buu mergulhou, pousando num livro de lombada prateada. Estava muito longe para que Aru conseguisse ler, mas soube o que dizia: *Maturidade*.

A segunda chave estava bem acima de suas cabeças. Se pudessem ao menos distrair Sono, conseguiriam pegá-la. Mini flagrou o olhar de Aru e assentiu uma vez. Aparentemente, tiveram a mesma ideia. O que teria sido superbacana se Mini não estivesse com cara de quem ia estrangular Aru na primeira oportunidade.

Elas se espremeram entre um monte de prateleiras com a letra M.

– Como você nos encontrou? – Aru perguntou.

– Rakshas falam demais – ele disse, sorrindo. – Duas menininhas entrando no Bazar Noturno com objetos encantados trazendo sinais do Senhor Indra e Dharma Raja? Que curioso.

– O que significa o nome Sono? – Aru perguntou. – É porque é muito dorminhoco?

Ele fez uma cara feia. De canto de olho, ela viu Mini tocar no bracelete de diamantes.

– Ou é uma metáfora? – Aru insistiu, orgulhosa por ter lembrado a palavra da aula de literatura da semana anterior. – Talvez um apelido malvado dos tempos da escola, quando dormiu no meio de uma prova e ficou com a cara manchada de tinta?

– Chega! – Sono trovejou. – Onde está a segunda chave? Você sabe o que é, não sabe?

Mini deslizou a mochila no chão, empurrando-a para mais perto de Aru. Quando Mini se virou, Aru viu que ela tinha conseguido enfiar o raminho da juventude no bolso de trás da calça jeans.

Aru teve a sensação de ter entrado numa frequência de onda exclusiva apenas a ela e Mini. Elas se mexiam em sincronia, os pensamentos alinhados.

– Se você quer a chave, pega! – gritou Aru.

Ela catou a mochila e a jogou para o alto. Sono deu um bote na direção dela, enquanto Mini arrancou o bracelete. Com um movimento de pulso, ele se expandiu, brilhando e reluzindo. O frio inundou o ar. Gelo se infiltrou no ambiente, cobrindo o chão com uma renda.

Mini jogou a Capa de Inverno sobre Sono.

– Peguei! Você pega o você-sabe-o-que – Mini gritou para Aru.

Mini lutou com a capa, os pés escorregando pelo chão. Abaixo, Sono

congelava. Mas ele não ficaria congelado por muito tempo. Rachaduras já começavam a se formar no gelo e seus olhos giravam furiosamente. Mini o empurrou e caiu de lado, batendo na gaiola, que rolou para um dos corredores da biblioteca.

– Ali! – Buu gritou, de cima dos livros.

Aru realmente desejou conseguir voar. Mas como não conseguia, perdeu uns instantes pegando os banquinhos, reempilhando-os e escalando até a prateleira de cima. Já estava sem ar quando avistou o livro.

Ele estava separado dos outros volumes. Afastado e – se livros pudessem agir assim – um pouco ressabiado com seus vizinhos. Na lombada, o título reluzia em gravação prateada: *Maturidade*. Buu saltitou até a cabeça dela e bicou seu cabelo, atijando-a a pegá-lo.

Aru olhou para os outros títulos próximos a ele. *Mística* estava cantando. Corações cor-de-rosa gotejavam das páginas. *Mistérios* saiu pulando, em direção aos títulos N, que bateram as páginas para recebê-lo.

Uma mordida de maturidade... O que ela devia fazer? Pegar o livro e literalmente fincar os dentes nele?

Ela olhou para Mini, que estava tentando manter a capa amarrada sobre Sono congelado. Mas ele estava começando a se mexer. Lascas de gelo voavam. Mini encontrou o olhar de Aru e berrou:

– Vai!

Buu disparou para ajudar Mini, deixando Aru na prateleira.

– O que você está esperando, Aru? – Mini perguntou.

– É... é... é... – disse Aru. Ela espremeu os olhos, pegou o livro e meteu os dentes.

Ele gemeu.

Ela nunca tinha parado para pensar em como seria o gosto dos livros. Mas *Maturidade* tinha um gosto esquisito. Doce e amargo ao mesmo tempo, como casca de laranja cristalizada. Aru se lembrou de uma manhã fria de fevereiro em que estava indo a pé para a escola, quando o sol brilhava, porém longe, e tudo estava um pouco rígido demais.

Ela cuspiu a mordida de *Maturidade* na palma da mão. O maço de papel molhado se transformou numa moeda prateada reluzente. Aru a enfiou no bolso, então esfregou a língua nos dentes, brava por não conseguir se livrar do gosto.

– Consegui – começou a dizer, mas a vitória foi breve.

Sono tinha arrancado a capa, que ficou estirada no chão, derretendo lentamente.

– Você está testando a minha paciência – ele sibilou.

– Você dormiu numa lâmpada por cem anos e vem com essa? – Aru gritou de volta. – Que clichê. Só falta o bigode de vilão.

Ela estava tentando manter a atenção dele enquanto Mini procurava outro item mágico das Estações. Mas não foi Mini quem se lançou para cima dele na sequência. Foi Buu.

– Essas – ele gritou – são – deu uma bicada nos olhos de Sono – minhas – ele pulou – HEROÍNAS!

Aru desceu dos banquinhos e pegou a mochila no chão. Mini estava acenando com a Capa de Inverno para revertê-la a alguma coisa capaz de domar Sono, mas ela permaneceu inerte.

Buu deixou escapar um grasnado alto e sofrido. Sono o tinha pego com uma mão. Com a outra, limpava o cocô de passarinho da cabeça. Ele encarou Buu mais de perto. Não gritou ou berrou. Em vez disso... *riu*.

– O que aconteceu com você, meu velho amigo?

DEZOITO

Um caso estranho

A *migo?* Aru quase deixou a mochila cair.
– Você mudou muito desde que foi rei de Subala.
– Buu, do que ele está falando? – Mini perguntou.
Sono sorriu.
– *Buu?* É assim que elas o chamam? Será que toda aquela culpa o deixou molenga?

Alguma coisa estalou na cabeça da Aru. Subala não era o nome do Buu, mas o nome do seu *reino*. Ela se lembrou da risada de Urvashi... *Se realmente forem Pândavas, então adoro a ironia de que você foi o escolhido para ajudá-las.*

– Entendi – disse Sono, tirando sarro. – Buu é abreviação de Subala. – Ele se virou para as meninas, as sobrancelhas franzidas naquele estilo ai-lamento-muito-por-vocês-só-que-NÃO que somente pessoas realmente horríveis conseguem fazer. – O nome dele não é Subala. É *Shakhuni*. Acho que poderiam chamá-lo de Shakizinho. Em todo caso, isso deve ser um choquezinho para vocês.

Ele riu da própria piada. Outra coisa que apenas pessoas verdadeiramente horríveis fazem (avós, pais, e aquele tio bem-intencionado, porém esquisito, são exceções).

Shakhuni. O coração de Aru congelou. Ela conhecia aquele nome das histórias. Era o nome do farsante. O feiticeiro que fez com que o irmão Pândava mais velho se perdesse num jogo amaldiçoado de dados, em que foi obrigado a apostar seu reino inteiro. Shakhuni iniciou a grande Guerra de Kurukshetra. A vingança consumiu seu próprio reino.

Ele era um dos maiores inimigos dos Pândavas.

E ela... Ela tinha permitido que ele sentasse no seu ombro. Mini havia lhe dado um Oreó. Elas *cuidaram* dele.

– Sua briga não é com elas – disse Buu para Sono.

– Nossa, você ficou bem atrapalhado das ideias – disse Sono. – Está me dizendo que de fato recebeu uma solicitação para ajudar as Pândavas? O que é isso, sua penitência por ter cometido um pecado tão terrível?

– Não – disse Buu, e dessa vez olhou para Aru e Mini. – Não é minha penitência. É minha honra.

Aru sentiu uma onda de orgulho no mesmo instante em que teve uma punhalada de apreensão. Belas palavras, mas por que deveria acreditar nelas? Poppy e Arielle tinham sido legais até o momento em que deixaram de ser.

– Você virou um molenga – disse Sono, fechando a cara.

– Eu fiquei mais forte. De um modo que, talvez, você não seja mais capaz de entender. As pessoas mudam. Você era quem mais acreditava nisso – disse Buu. – Ou se esqueceu?

– As pessoas não mudam, só ficam mais fracas – disse Sono. A voz estava gelada como a Capa de Inverno. – Em nome dos velhos tempos, vou lhe dar uma chance. Junte-se a mim. Ajude a minha causa. Nós nos tornaremos deuses, e encerraremos essa era.

Era isso. Aru esperou que Buu as traísse. Ela se abraçou na expectativa de uma pontada de dor, mas Buu não hesitou. Sua voz foi alta e forte ao dizer:

– Não.

O coração de Aru ficou pequenininho.

Sono rosnou e arremessou Buu para o outro lado da sala. O pombo bateu numa prateleira com um baque alto e escorregou para o chão. Mini e Aru gritaram, mas no minuto em que tentaram correr até ele, um muro de ar as forçou para trás. Aru se abraçou, a mão buscando o pingente que Monção tinha lhe dado. Ela quis atirá-lo nele, mas tudo que ele conseguia fazer era *acertar* com exatidão. A garantia de que uma pedra acertasse o nariz de Sono não ia ajudar em nada se ele pudesse simplesmente sacudir a cabeça e seguir em frente. Ela precisava de algo maior e mais poderoso.

Sono foi em direção a elas. Enquanto Aru vasculhava a coleção em busca de um livro gigante para bater nele (o maior de todos, *Mapa-múndi*, rosnou para ela na prateleira inferior), Mini soltou um berro. Ela arrancou a tiara e a lançou feito um bumerangue em Sono.

Pegou na orelha dele.

Por um momento, os olhos dele ficaram escuros. Mas daí ele se recuperou e a tiara sumiu.

– Isso é o que vocês têm de melhor? – ele perguntou, rindo. – Uma tiara? Estou tremendo de medo. Agora, sinceramente... Eu poderia matá-las facilmente. Duas menininhas. Não tem nem graça. Realmente acreditam que vão conseguir pegar as armas celestiais?

Aru sentiu o rosto ficando vermelho. Indra a havia reconhecido como *sua* filha. Talvez estivesse um pouco zozona por estar pisando em nuvens quando

isso aconteceu, mas ela tinha visto (pelo menos *pensou* que vira) a estátua de Indra sorrir para ela. Como se estivesse... contente.

Lembrar-se disso lhe deu a coragem para responder:

– Nós fomos escolhidas pelos deuses.

Mas até aí, e o lance da bola dourada? Aru não tinha experiência alguma com pais, mas tinha certeza de que presentear a filha com uma bola de pingue-pongue reluzente para lutar contra demônios era como ganhar balinhas e moedinhas em vez de mesada.

Sono escarneceu:

– Os deuses jamais confiariam em vocês para coisa alguma. Olha só para as duas.

Quanto mais ele falava, mais brava Aru ficava. Ela não ia dar para trás. *Elas* tinham uma coisa que Sono não tinha.

– Pode nos ameaçar quanto quiser, mas você precisa que a gente pegue aquelas chaves, não é? – Aru perguntou. – Não consegue enxergá-las. Nem sabe o que *são*.

Sono ficou quieto e esfregou o queixo, pensativo. Por fim, disse:

– Vocês têm razão.

Aru não pôde acreditar. Ela o havia convencido?

Sono ergueu o braço, curvando os dedos. Buu foi fisgado até a palma da sua mão. O pássaro não se mexia.

– Eu preciso de vocês. Eu teria pego a chave que está com vocês agora, mas talvez ela as ajude a encontrar as outras duas. E não importa que eu não consiga enxergá-las, pois vão me entregar as três até a lua nova.

Ele espremeu Buu, e Mini começou a choramingar. Sono se virou em sua direção:

– Agora eu sei muito sobre vocês, após ter ouvido a batida de seus corações – disse com uma doçura falsa. – Seu pai usa uma cruz sob a camisa e um colar *agimat* que herdou dos antepassados nas Filipinas. Seu irmão esconde uma foto do seu colega do time de futebol debaixo do travesseiro, e quando você a encontrou, ele fez você jurar segredo. O cabelo da sua mãe tem cheiro de sândalo.

Mini ficou pálida.

Depois Sono encarou Aru. Alguma coisa reluziu em seus olhos.

– E você. Bem. Você e eu poderíamos ser família.

– Do que está *falando*? – Aru deixou escapar. – Você é doido! Eu...

Ele a cortou com um olhar.

– Chamem por mim logo antes da lua nova, ou então eu farei mais do que simplesmente congelar seus entes queridos.

– Nunca! – exclamou Aru. – Vamos lutar se preciso for, e...

– *Tsc-tsc* – disse Sono. – Antes mesmo de pensar em lutar comigo, saibam que estou reunindo meus amigos. – Ele lhes deu um sorriso cruel. – E, acreditem, não vão gostar de conhecê-los.

Ele desapareceu, levando Buu junto.

Durante um minuto inteiro, Aru e Mini não se mexeram. Aru tinha a sensação de estar girando embora estivesse parada.

Um turbilhão de coisas passava pela sua cabeça. Buu havia lutado por elas ali. Mas no passado tinha sido inimigo dos Pândavas. Era por isso que estava sendo obrigado a ajudá-las nessa vida, na forma de um pombo, ainda por cima? E daí havia o fato de Sono conhecer a sua mãe – e a família da Mini. Como era possível?

Em volta delas, os livros começaram a correr para todo lado, desesperados para restaurar a ordem. As páginas tremelicavam como pássaros se acomodando para dormir. Sem a cobertura de Sono, o teto agora parecia céu aberto. Nuvens de tempestade tingidas de roxo vagavam. Aru fechou a cara. Não fazia sentido que a magia em torno delas fosse tão linda quando ela se sentia tão... *feia*.

De que adiantava tentar chegar ao Reino da Morte sem Buu? Sono tinha razão. Ela tinha provocado tudo isso. E decepcionado todo mundo.

– Por quê? – Mini perguntou com uma voz desafinada.

Ela não precisou completar a frase.

Por que Aru havia mentido sobre a lâmpada? Por que Buu escondeu o seu passado? Por que *tudo* isso estava acontecendo com elas?

Aru estava cansada. Cansada de mentir. Cansada de imaginar o mundo como poderia ser e não como era de fato. Ela estava cansada de se fazer maior e melhor na própria imaginação quando estava claro que nunca poderia ser nada disso na vida real.

Ela tirou do bolso a moeda que *Maturidade* lhe deu. Havia desbotado para um tom de prata fosco.

Aru não conseguia encarar Mini.

– Eu sabia um pouco do que aconteceria caso eu acendesse a lâmpada...

minha mãe tinha me contado, mas não acreditei nela realmente... e a acendi mesmo assim. O que Sono disse é verdade: fiz isso para impressionar alguns colegas de escola, achando que eu queria que fossem meus amigos.

Os ombros da Mini tremiam.

– Minha família está em perigo por sua causa – ela disse. Ela não gritou nem berrou, e isso foi até pior. – Você mentiu sobre tudo, não é? Estava rindo de mim o tempo todo?

Agora Aru olhou nos olhos dela.

– O quê? Claro que não...

– Por que eu deveria acreditar em você? – Mini interrompeu. – Disse que achava que eu era corajosa. E que não era ruim ser Filha da Morte. – Ela encarou Aru como se conseguisse enxergar através dela. – Até disse que não me deixaria para trás.

– Mini, tudo isso é verdade.

– Não me importa o que você diz, pois é uma mentirosa, Aru Shah.

Mini arrancou o pedaço de *Maturidade* da Aru.

– Ei! O que está fazendo?

– O que acha que estou fazendo? – disse Mini. Ela guardou a moeda na mochila junto com o raminho da juventude. – Vou concluir isso. Tenho que tentar salvar a minha família.

– Mas precisa de mim – disse Aru.

Ela provou aquela sensação quente de virei-recheio-de-salsicha que sempre antecedia o choro.

Ela não queria chorar.

– Talvez – disse Mini, tristonha. – Mas simplesmente não confio em você.

Mini apertou a imagem da última chave em sua mão, a onda de água escorrendo entre os dedos.

– Mini, espera...

Ela atravessou um fecho de luz. Aru tentou pegar na sua mão, mas encontrou apenas ar. Mini havia desaparecido.

Aru ficou parada, sozinha. Os livros à sua volta davam risadinhas e fofocavam. Não havia lugar para ela no Outromundo. Sono sequer achava que fossem ameaçadoras o suficiente para se dar ao trabalho de matá-las. Devia estar se sentindo grata, mas apenas se sentia invisível.

Inútil.

E, ainda por cima, Buu estava ferido, e Aru havia ganhado e perdido uma

irmã numa questão de dias.

Conforme pensava nesses dias, lentamente virou a mão. A sensação era de estar recebendo de volta uma prova que certamente havia zerado e estar fazendo o melhor para virar o papel o mais devagar possível.

8

Que diabos era aquilo?

Fosse lá que número, definitivamente não era um seis. Mini sabia o que significava. Mas Mini não estava ali.

O tempo estava acabando, e se havia um momento para cair no choro, o momento era agora.

Mas não podia. Estava cansada demais. E *brava*.

Ela andou. Não podia voltar para o museu de jeito nenhum. O que faria, ficar sentada sob o elefante esperando o mundo acabar? No entanto, também não podia seguir Mini. Mini não queria ajuda. Aru não tinha nada para oferecer. Seu único dom natural era mentir.

Essa não era uma qualidade muito heroica.

De repente, um livro estranho chamou sua atenção. Era pequeno e verde-claro. Ele saltitou quando ela se aproximou. O título era simples: *Aru*.

Curiosa, ela o pegou e abriu a capa. Ali estava ela. Havia uma foto dela na escola. E havia uma foto dela em casa, esperando a mãe chegar. Ela folheou as páginas, o coração acelerado. Tinha até uma ilustração dela e da Mini no salão de beleza da Madame Bee. Aru estava no meio de uma fala. Na imagem seguinte, Aru olhava para baixo, triunfante, no Pátio das Estações.

Ela tentou folhear até o fim, mas as páginas estavam grudadas. Mini havia dito alguma coisa sobre a biblioteca do Bazar Noturno, que esse lugar continha as histórias de tudo e de todos. Incluindo ela. Talvez significasse que sua história ainda não tivesse terminado. Havia enganado Madame Bee e as Estações... mas suas mentiras não foram *maléficas*. Elas resultaram em algo bom. Permitiram que Mini e ela escapassem do perigo, e angariaram novas armas. Talvez... talvez seu dom não fosse o da mentira. Talvez seu dom fosse o da imaginação.

Imaginação não era nem boa nem ruim. Era um pouco dos dois. Assim como ela.

Será que Arjuna era assim? Será que alguma vez ele mentia ou se preocupava por ser mais mau do que bom? As lendas faziam com que

parecesse perfeito. Mas talvez, se tivesse sido criado da maneira como ela foi, teria cometido erros também. Era difícil julgar, baseado numa história, como ele poderia ter sido de verdade. Se ela estivesse escrevendo a seu próprio respeito, não teria incluído as partes ruins, apenas as boas. *Histórias são escorregadias*, sua mãe costumava dizer. *A verdade de uma história depende de quem está contando.*

Se fosse acreditar naquele livro da Aru, significava que sua história ainda não tinha terminado.

Aru olhou para a palma da mão. Qualquer que fosse o número em sânscrito, parecia rebuscado demais para ser o número um. Ela tinha certeza de que ainda restava tempo. Fechou a mão em punho.

Esqueça Sono. Vou resolver isso.

Aru fechou o livro. Parte dela queria levá-lo, mas se controlou. Ela se lembrou da vez que passou por um cemitério onde havia uma macieira. As frutas pareciam joias, e Aru quis arrancar uma. Mas teve uma sensação muito esquisita de que não era para pegar, muito menos comer. Era assim que se sentiu em relação ao livro. Aru passou o dedo na lombada verde e veio uma confirmação parecida com um arrepio na espinha. Daí se obrigou a colocá-lo de volta na prateleira.

Conforme Aru dobrava a esquina, uma coisa reluzente chamou sua atenção. Era a gaiola. A que Sono carregava.

Agora lembrava: ela havia rolado para longe dele. Foi parar no corredor N. As prateleiras eram barulhentas, e tinham cheiro de baunilha. *Nenê*, um livrinho azul, estava berrando de chorar, enquanto *Nocaut* e *Nódulos* se revezavam batendo um no outro com suas capas.

Aru se ajoelhou e pegou a gaiola. Parecia estranho que Sono tivesse levado o pássaro, mas não a gaiola. Debatendo-se lá dentro, havia algumas pequenas estatuetas de barro, cada uma do tamanho de um dedo mindinho. Ela enfiou a mão e pegou um bode, um crocodilo, um porquinho, uma cobra, uma coruja e um pavão. Havia até um cavalo de sete cabeças. E um tigre com a boca ainda aberta num rugido.

Conforme organizava os animais numa linha no chão, franziu as sobrancelhas. A deusa Durga não andava de tigre? E podia ter jurado que o deus da guerra tinha um pavão...

Por que Sono estaria carregando essas coisas com ele?

Aru acariciou as crinas do cavalo de sete cabeças. Indra, seu pai, cavalgava

um animal como esse. Só que o dele não era de barro (não diga!). Nas histórias, diziam que a criatura reluzia mais que a lua. Aru tirou a bola reluzente do bolso a fim de enxergar melhor as estatuetas.

No instante em que a luz de Indra incidiu no barro, a sala toda começou a tremer. Aru deixou o cavalo cair.

Se realmente fosse feito de barro, teria se espatifado em pedacinhos.

Mas não.

Ao contrário, começou a crescer. E não apenas o cavalo, mas *todos* os animais.

Aru recuou depressa. A bola na mão reluziu tão forte que ela não conseguiu mais enxergar os livros. Houve uma explosão de luz à sua volta.

O rebuliço da seção N se apagou e foi substituído por novos sons: o bater de asas, o toque de cascos no chão, a respiração arfante de um tigre. Até o sibilar de uma cobra.

Aru piscou para ajustar a visão.

Paradas à sua frente, estavam as montarias roubadas dos deuses. Então era isso que Sono carregava o tempo todo. Como pôde deixá-las para trás?

Ah, Aru pensou.

A tiara mágica das Estações que Mini atirou nele. *A pessoa que usar isso se esquecerá de algo importante.* Nossa. Funcionou mesmo. Assim que sumiram do seu campo de visão, Sono se esqueceu completamente das preciosas montarias.

Havia um lindo tigre laranja e lustroso. Um pavão majestoso que portava joias. Uma coruja branca e deslumbrante. Mas a criatura que mais lhe tirou o fôlego foi nada menos que o cavalo de sete cabeças. Ele trotou em direção a Aru, todas as cabeças abaixando juntas.

– Obrigado, filha de Indra – disse o cavalo, falando com as sete bocas em sete vozes melodiosas. – Você nos livrou do aprisionamento.

Uma por uma, as montarias se aproximaram. O tigre aninhou a cabeça em sua mão. O pavão bicou seus dedos carinhosamente. A coruja baixou a cabeça.

– Basta nos chamar, e nós iremos ajudar, Pândava – disse a coruja.

Eles partiram, saltando e voando e cavalgando no ar, até que restou apenas o cavalo.

– Você tem que ir para algum lugar, não é? – perguntou o cavalo.

Aru olhou para as ondas na mão e assentiu. A terceira chave – o gole de

velhice – ainda estava em algum lugar.

– Eu a levo – disse o cavalo. – Ninguém corre mais rápido, pois me desloco na velocidade do pensamento.

Aru nunca tinha andado a cavalo antes. A não ser que contasse se sentar num unicórnio com as cores do arco-íris num carrossel, gritando *upa!* (o que não deveria contar). Um banquinho apareceu magicamente ao lado do cavalo. Aru subiu nele, enfiando a bola de volta no bolso. Ela balançou as pernas sobre o amplo lombo do animal.

– Está pronta, filha de Indra? – ele perguntou.

– Não – Aru respondeu. Ela respirou fundo. – Mas vamos mesmo assim.

DEZENOVE

Eu não faria isso NUNCA... NUNCA JAMAIS!

Existem diversas maneiras de se fazer uma entrada espetacular. Aru, que tinha assistido a muitos filmes na vida, acreditava piamente que as três melhores opções são:

1. Você podia surgir como Aragorn no último filme de *O Senhor dos Anéis* e erguer a espada enquanto um monte de fantasmas brota atrás de você.
2. Você podia surgir como John McClane em todos os filmes do *Duro de Matar*, gritando “YIPPEE-KI-YAY!” enquanto acena com uma metralhadora.

Ou...

1. Você podia surgir feito um ator em todo filme de Bollywood, com um vento invisível soprando seus cabelos enquanto todo mundo começa a dançar à sua volta.

Mas depois de hoje, Aru teria de mudar essa lista. Pois sinceramente? Entrar cavalcando num cavalo de sete cabeças superava todas.

Eles adentraram o Bazar Noturno em meio a uma comoção de suspiros. Carrinhos de compras guincharam e se dispersaram. Barracas pularam para sair do caminho, as franjas se enrolando ao seu redor como alguém se abraçando depois de levar um susto. Um raksha que tinha acabado de comprar um lanchinho do comerciante de rua deixou a comida cair no chão. Um raksha menor cacarejou, agachou-se rapidinho e a comeu.

Eles atravessaram mundos com cidades cheias de monstros, e (ela teve quase certeza) mundos onde monstros construíam cidades. Ela viu uma criatura gigante e escamosa despejando água num copo enquanto espiava o que acontecia lá dentro: “Vocês me chamam de exagerado, né? Então agora eu vou fazer uma tempestade em copo d’água. Ah, se vou!”.

Atravessaram uma pilha de nuvens. Do outro lado não havia nada além de uma vasta extensão de oceano. Mas era diferente de qualquer oceano que Aru já tinha visto. Não era azul ou cinza ou mesmo esverdeado. Era branco como

leite. No meio, uma pequena ilha de pedra despontava como um floco de aveia numa tigela de cereal.

– Antigamente esse era o pedestal a partir do qual o Oceano de Leite foi revirado – esclareceu o cavalo.

Na mesma hora, Aru soube onde estava. No panorama do museu, na sua casa, havia uma ilustração do Oceano de Leite. Há muito tempo, um sábio poderoso lançou uma maldição contra os deuses, fazendo com que perdessem a imortalidade. Enfraquecidos e correndo perigo, reviraram o oceano para obter o néctar da imortalidade. Quando começaram a revirar, houve uma explosão de veneno no ar. Os deuses pediram a Shiva – Deus da Destruição – para eliminar aquilo. Então Shiva engoliu o veneno todo, e por isso sua garganta ficou tingida de azul.

Aru sempre gostou de ficar deitada no teatro panorâmico, onde era frio, escuro e silencioso, assistindo às histórias dos deuses e deusas girando em torno. É por isso que sabia que havia acontecido uma batalha, muito tempo atrás, por conta do néctar da imortalidade. Os deuses não reviraram o oceano sozinhos. Precisaram da ajuda dos asuras, os demônios. Mas quando o oceano finalmente entregou o segredo da imortalidade, os deuses enganaram os asuras e pegaram todo o néctar.

Aru estremeceu. Ela se perguntou quanto tempo durava o rancor de um demônio. Podiam não ser capazes de viver eternamente como os deuses, mas podiam reencarnar de uma vida para a outra. Para todo o sempre...

O cavalo de sete cabeças começou a descer. Ele desacelerou até um ritmo moderado quando alcançaram a costa da ilha. Depois das dunas de areia, a entrada de um largo túnel parecia bocejar.

Aru imaginou que dentro o visual seria velho e assustador, mas no fim era apenas um escritório abandonado. Cubículos de mármore haviam sido cavados nas laterais do túnel. Estavam todos desocupados. Alguns continham quadros de cortiça com fotos pregadas. Um par de fones de ouvidos, como os que operadores de telemarketing usam (só que feitos de ouro e cravejado com diamantes) foi deixado para trás, em cada mesa. De tanto em tanto, Aru via uma máquina de venda automática. Mas elas não continham doces ou salgadinhos. Em vez disso tinham coisas como “sete horas de sono”, “um bom sonho acordado”, “um excelente sonho acordado” (incluindo, Aru observou, um rostinho com uma piscadinha ao lado), “uma dose de eloquência”, e uma miniatura de álcool em gel para as mãos.

Cartazes, cobertos com uma fina camada de pó, ainda decoravam o túnel. Um exibia uma reluzente cidade de ouro. Por cima, as seguintes palavras:

VENHA CONHECER A CIDADE DE LANKA!

O PRINCIPAL DESTINO
DE SONHOS E PESADELOS!

SERVIÇO: OURO!

ALIMENTAÇÃO: OURO!

ENTRETENIMENTO: NÃO SANGUÍNEO, MAS CERTAMENTE COM MOMENTOS
SANGUINOLENTOS!

Outro cartaz anunciava uma cidade subterrânea com uma modelo naga muito atraente, piscando e exibindo as presas reluzentes:

A CIDADE DAS COBRAS!

VENHA PELA PAISAGEM,
FIQUE PELAS BELEZAS RASTEJANTES!

Mas, por mais que Aru olhasse, não via sinal de Mini.

– Aqui é a central de turismo do Outromundo – o cavalo explicou. – Mas no momento está fechada. Ninguém vai incomodá-la enquanto você estiver aqui.

Uma parte do túnel estava coberta por tábuas. Uma placa grande anunciava NÃO ENCOSTE! e CUIDADO: EM REFORMA. Um odor azedo exalava entre as pranchas de madeira marteladas sobre a abertura.

Mas debaixo das pranchas havia um vão grande o bastante para que uma pessoa do tamanho da Mini (mas não necessariamente uma pessoa tamanho mini) pudesse se espremer e passar para o outro lado.

Foi nesse ponto que o cavalo parou.

– É aqui que eu lhe deixo, filha de Indra.

Ele ajoelhou para que ela pudesse descer.

– Obrigada pela carona – disse Aru. Ela sentiu as pernas bambas ao descer.

– Pode nos chamar quando houver necessidade.

Hum... O que ele queria dizer com necessidade? Pois ela adoraria aparecer na escola num cavalo de sete cabeças. Com certeza ia detonar todos aqueles carros chiques e pretos. O cavalo parecia ter adivinhado o que ela estava pensando, pois relinchou.

– Necessidades *urgentes* – esclareceu.

– Espera. Qual o seu nome?

– Uchchaihshravas – ele respondeu.

– Uchcha... É... e se eu só assobiasse?

O cavalo bufou.

– Isso quer dizer que não é pra assobiar? – Aru perguntou.

– Declare seu nome para o céu. Nós ouviremos e responderemos.

O cavalo abaixou as sete cabeças e então partiu da mesma maneira como chegou. Aru não ficou para vê-lo desaparecer. Ela passou por debaixo das pranchas, tampando o nariz com a mão. O lugar fedia. Mini certamente ficaria preocupada, achando que o ambiente estaria cheio de gases tóxicos.

Aru se encontrou numa viela estreita. Quando desembocou numa caverna, soube de onde vinha aquele cheiro estranho...

No meio do espaço, havia um caldeirão do tamanho de uma banheira com pezinhos. Mas o caldeirão não era feito de ferro ou aço... era feito de *vapores*. Era transparente o bastante para que Aru pudesse ver um líquido azul borbulhando furiosamente no seu interior. Tentar segurar um líquido apenas com vapores parecia uma péssima ideia... e a julgar pela maneira como a coisa ficava ondulando, parecia estar prestes a explodir a qualquer momento.

Mas havia também alguma coisa sólida dentro, quase do tamanho do seu pé, flutuando acima do líquido azul. O desenho mehndi nos seus dedos pulou gentilmente. Aquele sapato era a terceira chave?

Se fosse, como ia pegá-lo?

Logo atrás do caldeirão, uma enorme estátua de Shiva, o Deus da Destruição, estava agachada. Ele se debruçava sobre o caldeirão, com a bocona escancarada, como que chocado com o conteúdo. Aru não conseguia ver o resto da estátua. Ela desaparecia atrás da borda onde o caldeirão borbulhava.

– Aru? – chamou uma voz familiar.

Ali, parada no canto, segurando um caderno numa mão e uma caneta na outra, estava Mini.

As duas trocaram olhares receosos. Aru não soube o que dizer. Ela já havia pedido desculpas. Mas nunca é demais dizer *me desculpa* de novo. E a verdade é que Aru não tinha ido até ali apenas para salvar a própria pele. Ela tinha ido porque Mini era sua amiga. Além do mais, tinha prometido não deixá-la para trás. Ela podia contar umas mentirinhas de vez em quando, mas nunca quebrava promessas.

– Mini, me desculpa – começou a dizer.

Ao mesmo tempo, Mini falou:

– Talvez eu tenha exagerado.

– Ah! Você primeiro! – ambas disseram. De novo, ao mesmo tempo.

Agora elas se olhavam intensamente.

– Quem tocar o nariz por último! – Aru proclamou, rapidamente dando um tapa no nariz. (Doeu um pouco? Sim. Ela faria novamente para evitar ser a primeira a falar sobre suas emoções? Cem por cento sim.)

Mini, que nem havia encostado no nariz, resmungou:

– Tudo bem! Eu só ia dizer que talvez não deveria ter deixado você daquele jeito. Detesto quando as pessoas fazem isso comigo. Eu sei que você não quis prejudicar ninguém ao acender a...

– Desculpas aceitas! – disse Aru, sentindo-se imensamente aliviada. – Agora...

– Eu só quero que você saiba que... que eu entendo como se sente – Mini continuou. – Meus pais, eles... bem... eu amo eles. E eles me amam. Minha família é legal. Sério. Mas não achavam que eu seria uma Pândava. Acharam que tinha sido um engano. Acho que foi superimportante pra mim ver que você acreditou... em mim. E eu entendo que talvez tenha se sentido assim também, como uma impostora, e provavelmente foi por isso que acendeu a lâmpada.

Aru não disse nada por um momento. Ela não estava brava ou encabulada. Estava grata. Havia encontrado alguém com quem se sentia à vontade, e isso doía. De um jeito bom.

– Eu acredito em você, sim, Mini. Acho que é muito inteligente. Com certeza um pouquinho neurótica, mas totalmente inteligente. E corajosa também.

Ela estava sendo sincera. De todo o coração. Talvez Mini conseguisse ver isso, pois sorriu e apontou o cotovelo. Aru retribuiu a cotovelada e soube que estavam de bem.

– Você viu aquela coisa flutuando no caldeirão? – Aru perguntou.

– Ahã. Acho que é a terceira chave, mas não sei como pegá-la. Será que temos que beber do caldeirão?

Beber do tonel borbulhante de líquido azul nojento?

– Ããã... – disse Aru. – Bem, eu já mordi um livro, então se alguém tiver que beber seja lá o que for *aquilo*, não será eu.

– *Aquilo é veneno.* Especificamente, veneno *halahala*.

– Certo, agora é que não bebo mesmo.

– É a mesma poção que foi lançada quando os deuses reviraram o Oceano

de Leite. Vai nos matar. Por favor, diga que leu o aviso. – Ela apontou para um cartaz num canto. Aru deu uma rápida passada de olhos. Assim que leu **PROBABILIDADE DE DESMEMBRAMENTO**, parou.

– Não.

– De acordo com os avisos, se a gente tocar no caldeirão, a coisa toda explode – disse Mini. – Acontece uma vez por ano, tipo um vulcão, que é o motivo de esse lugar estar interditado. Nós duas *morremos*.

Então Aru teve uma ideia.

– Talvez eu possa pedir uma ajuda.

Ela contou para Mini sobre a gaiola cheia de montarias celestiais. Quando terminou, Mini parecia impressionada e com uma leve inveja.

– Um cavalo de sete cabeças? – perguntou. – Imagina todas as conexões neurológicas? Isso seria fascinante de estudar!

– Foco, Mini!

– Tudo bem, tudo bem. Bom, nem dá pra chamar isso de ajuda. As regras dizem claramente que nenhum animal pode drenar o veneno. Aparentemente, pode transformá-los em monstros enormes que comem tudo à sua volta.

– Urghhhh.

– Detalhes, atenção aos detalhes – disse Mini, mastigando o lápis. – Tem que haver um truque.

– Que tal produzir uma ilusão com o espelho? – Aru perguntou.

– Impossível.

Mini pegou o pó compacto. Ele reluziu, mas não fez aparecer nadinha. E a bola de pingue-pongue da Aru também não ofereceu nenhuma pista. Não estava sequer brilhando.

– É como uma zona neutra de magia – disse Mini. – Acho que nem nossos presentes das Estações vão funcionar. Não consegui abrir a caixa de docinhos da Primavera, e tudo o que temos aqui são pedras e essa fogueira velha.

Hã?

Mini apontou para o alto e o queixo da Aru caiu. Um imenso candelabro de fogo pendia do teto. As chamas rodopiavam e brasas estalavam sem cair no chão. Parecia estranhamente brilhante, como se a coisa toda estivesse contida numa caixa de vidro, como um tubo de ensaio cheio de chamas azuis e douradas.

– Tenho a impressão de que o fogo e o veneno estão conectados de alguma maneira – disse Mini, mastigando o lápis. – Se a gente tocar em qualquer um

dos dois, vão explodir. Mas pelo menos nada passará pela entrada.

– Espera. Se o fogo e o veneno não podem deixar essa sala, por que todo o escritório de turismo foi evacuado?

– O cheiro. E eles também têm direito a férias. Pelo menos é o que diz o aviso – disse Mini. – Esse é o destino turístico mais bizarro de todos.

Aru deu de ombros. Considerando que o último lugar que sua classe visitou numa excursão da escola foi o museu das lancheiras, um vulcão de veneno parecia bem mais legal. E pelo jeito o Outromundo também achava. Ao lado do caldeirão havia um painel de madeira pintado em tons claros, pronto para uma foto. Os visitantes podiam enfiar o rosto num buraco vazado (havia abertos lugares para chifres, capas de cobras naja e cabeças múltiplas) e fingir que estavam bebendo a poção. Embaixo, havia um balde para doações com um pequeno aviso: OBRIGADO POR APOIAR AS ASSOMBRAÇÕES LOCAIS!

Aru deu a volta no caldeirão.

– Então... tirando a opção de tentar beber esse treco e morrer com certeza, não tem nenhum outro jeito?

– Eu não disse isso. Só que não podemos abordá-lo como quem já teve experiências mágicas. Uma pessoa com poderes mágicos tentaria um truque para esvaziar o caldeirão.

Mini estava com uma expressão compenetrada. Ela olhou para o caldeirão, então para o caderno, e de volta para o caldeirão.

– É um líquido.

Aru achou que não seria exatamente legal responder *DÃ*, então apenas assentiu.

– Quando aquecido, os líquidos viram gás. Parte do líquido envenenado do caldeirão se transformou no vapor envenenado que *sustenta* o líquido.

A cabeça da Aru doía. Esse era realmente o melhor momento e lugar para uma aula de química?

– O truque é esse – disse Mini, falando sozinha. – Eles não querem que a gente desenvolva um raciocínio mágico. Temos que raciocinar como qualquer pessoa comum faria... Tenho um plano.

Mini parecia tão chocada com a ideia de que tinha um plano, que a frase acabou soando mais como *Tenho um plano?*

– Incrível! – disse Aru. – E envolve o quê?

– Temos de quebrá-lo – disse Mini, o rosto todo iluminado. – E sem magia.

– Espera. O que foi que você disse?

Mini pegou uma pedrinha no chão.

– Hum, Mini...?

E daí ela atirou a pedrinha direto no caldeirão gigantesco cheio de veneno, berrando:

– Em nome da ciência!!!

VINTE

Sim, ela fez isso

Se antes Aru era educadamente indiferente em relação a ciências, agora a odiava sem sombra de dúvida. Ela só olhou quando a pedrinha disparou da mão da Mini. Foi um arremesso corajoso. Um belo arco. Muito dramático.

Mas a pedrinha caiu antes, talvez a um triz do caldeirão. Aru soltou um suspiro de alívio. Estavam salvas.

Mas daí a pedrinha infernal fez o que é irresistível para qualquer pedrinha que se preze:

Ela rolou.

E daí bateu de leve no caldeirão.

– Talvez não tenha sido forte o suficiente para... – Aru se interrompeu quando o caldeirão começou a chacoalhar mais violentamente. Seus vapores laterais começaram a rodopiar. – Não. Esquece o que eu falei. Morremos.

– Não morremos – disse Mini. – Eu só queria revirar o líquido um pouquinho. Precisamos acertar o fogo primeiro.

– Revirar veneno não é suficiente? – Aru perguntou. – Tem que acrescentar fogo?

– Essa sala foi projetada de modo a fazer com que o calor do fogo acima transforme uma parcela do veneno líquido em gás – Mini especulou. – Se a gente derrubar *todo* o fogo, vai vaporizar o veneno *todo*, deixando pra trás apenas a terceira chave!

A concha de vapor do caldeirão começou a rachar. O teto da caverna tremeu, e pedaços de rocha preta escamaram e caíram. O candelabro de fogo balançou para a frente e para trás.

– Junte quantas pedras conseguir e comece a atirá-las no fogo – disse Mini.

– E se elas acertarem o caldeirão por engano? A gente...

– Você disse que acreditava em mim! – Mini gritou. – Então acredite!

Aru travou o maxilar.

– Tá certo.

Ela juntou as pedras e, unidas, as duas começaram a atacar o fogo. Um som de rachadura percorreu a caverna. Aru olhou para cima, e a suspeita se confirmou! O fogo estava enclausurado em alguma coisa. E o que quer que as estivesse protegendo das chamas começava a se espatifar.

Fogo escorreu em longas fitas incandescentes. Num instante, iria encontrar o vapor venenoso e liquidificar o caldeirão.

– Corre! – Mini gritou. – Pra entrada!

Aru correu enquanto plumas azuis de veneno espiralavam no ar. Ela engasgou. O cheiro era *horrível*. Seu dedão mal tinha atravessado o limiar quando ela ouviu um *bum* atrás. O caldeirão explodiu. Do canto do olho, Aru viu uma onda gigante de veneno líquido subindo.

Um jato de calor e luz fez com que ela e Mini caíssem de costas. Aru piscou repetidas vezes, olhou e viu uma parede de labaredas se amontoando acima, bloqueando a entrada da caverna. A onda alcançou a soleira da entrada... e parou. Aru ouviu chiados. Mas o veneno tinha desaparecido! As labaredas mágicas tinham formado uma espécie de cerca e deviam ter cozinhado todo o líquido.

Mini correu para o seu lado, sem fôlego, mas feliz.

– Viu? Com calor e tempo suficiente, o líquido virou gás.

– Foi *incrível* – disse Aru. – Como pensou nisso?

Mini apenas abriu um sorriso.

Aru não pôde deixar de lembrar o que o Senhor Hanuman havia dito antes de elas deixarem a Corte do Céu. Que às vezes nós precisamos que alguém nos lembre de como somos poderosos, e daí a própria pessoa se surpreende.

Todas as labaredas do salão tinham se apagado. Na ponta dos pés, Mini avançou cautelosamente até o centro da caverna. Onde antes estava o caldeirão, agora havia uma marca de queimado no chão. Um tiquinho de veneno havia conseguido se esconder do fogo num novo local: a estátua de Shiva que antes se agachava, boquiaberta, atrás dele. Agora a garganta reluzia num tom azul-claro.

No chão também havia uma pequena taça turquesa. Aru se perguntou se seria a coisa que parecia um sapato flutuando no caldeirão. Um líquido prateado enchia a taça. Mini a pegou, com cuidado.

– A terceira chave. Um gole de velhice.

Aru esticou a mão, fazendo uma careta. Ela tentou entornar o líquido, mas ele não cedeu. A magia muitas vezes era teimosa quanto às regras. *Que grosseria*.

– Devia ser a sua vez – disse Aru. – Mas vamos ver se adivinho: eu que vou ter que beber porque você salvou a nossa pele agora há pouco?

– Ahã – Mini disse.

Aru engasgou só de olhar para o líquido.

– E se for veneno? Veio de um caldeirão de veneno, afinal de contas...

Mini deu de ombros.

– Daí talvez eu possa te salvar com um dos docinhos da Primavera.

Aru ainda tinha dúvidas.

– E se eu engolir a chave?

– Não recomendo. Quando eu tinha três anos, engoli a aliança da minha mãe, e depois eles me obrigaram a comer um monte de banana, e tiveram que...

– ESQUECE! NÃO QUERO SABER.

– Bebe ou então vou contar a história toda!

– Você é má.

Mini cruzou os braços sobre o peito.

– Acredito na justiça.

Aru tomou um golinho mínimo, o tipo que tomava de vez em quando do copo de vinho que sua mãe bebia aos domingos, só para ver porque as pessoas faziam tanto alarde a respeito. Ela sempre acabava cuspiendo o líquido nojento. Mas a velhice não tinha um gosto... ruim. Fez Aru se lembrar do seu aniversário anterior. Sua mãe a levou para um restaurante italiano muito chique. Aru comeu tanto que dormiu no carro. A mãe a pegou no colo (Aru lembrava porque continuou fingindo que estava dormindo) e a carregou até a cama. O gole de velhice era parecido – uma espécie feliz de plenitude.

Um peso pressionou sua língua. Assustada, ela o cuspiu e deparou com uma pequena chave branca. Era feita de osso. NÃO.

– Ahhh! – Aru gritou. Ela começou a esfregar a língua. Então percebeu que não havia lavado as mãos desde que a Brahmasura tinha virado uma pilha de cinzas. Aru cuspiu no chão.

– A terceira chave! – berrou Mini, eufórica. – Legal! É um osso! Será que é como uma falange, ou talvez um...

Aru olhou feio para ela, e Mini rapidamente mudou de assunto:

– Conseguimos! Temos as *três* chaves para entrar no Reino da Morte.

Apesar de estar totalmente enojada, Aru sorriu. Elas tinham conseguido mesmo. E o que deixava a coisa ainda melhor era que Mini não estava com o jeito tímido de antes. Iluminada pelo brilho de veneno na boca de Shiva atrás dela, era quase como se tivesse um halo.

– Pronta? – Aru perguntou.

Mini assentiu.

As palmas da Aru começaram a suar. Seu cabelo parecia estar preso num rabo apertado demais. Parte dela se perguntava se devia dar uma passadinha no banheiro antes de partir, pois não tinha como saber se teria banheiro público no Outromundo. Mas talvez fosse apenas a ansiedade.

As meninas posicionaram as três chaves numa linha reta: o raminho da juventude, a moeda da mordida de maturidade (agora reluzia novamente), e a chave de osso.

Aru não sabia o que ia acontecer em seguida. Mas isso não importava, porque as chaves sabiam o que fazer. De uma só vez se fundiram e escorreram para o mesmo lugar, formando uma poça de luz. Aru segurou a respiração conforme a poça levantava, ficando cada vez mais alta até atingir o tamanho do cavalo de sete cabeças no qual ela atravessou o Oceano de Leite.

Na escuridão da caverna, uma porta se formou.

A porta para o Reino da Morte.

VINTE E UM

A porta e os cachorros

A porta para o Reino da Morte era forjada de osso, folhagem e luz.

Mini ergueu a mão para tocá-la. Então balançou a cabeça.

– Achei que fosse me sentir... diferente.

– Em relação a quê? – Aru quis saber.

– Em relação à porta e para onde ela leva.

– Ela leva para o Reino da Morte. Só isso.

– Sim, mas essa é a porta para o meu... – Mini parou e gaguejou. – Quer dizer, acho que ele não é realmente meu... meu...

– Pai?

Mini hesitou.

– Sim. Isso. Mas não conheço ele. E ele não me conhece. Quer dizer, acho que não importa. Buu e meus pais disseram que é meu pai de alma, não meu pai de casa, mas acho que gostaria que ele fizesse mais que me dar um espelhinho, sabe?

Não. Ela não sabia. Aru sabia que era um pouco cruel, mas não conseguiu sentir dó de Mini. Aru estava no mesmo barco, e ela sequer tinha um pai de casa para confortá-la. Sim, Indra podia ter feito a sua alma, mas onde estava seu pai de verdade? Ainda podia estar por aí... em algum lugar. E seja lá quem fosse, não a quis.

Ela engoliu aquela onda de inveja. Não era culpa da Mini.

– O que você vai fazer se conhecer Dharma Raja?

– Apenas agradecê-lo por permitir que eu exista, acho. Não sei. É estranho.

– Mini respirou fundo. – Tudo bem, agora estou pronta.

Aru alcançou a maçaneta, mas tomou um choque. Soltou-a, como reflexo da ferroadada.

– Acho que você é quem deve abrir.

– Eu? Por quê?

– Porque você é a Filha da Morte. É como entrar na sua casa.

– E se ela me der um choque também?

Aru deu de ombros.

– Que tal dizer seu primeiro nome?

Mini parecia em dúvida, mas endireitou os ombros.

– Meu nome é Yamini Kapoor-Mercado-Lopez, essa é... – Ela se virou para

Aru e sussurrou: – Não sei seu sobrenome!

Aru ficou tentada a dizer que seu nome era Bond. James Bond.

– Aru Shah.

– O nome do meio?

Ela deu de ombros.

– Se tenho um, ninguém nunca me disse qual é.

Mini assentiu, aparentemente satisfeita, e continuou conversando com a porta:

– Aru Shah. Estamos adentrando o Reino da Morte porque fomos enviadas numa missão para despertar as armas celestiais para que... ééé... para que o Tempo não acabe e para descobrir como deter esse demônio superhorrível e para isso vamos buscar respostas na Lago do... Assado?

– Lago do Passado – Aru sussurrou.

– Lago do Passado! – Mini concluiu. – Por favor e obrigada.

A porta não se mexeu. Mas, até aí, Mini não a tinha empurrado.

– Por que você nem está tentando abrir? – Aru perguntou.

– Não é educado forçar.

Com isso, a porta se abriu com um suspiro e um rosnado.

Vista de lado, a porta para o Reino da Morte era tão magra quanto um laptop fechado. Mesmo assim, no momento em que Mini entrou, ela desapareceu. Era como se tivesse pisado numa fatia no ar.

Depois de alguns segundos, Mini botou a cabeça para fora.

– Vem ou não vem?

Aru sentiu o estômago revirar. Não conseguia se lembrar de nenhuma história sobre o Corredor dos Mortos, mas apenas a ideia deles era o suficiente para amedrontá-la. Imaginava fantasmas sem rosto por trás das portas. Fogueiras que nunca se consumiam. Um céu sem estrelas.

E daí imaginou o rosto da mãe congelado numa expressão horrorizada, os cabelos caindo em volta. Lembrou-se de Buu inerte na mão de Sono. Essas imagens fizeram com que se mexesse.

– É uma *aventura*? – perguntou, tentando se animar.

Sua mão foi para o bolso da calça onde ela guardava a bola de pingue-pongue. Estava quente e reconfortante.

– *Tudo bem. Está tudo bem. Tudo está bem* – murmurou para si.

Aru colocou o pé do outro lado da soleira.

Um vento gelado eriçou os pelos da sua nuca. Na brisa, pôde ouvir as

últimas palavras de pessoas que tinham morrido: *Não, ainda não! E: Por favor, alguém lembra de dar comida pra Bola de Neve. E: Espero que alguém limpe o histórico do meu navegador.*

Mas, na maioria, Aru ouviu a palavra amor.

Diga à minha família que a amo.

Diga à minha esposa que a amo.

Diga aos meus filhos que os amo.

Diga à Bola de Neve que a amo.

Aru sentiu uma fisgada no coração. Será que ela tinha dito à sua mãe que a amava antes de deixar o museu com Buu?

Agora não tinha como voltar. No instante em que pisou no Reino da Morte, a porta desapareceu. Ela foi parar num túnel tão escuro que não soube dizer onde estava pisando. Na própria escuridão? Não havia paredes, céu ou mar, nenhum princípio ou fim. Apenas escuridão.

– Minha mãe costumava dizer que a morte é como um estacionamento – Mini sussurrou. Ela parecia estar perto, e como se estivesse tentando se convencer. – Você fica lá por um tempinho e depois segue pra outro lugar.

– De novo estacionamento? – Aru tirou um sarro forçado.

Respirou com mais facilidade ao lembrar que, no hinduísmo, morte não é um lugar onde você fica preso para sempre. É onde espera até reencarnar. Sua alma podia viver centenas, talvez até milhares de vidas antes de escapar do ciclo de vida e da morte ao atingir a iluminação.

Um cachorro latiu ao longe.

– Por que tão sérias? – perguntou uma voz grave.

– Sérias ou Sirius? – disse uma voz diferente, essa aguda. – Nós conhecemos esse cachorro, não é? Uiva para as estrelas? Corre atrás do sol?

– Você estraga tudo! Eu treinei essa fala durante um ano inteiro – resmungou a primeira voz. Agora não estava mais tão grave.

– Bem, como eu ia saber? – disse a segunda.

– *O Cavaleiro das Trevas* é meu filme favorito, lembra? Devia me escutar. Sou Ek, afinal de contas! Você só é Do.

– Só porque nasceu primeiro não significa que é mais importante – Do disse.

– Significa, sim – retrucou Ek.

– Não significa, não!

Ek? Do? Aru conhecia aquelas palavras. Eram os nomes dos números em

hindu, a língua mais popular da Índia.

Ek e do significava um e dois. Soava como *iêque e dô*.

A mãe de Aru cresceu falando gujarati, uma língua do estado de Gujarat. Aru não falava nem gujarati nem hindi. Tudo que sabia era algumas palavras, incluindo palavrões. (Coisa que nem sabia que era palavrão até a vez que botou o pé na frente do sacerdote, no templo, e deixou escapar um. Sua mãe não ficou feliz.) Quando Aru apertou a bola dourada na mão, ela virou uma lanterna bem fraquinha.

Quatro pares de olhos espiavam Aru e Mini. Com o brilho da bola, Aru conseguiu identificar o formato de dois cães gigantes.

Ek e Do tinham duas fileiras de olhos cada, e pelo malhado e curto. Quando avançaram para cheirar as meninas, o pelo ondulou e reluziu. Aru se perguntou se seria macio.

Mini havia puxado a gola da sua manga e a apertava contra o nariz.

– Soumalergicaadaens.

– Quê?

Ela tirou a cara de trás do pano.

– Sou alérgica a cães.

– Só podia ser.

– Vocês estão mortas? – perguntou Ek, o cão com a voz aguda.

– Acho que não – Mini respondeu.

Ao mesmo tempo, Aru falou:

– Claro que não!

– Bem, não podem entrar se não estiverem mortas – disse Ek. – É a regra.

– Você não entende – Aru começou a dizer.

– Ah, entendemos, sim – disse Ek. – Têm duas opções. Podem morrer por conta própria, ou podemos ajudar e matar as duas!

Do balançou o rabo.

– Adoro ajudar! Ajudar é legal.

VINTE E DOIS

Quem é um bom menino? Quem é?

Não – disse Aru. – Não, obrigada. Vamos encontrar outro jeito.
– Eu não vou pra lugar nenhum – disse Mini.
Ek bocejou como se já tivesse ouvido isso antes. Seus dentes eram afiados. Por que tão afiados? E aquilo era... *sangue* nas presas?

– Não foi isso que eu quis dizer. Não vou pra lugar nenhum porque... este reino é *meu*? – disse Mini. Ela aumentou o tom de voz ao final da frase. – Sou filha de Dharma Raja e exijo entrar.

– E eu sou filha do Senhor Indra! – Aru se meteu.

Mini olhou feio para ela.

– Celebridades! Ah, bem-vindas, bem-vindas – disse Do. – Vocês me dão um autógrafo? Podemos fazer isso antes ou depois da operação matança. O que for mais conveniente.

– E daí se são celebridades? A morte é a maior niveladora de todas! Não são as primeiras. Nem serão as últimas. Nós já carregamos as almas de rainhas, assassinos e diabólicos instrutores de yoguilates com os dentes – disse Ek, orgulhoso, para as meninas. – Até os irmãos Pândavas tiveram que morrer. Até *deuses* reencarnados em corpos mortais tiveram que morrer.

– Isso é verdade – disse Do, concordando.

– É só um corpo! – disse Ek, medindo-as da cabeça aos pés.

– Larguem os corpos! Daí a gente deixa vocês passarem.

– Vocês conseguem uns novos – disse Do.

Aru reparou nos sinais indicando que a autoconfiança da Mini começava a minguar: óculos meio tortos, lábios presos entre os dentes.

– Hum – disse Mini.

Os dentes de Ek reluziram com mais brilho.

– Vai ser rápido.

– Eu não estou no clima de estraçalhar ninguém – Do choramingou, mesmo que seu pelo tivesse se arrepiado e suas presas tivessem crescido.

– Por que a gente não vai até o crematório em vez disso e enterramos uns nacos de osso? Ou podemos brincar de Pega a Coisa Decapitada! Sempre adorei essa brincadeira.

Ek rosnou.

– Agora não, Do! Este é o nosso trabalho! Nosso dharma! Nossa obrigação!
– Ah. Obrigação. *Briga cão*.
– Do, agora não é um bom momento.
– Nunca é um bom momento, Ek! Ontem você disse que a gente podia brincar de pega-pega. Nós brincamos? Não!

Aru cutucou Mini. Logo atrás dos dois cachorros, surgiu uma fina faixa de luz. Talvez aquela fosse a *verdadeira* porta para o Reino da Morte e essa apenas o tedioso saguão de entrada. Nesse caso, o motivo de estar se abrindo agora provavelmente era porque percebeu que alguém estava prestes a morrer. Aru engoliu em seco. Se ao menos conseguissem passar por esses guardiões, poderiam entrar no reino. Não que Aru estivesse exatamente ansiosa para entrar.

Detrás da porta alguma coisa parecia chamar. Alguma coisa de que ela já sabia que não gostava. Uma coisa assustadora. Lembrava a voz de Sono no seu ouvido.

Mesmo assim, qualquer coisa era melhor que ser estraçalhada.

– Esperem até meu pai saber disso! – Mini vociferou. – Quer dizer, meu pai divinal. Não o humano. Meu pai humano também ficaria bravo, mas...

– Mini – Aru interrompeu –, você não devia se explicar depois de dizer algo como “Esperem até meu pai saber disso!”.

– Essa menina é uma mimada – Ek sussurrou.

– Achei legal – disse Do. As orelhas dele se achataram contra o crânio.

– Não acredito que não estão me ouvindo... – disse Mini, chocada.

– Vai ver que foi porque deu uma de mimada? – Aru sugeriu.

Ek, que havia crescido até atingir o tamanho de uma casa de respeito, riu. Não foi uma risada amigável.

– Isso com certeza não ajudou.

– Aru... – disse Mini, a voz desafinando.

Aru tinha pouca experiência com cães da Porta da Morte. Mas tinha experiência com cães normais. No verão anterior, tinha levado o poodle da Senhora Hutton (Cãozinho P.) para passear e quase perdeu o braço quando ele viu um gato.

– Pó compacto – Aru sussurrou, sem desgrudar os olhos dos dois cães. E daí, numa voz mais macia ainda, disse: – Gato.

– Como vamos escolher qual comer primeiro? – Ek perguntou. – Talvez num jogo de cara ou coroa?

– Cara! – exclamou Do.

– Vocês vão decidir na moeda? – Aru perguntou.

Se conseguisse distraí-los, talvez não reparassem no que Mini estava evocando com seu estojinho de pó compacto.

– Não! – disse Do, excitado. – Estamos só decidindo quem vai pegar quais partes das duas!

– Mas nós não temos coroa – disse Aru.

Do olhou para ela por um momento mais demorado, como se tivesse acabado de perceber aquilo.

– Ah, é verdade... – Do olhou para Ek.

– A gente escolhe cara ou coroa no sentido *metafórico* – falou Ek.

– Como assim?

– *Metafórico* significa *simbólico*, Do. Sinceramente, parece que você nunca prestou atenção nas aulas! Uma metáfora é uma palavra que representa outra coisa. Elas não têm coroa literalmente, mas têm duas partes. Então *cara* pode ser a parte de cima...

– Qual o oposto de metafórico?

– Literal!

– Mas daí...

Enquanto os dois batiam boca, Aru e Mini uniram as cabeças. (Metafórica e literalmente.) Fumaça roxa emergiu do pó compacto que Mini estava segurando. A fumaça tomou forma e começou a crescer com uma cara e sem coroa. (Literalmente.)

– Pronto? – Aru perguntou.

– Pronto – disse Mini. Ela ficou debruçada sobre a fumaça.

– Ei! Ek e Do! – Aru gritou.

Aru olhou para a esfera reluzente na mão. Ela a rolou entre as palmas, desejando que não fosse tão minúscula. Conforme pensou a respeito, a bola de fato se transformou. Cresceu até ficar do tamanho de uma bola de tênis. Do esticou a cabeça. Uma língua gorda e rosada pendeu do canto da boca.

– Não! – Ek rosnou. – É uma armadilha!

– É UMA BOLA!

Aru jogou a bola com o máximo de força que conseguiu. Do saiu saltitando atrás.

Ek ficou parado.

– Se você acha que uma bola...

Mini liberou o feitiço. Um impecável gato roxo saltou dos seus braços, correndo escuridão adentro. Ek arregalou os olhos. Seu rabo começou a abanar, e a escuridão começou a vibrar em torno. A rachadura de luz logo atrás aumentou.

– IIIIIUUUUUUHHHHUUUU! – gritou, correndo atrás do gato.

– Bom menino! – exclamou Aru.

Mini e Aru correram até o fino vão de luz.

Conforme as pernas latejantes de Aru percorreram a escuridão abaixo, a única coisa em sua mente era:

Talvez fosse melhor pedir à sua mãe que lhe desse um gato, em vez de um cão.

VINTE E TRÊS

Índex de almas

Silenciado o uivo dos cães atrás delas, Aru e Mini foram da absoluta escuridão para a luz cegante. Aru estreitou os olhos e olhou à sua volta, tentando se orientar.

Quando seus olhos finalmente se ajustaram, viu que estavam paradas numa fila. Uma olhada à sua volta e soube no ato que estavam no lugar certo. Aquelas pessoas definitivamente *não* estavam vivas.

Uma pessoa estava pegando fogo. Bocejou e voltou a cutucar o interior de uma torradeira com um garfo, uma expressão muito encabulada no rosto. Daí havia um casal queimado de sol com roupas de caminhada, com alguns arranhões e machucados bem feios. E ao lado de Aru, movendo-se rápi-da e calmamente, havia uma menina careca com uma camisola hospitalar, agarrada a um coelho de seda. Todos aglomerados bem juntinhos, e a multidão não parava de crescer. À frente, ela decifrou as letras de uma placa de escritório pendurada, que dizia:

KARMAS & PECADOS

Desde o primeiro soluço do tempo

Não fazemos caridade, por favor, não insista

(Não aceitamos indulgências desde o século 15. Nem tente.)

Havia muito burburinho no entorno.

– Não consigo entender o que estão dizendo – disse Mini.

Aru pescou fragmentos de palavras. Não parecia inglês.

– Mini, você fala hindi?

– Sei pedir dinheiro e dizer que estou com fome – Mini respondeu.

– Uau. Que útil.

– Foi útil, *sim!* – disse Mini. – Quando eu fui pra Índia e tive que conhecer todos os parentes da minha mãe, essas foram as únicas duas frases de que precisei.

– Eles nunca ensinaram mais nada?

– Não – respondeu Mini. – Meus pais não queriam que meu irmão e eu nos atrapalhássemos na escola, então só falavam em inglês. E minha vó ficou brava quando minha mãe tentou me ensinar hindi, pois meu nome já era hindu e ela achou que minha mãe estava tentando fazer com que eu esquecesse que era filipina também, pois era pequena. Minha mãe tem uma

versão, minha vó tem outra. Ai. – Ela inspirou fundo, e daí se animou. – Mas sei uns palavrões em tagalog! São terríveis, como esse...

Mas antes que Aru conseguisse ouvir o que Mini ia dizer, um enorme autofalante se materializou do nada, gritando:

– PRÓXIMO!

Ao lado, um homem alto e pálido cambaleou para a frente. Um brilho de bala de revólver escapava da perna.

– *Anrep an airétra ednarg* – ele disse, simpático. – *Aplucsed!*

– Rápido, Mini, peça dinheiro em hindi e veja o que acontece!

– Hum, Aru, não acho que ele esteja falando hindi.

– Talvez esteja falando russo? Parece russo... – Aru olhou para o homem. – Camarada?

O homem simplesmente sorriu o tipo de sorriso encabulado que as pessoas usam quando estão totalmente confusas. Mini pegou o estojinho de pó compacto, e Aru entendeu de cara. Se conseguia enxergar através dos feitiços, talvez conseguisse enxergar através do idioma também. Mini o abriu. O espelho agora era uma pequena tela onde as palavras do homem rolavam em azul e eram traduzidas para inglês logo abaixo.

– Ele está falando de trás pra frente! – disse Mini. Ela ergueu o estojinho de pó compacto para mostrar as palavras numa letra pequena e verde:

GRANDE ARTÉRIA NA PERNA. DESCULPA!

– Por que os mortos falariam de trás pra frente? – Aru perguntou.

Mini girou o pó compacto de um lado para o outro, como que tentando pegar e ler todas as coisas que os mortos diziam à sua volta.

– Talvez porque não possam mais avançar na vida?

O homem olhou feio.

– *Satrom mecerap oãñ sêcov.*

O pó compacto leu VOCÊS NÃO PARECEM MORTAS.

Aru digitou uma resposta, e então a pronunciou cautelosa-mente:

– *Adagirbo! Sanimativ as oãs.* Obrigada! São as vitaminas.

– PRÓXIMO! – o autofalante disparou.

Elas foram empurradas para a frente mais uma vez. O aviso em neon de KARMAS & PECADOS reluzia. Lá na frente, as pessoas da fila faziam todo tipo de coisa. Algumas faziam o sinal da cruz. Outras engatinhavam para a frente, murmurando baixinho.

Ao lado de Aru, Mini ficou rígida.

– Como você consegue olhar pra isso? – ela perguntou com uma voz sussurrada. Parecia que estava prestes a chorar.

– Olhar o quê? É apenas uma placa, como as dos escritórios de advocacia – disse Aru. – Por quê? O que está vendo?

Mini arregalou os olhos. Ela afastou o rosto.

– Certo. Eu também vejo isso.

Mini não sabia mentir, mas aquilo não soou inteiramente verdadeiro. Aru suspeitou que ela estivesse vendo algo mais que apenas a placa de KARMAS & PECADOS. Seja lá o que fosse, Mini não tinha gostado.

A fila à frente lentamente diminuiu. Agora Aru e Mini estavam perto do começo.

– Você acha que o Reino da Morte é igual pra todo mundo? – Aru perguntou.

– Duvido – Mini respondeu. – Talvez seja como aquele mercado. Cada pessoa está vendo uma coisa diferente.

– Hum. Onde está o hipopótamo que come as pessoas?

– Tenho quase certeza de que isso é da mitologia egípcia, Aru.

– Ah.

Aru desejou ter uma ideia mais exata do que esperar quando atravessassem a porta.

Tudo que sabia é que as armas celestiais estavam abrigadas em algum lugar ali. Mas onde? E onde iam encontrar o Lago do Passado? E se ela o confundisse com um lago diferente que fosse dez vezes pior? Como o Lago Que Parece O Do Passado Mas Na Verdade É O Da Tortura Eterna?

Até aquele momento, o Reino da Morte era apenas ficar parada numa fila absurdamente longa. Como nos restaurantes de buffet à vontade, ou no Departamento de Trânsito, onde sua mãe às vezes a obrigava a ir junto, e os funcionários pareciam ao mesmo tempo arrogantes e bravos.

A porta à frente delas se abriu.

– *Adna!* – gritou uma senhora idosa mal-humorada atrás delas. Estava segurando um gato malhado cor de laranja nos braços.

Mini ergueu o pó compacto para que Aru visse: ANDA.

Aru soletrou a resposta certa na cabeça e daí a gritou conforme atravessavam a porta:

– *Assorg!*

Dentro da sala, um homem com olhos gentis e nariz de batata estava

sentado à uma mesa. Aru achou que ele lembrava um pouco o diretor da sua escola. O senhor Cobb às vezes substituíra o professor de Estudos Sociais, e ele sempre dava um jeito de enfiar uma história sobre a Guerra do Vietnã na aula, mesmo que a matéria fosse civilizações antigas.

O homem olhou para elas. Na mesa, sete versões em miniatura dele mesmo corriam de um lado para o outro carregando canetas e pilhas de papel. Elas discutiam entre si.

– Registros, por favor – disse o homem. – Vocês devem ter recebido um no ato da expiração.

Mini inspirou fundo.

– Pai?

Os sete homens em miniatura pararam de correr e olharam para Mini.

Ele nem se abalou.

– Você não tem o meu nariz, então acho que não – respondeu. – Além do que, acho que uma das minhas esposas teria me dito. Mas há um teste derradeiro. – Ele tossiu alto. – Ontem comprei ovos num supermercado de humanos. O caixa perguntou se era para colocá-los numa sacola separada. Eu respondi: “Não, deixe-os nas cascas!”.

Mini piscou os olhos. Aru sentiu uma pena pelos filhos desse homem.

O homem fungou.

– Nada? Nem mesmo um sorriso? Bem, então está resolvido. Todos os meus filhos têm o meu nariz e o meu senso de humor. – Ele deu uma risadinha. – Devo dizer, porém, que é uma manobra bem esperta pra tentar escapar da morte, alegar ser minha filha. – Ele se virou para uma das pequenas versões dele. – Anote essa aí pra minha biografia! – Então se virou para Aru e Mini: – Pois bem, e os registros?

– Não temos – Aru respondeu.

– Claro que têm. Vocês estão mortas, não?

– Então, quanto a isso... – começou Mini. Ela estava balançando a mão, pronta para explicar a estranha situação das duas, quando o estojo de pó compacto caiu e pousou na mesa com um baque forte.

O homem se debruçou para dar uma olhada. Todas as suas sete versões em miniatura deixaram cair o que estavam segurando e correram até o pó compacto.

Aru deu uma olhada na mesa e avistou uma pequena placa de bronze que dizia: CHITRIGUPTA. Havia também uma caneca com os dizeres: ENTRE

OS QUATORZE MELHORES PAIS DO MUNDO. Atrás, prateleiras e gabinetes, e montanhas e mais montanhas de papelada. Demorou um tempo até Aru se lembrar do Chitrigupta das histórias. Ele era aquele que mantinha registro de tudo que uma alma já tinha feito, o bom e o ruim. Eis a razão da importância do karma. Sua mãe costumava dizer: *Chitrigupta vai ver e anotar tudinho*. Aru não sabia ao certo se acreditava em karma. *Aqui se faz, aqui se paga* soava conveniente demais. Mas na única vez que disse *Karma não existe*, ela saiu para a rua e um passarinho fez cocô na sua cabeça. Então, vai saber...

– Onde conseguiu esse espelhinho, criança? – Chitrigupta perguntou.

A maioria dos adultos teria acusado diretamente a criança de furto. Mas Chitrigupta não. Aru gostou disso.

– Ganhei durante a Declaração.

– *A declaração...* Espera. *A Declaração?* – Chitrigupta arregalou os olhos. – Não acho que tenha havido uma Declaração desde... – Ele levantou da cadeira. – Tragam os registros!

A sala virou um caos. Aru e Mini deram um passo para trás quando as sete versões em miniatura de Chitrigupta pularam nele e desapareceram. Ele desabou novamente na cadeira, de olhos vidrados. Depois eles se iluminaram e estalaram, e palavras fluíram pelo seu olhar.

Quando o texto terminou de rolar, ele se debruçou novamente, com os olhos marejados.

– Nunca foram meninas antes – ele comentou, olhando de Mini para Aru. – Que inusitado...

Aru se preparou, aguardando os comentários de sempre... de que jamais seriam heróis, ou que eram muito fracas, jovens demais, ou muito... *menininhas*.

– E que revigorante! – exclamou ele. O texto da sua camiseta mudou para: **ESTA É A CARA DE UM FEMINISTA**. – Abaixo o patriarcado! **R-E-S-P-E-I-T-O!** E todas essas coisas. E, além disso, conseguiram passar por Ek e Do. Muito bem, muito bem.

Mini se alegrou.

– Então pode nos ajudar? Precisamos despertar as armas celestiais e daí temos que ir até o Lago do Passado para descobrir como impedir que Sono acabe com o Tempo para sempre.

– Ah, isso parece complicado – disse Chitrigupta. Ele pegou a caneca e deu

um gole. – Infelizmente, não tenho permissão para ajudar. Nem mesmo Dharma Raja pode ajudá-las, pequenas.

Mini enrubesceu.

– Ele... ele sabe que estamos aqui? – perguntou.

– Sem dúvida.

– Ele não quer... sei lá... me conhecer?

Ao ouvir isso, a expressão de Chitrigupta amoleceu.

– Ah, criança, tenho certeza de que ele quer. O que importa é a sua alma: ela que é a coisa imortal, e não o corpo. Os deuses deixaram de se envolver em questões dos mortais.

– Não dá pra abrir uma exceção? – Aru perguntou.

– Se eu pudesse, não acha que teria ajudado os heróis que vieram aqui antes de vocês? Eram uns tipos brilhantes e luminosos. Como estrelas vivas. Só posso fazer por vocês o mesmo que fiz por eles.

– E isso seria...?

Chitrigupta suspirou. Ele abriu os braços. Duas fichas de cor de marfim – quadrados planos com telas, como mini iPhones – apareceram na mesa.

– Gostaria de ter mais, mas vocês duas simplesmente não *viveram* o suficiente.

Aru pegou uma das fichas. Ela viu pequenas imagens de si mesma piscando na interface. Numa, estava segurando a porta para que uma moça carregando uma pilha de livros passasse. Em outra, estava lavando louça no apartamento. Na seguinte, estava estirando um cobertor sobre a mãe, que dormia.

– O que é isso? – Mini indagou.

– Karma bom – explicou Chitrigupta. – Elas devem dar acesso para que vocês passem por pelo menos algumas das coisas soterradas nessas galerias. É que existem muitos ambientes no Reino da Morte. Muitos lugares nos quais poderão entrar, mas de onde não poderão sair. Tudo o que posso dizer é que devem seguir as placas e encontrar seu próprio caminho. As armas celestiais ficam perto do Lago da Reencarnação. Ali pertinho encontrarão o Lago do Passado.

– Só existe um caminho para chegar até eles? – Aru perguntou. Ela estava pensando sobre o truque fantástico que Buu havia mostrado, no qual tudo o que tinham que fazer era ir até algum lugar e buscar esse destino com toda a intensidade possível.

Lembrar-se de Buu provocou um aperto no coração. Ele estaria bem?

Desejou que ele estivesse em algum lugar seguro, num sono abençoado. Porém, lá no fundo, temia que não fosse bem o caso...

– Ah, não sei quanto a isso. Existem centenas de caminhos. Alguns pavimentados, alguns de pedrinhas, alguns esburacados.

Uma das versões em miniatura de Chitrigupta saltitou até o ombro dele, escalou seu rosto e coçou seu nariz enquanto ele falava. Aru tentou não parecer chocada demais.

– Nem eu sei o que vocês encontrarão nos Corredores da Morte – avisou Chitrigupta. – Coisas e lugares se deslocam pela morte de um jeito diferente dos humanos. Coisas que antes eram reais agora são meras histórias neste reino. Coisas esquecidas enfrentam suas próprias mortes, pois nunca são reencarnadas em algo novo.

Coisas esquecidas?

Aru quis acreditar que isso significasse que encontrariam objetos como bolas de basquete murchas, meias sem par, ou grampos de cabelo. Ou aquela caneta que podia jurar que tinha enfiado no bolso da mochila, mas não estava lá quando foi procurar. Mas ela sabia que isso era querer demais.

Mini estava olhando além deles, em direção à porta atrás de Chitrigupta. Era feita de ônix polido.

– Quando foi a última Declaração? – Mini perguntou.

– Logo antes da Segunda Guerra Mundial.

– Não pode ser... – disse Aru. – Buu comentou alguma coisa sobre o último irmão Pândava ter sido professor de yoga ou algo do tipo.

– Ah, *ele* – disse Chitrigupta. Ele virou os olhos. – Não consegui fazer com que aquele homem deixasse todos os outros mortos em paz! Ficava insistindo em conduzir exercícios de respiração com todo mundo. Algumas pessoas queriam morrer de novo, pra vocês terem uma ideia. Ele era um Pândava *latente*. Seus poderes divinos estavam escondidos, até para ele, e não houve nenhuma calamidade que forçou o desabrochar da sua bondade interna. Às vezes é preciso de momentos de terror ou felicidade, se preferir, para liberar esse conhecimento.

– Então os últimos, na Segunda Guerra Mundial... conseguiram atravessar o Reino da Morte e chegar às armas celestiais?

Chitrigupta suspirou e se reclinou na cadeira. Embora parecesse um homem jovem, havia algo de muito velho e cansado em seus olhos. Seu sorriso era triste quando respondeu:

– Teve uma guerra, não teve?

VINTE E QUATRO

Ousar, Perturbar, Dignar

Chitrigupta não permitiu que elas partissem sem se alimentarem.
– Acho que talvez eu seja seu tio – ele disse, zanzando pelo escritório. – No mínimo, todos temos um treco divino em comum. Torço pra que consigam voltar! Nem deu para entretê-las com minhas histórias e textos. Cheguei a contar da vez que entrevistei uma lesma? Não acreditam em como ela conseguia falar rápido. Superacelerada.

Da gaveta de um gabinete, tirou uma caixa de biscoitos. Ele a abriu e ofereceu um para Mini, que o cheirou.

– Por que isso tem cheiro de... livro?

– Ah, porque são biscoitos de sabedoria! Eu que fiz, do zero. O segredo é deixar que os livros alcancem a temperatura ambiente antes de misturá-los. A escrita fria não costuma cair bem na mente.

– Tem certeza?

– Guarde para mais tarde – disse Chitrigupta, pegando o biscoito da mão da Mini e guardando-o na caixa. Sua roupa tinha mudado de novo. Agora ele vestia um avental escrito **NÃO BEIJE O COZINHEIRO. VOCÊ TEM GERMES.**

– E não coma tudo de uma vez. Pode dar enjoo. Ou uma sensação de vazio.

– Obrigada, tio – Mini disse.

– E cuidado para não ficarem desidratadas ou...

– Risco de morte! – Mini e Chitrigupta disseram ao mesmo tempo.

Eles se olharam com uma expressão que dizia tão claramente *A gente deve ser parente!* que Aru quis bater a cabeça contra a parede. Repetidas vezes.

– É, valeu, tio – agradeceu Aru.

Chitrigupta fez um afago na cabeça das duas e lhes entregou dois dedais com um líquido cor de laranja flamejante. Parecia uma labareda capturada.

Era isso que chamava de hidratação? Não dava nem um gole. Mas Aru engoliu obedientemente.

Um brilho quente se espalhou por seus ossos. A sensação de pó na garganta passou. A junção do gole de o que quer que fosse aquilo, junto com um dos sofisticados docinhos da Primavera, do Pátio das Estações, fez com que Aru se sentisse lúcida e perspicaz.

– Os mortos têm uma tendência a nos deixar ressecados e cansados. *Soma* diluído em água sempre resolve.

– *Soma*? – Mini repetiu. – Como a bebida dos deuses?

– Sim, é por isso que precisa ser diluído em água. Sem diluição, pode ser mortal. Até para semideuses.

– Que pena que não consegue nos tornar imortais – disse Aru. – Daí a gente com certeza conseguiria atravessar vivas a Galeria dos Mortos.

Chitrigupta a encarou com um olhar astuto.

– Você deve ser filha de Indra.

Aru ergueu as sobrancelhas.

– Por que diz isso?

– Você sabia que Arjuna, o filho Pândava de Indra, foi um dos maiores guerreiros que já viveu?

Uma coceira para se colocar na defensiva percorreu o corpo de Aru.

– Só porque Arjuna foi um guerreiro incrível e nós temos a mesma alma não significa que sou uma grande guerreira também, tá ligado?

– Aru! – Mini sussurrou.

– Desculpa – ela retrucou.

Mas ela não estava arrependida, e tinha certeza de que Chitrigupta percebeu. No entanto, ele não ficou bravo. Em vez disso, sorriu.

– O que tornou Arjuna grande não foi sua força ou seu valor, mas a maneira como escolheu enxergar o mundo à sua volta. Ele olhava, questionava e duvidava. Você também é perspicaz, Aru Shah. O que faz com essa perspicácia é uma escolha sua.

Aru sentiu os pelinhos do braço se arrepiarem. Por um momento, lembrou-se da biblioteca gigante no Bazar Noturno, e o livro com seu nome escrito. Talvez sua imaginação não fosse apenas algo que a colocaria em enrascadas o tempo todo. Talvez fosse algo que pudesse realmente ajudá-la a salvar pessoas.

Chitrigupta desviou os olhos dela e bateu palmas duas vezes.

– Muito bem, então, vão lá!

Mini e Aru correram até a porta ao mesmo tempo que Chitrigupta gritou:

– Espera!

– Quêêêê? – Aru perguntou.

Não que ela estivesse particularmente afoita para embarcar numa jornada com desfecho catastrófico quase certo, mas é que sempre tinha esse “só mais

uma coisa” quando se tratava de tias e tios indianos. Enfrentava isso sempre que sua mãe a arrastava até as festas. Os parentes começavam a se despedir na sala, e daí ficavam mais uma hora dizendo tchau na porta. Era inevitável passarem metade da visita assim.

Se elas não partissem *agora*, provavelmente não iam partir *nunca*.

– Apenas isso – disse Chitrigupta. Ele esticou o braço. Havia uma caneta fina de ponta porosa na palma da mão dele.

– Pra que serve? – Mini perguntou.

– O que você acha? – Chitrigupta perguntou de volta. – É uma caneta! Para escrever!

– Ah, obrigada – disse Mini.

– De nada. Não posso ajudá-las a derrotar Sono, mas talvez isso possa ser útil em algum momento. Onde quer que estejam e onde quer que escrevam, eu receberei o recado. E se estiver dentro das minhas possibilidades... vou responder.

Com um último adeus, partiram.

No instante em que a porta se fechou atrás delas, todos os velhos medos de Aru voltaram correndo.

– Gostei dele – disse Mini.

– Claro que gostou! Vocês dois são praticamente a mesma pessoa.

Os Corredores da Morte se desdobraram como um labirinto diante delas, e de fato se avolumaram. Cores se reuniram e se espicharam formando caminhos. As placas surgiram logo em seguida:

OUSAR
PERTURBAR
DIGNAR

Cada placa tinha uma seta acoplada.

OUSAR apontava para a direita, indicando o corredor azul.

PERTURBAR apontava para a esquerda, indicando o corredor vermelho.

DIGNAR apontava para o alto, indicando o nada.

Abaixo delas, o piso era de mármore polido, e o teto era um estranho e ondulante rio de nomes que, Aru supôs, pertenciam aos mortos.

– Pílula vermelha ou pílula azul? – Aru perguntou, na sua melhor imitação de Morpheus.

– Que pílula? É rua vermelha ou rua azul, Aru.

– Eu sei! Estou citando *Matrix*!

Mini piscou.

– Mas uma matriz não tem nada a ver com cor. Na matemática, matriz é uma gama retangular de...

Aru rosnou.

– Mini, assim você me *mata*. Nunca assiste filmes? – Ela balançou a cabeça e olhou para a frente. – Qual caminho a gente pega? Por que não botaram placas dizendo *Armas de Destruição Celestial em Massa*, e daí *Todo O Resto É Na Verdade Uma Armadilha*? Isso seria uma boa ajuda.

Mini riu.

– E se a gente escolhesse *ousar*?

– Por quê?

– Porque é tipo... estamos *ousando* salvar o Tempo.

– Será que estamos? Ou será que apenas estamos em pânico, tentando salvar aquilo de que a gente gosta?

E as pessoas que amamos, pensou Aru com uma fisgada de dor.

– Isso não parece muito heroico... – disse Mini.

– Que tal *perturbar*? Tipo, estamos *perturbando* a ordem natural das coisas.

– Não acho que seja o certo. Fica parecendo que estamos fazendo alguma coisa errada, e não estamos.

– Tudo bem. O que significa *dignar*?

– Vou consultar – disse Mini, vasculhando a mochila.

Aru achou que ela fosse usar seu estojo de pó compacto, mas em vez disso pegou um dicionário de bolso.

– Fala sério... De tudo o que poderia pensar em levar numa missão, você pegou um *dicionário de bolso*?

– E daí? Gosto de estar preparada. E o que você trouxe?

– Eu não trouxe nada. Quem tem tempo de fazer a mala quando avisam que o mundo vai acabar...?

Mini fez um sinal de bico calado para Aru.

– Dignar. Significa fazer algo que a pessoa considera estar abaixo da sua dignidade.

– Nenhuma dessas opções faz sentido – disse Aru. – E se a gente simplesmente tentasse andar numa direção diferente? Tipo, entre as placas?

Então tentaram. Mas seus pés encontraram uma parede de ar. Alguma coisa as impedia de dar um passo sequer que não fosse numa direção específica. O

único lugar que não conseguiam acessar era DIGNAR, pois estava apontando para o *alto*, e não havia escadas ou nada do tipo.

– Chitrigupta podia ter nos falado pra que lado ir – Aru resmungou. – Somos praticamente família. Ele mesmo disse.

– Mas daí nós não iríamos...

– É, eu sei. Construção de caráter e coisa e tal, e o mundo não seria salvo. É pressão demais. Nossos cérebros nem estão totalmente formados. Nós nem devíamos ter permissão para tomar essas decisões.

– Aru! É isso! – disse Mini.

– Certo, agora estou preocupada. Nada do que eu disse foi bom.

– Não somos inteligentes o bastante – disse Mini.

– Como assim?

– Mas podemos mudar isso.

Mini tirou a caixa de biscoitos da sabedoria da mochila.

– Biscoitos de livros? – Aru perguntou com uma careta. – Certo, tudo bem. Me dá um.

Mini olhou dentro da caixa, depois conferiu a mochila de novo.

– Só tem um aqui.

As garotas olharam uma para a outra por um momento. Num reflexo, os dedos da Mini se encurvaram sobre o biscoito. Aru percebeu como aquilo era importante para a amiga.

– É seu – disse Aru. – Você tem a mesma alma que Yudhistira, e ele sempre foi conhecido por ser o mais inteligente dos irmãos. Esse biscoito é a sua cara. Além do mais, não preciso de mais sabedoria. Posso acabar explodindo.

Mini enrubesceu.

– Obrigada, Aru.

– Quanto tempo dura a sabedoria?

– Acho que apenas a duração da tomada de decisão – Mini respondeu.

– Como você sabe?

– É o que diz na parte de baixo da caixa.

De fato, a duração do biscoito da sabedoria estava especificada ao lado das informações nutricionais.

– Ah – disse Mini. – Tem a minha cota diária inteira de potássio e zinco!

– Uau.

Mini deu uma mordida no biscoito.

– Tem gosto de quê? – Aru perguntou.
– Meio esfumaçado? E frio. Tipo neve. Acho que é pra ter o gosto do meu livro favorito.
– E qual é o seu livro favorito?
Mini deu uma segunda mordida no biscoito.
– *A bússola de ouro*.
– Nunca li.
– Sério? – Mini perguntou, chocada. – Vou te emprestar quando a gente voltar pra casa.

Casa. Uma casa cheia de livros que Aru nunca abriu porque sua mãe sempre lia para ela. Aru tinha dificuldade para lembrar coisas que tinha lido sozinha, mas se *ouvisse* a leitura, não esquecia nunca. Talvez fosse por isso que a mãe lhe contava tantas histórias. Sua mãe pode ter lhe deixado no escuro quanto a ser uma Pândava, mas ao menos ter ouvido as histórias sobre eles fez com que Aru estivesse preparada, de certa maneira. *Mãe*, Aru pensou, *prometo que vou lhe agradecer assim que chegar em casa*.

– Ai, não – disse Mini.

– O quê? O que foi?

Mini ergueu a mão para mostrar o símbolo ali:



– Outro rabisco apocalíptico? – Aru perguntou. – Certo, bem, parece um dois, o que seria uma péssima notícia, mas talvez seja um quatro?

– É um dois.

– Nããããooo! Traição!

Só tinham mais dois dias? E todo o Reino da Morte ainda inexplorado?

Mini comeu o resto do biscoito da sabedoria.

– Está se sentindo mais sábia? – Aru perguntou, ansiosa.

– Acho que não...

– Que tal mais aquecida? Ou estufada? Como se estivesse cheia de ar quente?

Mas Mini não estava prestando atenção. Ela olhava para as três placas.

– *Dignar* – sussurrou. – Essa é a resposta.

– Por quê?

– É como uma charada – disse Mini. – A palavra *dignar* significa *olhar para baixo*. A placa apontando para cima é uma armadilha, pois a ideia é que

a gente olhe para o que está abaixo de nós. É como quando você tem que tomar uma decisão que não quer, e se sente relutante em agir.

– Nossa – disse Aru. – Tudo isso com um biscoito? Tem certeza de que não sobrou nenhum?

Ela pegou a caixa da Mini e a sacudiu. Não. Nem uma migalha. Mini botou a língua para fora.

Na beira da placa DIGNAR, um buraco se formou no chão de mármore.

– Por que só está abrindo agora? – Aru perguntou.

– Provavelmente porque estamos olhando pra baixo e não pra cima.

Ambas as meninas olharam para dentro do buraco. Cheirava estranhamente como o apartamento de Aru no museu: tecido mofado, chai, velas de lavanda e livros antigos.

Mini franziu a testa.

– Vamos entrar por ordem alfabética.

– De jeito nenhum! Meu nome começa com A. O reino é seu, ou tipo isso... *você* vai primeiro.

– Mas fui eu quem fez com que a gente chegasse até aqui!

– Só porque *eu* deixei que comesse o biscoito!

– Chitrigupta o deu pra *mim*...

Aru inspirou fundo e resolveu a questão da única maneira justa e racional que conseguia imaginar.

– Cara ou coroa! – disse, dando um tapa na própria cara.

Mini, que devia ter antecipado a esperteza da Aru, imediatamente deu um tapa na cara também. Só que foi tão veloz que seus óculos voaram da cabeça e caíram. Para dentro do buraco.

– Aiiiii! – disse Mini. – Você é terrível, Aru.

E com isso ela pulou atrás dos óculos.

VINTE E CINCO

O que o olho vê (e o que não vê)

A descida não foi ruim. Foi como um longo tobogã aquático, só que sem a água. Elas desembocaram em uma floresta.

Mas havia alguma coisa fora de lugar.

Tudo bem que Aru não tinha muita experiência com florestas. Certa vez, sua mãe a levou para São Francisco. No começo parecia que ia ser uma viagem entediante, uma vez que passaram a manhã inteira com o curador do Museu de Arte Asiática. Mas depois do almoço, sua mãe a levou ao parque Muir Woods. Passear ali foi como um sonho delicioso. Tinha cheiro de menta. A luz do sol era macia e suave, mal roçando o chão da floresta de tão grossas e altas que eram as árvores.

Mas esse lugar, enfiado dentro de um bolsão do Reino da Morte, não tinha aquele clima florestal. Aru inalou o ar. Não havia cheiro de mato e aquela vivacidade inquieta. Nenhum cheiro de madeira queimada ou lagos parados.

Não tinha cheiro algum.

Mini apalpou o chão.

– Não parece terra.

Aru se agachou para conferir. Ela passou os dedos sobre o chão.

Era seda.

Caminhou até uma das árvores, na intenção de arrancar um galhinho e inspecionar, mas em vez disso acabou *atravessando* a árvore.

– Não é de verdade! – Mini exclamou. Ela pulou através de outra árvore. – Isso é incrível!

Uma pequena poça de água refletiu a luz.

– O que será que é isso, um trampolim? – Mini riu, pulando dentro. Mas no segundo em que fez isso, o líquido *grudou* em suas pernas. E então sugou. A cada piscada de olho, Mini desaparecia entre a...

– AREIA MOVEDIÇA! – Mini gritou. Ela começou a estrebuchar.

– Para! – Aru gritou. – Você não viu nos filmes? Ficar se debatendo é, tipo, o jeito mais rápido de morrer!

– Areiamovediçaareiamovediçaareiamovediça – Mini balbuciou. – Não quero ir assim. Meu corpo vai ficar preservado pra sempre feito aquelas múmias do pântano! Vou virar uma página da Wikipédia!

– Você não vai morrer, Mini. Para de gritar e me deixa pensar por um

instante!

Aru estava tentando alcançar um galho para puxar Mini, mas os galhos não estavam exatamente ali. Ela disparou através de um par de árvores. Talvez houvesse uma árvore de verdade escondida no meio? Mas não havia.

– Aru! – Mini gritou. A essa altura, ela tinha afundado até o pescoço.

Mais um pouco, e seria incapaz de gritar. Seus braços se agitavam desesperadamente no ar.

– Estou indo! – Aru respondeu enquanto corria de volta.

Mas então tropeçou. Ela protegeu o corpo antes da queda, mas, claro, o chão de seda era macio. Portanto aterrissou com um baque suave. Quando olhou para baixo, sua mão estava agarrando dobras de “terra”.

– *É isso!* – Aru sussurrou.

Ela arrancou um pouco de seda do chão, que emergiu no formato de uma corda escura e fina. Aru a arrastou até Mini, que, agora, estava afundada até o queixo.

Mini agarrou a corda, mas a areia movediça a puxou para baixo.

– Não! – Aru gritou.

Ela puxou a corda com o máximo de força. Em circunstâncias normais, talvez não tivesse conseguido. Em circunstâncias normais, Aru decerto teria tropeçado na areia movediça e ambas teriam se tornado meras páginas da Wikipédia.

Mas a preocupação por um amigo pode transformar circunstâncias ordinárias em ações extraordinárias. Naquele momento, tudo que Aru sabia é que Mini era sua primeira amiga de verdade em muito tempo... e ela não ia, não *podia* perdê-la.

Mini ficou sem ar conforme Aru a içava até o chão sedoso.

Aru estava em choque. *Ela tinha conseguido*. Tinha salvado Mini. Apesar de ter abatido um demônio e enganado as Estações, foi a primeira vez que sentiu ter feito algo mágico.

Mini gaguejou e tossiu.

– Tinha um *tubarão* lá embaixo. – Ela tremia, então juntou um punhado de seda e começou a secar o cabelo. – Um *tubarão*! E sabe o que ele me perguntou? Perguntou: “É verdade que os seus tubarões não falam?”. Não tive chance de responder, porque você me puxou pra fora tão rápido.

– Que espécie de agradecimento é esse?

– Por que eu deveria agradecer? – Mini perguntou. – Eu sabia que você

conseguiria.

Eu sabia que você conseguiria.

Aru reprimiu um sorriso.

– Ótimo. Da próxima vez deixo você afogar um pouquinho mais.

– Não! – Mini gemeu. – Afogar é o número três na minha lista de Dez Jeitos Como Eu Não Quero Morrer.

– Que tipo de pessoa faz uma lista *assim*?

Mini arrumou a camiseta, com um jeito bem afetado.

– Descobri que o ato de organizar as informações que me dão medo me ajuda a ter menos medo.

Assim que Mini terminou de se secar, elas olharam para a trilha à frente. A rua que serpenteava pela floresta era da mesma cor que a placa DIGNAR.

– Você acha que ela leva até outro corredor? – Aru perguntou.

– Talvez. Queria ter um mapa de novo – disse Mini, estreitando os olhos conforme analisava a mão.

Desde que as duas chegaram ao Reino da Morte, o mehndi ia desbotando cada vez mais, como naturalmente desbotam, pois não são permanentes. Mas agora tudo que restava daqueles desenhos fantásticos eram ondas bem clarinhas nos dedos e o número escuro, em sânscrito, nas palmas.

A floresta formava um arco acima. Nesse local, havia até um céu. Mas considerando o quão doido era tudo aquilo, Aru se perguntou se não seria o mar. Talvez ali a lua fosse realmente feita de queijo.

– Esse lugar lhe parece familiar? – Mini perguntou. Ela esfregou os braços como se estivesse arrepiada.

– Não.

Aru teria se lembrado de um lugar que parecesse com aquilo. Mas não dava para descartar o cheiro que sentiu logo antes de pularem para dentro de DIGNAR. Era o cheiro de... casa.

Ela ainda estava pensando sobre isso quando experimentou um despertar muito bruto. Todas as árvores até então tinham sido imateriais, portanto Aru as atravessava direto. Ela estava justamente atravessando um dos troncos, sem reparar em onde estava indo, quando bateu o nariz. Com força.

– Mas que...? – murmurou, olhando feio.

Ela tinha batido em cheio na lateral de um penhasco. Um muro de pedra preta reluzindo com o reflexo da água. Não... era uma cachoeira *palpável*. Ela esticou a mão para tocá-la com cuidado. Parecia água de verdade, fria e

caindo em cascata entre os dedos. Mas no minuto em que tentou enfiar a mão, ela empurrou de volta. Firme como pedra.

– Mais uma ilusão – disse Aru. – Com a diferença que essa tem substância. Ao seu lado, Mini ficou pálida.

– Aru, é isso! Acho que sei onde a gente está!

Mini fechou os olhos e enfiou a mão na cachoeira. Ela apalpou, e daí subitamente a mão parou de mexer. Parecia ter encontrado o que estava procurando, pois seus olhos se abriram de repente. Atrás da cachoeira, Aru ouviu um clique bem baixinho. Como uma chave virando numa fechadura.

No minuto seguinte, a cachoeira se abriu.

Não era uma cachoeira, afinal de contas, mas uma porta secreta.

– Assim como nas histórias do Palácio de Ilusões – Mini suspirou.

– Isso é o seu biscoito da sorte falando ou você mesma?

– Eu mesma – Mini respondeu de cara feia. – Só me lembro da história por causa de um parque de diversões aonde minha mãe me levou com meu irmão. Ela me contou essa história quando entramos naquele lugar com todos os espelhos estranhos.

– A casa dos espelhos, quer dizer?

– Sim, isso. Ela me contou que os Pândavas moravam num lugar como aquele. Um famoso rei demônio, que também era um grande arquiteto, construiu a casa para eles.

Aru se lembrava de ter ouvido essa história. Em troca de ter poupado sua vida, o rei demônio Mayasura concordou em construir para os irmãos Pândavas o palácio mais lindo que o mundo já tinha visto. Vinha com ilusões que ludibriavam a mente e aguçavam os sentidos. Eram tão convincentes que quando um príncipe inimigo (que era também primo dos Pândavas) veio visitar, caiu através de um chão de azulejos que na verdade era água, e quase quebrou o pé pulando num lago que na verdade eram safiras polidas na mais absoluta perfeição.

– E se esse for o palácio original? – Mini perguntou. – Talvez seja por isso que eu soube como abrir a porta.

– E se for? Nada garante que vamos lembrar das nossas vidas anteriores. É só uma casa, grande coisa. E duvido que seja o verdadeiro Palácio das Ilusões. O que estaria fazendo aqui, em todo caso? Nós não morávamos no Reino da Morte...

Mini franziu as sobrancelhas.

– Tio Chitrigupta disse que encontraríamos tudo quanto é tipo de coisa aqui, incluindo coisas esquecidas. Talvez, quando as pessoas se esqueceram do palácio, ele se mudou para a floresta.

– É uma casa! Não uma pessoa! – Aru disse.

Mas Mini não parecia tão convencida. O caminho levava até a cachoeira-porta, e não havia outra rota em volta.

– Temos que atravessar o palácio, não temos? – ela perguntou, a voz pouco mais que um suspiro. – Eu não quero fazer isso. Mesmo. Nem na Mansão Assombrada da Disney eu consegui ir. Meu pai teve que me tirar de lá.

– Bem, se temos que atravessá-lo, não tem problema. É um palácio. Pode ser um pouco esquisito por dentro, mas já vimos muitas coisas esquisitas nesta viagem! Tipo um crocodilo-porta-mágica, e cães da Porta da Morte, e prefiro nem pensar no que mais. Você consegue, sim, passar por um par de rochas, umas estátuas e umas ilusões de ótica. Acredite em mim.

Mini inspirou fundo.

– Tudo bem. Se você diz...

– Além do que, pensa no seguinte: se houver algum feitiço aí dentro, você tem o pó compacto. É só dar uma viradinha no espelho e observar as coisas de canto de olho.

Mini assentiu, apurou os ombros para trás, e abriu a porta.

Aru entrou logo depois. A porta de pedra se fechou atrás das duas, cortando o som da cachoeira e deixando um silêncio profundo.

Era assim que todo mundo entrava no palácio dos Pândavas? Por um momento, Aru pensou sobre a vida que, aparentemente, havia vivido milhares de anos antes. Quantas vezes a versão anterior dela havia batido de frente na cachoeira maciça? Ou talvez Arjuna nunca tivesse batido a cabeça em nada. Não fazia o menor sentido compartilharem a mesma alma, sendo tão completamente diferentes. Sob seus pés, o chão do palácio estava coberto de pó. Ela notou o brilho do piso de lápis-lazúli que devia ter sido reluzente na época. Agora estava rachado. O ar tinha aquele aspecto parado de casa abandonada.

Ou de mausoléu.

– Aposto que era lindo antes – disse Mini.

Aru contorceu o rosto conforme olhava à sua volta. Um pouco de pó – pelo menos desejou que fosse pó e não esqueletos pulverizados ou algo igualmente nojento – caiu nos seus ombros, das rachaduras do teto.

– Sim... *antes*.

– Hum. O que é isso? – Mini perguntou.

Ela tocou numa tocha coberta de teias de aranha na parede. Aru se perguntou se esse seria um daqueles momentos Indiana Jones e o chão se abriria aos seus pés. Em vez disso, a tocha reluziu.

– Mini, “o que é isso” nunca é uma boa pergunta nos filmes...

Mas não conseguiu concluir. Em volta, o ar começou a estalar. Os corredores do palácio sombrio se iluminaram quando as tochas se acenderam nas paredes.

E daí o som de um galope de cascos trovejou pelo palácio. Durante um momento reluzente, Aru achou que o cavalo de sete cabeças de Indra fosse aparecer para salvá-las e tirá-las dali. Em vez disso, uma tropa de cavalos veio correndo até elas. Em qualquer outra circunstância, se uma tropa de cavalos corresse em sua direção, Aru teria se virado e corrido. Mas esses cavalos não pareciam com nada que já tivesse visto.

Para começo de história, eram feitos de pétalas de rosas. Seus olhos eram botões de flor vermelho sangue, e as crinas florais tinham aquele tom rosa luminoso da alvorada. Quando abriram as bocas para relinchar, Aru viu que os dentes eram feitos de brotos brancos bem enroladinhos.

Mas quando chegaram a um pé de distância da Aru, eles *explodiram*.

Pétalas choveram. Em seguida, ela sentiu o perfume de flores do campo e chuva fresca. Teria sido agradável se não fosse pelas paredes que começaram a tremer logo na sequência, e o som profundo e sombrio ecoando em torno delas:

– QUEM OUSA PERTURBAR A PAZ DESTA CASA?

VINTE E SEIS

A casa é minha, não sua! Não mexa em nada!

Tecnicamente, a casa é nossa – disse Aru.
– Acho melhor a gente não... – Mini começou a dizer.
De repente, ambas foram arremessadas com força contra uma parede, por um vento invisível.
– *Sua* casa? – a voz repetiu.

Aru demorou um tempo para perceber que não era um cara escondido nas sombras quem estava falando, mas o lugar em si. Ele estremeceu de rir. Mais pó (ou esqueletos pulverizados, Aru começava a achar que era mais provável) caiu nelas. Centenas de luzes reluziram nas paredes. Lembrava, de leve, uma sala de cinema ganhando vida. Só que aqui os ladrilhos quebrados começaram a se reorganizar. Eles rolaram pelo chão até formarem um sorriso. Dois braseiros luminosos ganharam vida, transformando-se num par de olhos.

– Acho que não – o palácio disse. – Esse lugar costumava ser a morada dos irmãos Pândavas e a esposa deles, Draupadi. Vocês, meras amostras de mortalidade, não são nada comparadas a eles. Não podem *me possuir*!

Todas as tochas do palácio oscilaram ao mesmo tempo. Era difícil manter em mente que esse era um Palácio de Ilusões e não, por assim dizer, de pesadelos.

Aru segurou na mão da Mini para lhe dar segurança.

– Seja lá o que acontecer, não é real.

– Acho que devem partir, amostrinhas – disse o palácio.

O teto riu. Um vento soprou no rosto delas. O chão reluziu estranhamente, como se estivessem paradas sobre um aquário. No piso, uma ilusão ganhou vida, mostrando um penhasco rochoso que desembocava no mar.

– Não é real, não é real – Aru sussurrou baixinho.

Um tubarão gigantesco nadou para cima, bem abaixo de seus pés. Ele sorria com cara de quem diz: *Entrem, a água está uma delícia*! Aru fechou os olhos com força, e apertou a mão da Mini com mais firmeza.

– Nós... nós não vamos pra lugar nenhum! – Mini exclamou. Ela teve que tomar bastante ar para conseguir emitir as palavras.

– Você não está reconhecendo a gente? – Aru gritou. Era mais fácil ser corajosa (ou fingir coragem) com os olhos fechados. Assim pelo menos não

precisava encarar o tubarão. Ela tinha certeza de que ele estava amarrando um guardanapo no pescoço, batendo as nadadeiras e dizendo *Janta, janta, janta!*

– Somos Pândavas – disse Mini. – Temos as almas de Yudhistira e Arjuna!

– Quê?! Não fala assim! Fica parecendo que somos *sequestradoras!*

– Quer dizer... – Mini gritou. – Somos filhas de Dharma Raja e Senhor Indra!

O vento parou de rugir. As chamas cuspiram até virarem brasas fumegantes. Quando Aru abriu os olhos, o chão era apenas isto: um chão.

– Vocês estão mentindo – o palácio sussurrou. As palavras em si vieram de todas as direções. Ela até viu letras borbulhando como machucados na pele: M-E-N-T-I-R-O-S-A. Estremeceu, mas as marcas vermelhas sumiram. Apenas mais uma ilusão. – Quando os Pândavas partiram – o palácio continuou –, deram adeus para todos, exceto para justo aquele que lhes deu abrigo e zelou por eles enquanto dormiam. Minha beleza não foi espetacular o suficiente para que ficassem? Minhas ilusões eram confeccionadas a partir do mesmo material que compunha os sonhos deles. Eu era a casa dos sonhos. Literalmente. Mas partiram mesmo assim. Então por que eu deveria acreditar que voltariam?

O palácio exalava um odor amargo. Como se estivesse de cara feia.

Aru achou que não seria possível se compadecer de um palácio, e mesmo assim sentiu pena. Até esse momento nunca tinha pensado em como uma casa devia se sentir quando a família botava uma placa de VENDE-SE na grama, empacota tudo e parte. Se um palácio se entristecia, será que isso significava que seu apartamento sentia sua falta? Ficou com muita vontade de correr para o museu e abraçar uma coluna.

– Eu... eu sinto muito por você ter se sentido abandonado – Mini disse cautelosamente. – Talvez naquela vez... quer dizer, nós deixamos algum bilhete? Juro que não estamos mentindo sobre quem somos. É que temos uma questão urgente e precisamos atravessar o palácio.

– Por quê? – ele perguntou.

O teto se encurvou. Quando Aru piscou, parecia meio que um rosto sisudo. E daí ficou vermelho.

Talvez não um rosto sisudo. Talvez mais para um rosto enfurecido.

– Porque precisamos salvar o mundo – Aru disse. – E se não houver mundo, o que vai acontecer com você?

Uma parede de fogo saltou na frente da Aru.

– Vocês são terrivelmente rudes! – disse o palácio. – Foi isso que perdi durante todos esses milênios, nas profundezas do Reino da Morte? Bem, então não lamento. Não mesmo, nem um pouco.

– Por favor – disse Mini. – Deixe a gente atravessar. Essa foi a única entrada da floresta.

– Ah, tenho saudade da minha floresta de verdade – disse o palácio, melancólico. – Fui construído a partir de suas árvores. As areias daquelas poças selaram minhas rachaduras. Antigamente minhas madeiras se contorciam com coisinhas deploráveis. Quando os Pândavas decidiram construir um lar, essas criaturinhas foram banidas. A vida do grande arquiteto, o rei Mayasura, foi poupada por ele ter construído um palácio para eles, um palácio como jamais se viu antes: *eu*.

A parede de fogo desapareceu, revelando um magnífico salão. Estátuas vivas cravejadas com joias andavam de um lado para o outro. Uma delas tinha uma barriga de vidro que abrigava uma biblioteca em miniatura.

– O Pândava mais velho gostava de ler – o palácio lembrou, saudoso. – Mas ele não conseguia escolher um quarto onde ler. Então dei um jeito para que sua cama pudesse vagar para qualquer lugar e os livros pudessem ser trazidos até ele.

As paredes eram revestidas com uma fina camada de ouro batido, e o chão era uma maravilha de espelhos e tanques de safira.

– O mais novo gostava de se admirar, então providenciei para que houvesse um montão de lugares onde pudesse ver relances de sua beleza.

Um jardim exuberante pendeu do teto, eclipsando a ilusão anterior. Tubos de ensaio e rolos de pergaminho cobriam uma mesa de trabalho.

– O segundo mais novo gostava de ciências, então tomei providências para que sempre houvesse abundância de seres vivos a serem estudados.

Um estádio se descortinou diante delas. Continha rodas giratórias, alvos em movimento e pistas de corrida que davam a volta do chão até o teto.

– O segundo mais velho gostava de testar sua força, então me certifiquei de que tivesse um estádio com muitos desafios.

A imagem seguinte mostrou uma mistura de todos os itens das ilusões anteriores.

– O terceiro mais velho gostava de tudo um pouco, então tomei providências para que nada fugisse do seu interesse.

A imagem final era de um quarto banhado por uma luz suave.

– E a sábia e linda Draupadi, esposa dos cinco irmãos... o que ela queria acima de tudo era paz. Tentei atender seu pedido, mas o mais perto que consegui foi essa luz.

As imagens desbotaram.

– Não é à toa que sou chamado de Palácio das Ilusões quando tudo que me resta são lembranças. Talvez lembranças sejam a maior ilusão de todas – disse o palácio, baixinho. Então, numa voz até mais macia e sussurrada: – Nas minhas lembranças, eles pareciam tão felizes comigo.

Aru foi tomada por uma sensação de pena, que no entanto foi rapidamente apagada quando o par de braseiros reacendeu.

– E agora vocês querem estragar essas lembranças também? Zombando de mim com a ideia de que os Pândavas retornaram?

– A gente não quis te magoar – disse Mini. Seus olhos brilhavam.

– Não que eles tenham *retornado*, mas *reencarnado* – disse Aru. – Tem uma diferença. Eu nem lembrava que a gente tinha uma casa! Sério.

A casa estremeceu.

–Você! – o palácio exclamou, fungando. – Está dizendo que não sou digno de ser *lembrado*?

– Não! – Aru se encolheu. – De jeito nenhum!

Mini olhou feio para Aru e se ajoelhou para esfregar um dos ladrilhos, como se faria com a barriga de um cão.

– Não, não – ela disse de mansinho. – O que ela quis dizer é que não temos nenhuma lembrança das nossas vidas passadas! A gente nem sabia que era Pândava até, tipo... semana passada.

– Nunca permiti que ninguém que não fosse um Pândava, ou convidado deles, passasse por esses salões.

Mais pó caiu em Aru. Credo. Era com certeza osso pulverizado. Ela tentou não ter ânsia.

Um rolo de pergaminho se desprende do teto. Milhares e milhares de nomes estavam escritos nele. A tinta pingou do papel antes de formar uma poça no chão.

– Ah, sinto muito, mas não estão na lista – disse o palácio. Havia uma pitada de maldade na voz. – Então acho que terão de provar que são Pândavas de verdade.

Mais uma vez, a casa tremeu. As paredes se iluminaram com diferentes

cores. Aru já não contemplava a ruína do palácio. Agora estava no meio da floresta.

Mas não era real. A ilusão – como tinha de ficar se lembrando – parecia tão real que a grama até estalou sob seus pés. Vaga-lumes vagavam sonolentos pelo ar noturno. A vegetação tinha aquele cheiro de fruta madura que caiu do pé e não foi comida.

– Nossa. – Ela inspirou, virando-se para Mini.

Mas Mini não estava ali.

– Ei! Onde...? – Aru se virou em desespero.

Ela estava sozinha. À volta, a floresta começou a rir. Folhas caíram em cima dela lentamente. Com crueldade. Cada folha que tocava sua pele deixava uma pequena ferida do tamanho de um corte de papel.

– Avisei que se você quisesse me atravessar, teria de provar que é uma Pândava – murmurou a floresta que não era floresta, mas um palácio. – Arjuna foi o maior herói que já viveu.

Aru achou que essa era uma afirmação um tanto radical.

O maior? Sêrio?

No chão à sua frente surgiu um arco e uma flecha.

Ai, não.

Ela sequer sabia usar um arco. Era para puxar a corda? Apoiá-lo na flecha? Aru xingou.

Devia ter prestado mais atenção quando assistira a *Senhor dos Anéis* na semana anterior. Talvez se tivesse observado como Legolas usava o arco em vez de, sabe... apenas *observar* Legolas, ela estaria um pouco mais preparada.

– Você é um irmão Pândava de verdade, ou apenas uma mentirosa?

– O que você quer que eu faça com isso? – Aru perguntou, apontando para o arco.

– É simples, amostrinha de mortalidade: se mirar na verdade, escapará da ilusão. Caso não, bem, daí você morre. Não se preocupe, podemos acabar com essa operação toda bem rapidinho. Olha só.

Conforme ele falava, os vaga-lumes começavam a brilhar mais intensamente. O ar ficou quente. Aru arregalou os olhos.

Os vaga-lumes eram, na verdade, feitos de fogo.

VINTE E SETE

... e daí veio a horda de vaga-lumes tamanho Godzilla

A floresta ficou em silêncio.

– Mini! – Aru gritou.

Seria essa ilusão diferente das demais? Seria uma coisa física ou alguma coisa viva apenas em sua mente? Aru fechou os olhos com força, então os abriu rapidamente. Nada. Achou que a ilusão seria como um treco medonho e instável, como se num instante conseguisse ver a ilusão, e, no outro, a realidade.

– Mini? – Aru chamou novamente.

No chão, o arco e flecha eram como que um insulto.

– Ei, palácio! – gritou. – Se me deixar sair, eu lavo suas janelas!

Ainda sem resposta.

– Então tá, fica imundo que eu não tô nem aí!

Alguma coisa queimou seu dedão do pé.

– Ai!

Era um dos vaga-lumes.

Primeiro, os vaga-lumes simplesmente flutuavam em meio à escuridão, aquecendo o ar. Mas daí começaram a pousar nas rochas e galhos da floresta gigante. Agora parecia que uma rede dourada tinha sido esticada sobre a floresta, mas ainda era sinistro.

O cheiro de alguma coisa carbonizada a atingiu. Um círculo chamuscado apareceu bem perto do seu dedão.

– Ai, não... – Aru disse baixinho.

Tudo que os vaga-lumes tocavam queimava.

Ela ouviu um chiado nas costas, o som de palha pegando fogo. Fumaça invadiu o ar. Os vaga-lumes refletiam as folhas reluzentes da floresta, que pareciam luzinhas de Natal possuídas.

Aru surrupiou o arco e flecha do chão e saiu correndo.

Os vaga-lumes acompanharam, na sua cola. Uma labareda quase tostou sua orelha.

Aru mergulhou atrás de uma pedra e espiou. A floresta estava pegando fogo. Literalmente. Metaforicamente. Todos os... mentes.

Ela examinou o arco e a flecha. Eram exageradamente pesados e estranhos. Só a flecha sozinha devia ter o peso da sua mochila numa segunda-feira antes

do recesso de Natal.

– Não – resmungou – tem... a... menor... chance... disso... funcionar.

Finalmente, enfiou a flecha no lugar. *Isso não deve ser difícil.* Katniss e Legolas faziam com que parecesse bem fácil. Ela dedilhou a corda grossa do arco. E cortou os dedos.

– Ai-aaaiiii! – berrou, largando o arco e flecha.

O que o palácio quis dizer com: *Se mirar na verdade, escapará?* Mirar no quê? Ela olhou à sua volta, escaneando o topo das árvores da floresta e os galhos abaixo. Mas não havia nenhum alvo.

Como poderia ser como Arjuna? Ela não conseguia sequer puxar a corda de um arco, quanto menos realizar uma das suas famosas façanhas, como, por exemplo, acertar uma flecha no olho de um peixe apenas *olhando para o reflexo dele*. Até a bola de pingue-pongue no bolso não ajudava em nada nessa situação.

– Saída... Se eu fosse uma saída, onde me esconderia?

Ela começava a sentir um calor desagradável. Seria um bando de insetos vindo em sua direção? Ou apenas sua imaginação? Do seu esconderijo atrás da pedra, Aru deu uma segunda espiada.

Não. Com certeza não era sua imaginação.

Os vaga-lumes tinham convergido para o que parecia ser um único imenso inseto radiante. Ele pulsava com fogo. Com uma batida de asa, troncos de árvores viravam cinzas fumegantes.

Aru pronunciou uma palavra que, na escola, teria lhe rendido uma suspensão de uma semana.

A monstruosidade-pesadelo-incendiário voou para mais perto. Aru abandonou a pedra e disparou para dentro do bosque. As sombras de milhares de fogueiras pairavam à sua frente. O calor fazia suas costas arderem, e mesmo assim Aru correu.

Ela correu por um vale de rochas e árvores troncudas e encontrou um riacho que fluía da boca de uma caverna. Pulou para dentro d'água e se encolheu. O problema dos riachos é esse. Parecem tão convidativos, mas abaixo d'água, o chão é sempre pontiagudo e escorregadio. Pedras pontudas machucavam a sola dos pés conforme ela caminhava com dificuldade até a caverna.

Assim que chegou lá, Aru desabou no chão frio e molhado para recuperar o fôlego. Ela ainda podia ouvir o *bzzz bzzz* das asas dos insetos logo ali.

– Minha vida deve ser horrível pra eu estar desejando que um sapão incendiário apareça e coma a mosca incendiária gigante! – resmungou.

Ela examinou a sola dos pés. Para uma ilusão, a coisa era de uma realidade doentia. Sua condição física – pele arranhada e coração prestes a explodir – não parecia artificial. E mesmo que tudo *fosse* artificial, nem mesmo seu lado mais artificial queria ser vítima de um inseto artificial gigante.

Se Mini estivesse ali, conseguiria produzir o feitiço de um sapato gigante e esmagar a criatura medonha. De novo, Aru se pegou sentindo muita saudade de Buu. Ele saberia o que fazer. No mínimo, sua ladainha constante de insultos ia distraí-la.

Foco, Shah!

Aru puxou os cabelos. *Pensa, pensa, pensa.* Mas cérebros não colaboram. Naquele momento, a única coisa que passava por sua cabeça era o bordão de um comercial de creme antiacne. *Não esprema ou cutuque! Experimente Dr. Puck!*

– *Esprema ou cutuque* – cantarolou baixinho, com um leve pânico na voz.

Ela apalpou ao lado, procurando a flecha.

Sua mão só encontrou a pedra fria.

Flecha...

Ela virou, vasculhando o chão da caverna. Mas não havia nada à sua volta a não ser pedras molhadas.

A lembrança veio num lampejo doloroso: ela tinha largado o arco e flecha para trás quando saiu correndo do incêndio.

Ao redor, a caverna começou a aquecer. Vapores sopravam do riacho. Uma nuvem de vaga-lumes surgiu na boca da caverna. O calor ficou mais intenso, a luz mais clara. Aru arranhou a garganta. Estava ficando difícil respirar.

Ela não tinha nenhuma flecha. Nenhuma destreza atlética.

Nenhuma esperança.

Ela começou a coçar o pescoço em desespero e sentiu uma coisa fria logo ali. O pingente de Monção! Monção tinha dito que ele poderia acertar qualquer alvo. Mas onde exatamente deveria mirar?

Se mirar na verdade, escapará da ilusão.

Mas como ela podia escapar de uma ilusão que nem existia?

– Não dá pra escapar da minha própria cabeça! – disse, puxando os cabelos.

Espera. Isso não era totalmente verdade, né? Ela *tinha* escapado da sua cabeça uma vez. Várias vezes.

Aru se lembrou de todas as vezes que despertou de um sonho ruim. Ela acordava de supetão, ejetada de um pesadelo só por lembrar o que era: um pesadelo.

Todos os seus pesadelos eram iguais. Sonhava que voltava para casa e encontrava o apartamento vazio, sem nada. Sua mãe não tinha nem se dado ao trabalho de deixar um recadinho dizendo adeus. Aru tinha esse pesadelo sempre que a mãe saía numa viagem a trabalho. Mas, mesmo quando seus pesadelos pareciam bem reais – até o carpete áspero do apartamento, que vivia empoeirado –, não eram nada mais que imagens instáveis provocadas pelo medo. Aquilo era o que havia de real: o sentimento. Todo o resto era...

Mentira.

As labaredas se aproximavam. Luz e calor esbarraram no seu rosto.

Ela fechou os olhos e largou o pingente de Monção. Sentiu nos ossos que fingir que tudo aquilo era real não era a coisa certa a se fazer. Dessa vez, nenhum comercial antiacne pipocou em seus pensamentos. Em vez disso, lembrou-se da história de Arjuna e o olho do peixe.

Na história, o professor de arco e flecha dos Pândavas havia amarrado um peixe de madeira no tronco de uma árvore. Ele instruiu os irmãos a dispararem uma flecha no olho do peixe. Mas apenas podiam atirar olhando para o reflexo do peixe de madeira na água abaixo.

A professora perguntou a Yudhistira, o primogênito, o que ele viu no reflexo. Ele respondeu: *O céu, a árvore, o peixe*. O professor disse para ele não atirar. Perguntou a Bhima, o segundo irmão mais velho, o que viu. Ele respondeu: *O galho da árvore, o peixe*. O professor pediu para não atirar.

E daí o professor perguntou a Arjuna o que viu. Ele respondeu: *O olho do peixe*.

Ele foi o único com permissão para atirar.

Era uma história sobre foco, sobre afastar as distrações uma a uma até que tudo que restasse fosse o alvo. O olho do peixe.

As labaredas tocaram nos pés de Aru. Ela fez uma careta, mas não se mexeu. Fechou os olhos.

O arco e flecha eram apenas distrações.

A maneira verdadeira de sair... sempre esteve dentro da sua cabeça.

Ela imaginou Mini e o museu, a mãe e as lembranças. Imaginou o peito de Buu coberto de penugem, estufado de orgulho. Imaginou a luz vermelha e piscante do celular de Burton Prater.

Imaginou a liberdade.

Não aconteceu num estalar de dedos. Ela não foi arremessada de um lugar para o outro. Não abriu os olhos e viu um novo mundo no lugar onde antes havia o antigo. Em vez disso, sentiu algo como uma trava se abrindo dentro dela.

Pessoas são como bolsos mágicos. Muito maiores por dentro que aparentam ser por fora. E com Aru foi assim também. Ela encontrou um lugar no fundo do seu ser, escondido até então. Era um lugar tão silencioso que parecia ensurdecedor.

Era uma sensação de estreiteza que ganhava amplitude, como se pudesse esconder pequenos mundos dentro de si. Era isso que significava escapar: descobrir parte de si que ninguém mais podia achar.

Aru estendeu a mão. Ela imaginou uma porta para o Outromundo com uma corda de luz envolvendo sua maçaneta. Ela se segurou àquela corda...

E puxou.

Naquele instante, já não sentia mais as labaredas. Não ouvia mais o zunido das asas dos insetos cruéis. Ouvia apenas seu coração batendo contra o silêncio. Via apenas seus sonhos de liberdade tornando-se luminosos e intensos, como um arco-íris visto através de um prisma.

E, nesse momento, escapou.

VINTE E OITO

A história do palácio

Quando Aru abriu os olhos, encontrou-se novamente no decrepito salão do palácio.

Mini estava logo ao lado, discutindo furiosamente com... ela mesma? Duas Minis?

Uma delas estava ficando muito vermelha e com os ombros caídos. A outra empurrou os óculos para o topo do nariz e continuou falando. Ela! Aru apostava todas as fichas que aquela era a verdadeira versão da Mini. Aru tentou correr até elas, mas foi impedida por uma espécie de barreira invisível.

– Ei! – gritou, batendo os punhos contra o ar. – Mini!

Mas as Minis continuaram discutindo. A verdadeira disse:

– Então por uma questão de lógica a coisa mais veloz do mundo não é uma pessoa ou uma criatura, mas um pensamento!

A outra Mini soltou um grunhido terrível, como se tivesse sido atacada por uma dor de cabeça, e então sumiu.

A Mini que sobrou apoiou as mãos nos joelhos e inspirou fundo. A barreira invisível devia ter desaparecido também, pois Mini finalmente reparou em Aru. Um sorriso se abriu em seu rosto.

– Você está viva!

– E você também! – Aru gritou, correndo na direção dela.

Mas assim que se aproximaram, o palácio voltou à vida com um estrondo. Tochas se acenderam. Até o teto se empertigou, como alguém ajeitando os suspensórios.

As duas se puseram a postos. Aru apertou a bola reluzente no bolso. Mini agarrou o estojinho de pó compacto.

O palácio estremeceu.

– Apenas Yudhistira seria capaz de superar a si mesmo através da lógica.

Aru baixou a voz e sussurrou:

– Jura? Sua missão era tirar você mesma do sério?

Mini fez uma careta.

– E apenas Arjuna – continuou o palácio – teria a visão e a percepção para escapar do medo criado pela própria mente. O que significa que são vocês! São mesmo...

– Dã... – disse Aru. – Nós avisamos assim que...

Mas no momento em que Aru começou a falar, o teto rebentou acima. Chuva jorrou das rachaduras no telhado. O lugar inteiro estremeceu.

– Eu...

As vigas rangeram.

– Pensei...

A fundação ganiu.

– Que vocês...

O telhado se encurvou.

– Tinham esquecido...

Os ladrilhos do chão racharam.

– De...

As paredes se descascaram.

– Mim.

Agora a chuva era uma cachoeira. Não havia nada que Aru e Mini pudessem fazer a não ser se agarrar uma à outra enquanto o palácio se desfazia em volta. Quando o choro (e chuva) finalmente cessou, as paredes se recompuseram. O telhado secou as telhas e se costurou de volta. A fundação estremeceu uma última vez, como que soltando um suspiro.

O palácio tinha todo o direito de estar chateado. Elas haviam se esquecido totalmente dele. Mas isso era culpa delas?

– Senti saudades – o palácio disse. – Durante trezentos anos depois que partiram, eu mantive os pisos encerados e os tetos sem pó. Mantive as despensas abastecidas, e aguei as plantas. Mas nunca voltaram. Eu fiz alguma coisa errada?

– Não, claro que não! – disse Mini. Ela estava com cara de quem queria cair de joelhos e abraçar o lugar todo como se fosse um imenso cachorro tristonho.

– Nós não somos as pessoas que costumávamos ser – Aru arriscou dizer. – A gente nem se lembra de nada daquela vida. Caso contrário... caso contrário a gente teria vindo visitar.

Momentos depois, os pisos começaram a brilhar. O fogo nas tochas mudou de agressivo para quentinho. Pinturas escondidas debaixo de camadas de pó de esqueleto exibiram suas cores.

– E, no entanto, precisam partir de novo? – o palácio perguntou. Havia um chororô na voz. Como um bichinho de estimação que não quer que você parta e acredita que caso se comporte superbem poderá fazer você mudar de ideia.

– Não temos escolha – Mini explicou. – Você sabe.

Gotas de um líquido prateado escorreram pelas paredes.

– Eu sei – disse o palácio. – Dessa vez não vou me esquecer de encerar o chão.

– Não precisa se preocupar – Mini começou a dizer.

Aru interrompeu:

– Sim! Por favor, faça isso, obrigada. E capricha!

Aru sabia melhor que ninguém que a pior parte de ser deixado para trás era a espera. Sempre que sua mãe partia em viagens a trabalho, Aru limpava o apartamento de cima a baixo. Às vezes, até fazia feira para que houvesse maçãs bonitas na mesa em vez de livros grossos e cinzentos como *Representações do Feminino na Escultura Hindu Clássica*. Toda vez que a mãe voltava, Aru se colocava ao lado da mesa, o peito estufado feito um passarinho, esperando que ela reparasse. Às vezes, ela reparava, às vezes, não. Não saber como sua mãe ia reagir era o que incentivava Aru a fazer tudinho de novo na vez seguinte. Por isso, entendia como o palácio devia ter se sentido.

– Excelente! – o palácio gritou.

Ao mesmo tempo, candelabros baixaram do teto. Tigelas de cristal com sorvete cor-de-rosa clarinho levitaram até as mãos de Mini e Aru.

– Por favor – a casa insistiu. – Só um pouquinho. Vocês podem comer enquanto andam. Cuido pra que não tropecem. Ou preferem ir de patins? Antigamente gostavam.

O chão abaixo delas virou gelo, e as sandálias foram substituídas por lindos sapatos de metal com lâminas embaixo.

Aru provou um pouquinho do sorvete. Ele derreteu na sua língua deixando um delicado gosto de rosa.

– Não sei patinar muito bem – Aru avisou. – Podemos viajar da maneira que a gente quiser?

– A única limitação é sua imaginação – o palácio respondeu.

Um passo depois, estavam deslizando pelos salões.

Aru sorriu. Imagina ter uma casa assim... Uma casa que sabe o que você quer e já atende no ato. Uma casa que produz carrosséis feitos de pedacinhos de estrelas e pétalas, e permite que você galoque num cavalo feito de chumaços de dente-de-leão enquanto segura uma tigela de sorvete. Uma casa com uma cama flutuante, e livros que sabem a hora de virar a página, de

modo que você não precisa levantar do travesseiro ou mexer a mão...

Mas aquela não era sua casa.

Sua casa era pequena e abarrotada de livros que ela não compreendia. O apartamento tinha rachaduras nas paredes e encanamento antigo. Sempre havia palha no chão, das caixas de madeira em que as estátuas eram transportadas.

Sua casa tinha sua mãe.

O palácio, como sempre, conseguiu ler seus pensamentos. Ele suspirou de novo.

– Vocês precisam ir... e que tipo de casa eu seria se ficasse mimando vocês e lhes segurando aqui?

Mini enrubesceu. Ela estava andando de bicicleta pelo ar, segurando o sorvete com um livro pairando em frente ao rosto.

– Você tem razão – ela disse. Mini limpou a boca e botou de lado o resto do sorvete.

Aru terminou o dela tão rápido que o cérebro gelou. O palácio encantado encantou uma toalha de mão que se enrolou em volta da sua cabeça.

– *Bridada* – ela grunhiu, esperando que o palácio entendesse o que estava tentando dizer. *Obrigada*.

Quartos inexplorados pairavam em torno, prometendo ricas histórias e segredos. Aru teve um vislumbre de um aposento cheio de pássaros de vidro. Uma serpente deslizou de dentro de um buraco numa parede, seu couro mimetizando rios e mares. Ao final de um longo corredor, Aru viu o horizonte de uma cidade distante. Parte dela queria explorar, mas sabia que não podia. Mesmo sem olhar para a mão, Aru sentiu o número em sua palma, como se estivesse queimando sua pele. Elas tinham *dois* dias. Não podiam perder tempo.

O cavalo de dente-de-leão, reconhecendo seu desejo não verbalizado, gentilmente a colocou no chão.

Dentro de instantes, estavam na saída do palácio.

– Aqui estamos – disse o palácio, pesaroso. – Peço perdão pelas... vocês sabem, ameaças de morte, testes e tudo o mais... Espero que possam me perdoar. Eu não percebi que eram... vocês...

– Nós perdoamos – disse Mini.

– Eu teria feito o mesmo se fosse um palácio – Aru acrescentou graciosamente.

O palácio sorriu. Luzes prateadas dispararam do teto e desceram como confete reluzente.

– Tenho um presente, considerando que vão seguir viagem – disse o palácio, tímido.

– O que é?

– Apenas uma bobagem – disse. – Uma coisa que podem guardar no bolso como recordação, caso não possam me visitar novamente.

Aru e Mini esticaram as mãos. No meio de suas palmas, apareceu um pequeno ladrilho azul em forma de estrela de cinco pontas.

– É um pedacinho de casa – disse o palácio. – Vai fornecer descanso e abrigo quando precisarem. Claro que não consegue criar um estádio ou campo de treinamento como consigo... mas pode lhes dar a parte de mim que mais importa: proteção.

Aru apertou o ladrilho, sorrindo.

– Obrigada, palácio. É perfeito!

– Espero que a gente não precise usar, mas fico feliz por ter mesmo assim – disse Mini.

Mais confete prateado choveu numa ducha feliz do teto.

– Prazer em poder servir – disse o palácio. – É tudo que eu sempre quis.

– Palácio, o que existe depois desse reino? – Mini perguntou. – Precisamos chegar ao corredor onde ficam as armas celestiais.

– Ah! Vocês precisam... de um mapa! – disse o palácio, animado.

– Mas talvez não daqueles mapas enormes de ruas – disse Aru. – Mais tipo um folheto. Algo pequeno. – Ela tinha dificuldade em ler mapas. E tinha mais dificuldade ainda para dobrar de volta depois. *Siga as linhas!* Sua mãe costumava repreender. (Mas havia *tantas* linhas.)

– Ah, sim, claro! Que eficiente você é, minha princesa, que nobres e precisos são seus modos! – o palácio chiou. – Infelizmente, eu a decepcionarei mais uma vez. – As paredes choraram riachos prateados de novo. – Não tenho nenhum folheto e não consigo encontrar algo assim, pois não sei o que significa. No entanto, posso lhes informar que depois desse reino existe um lugar de tristeza. Trata-se da Ponte do Esquecimento. Apenas ali poderão encontrar o que estão buscando com as armas. Existe um motivo para eu não ter desaparecido: é que ainda não fui esquecido. Mas resido no Reino da Morte porque não sou considerado “verdade”. Sou um mito. Um dia, talvez, também atravesse a Ponte do Esquecimento como tantas outras

histórias antes de mim.

Aru se preparou para mais lágrimas e chuva, mas o palácio parecia estranhamente em paz com essa afirmação.

– É melhor, quem sabe, ser considerado ficção que totalmente descartado da memória. Se não for pedir muito, poderiam pensar em mim com carinho de tanto em tanto? – As tochas cuspiram. – Para mim faz diferença saber que sou lembrado às vezes.

Aru e Mini prometeram. Aru não sabia como abraçar um palácio, então fez o melhor que podia: depositou um beijo na palma da mão e o pressionou na parede. O palácio tremeu de felicidade.

Mini fez o mesmo.

– Adeus, adeus, Pândavas! Façam grandes proezas! Façam boas escolhas! – despediu-se o palácio. A porta se fechou. – E se tiverem que me esquecer, pelo menos esqueçam com um sorriso.

VINTE E NOVE

A Ponte do Esquecimento

Assim que fecharam a porta do Palácio das Ilusões, uma rua sinuosa se estendeu à frente. O céu estava preto, mas não era noite. Era a escuridão chapada de um quarto com luzes apagadas. Ali, no meio do mito e da Ponte do Esquecimento, a paisagem era diferente. Estátuas estavam semiafundadas na terra. Árvores altas e brancas bloqueavam a vista do que havia pela frente.

– Estou morta de fome – Aru resmungou. – Não devia ter comido aquele sorvete tão rápido. Você ainda tem algum Oreo?

– Não. Dei o último pro Buu. – A menção ao amigo pombo fez Mini suspirar e esfregar os olhos. – Será que ele está bem?

Aru não sabia dizer. Da última vez que o viram, ele estava inconsciente. Isso automaticamente significava *não bem*.

– Mesmo que não esteja bem agora – ela respondeu a Mini –, vamos salvá-lo, e daí ele vai ficar bem com certeza.

– Espero que sim.

Dois minutos depois, o ronco na barriga da Aru evoluiu de um leve barulho a um estrondoso rosnado do tipo *tem-um--monstro-na-minha-barriga-e-ele-quer-te-comer*. Ela pegou a bola reluzente e a cutucou. Seria comestível?

– Borborigmos – disse Mini.

– Bor-bo o quê? O que é igmos?

– Os barulhos da sua barriga... o nome disso é borborigmos.

– Você aprendeu isso num biscoito da sorte?

– Não. Num livro de medicina.

– Mini, *por que* você estava lendo um livro de medicina...?

– Porque eu gosto. – Ela deu de ombros. – Corpos são tão legais! Você sabia que mais da metade do nosso corpo é feito de água?

– Suuuuperinteressante – disse Aru. – Já chegamos?

– Como vou saber?

– Bem, quem comeu o biscoito da sabedoria foi você.

– *Como eu disse antes* – Mini explicou, obviamente incomodada –, ele só dá a sabedoria pra resolver a questão que pediu.

– Tecnicamente, não resolvemos. Continuamos na missão, ou sei lá o que, neste lugar. Sinceramente, qual o sentido em fazer a gente passar por tudo

isto? Os deuses não *querem* que o mundo seja salvo rapidamente? Essa viagem é mais inútil que chifre de unicórnio.

Mini parecia levemente ofendida.

– O que você quer dizer por inútil? Não seria unicórnio se não fosse pelo chifre. É o que a palavra significa! *Uni*, de um. E depois *cornio*, de, sabe como é... chifre. Unichifre.

– Sim, mas supostamente eles são mansos e gentis. Então por que um unicórnio precisaria de um chifre? O que faz com aquilo?

Mini enrubesceu.

– Sei lá. Pra disparar magia e coisa do tipo.

– Ou pra maltratar.

– Isso é horrível, Aru! São unicórnios. São perfeitos.

– Talvez isso seja o que eles *querem* que a gente pense.

Ela, pessoalmente, não confiava em nada que tivesse uma arma embutida e alegasse não usá-la. *Tá bom, então.*

– Ficou tão frio de repente – comentou Mini.

Ela tinha razão. A temperatura havia caído. Mais que caído: era como se tivesse despencado de um penhasco e rolado morro abaixo.

O velho pijama de Homem-Aranha da Aru não ajudava a proteger do frio. O vento atravessava o tecido, gelando sua pele.

– Imagina ter que viver num lugar assim – disse, batendo os dentes. – Teria que ficar enfiando o dedo no nariz o tempo todo para que seu ranho não congelasse lá dentro e cortasse o interior do seu nariz.

– Nojento!

O ar ficou rarefeito. Não como aquela antiguidade sufocante do palácio. Aru se lembrou do modo como às vezes, no inverno, doía para respirar porque o ar havia ficado afiado demais e muito fino.

– Olha, Aru, está nevando!

Aru ergueu o pescoço e viu nuvens de barriga azul pairando acima. Em lentas espirais, lufadas brancas caíam até o chão.

Um floco branco pousou em sua mão. Parecia um floco de neve, até na imitação da delicada renda de gelo. Mas a sensação *não era* de neve. Embora fosse gelado.

A sensação era de beliscão.

Ao seu lado, Mini fez uma careta.

A neve, ou seja lá o que fosse, começava a cair com mais intensidade.

Agora os flocos atingiam o chão. Não derretiam.

Conforme Aru observava a neve, avistou uma árvore alta cuja casca era composta de centenas de espelinhos. Algu-ma coisa escorregou atrás do tronco. Uma figura – clara e magra, com uma nuvem de cabelo congelado. Mas quando ela piscou, não conseguiu se lembrar do que tinha visto.

– Aru! – Mini chamou.

Ela não respondeu. Não por não ter ouvido, mas porque não tinha percebido que Mini estava falando com ela.

Por um segundo, havia esquecido de que Aru era seu nome.

Em pânico, Aru tentou espanar os flocos de neve do braço e tirá-los dos cabelos. Alguma coisa neles fazia com que esquecesse coisas que deveria lembrar. Aquilo não tinha nada de neve. Era como sal jogado numa lesma. Lentamente dissolvia aquilo que você era.

– Crianças, será que esquecer é tão ruim assim? – perguntou uma voz de algum lugar à frente. – Se nunca lembra, nunca envelhece. A inocência as mantém sem idade e sem culpa. Raramente as pessoas são punidas por atos que não conseguem recordar.

Aru olhou para cima. Os flocos de neve agora pairavam suspensos no ar, milhares de gotinhas brancas. Um homem afastou as gotinhas como se fosse uma imensa cortina de miçangas. Ele era lindo.

Não lindo do tipo ator de cinema; ele tinha uma beleza distante, quase imaterial. Da mesma maneira como uma tempestade se formando sobre o oceano pode parecer algo encantador.

O homem era alto e tinha pele escura, os cabelos eram volumosos e grisalhos. Seus olhos eram como lascas azuis de gelo. O casaco e as calças eram de uma brancura que chegava a ser anormal de tão clara.

– Desculpa, você disse alguma coisa? – Mini lhe perguntou. – Se disse... eu... eu não consigo lembrar...

– Ah, me desculpem – disse o homem. Ele riu e fez um gesto com as mãos, e as partículas de neve se soltaram dos cabelos e da pele das meninas. Nacos de consciência retornaram à cabeça da Aru.

Somente agora conseguia se lembrar da sua cor favorita (verde), da sua sobremesa favorita (tiramisu) e do seu nome. Como pôde esquecer? Aru achou muito assustador, pois significava que não perceberia caso lhe roubassem alguma coisa.

– Meu nome é Shukra. Sou o guardião da Ponte do Esquecimento. É raro

que eu converse com seres vivos. É que não me arrisco a ir além da minha ponte.

Aru não conseguia se lembrar de uma única história a seu respeito, mas isso fazia sentido, considerando quem era. E não era à toa que nunca saísse. Imagine o problema nas festas. “*Quem é você mesmo?*” “*Sou Shukra! Você não se lembra?*” “*Sim, certo... Então, quem é você?*”

Conforme Shukra caminhava até elas, Aru notou que havia cinco espelhos levitando à sua volta. Um sobre a cabeça, um sob os pés, um à direita e um à esquerda. Outro levitava na altura do peito, alto o bastante para que bastasse tombar o queixo para enxergar o reflexo.

Isso era comum para as pessoas bonitas? No salão da Madame Bee, o lugar todo era coberto por superfícies refletoras. Aru se perguntou se espelhos simplesmente migravam até pessoas lindas, como ovelhas.

Atrás de Shukra, a terra acabava num penhasco. A neve, ou seja lá o que fosse, aderiu ao contorno de uma ponte invisível. Se Aru e Mini conseguissem atravessar aquela ponte, estariam no caminho para o lugar onde as armas celestiais estavam guardadas.

– Já me esqueci das minhas boas maneiras antes – disse Shukra com uma voz acetinada. – Seria negligência minha fazê-lo novamente. Desculpa, como se chamam, crianças? Nomes completos, por favor.

Aru sentiu uma coceira no fundo da garganta. Como se seu nome estivesse tentando escapar. Ela não queria dizê-lo, mas era como se não conseguisse controlar.

– Yamini – disse Mini.

– Arundhati – disse Aru.

Foi estranho pronunciar em voz alta. Ela só ouvia seu nome inteiro uma vez por ano, quando os professores faziam a chamada no primeiro dia de aula e tropeçavam na pronúncia. Arun-dãti? Arun-detí? Arahty? *Aru*, explicava. Só *Aru*. Normalmente, um dos colegas uivava no fundo, fingindo ser um lobo chamando a noite: Aruuuuuuu! (No primeiro ano, Aru tentou entrar na brincadeira, saltando da cadeira e latindo. Ela foi mandada para casa.)

– Lindos nomes. Serão belos ornamentos para a minha ponte – disse Shukra, examinando suas unhas.

– Então podemos atravessar? – Aru perguntou.

– Claro. – Ele sorriu. Ele podia ser lindo, mas os dentes eram medonhos: pretos, tortos e pontudos. – Mas para aqueles que desejam atravessar a Ponte

do Esquecimento, sempre ofereço uma alternativa. E vou oferecer para vocês também. Primeiramente, concordariam em ouvir a minha história, filhas dos deuses?

– Como sabe que somos filhas de deuses? – Mini perguntou.

– Dá pra sentir o fedor – disse Shukra, mas seu tom não era ofensivo.

Aru discretamente cheirou o sovaco. Ainda estava bom. Ela se parabenizou mentalmente.

– O cheiro de bondade não vem do sovaco dos humanos – Shukra sussurrou.

– Ah.

– O cheiro de bondade está no fardo que paira sobre vocês. Um fedor pungente e poderoso. Cada uma tem passado, presente e futuro que lhes foi roubado. Eu também fui roubado. Ouçam minha história. Então poderão decidir se ainda desejam atravessar a Ponte do Esquecimento.

Duas cadeiras feitas de gelo emergiram do chão e Shukra gesticulou para que se sentassem. Aru não queria muito, mas a cadeira não se importou. Toda vez que se afastava, ela deslizava para mais perto, até que lhe passou uma rasteira de modo que Aru caísse sentada no assento. A cadeira era tão fria que queimava a pele. Ao lado, Mini batia os dentes.

Shukra se contemplou em um dos seus cinco espelhos.

– Vocês sabem por que fui amaldiçoado para ser esquecido?

– Treta com algum demônio ruim? – Aru chutou.

Mini olhou feio para ela.

– Se ao menos fosse tão simples assim... – disse Shukra.

Aru queria muito poder chutar a cadeira e escapar daquele lugar.

Shukra parecia até mais perigoso que os cachorros que vigiavam a entrada do Reino da Morte. Havia algo muito... quieto a seu respeito. Como se soubesse que já tinha vencido e não tivesse pressa.

– Eu matei a única pessoa que aguentava olhar para mim.

Aguentava olhar para ele? Não que ele fosse desagradável de se olhar...

– Minha esposa – disse Shukra. – Ela me amava, então eu a matei.

TRINTA

A história de Shukra

Dizem que, quando eu nasci, o sol estava tão revoltado que se escondeu por um mês inteiro. Minha pele era toda esburacada e cheia de cicatrizes. Meu sorriso era horripilante. Mas, embora fosse feio, eu era um bom rei. Adorado, até. O que eu não conseguia aperfeiçoar no meu corpo, tentava aperfeiçoar na mente.

Durante muitos anos, tive vergonha de me apresentar aos súditos. Escolhi governar das sombras. Mas não podia me casar na escuridão. Quando minha esposa me viu pela primeira vez, seu sorriso não titubeou. Ela levou a palma da mão até minha bochecha e disse:

– Nosso amor é o que nos torna belos.

E assim foi.

As modificações na minha aparência foram pequenas. Tão pequenas que de início nem percebi, pois não estava acostumado a me olhar no espelho.

Quatro anos se passaram, e a essa altura o amor dela me tornou mais bonito. E minha esposa? Era resplandecente. A lua permanecia mais tempo no céu somente para admirá-la. O sol se demorava só para testemunhar sua graciosidade. Eu já não tinha aquela espécie de rosto feioso que despertava horror e dó, agora possuía um aspecto comum.

Eu queria mais. A cada dia comecei a notar as mudanças na minha aparência. Minha esposa me garantia que, conforme nosso amor crescesse, também cresceria nossa beleza. Para ela, beleza e felicidade andavam juntas.

Fiquei impaciente.

Instalei espelhos por toda parte, até no chão. Fiz listas pelas quais pudesse avaliar diariamente meu rosto em alteração. Estava constantemente descartando roupas e provando modelos novos. Negligenciei meu povo.

Comecei a evitar minha esposa. Toda vez que a via, me enchia de raiva. Por que ela podia ficar mais linda do que eu? Ela já era linda de início.

Um dia a confrontei:

– Você ainda me ama? – perguntei.

Ela não correspondeu ao meu olhar.

– Como posso amar alguém que já não conheço? Você mudou, meu rei. Eu o teria amado até o fim dos Tempos. Talvez ainda possa, se ao menos você...

Mas não ouvi além das primeiras palavras.

Não lembro o que fiz.

Foi apenas quando a vermelhidão deixou meus olhos que vi seu corpo inerte. Tentei arrancar minha pele. Para queimar todo resquício de seu amor – minha beleza mal adquirida – do meu corpo. Mas era tarde demais. Eu não podia escapar do seu amor, dado tão livremente, mesmo nos seus momentos finais.

Quebrei todos os espelhos. Quebrei todas as janelas. Drenei todos os lagos.

E mesmo assim não pude fugir da verdade daquilo que me havia sido dado, e do que eu tinha perdido.

Quando Shukra terminou de contar, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Agora vivo cercado pela lembrança dos meus erros – continuou, gesticulando para os espelhos que o acompanhavam. – Sem eles, a neve teria roubado minhas memórias, como faz com todos que visitam este lugar.

– Sinto muito – disse Mini, delicadamente.

Aru não disse nada. Parte dela ficou com dó, mas outra parte estava enojada. Ele tinha matado uma pessoa que o amava, uma pessoa que havia lhe dado um dom especial. Ele era egoísta.

Shukra uniu as mãos.

– Chegou o momento de fazerem sua escolha. Se não conseguirem atravessar a ponte, cairão em uma das fogueiras do inferno e serão forçadas a partir para a próxima vida.

– Você quer dizer... que a gente morre? – Mini perguntou.

– Sim – respondeu Shukra, acenando com a mão como se Mini tivesse perguntado algo tão casual quanto *Tem sorvete de chocolate?*

– Como a gente faz pra atravessar? – Aru perguntou.

– Para atravessar a Ponte do Esquecimento, devem pagar o pedágio.

– Que seria...? – Aru perguntou.

– Devem sacrificar uma parte de vocês mesmas: suas memórias. Entreguem-nas a mim e partam mais leves. Como podem perceber, apenas o contorno da ponte é visível. Suas memórias são necessárias para formar o restante.

– As *nossas* memórias? – Mini repetiu. – Por que você ia querer isso?

– Para não ficar só.

– *Todas* elas? – Mini quis saber. – Eu não poderia dar apenas as ruins? Na semana passada, a alça da minha mochila se prendeu num escorregador e...

– Todas – Shukra interrompeu.

– Por que insiste em ficar aqui? – Aru perguntou. – Por que simplesmente não pula pra próxima vida? Você podia estar livre de toda...

– *Livre?* – Shukra riu. – Onde está a liberdade, pequenas, em partir para a próxima vida? Vocês não sabem que essas coisas perseguem além das portas da morte? As maldades de uma vida afetam a vida seguinte.

Aí estava. Karma. A ideia na qual Aru simplesmente não conseguia acreditar. *Você colhe aquilo que planta e todas essas talvez-bobajadas.* Aru achou que parecia uma atitude de gato escaldado: optar por não seguir em frente só porque ia ser difícil. A seu ver, não fazia muito sentido que ele escolhesse permanecer ali. Sozinho para sempre.

Ela se levantou. Mini teve mais dificuldade. Sua cadeira parecia ter gostado dela e ficava tentando se enroscar em volta das suas pernas.

– Dá pra conseguir nossas memórias de volta depois que a gente atravessar a ponte? – Aru perguntou.

– Não.

As mãos de Aru formaram dois punhos na lateral do corpo.

– Então você não vai obter nenhuma das minhas memórias.

– Nem... ai, me solta! – disse Mini, finalmente se livrando da cadeira. Ela emitia um chiado macio. – As minhas!

– Que pena – disse Shukra. – Pois vocês sempre podem criar algumas novas.

Ele olhou para cada um dos espelhos pressionados junto dele. Não tinham a função de lembrá-lo de sua beleza, de modo algum, Aru percebeu. Estavam ali para lembrá-lo da dor. Da *perda*. E ele não tinha escolha a não ser olhar para aquilo todos os dias.

– Se insistem, deixo vocês morrerem. Sigam em frente e tentem atravessar. Não vão conseguir.

Elas passaram correndo por Shukra e logo estavam paradas na beira do penhasco. Ainda conseguiam ver o contorno da ponte à frente, mas um passo além não havia nada senão uma queda acentuada. Nenhuma plataforma, degrau, nada. Será que a ponte era invisível? Sequer sólida?

– A ponte vai se construir – disse Shukra. Ele não tinha saído do lugar. – A questão é se conseguem atravessá-la rápido o bastante. A julgar pela idade, duvido que consigam dar mais que alguns passos. Vocês têm menos memórias que a maioria.

A neve que roubava memórias, e que permanecia suspensa no ar, voltou a cair. Dessa vez, quando a neve caiu em Aru, queimou. Pois estava extraindo. A cada floco, outra memória era arrancada.

Pronto! Exterminada num piscar de olhos, a memória do aniversário de oito anos, quando sua mãe... sua mãe fez alguma coisa.

Alguma coisa de que não conseguia se recordar.

– Eu ofereci ajuda – Shukra falou. – Uma vida sem peso, livre da dor. Mas vocês rejeitaram minha proposta.

A ponte lentamente se pavimentou com as memórias roubadas das meninas. Aru perdeu a lembrança do sabor de chocolate. Era uma das suas coisas prediletas no mundo, e, no entanto, não conseguia de jeito nenhum lembrar o gosto, ou mesmo como se escrevia... escrevia o quê? No que estava pensando?

Ao lado, Mini estava puxando os cabelos.

– Para! – gritou.

Aru pegou a bola dourada. Mas por que fez isso, não soube ao certo. Ela nunca tinha feito muito mais que brilhar. Não era como o estojinho de pó compacto da Mini que conseguia enxergar através das ilusões ou produzir suas próprias. E agora não conseguia sequer se lembrar onde tinha conseguido a bola, para começo de conversa.

– Na vida, é impossível escapar da dor – disse Shukra. – Lamento. Eu quis lhes dar um final diferente, permitir que partissem sem dor.

A neve caía mais rápido e com mais força. Aru mal conseguia enxergar através dela. Ela se virou para olhar para Shukra e notou algo. A neve caía em todo lugar, exceto nele.

Ela estreitou os olhos. Alguma coisa nos espelhos de Shukra o protegiam.

Naquele momento, um floco de neve carimbou seu braço. Certa vez, nevou cinco centímetros em Atlanta, então, naturalmente, a cidade entrou em pânico e tiveram de fechar todo o comércio. O voo da sua mãe foi cancelado, e elas passaram o dia todo dentro de casa, enrodilhadas no sofá. Comeram comida chinesa enquanto assistiam a um filme de Bollywood no qual todo mundo levava tapas de mentira na cara ao mesmo tempo, e...

A estimada memória sumiu.

Aru só sentiu o buraco que deixou em seu coração. E embora não conseguisse recordá-la, quis chorar. Aquelas memórias eram *tudo*. Era a elas que se apegava quando tinha de passar a noite sem a mãe em casa. Era a elas

que se voltava sempre que sentia medo.

Ela não podia perdê-las.

Precisava afrouxar o controle de Shukra sobre a neve que roubava memórias.

– A neve está faminta – avisou Shukra. – Ela vai caçar.

Ele virou as costas para elas, andando cada vez para mais longe, como se não pudesse suportar o que ia acontecer em seguida.

Mas Aru tinha um plano...

Mini a pegou pelo pulso.

– Não, Aru. – Seus olhos estavam arregalados e Aru soube que Mini tinha adivinhado o que ela ia fazer. – Tem que haver um outro jeito.

– Se a gente não quebrar os espelhos dele, não vamos lembrar de mais nada, Mini.

– Não é certo! Ele tem aqueles espelhos porque se sente mal...

– Ele matou a esposa. Por que eu deveria ter pena?

– Aru, ele... está sofrendo. Se a gente roubar dele, então seremos como ele.

– Ótimo. *Eu* pego dele, para que *a gente* consiga sobreviver.

Aru não esperou a resposta de Mini. Ela tinha de agir.

Em volta do pescoço, o pingente cinza de Monção estava frio e molhado. Quando o tocou, lembrou-se das suas palavras.

Mas fique esperta: o arrependimento sempre vem. É o preço de se mirar na verdade. Pois, às vezes, quando escolhemos o alvo mais mortal, estamos sendo meramente irresponsáveis.

Aru não hesitou. Atirou. Mini se virou, como se não conseguisse testemunhar aquilo.

A pedra acertou o espelho à frente do peito de Shukra. Ele estremeceu, levando a mão no coração.

– Irsa? – ele chamou.

Então tombou para a frente, tentando pegar o ar, como se de repente tivesse ficado cego.

O pingente quicou, estilhaçando o espelho acima. Então quebrou o terceiro e o quarto.

Shukra caiu de joelhos. A neve pareceu reparar nele então. Parou de cair em Aru e Mini, talvez atraída por quão mais potentes eram as memórias dele.

– Não! – ele berrou. – Por favor! É tudo o que me restou dela!

Mas a neve não teve dó. Aru não conseguiu olhar.

– A ponte... – Mini disse baixinho.

Quando Aru se virou, viu que a ponte estava se construindo, mais rápido. Cada momento roubado da vida de Shukra fabricava um degrau maciço sobre a ravina.

Aru e Mini saltitaram por toda a extensão, os gritos e choro de Shukra as perseguindo o caminho inteiro. Nenhuma neve as atingiu. Quando alcançaram o outro lado, Aru se virou e flagrou Shukra com um olhar perdido. A neve congelou a pele dele.

– Vocês são meras crianças, e crianças às vezes são as pessoas mais cruéis. Tiraram tudo de mim. Por isso eu a amaldiçoo, filha de Indra – disse Shukra. Ele esticou a mão. – Minha maldição é que, no momento de maior importância, também vai esquecer.

Com isso, Shukra desapareceu. No lugar onde estava antes, havia apenas duas pegadas que gradualmente foram cobertas pela neve.

TRINTA E UM

Esse lugar tem um cheiro estranho

A

ru tinha certa familiaridade com maldições.

O problema é que normalmente ela era a emissora e não a receptora.

No sexto ano, Aru amaldiçoou Carol Yang. Foi durante uma semana em que estava gripada. Jordan Smith tinha acabado com todos os lenços descartáveis por causa da brincadeira de botar peitos falsos, coisa que não teve, nem de longe, a graça que ele achava que teria, e foi *horrível* para Aru, que realmente precisava assoar o nariz. A professora não lhe deu licença para ir ao banheiro. Então Aru ficou com aquela coceira terrível de nariz escorrendo, e não teve opção...

Carol Yang gritou:

– Que nojo! Aru Shah acabou de usar a manga da blusa pra limpar o nariz!

Todo mundo começou a rir. Durante o resto do dia, Carol ficou jogando bolinhas de papel higiênico na sua nuca. Depois da escola, Aru foi para casa, pegou um dos folhetos do museu e cortou uma figura de um texto com aparência antiga. Ela queimou as bordas da foto no fogão para que ficasse com aparência mais antiga ainda.

No dia seguinte, logo antes da aula, Aru foi até Carol e estendeu o papel na cara dela.

– Eu te amaldiçoo, Carol Yang! Desse dia em diante, seu nariz vai escorrer para sempre. Toda vez que se olhar no espelho e achar que não tem ranho, um ranho aparecerá, e todo mundo enxergará, exceto você. – Então Aru sibilou: – *Kachori! Bajri no rotlo! Methi nu shaak! Undhiyu!*

Na verdade, essas palavras não eram nenhuma maldição. Eram os nomes de vários pratos gujarati. Mas Carol Yang não sabia.

A professora também não. Ao entrar na sala, encontrou Carol cobrindo o nariz com um lenço de papel e chorando. Aru foi mandada para casa com um bilhete do diretor: *Por favor, diga à sua filha que pare de amaldiçoar as colegas de classe.*

Desde então, Aru não era muito fã de maldições. Achava que funcionariam como presentes (o que conta é a intenção), mas as duas coisas eram mentiras. A intenção, por si só, não é poderosa o bastante, e a maldição não funcionou.

Mas dessa vez... Dessa vez deu tudo errado.

Atrás delas, a Ponte do Esquecimento parecia uma lua crescente de marfim. Ela era inteirinha constituída por memórias roubadas por Shukra.

Aru teve a impressão de ter ouvido a voz de Sono.

– *Ai, Aru, Aru, Aru. O que foi que você fez?* – Mas não era Sono. Era Mini. Ela tocou de leve no pulso da Aru. – O que você fez, Aru?

– Salvei a gente. – Sua voz vacilou. – Dei um jeito de atravessar a ponte pra que a gente consiga pegar as armas e salvar o mundo.

Isso era verdade.

E coisas verdadeiras deveriam ser... limpas. Certamente benéficas. Mas ela não se sentia bem. Shukra havia perdido sua composição vital, e uma maldição tinha seguido Aru além da ponte.

Teoricamente, ela era uma heroína. Mas era assim que heróis se sentiam, tomados por uma dúvida sufocante?

O rosto da Mini se suavizou.

– Tá certo. Quando tudo isso acabar, a gente remove a maldição. Aposto que deve ter algum lugar que faça isso no Bazar Noturno. Ou podemos pedir pro Buu.

Pelo menos, Mini era otimista. Aru se forçou a sorrir, e tentou afastar a maldição dos pensamentos.

– Sim, é isso! Boa ideia, Mini. As pessoas fazem isso com tatuagens o tempo todo. A irmã de uma menina da minha escola tatuou uma borboleta na lombar durante as férias, e ela ficou uma semana sem ir pra escola pra poder remover.

Mini enrugou o nariz.

– Por que alguém ia querer uma borboleta permanente na pele? Borboletas são aflitivas. A língua delas é sinistra. E sabia que se a agulha da tatuagem estiver contaminada, e não tiver sido esterilizada direito, você pode pegar hepatite?

– E daí... deixa eu adivinhar... você morre?

– Bem, tem tratamento – respondeu Mini. – Mas *pode* morrer.

Aru revirou os olhos.

– Vamos. A gente deve estar perto.

Chitrigupta tinha dito que as armas celestiais estavam do outro lado da ponte, mas não havia nada em vista exceto uma caverna gigante.

A caverna era tão alta que, mais que caverna, parecia uma ravina através de um conjunto de montanhas. Estalactites clarinhas pendiam do teto, recortadas

e afiadas, e tão próximas uma da outra que pareciam dentes.

E daí havia o cheiro.

Aru quase engasgou.

Foi pior que da vez que esqueceu as compras do mercado no banco de trás do carro da mãe. O carro inteiro fedia tanto que a mãe teve de deixar as janelas abertas o fim de semana inteiro. Esse lugar tinha cheiro de... podre.

Aru pisou em alguma coisa crocante. Olhou para baixo e viu uma fina espinha de peixe grudada no sapato. Ela a arrancou e a atirou para dentro da caverna. A espinha aterrisou com um *splash* ecoante.

– Esse chão é estranho – Mini comentou.

Era firme, porém macio. Como um colchão. E não era cinza ou marrom, como o chão da maioria das cavernas, mas um vermelho-cereja tão intenso que continha um brilho negro.

– O cheiro aqui é horrível – disse Aru.

Ela cobriu o nariz e a boca com a blusa conforme andavam. Quase tudo que já tinha visto em relação a deuses e deusas era luxuoso e belo. Mas esse lugar parecia uma prisão. As paredes eram de um tom molhado de rosa. De tanto em tanto, um jato de vento quente trazia um fedor de peixe podre.

– Talvez as armas estejam apodrecendo.

– Elas não apodrecem! São celestiais.

– Como sabe? – Mini indagou. – Por acaso é especialista em assuntos celestiais?

Aru ia responder, mas tropeçou e perdeu o equilíbrio. Uma fina corda prateada e reluzente estava estirada de ponta a ponta na ravina, e no instante em que Aru encostou nela, acionou alguma coisa lá no fundo da caverna. Agora palavras em neon pendiam das estalactites:

CÂMARA DOS ASTRAS

Astra significava *arma*.

Especialmente aquelas que possuíam funções sobrenaturais.

Aru sentiu a pulsação acelerar. Ela sabia que não devia se sentir eufórica por precisar de uma arma altamente mágica e poderosa (pois isso significava que seu inimigo também era altamente mágico e perigoso), mas mesmo assim queria *vê-las*. Ela teria adorado fazer uma *selfie* com a arma, se sua mãe não tivesse se recusado a lhe dar um celular...

– Por que os deuses não guardam as armas com eles? – Mini perguntou. – E se forem roubadas ou algo do tipo?

Aru deu uma olhada geral no lugar escuro. Acima delas, as estalactites emitiam uma luz tão fraquinha que ela mal conseguia enxergar o que havia à frente.

– Talvez considerem que aqui estejam a salvo.

– Mas não tem proteção nenhuma! – Mini disse num tom autoritário. – É apenas uma caverna fedorenta. Isso não faz sentido.

– Talvez seja o cheiro que a protege?

– Hum... pode ser. Com certeza cheira a repelente de demônio.

Aru franziu a testa. Para um salão que supostamente devia estar cheio de armas celestiais... estava obviamente *vazio* de armas.

– Ei, tem alguma coisa no chão – disse Mini. Ela se agachou, pressionando a palma da mão no piso. – Ai. Está molhado. Com aquele treco aguçado e fedorento. – E daí Mini se calou por um instante. – Aru?

Aru ouviu Mini, mas não se virou. A bola ficou quente no bolso, mas ela não a pegou. Estava distraída com as palavras que pendiam do teto. Antes, diziam:

CÂMARA DOS ASTRAS

Mas agora tinham se alongado e mudado. Ela se aproximou para ler.

AS RESPOSTAS ESTÃO ESCONDIDAS À VISTA DE TODOS.

AS COISAS NÃO SÃO O QUE APARENTAM SER.

AQUI VOCÊ ENCONTRA O PODER

E CONHECIMENTO PARA COLHER.

MAS O TEMPO NÃO ESPERA PELO HOMEM,

E O TEMPO NÃO TEM OUVIDOS.

SE NÃO ANDAR LOGO,

ENCONTRARÁ AQUILO QUE É MAIS TEMIDO.

– Você viu as placas? – Aru perguntou. – Fala de homem, mas e as mulheres? Que grosseria!

Mini a ignorou.

– Aru, essa umidade não é apenas um treco estranho molhado.

– E...?

– E acho que...

Outro golpe de ar soprou em cima delas. Do fundo da caverna, Aru ouviu um som que parecia uma espécie de mugido. Como um órgão de tubos rachando no meio.

Ou... pulmões tragando ar.

O chão tremeu. Acima, as estalactites começaram a crescer para os lados.

Aru espremeu os olhos. Não para os lados. Para *mais perto*.

– Isso não são estalactites – disse Mini.

Aru teve uma suspeita de que já sabia o que Mini ia dizer.

Eram *dentes*.

E fosse qual fosse o monstro no qual tinham entrado, ele estava começando a fechar a boca.

TRINTA E DOIS

#1 na lista de top dez maneiras como eu não quero morrer,
segundo Mini: morte por halitose

Aru tinha perdido as contas de quantas vezes pensou: *Nós vamos morrer.* Claro que antes sempre conseguiram dar um jeito de escapar da morte. Mas isso não tornava a ideia menos aterrorizante. Felizmente, a essa altura já tinham tanta prática que não gritaram ou choraram como das duas últimas vezes. Dessa vez só gritaram.

Abaixo, a língua (nojento) começou a balançar e tremer. Várias estalactites – *não*, pensou Aru, *dentes gigantes* – se quebraram e caíram, engolindo a entrada.

– Tem que ter outra saída! – Aru gritou.

– Tenta usar a bola!

Aru a tirou do bolso e a jogou no chão, mas nada aconteceu. Até aí, nada *nunca* acontecia com aquela bola idiota.

Mini abriu e fechou o estojo de pó compacto.

– Meu espelhinho também não funciona! Só mostra meu rosto. – Ela fez uma cara feia. – Isso é mais uma espinha? Aru, está vendo alguma coisa...?

– Foco, Mini! Talvez a gente consiga arranjar uma escora pra manter a mandíbula aberta ou algo assim.

– Usando o quê? Não temos nada grande o suficiente. Além do que, olha. – Mini arregaçou as mangas e dobrou o braço.

– Que diabos está fazendo?

– Flexionando meus músculos.

– Não estou vendo nada.

– Exatamente! – exclamou Mini, prendendo os cabelos. Ela começou a andar de um lado para o outro. – Tudo bem, estamos dentro de um corpo. Mais provavelmente, considerando o hálito de peixe, deve ser uma espécie de baleia demoníaca gigante. Vamos pensar na anatomia e coisas do tipo.

– Ótimo, só vou abrir meu livro de bolso de anatomia! Ah, espera aí! Eu não *tenho* um!

– Baleias têm úvulas?

– Como eu vou saber se é uma baleia fêmea?

– É aquela coisa que fica pendurada, que parece um saco de pancada no fundo da garganta – explicou Mini. – Faz a gente engasgar. Se a gente conseguisse jogar alguma coisa na úvula da baleia, daí ela teria de nos vomitar!

Não era uma má ideia. Exceto por uma falha imensa.

– Você quer viajar pra fora daqui num vômito de baleia?

– Eu só quero viajar pra *fora*.

– Bem pensado.

As meninas correram até o fundo da garganta. Ali, o fedor era pior. Os cabelos da Aru, na altura do queixo, aderiram ao rosto. A blusa ficou encharcada de hálito molhado de baleia.

A placa de neon brilhou no escuro, suspensa por dentes traseiros que pareciam estar se alongando um pouco mais a cada segundo. Talvez a úvula estivesse *ali*. Mas, quando chegaram lá, Aru não conseguiu ver nada que se parecesse com um saco de pancada. Em vez disso, a língua retrocedeu para dentro da garganta da baleia. Aru ouviu uma agitação de água esguichando logo abaixo. Pior, a água estava *subindo*.

– Não tem úvula! – disse Aru.

Mini resmungou.

– *Procurando Nemo* foi uma enganação!

– Espera. Você tomou uma decisão de vida ou morte baseado em *Procurando Nemo*?

– Bem, é...

– *MINI!*

– Eu só estava tentando ajudar!

– E eu só estou tentando não te empurrar garganta abaixo agora mesmo!

Os dentes se comprimiram um pouco mais. De início, Aru só viu fileiras e mais fileiras de dentes claros e aglomerados. Então enxergou algo mais. Algo reluzente.

Que diabos é aquilo? Aparelho ortodôntico do tipo que fica atrás do dente?

Espera. *Armas!*

Ali era o lugar onde os *devas* as tinham escondido. Agora Aru podia identificar longas espadas, machados, bastões e flechas com arcos de corda, todos embrenhados entre o emaranhado de dentes.

– As armas. – Aru tomou ar. – Temos que encontrar as armas certas pra

gente! É assim que vamos conseguir sair daqui.

– Eu não quero matar a baleia...

– Nós não vamos matar a baleia – garantiu Aru. – Só vamos cutucá-la de leve, aí ela abre um pouco a boca pra gente escapar.

Mini não parecia convencida.

– Como sabe quais são as armas certas pra nós?

Aru começou a correr de volta para a parte dianteira da boca da baleia.

– As que a gente conseguir pegar primeiro!

Se Mini revirou os olhos ou fez algum comentário sarcástico, Aru não percebeu. Ela mediu a distância até as armas gigantes acima delas. Talvez, se pulasse, conseguiria alcançar uma. Uma espada com punho de esmeralda reluzia de modo tentador.

A mandíbula da baleia continuou fechando. Aru não fazia ideia se a espada era a escolha certa. Ela pensou que encontraria algo baseado no seu pai divino, mas não avistou nada como o raio do Senhor Indra na coleção. Então seria uma espada mesmo...

– Mini, me dá uma mãozinha?

– Nós nunca vamos conseguir sair – Mini gemeu.

Aru teve de se esforçar para não perder o equilíbrio enquanto subia, mas recusava-se a acreditar que não escapariam. Elas não tinham passado por tudo o que passaram apenas para morrer de halitose de baleia. Isso seria tão constrangedor numa página da Wikipédia.

Mini colocou uma mão sobre a outra, erguendo Aru um pouco mais. Aru se esticou para alcançar o punho da espada pendurada.

– Só... um pouco mais...

Uma rajada de ar quente a derrubou no chão. Ou língua. Fosse lá o que fosse.

Aru se colocou em pé, mas ficava perdendo o equilíbrio. O vento podre ficou mais violento.

– Aru! – Mini gritou atrás dela.

Aru se virou e viu Mini tentando se segurar ao chão. Mas os pulmões da baleia eram fortes demais. Mini esperneava, suspensa no ar.

– Ela está tentando nos *inalar*!

– Segura firme! – Aru gritou. Ela engatinhou até Mini, mas era como engatinhar sobre gelo. Suas mãos escorregavam, fazendo com que seus cotovelos atolassem na língua-chão. A respiração da baleia a sugava.

– Estou indo – gritou.

Não tinha como pegarem aquelas armas. Agora sabia. Atrás dela, a luz diminuiu.

– Acho que não consigo mais me segurar!

– Então não *ache*! – gritou Aru. – Só segura. Eu acredito em você, Mini.

– Tinha tantas coisas que eu queria fazer! – Mini gemeu. – Eu nunca nem cheguei a depilar minhas pernas.

– *Esse é o maior arrependimento da sua vida?*

Aru encarou a placa. A charada em neon piscou e tremeluziu. AS RESPOSTAS ESTÃO ESCONDIDAS À VISTA DE TODOS. Bem, Aru estava olhando à volta (tão “à vista” quanto era possível) e não havia nada para ajudar. Nada de nada.

Mini estava sendo puxada no ar. Agora sua mochila voava atrás dela. Os nós dos dedos estavam brancos. Uma das mãos se soltou.

– Desculpa – ela disse.

Os olhos das duas se encontraram.

Aru viu a irmã ser atirada para o fundo da garganta escura. *Irmã*. Não apenas Mini. Agora que havia pensado isso, não podia mais *despensar*. De puro pensamento, tornou-se uma verdade.

Ela tinha uma irmã. Uma irmã que precisava proteger.

Aru não gastou mais tempo pensando. Apenas reagiu. Pegou a bola no bolso da calça. Na sua palma, ela brilhou um pouco mais, como uma criatura que desperta de uma longa soneca. Solto a bola.

Acima dela, os dentes desceram. Sentiu o punho da espada afundando no seu ombro. Podia ver a silhueta de Mini, suspensa num momento da queda.

Aru imaginou uma linha de pesca. Algo que pudesse voar para fora e rebobinar...

Um halo de luz se formou à sua frente. Desenrolou-se da bola, espalhando-se no ar como letras cursivas cheias de curvas. Os fios de luz envolveram Mini, erguendo-a e arrancando-a da garganta da criatura.

Aru gritou de felicidade. A bola dourada voou de volta para a sua mão. Só que dessa vez não era uma bola dourada. Era um raio.

O mero tamanho do raio era suficiente para servir de escora e abrir as mandíbulas da criatura, coisa que ela começou a fazer imediatamente.

Antes que conseguisse terminar, Mini veio correndo até ela, gritando. E não de um jeito feliz do tipo VOCÊ-SALVOU--MINHA-VIDA-SOMOS-

AMIGAS-PRA-SEMPRE. Foi mais um grito do tipo VAMOS-SAIR-DAQUI-ENQUANTO-DÁ! Coisa que não fazia o menor sentido.

Aru tinha acabado de salvar sua vida...

Foi então que Aru sentiu:

Um roçar de dentes no couro cabeludo. Mas não conseguia se mexer! Aru tentou pular para sair do caminho, quando uma luz violeta explodiu à sua volta, endurecendo até virar uma enorme esfera. Os dentes da baleia tocaram a esfera.

À sua frente, triunfante em uma esfera própria, estava Mini. Na mão, o danda do Dharma Raja, um bastão da sua altura e trançado com luz roxa. Os dentes da baleia pressionaram a esfera, fazendo com que finas linhas se alastrassem por ela, mas o dispositivo de proteção resistiu, e finalmente a mandíbula relaxou. A luz preencheu o espaço cavernoso, e as duas esferas se dissolveram.

No fundo, a charada de neon piscou. RESPOSTAS À VISTA DE TODOS. No fim, foi verdade. Esse tempo todo, a bola reluzente da Aru era Vajra, o raio de Indra. E o estojinho de pó compacto da Mini não era nada disso, e sim o bastão danda de Dharma Raja. Ambos só estavam aguardando um motivo para se apresentarem. Isso fez com que Aru pensasse sobre as palavras que Urvashi havia dito, tanto tempo antes, quando as duas visitaram a Corte do Céu: *Vocês devem despertar as armas antes. Para isso, devem seguir para o Reino da Morte*. Quando uma tentou salvar a outra, as armas foram ativadas. Talvez aquilo que fizeram provou para as armas que eram dignas de empunhá-las.

– De nada – disse Mini sem fôlego.

Aru – que ainda estava encarando o raio na palma da mão – demorou um minuto inteiro para perceber o que Mini tinha dito.

– Oi, desculpa aí – respondeu, cruzando os braços. – De nada digo *eu*. Eu te salvei primeiro.

– Sim, mas eu te salvei logo em seguida. Foi basicamente ao mesmo tempo. Que tal um *de nada* pra nós duas?

– Ótimo, de nada pras duas. Mas quem vai dizer obrigada primeiro? Acho que...

– CARA OU COROA! – Mini gritou, imediatamente dando um tapa na própria cara.

Ela pegou a Aru de jeito. Aru sorriu, sentindo-se estranhamente orgulhosa

da Mini. Ela lhe ofereceu o cotovelo. Mini retribuiu com uma batidinha.

– Valeu.

– Não é... *Valeu, maninha?* – Mini perguntou.

– Mini, ninguém diz *maninha*. Tipo, nunca.

– Nós podemos lançar a moda. Um lance retrô-descolado.

– Ótimo. Que tal *irmã de outro pai?* – Mini sugeriu.

– Não.

– Que tal...?

E a coisa foi longe...

TRINTA E TRÊS

Na minha próxima vida serei uma vaca

aí são muito mais pesados do que parecem.

RDepois que Vajra revelou sua verdadeira forma, pareceu relutante em reverter para o tamanho de uma bola. Aru finalmente resolveu o problema visualizando Vajra como um cinelo gostoso de se usar *após* seus pés terem pisado naquela língua de baleia melada. A arma tremeu nas bases com a ideia, e depois obediamente se encolheu.

Mini, por outro lado, preferiu usar o Danda da Morte (ou Dadá, conforme o apelidou) como cajado, e estava nesse momento agindo como se tivesse mil e duzentos anos em vez de doze.

– Acho que tenho propensão a ter problemas nas juntas. E você só ganha dois joelhos. Tipo, acho que dá pra repor, mas não vai ser a mesma coisa, e passar pela cirurgia não é algo que a gente faz sem pensar duas vezes. Milhares de coisas podem dar errado. Você pode até morrer.

Uma vez que estavam fora da boca da criatura, e seguras, seguiram a trilha de pedra que serpenteava em volta da caverna que não era caverna, mas um treco tipo baleia gigante.

Quando Aru olhou para cima, o topo da criatura estava escondido entre nuvens. Estranhas saliências que antes Aru achava que fossem apenas pedras agora pareciam muito mais com barbatanas cobertas com cracas pontiagudas. Rios de água escorriam pelas laterais, como se alguém estivesse constantemente derramando líquido sobre o monstro.

– É uma *timingala*, por sinal – disse Mini, acompanhando seu olhar. – Pelo menos acho que é.

– Nunca ouvi falar.

– São basicamente os tubarões-baleia gigantes das histórias.

– Eu achava que tubarões-baleia eram amigáveis. E que não tinham dentes! – comentou Aru. – E esse era o mais grosso de todos. Ele basicamente tentou nos matar com halitose.

– Ele só estava fazendo o trabalho dele! Além do mais, era um tubarão-baleia *guarda celestial* – Mini ressaltou. – E tinha todas aquelas armas presas na boca, coitadinho. Imagina se tivesse que ficar o resto da vida com pipoca piniquenta grudada nos dentes. Só de pensar me dá vontade de começar a

passar fio dental mais que duas vezes por dia.

– Você passa fio dental duas vezes por dia?

– Claro – confirmou Mini. – Você não?

– Hum...

– Aru... você usa fio dental?

Aru se considerava extremamente sortuda se lembrava de *escovar* os dentes à noite, que diria passar fio dental. Às vezes, quando estava atrasada para a escola, simplesmente comia a pasta de dente. Aliás, nem sabia se tinha fio dental em casa.

– Claro que sim. *Quando tem alguma coisa presa no meu dente.*

Mini desconfiou.

– Se não passa fio dental, pode ter cáries. E se isso acontecer, a cárie pode se espalhar para seus seios nasais e ir para trás do olho, e daí entrar no seu cérebro, e daí...

– Mini, se você disser *você morre*, eu vou morrer mesmo só porque você fica dizendo.

– Você é minha irmã. É minha obrigação familiar garantir que sobreviva.

Aru tentou não sorrir. *Você é minha irmã.* Ela duvidava de que algum dia pudesse se cansar de ouvir isso.

– Até agora estou indo muito bem. Tenho todos meus dentes. Morte: zero. Aru: sei lá... quatro pelo menos.

Mini apenas balançou a cabeça e seguiu andando. É de conhecimento geral que o único jeito de se sair do Reino da Morte é entrando numa nova vida. O que significava que a única saída era através do Lago da Reencarnação. Mas não precisavam reencarnar, foi o que Chitrigupta havia dito. Então isso significava que *devia* ter outro jeito de sair do Reino da Morte. Pelo menos ela esperava que sim.

Não havia nada que Aru desejasse mais que sair do Reino da Morte. Primeiro, porque fedia. Segundo, porque estava com fome. Terceiro, ela não poderia sequer se vangloriar de ter ido até lá. Destino final não era tão impressionante quanto *destino de viagem*. Era simplesmente apavorante.

Mas ela tinha de admitir que pelo menos parte dela estava animada para ver o Lago da Reencarnação.

Como o Reino da Morte decidia o que as pessoas seriam na próxima rodada? Havia uma espécie de tabela? *Você cumpriu o número mínimo de boas ações, então vai escapar de calvície prematura na próxima vida.* Ou:

Divirta-se sendo uma barata! Por outro lado, pelo menos vai sobreviver a um desastre nuclear.

No entanto, isso teria de aguardar.

Pois havia outro lago que precisavam visitar primeiro: o Lago do Passado. Esse era o único lugar onde finalmente poderiam aprender como derrotar Sono.

Aru e Mini fizeram uma curva, só para desembocar num corredor de janelas.

Milhares e milhares de janelas davam vista para mundos que Aru jamais considerou reais. Terras onde havia palácios de neve e palácios de areia. Lugares onde criaturas marinhas com fileiras de olhos piscavam do outro lado do vidro. Fazia sentido que cada lugar tivesse uma conexão com a morte. A morte fazia reivindicações em toda parte. A morte estava no vento, persuadindo uma flor a desabrochar. A morte se escondia na asa de um pássaro se encolhendo para dormir. A morte estava presente em cada respiração.

Aru nunca tinha pensado muito sobre a morte. Não conhecia ninguém que tivesse morrido. Ela nunca teve de velar ninguém.

Achava que ficaria completamente triste no dia em que isso acontecesse. Mas caminhando pelo Reino da Morte, sentiu um tipo de paz sonolenta, como se estivesse no limiar entre o dormir e o caminhar.

Ao longe, Aru ouviu um barulho de máquina. Rodas rangiam e trituravam. Em volta delas, a atmosfera tinha mudado. As paredes tinham aquela qualidade iridescente de concha de ostra envernizada. Estalactites feitas de papel espiralavam do teto.

– Devem ser os arquivos de Chitrigupta – disse Mini. Ela alcançou um dos papéis e leu alto: – No dia dezessete de maio, Ronald Taylor pulou no Oceano Ártico gritando “Unicórnio marinho!” e com isso assustou um narval. Ele não pediu desculpas.

– Então... são apenas relatos do que as pessoas fazem todos os dias?

Os papéis giravam lentamente.

– Acho que sim – disse Mini. – Acho que estamos nos aproximando dos lagos. O único motivo para guardar todos os registros aqui é se precisassem consultá-los quando reconstroem os corpos das pessoas e tudo o mais.

– Fico imaginando o que acontece se você assusta um narval. Talvez o karma se encarregue de te dar uma espinha gigante no meio da testa e será

chamada de unicórnio medonho por um mês.

Mini arregalou os olhos.

– Espera, tenho uma espinha no canto do meu nariz... isso significa que fiz alguma coisa pra merecer isso?

– Você fez?

Mini fez uma careta e ia abrindo a boca para dizer alguma coisa quando um novo piso emergiu à frente. O chão abaixo delas mudou de pedra rígida para algo molhado e escorregadio, cercando...

Espelhos d'água.

Alguns eram do tamanho de poças de chuva. Outros do tamanho de lagos. Havia pelo menos cinquenta, espalhados em círculos concêntricos.

Grandes porta-incensos boiavam silenciosamente sobre cada um. No entanto, as paredes não tinham mudado, por isso a água reluzente parecia um monte de pérolas escondidas numa ostra. Além da Câmara de Lagos, Aru avistou a luz suave de uma saída. Ela não ouviu nenhuma voz. Não parecia haver mais ninguém.

O lugar tinha um cheiro estranho. Tinha cheiro de... saudade. Como uma casquinha de sorvete que você queria muito comer, mas depois de uma lambida, caiu na calçada.

Diferentemente da floresta do Mercado do Outromundo, ou mesmo do tubarão-baleia, ali não havia placas. Nada indicava qual lago era do quê. Ou de quem. Aru esfregou o pescoço, fazendo careta.

Aquilo não ia ser fácil.

Mini pisou cuidadosamente entre lagos.

– Vai devagar – ela disse. – Escorrega. O que acontece se a gente cair?

Aru deu de ombros.

– Talvez a gente seja instantaneamente reencarnada.

– E se a gente voltar como animais?

– Daí eu vou querer ser um cavalo.

– Boa sorte.

– Eu gosto de cavalos...

– Eu quero voltar como vaca – disse Mini baixinho. – Daí seria venerada.

– Sim, se morar na Índia... Caso contrário vira hambúrguer.

O sorriso sumiu do rosto da Mini.

– Eu não tinha pensado nisso.

Aru estava prestes a dizer *muuuuuuuuu* quando seu pé escorregou.

O calcanhar derrapou na água. Os braços bateram como asas. Segundos depois, ela estava estirada no chão, o nariz a dois dedos de um rosto na água.

Não o seu.

O da sua mãe.

TRINTA E QUATRO

O Lago do Passado

Segredos são coisas curiosas. São inconsistentes e frágeis. Por esse motivo, preferem ficar escondidos.

Um fato, por sua vez, é forte e poderoso. É algo que pode ser provado. Diferentemente do segredo, está disponível para que todos vejam e saibam. E isso pode torná-lo até mais assustador que o mais profundo e sombrio dos segredos.

No lago, Aru viu um segredo se quebrando e virando um fato.

Segredo: Sono *realmente* conhecia sua mãe.

Fato: Ele não apenas a *conhecia*.

Por exemplo, Aru “conhecia” o carteiro que entregava correspondência em sua casa. Ele sempre agia como se a entendesse, só porque tinha mudado seu nome para Krishna Blue aos dezesseis anos. Ele vivia ouvindo música indiana levemente sinistra nos fones de ouvido e estava constantemente dizendo a Aru que sua “aura não era vibrante o bastante” e que ela devia beber mais chá. Aru também “conhecia” P. Doggy, o poodle que levava para passear durante o verão. Ele gostava de roubar seus tênis e enterrar sanduíches de pasta de amendoim. Mas esse não era o modo como Sono conhecia sua mãe.

Quando Aru olhou no lago, ela viu uma memória da mãe – uma versão muito mais moça – andando de mãos dadas com Sono. Eles estavam passeando na beira de um rio, rindo. E de vez em quando parando para... se beijar.

Sono não apenas conhecia sua mãe... ele a *amara*. E ela o amara. Na memória, sua mãe estava de fato rindo e sorrindo, muito mais do que alguma vez fez com Aru. Ela tentou não ficar ofendida, mas foi difícil. Quem era essa versão da mãe? Afoita, Aru se debruçou na água, a ponta do nariz quase tocando a superfície.

As imagens mudaram... mostrando a mãe parada na soleira de uma casa que Aru nunca tinha visto. Ali estava sua mãe, a dra. Krithika Shah, batucando com os dedos na barriga. Aru estava acostumada a vê-la vestida como professora maltrapilha, com um blazer com cotovelos puídos e uma saia gasta com a barra já se desfazendo. Nessa versão, ela estava usando um salvar kameez de veludo preto. Seus cabelos estavam presos em cachos incríveis,

com uma tiara brilhante.

A porta se abriu, e um homem mais velho pareceu chocado ao vê-la.

– Krithika. – Ele inspirou fundo. – Você chegou cedo para as celebrações de Diwali, minha jovem. As outras irmãs estão lá dentro esperando.

Mas, quando ela se recusou a entrar, seus olhos miraram na barriga dela.

– Acon... aconteceu?

– Sim – ela respondeu. A voz era fria e dura. Aru precisou de um minuto extra para adivinhar o que havia no ventre da mãe.

Ela.

– Ele não é quem você disse que era – ela disse, entre lágrimas. – E eu não posso deixar isso acontecer. Você sabe tão bem quanto eu que no momento em que essa criança se tornar maior de idade, Suyodhana está destinado a se tornar... a se tornar...

– Sono – completou o velho. – Eu sei, filha.

– Tem de haver algum outro jeito! Ele tem consciência da própria profecia e acredita que não vai ser derrotado por ela. Ela poderia ter um pai. Poderíamos formar uma família. – Ela hesitou na última palavra. – Ele é capaz mudar seu destino. Eu sei que é.

– Ninguém pode mudar o próprio destino.

– Então o que você quer que eu faça, pai?

Aru ofegou. Aquele era seu avô. De acordo com a mãe, ele tinha morrido quando Aru era jovem demais para se lembrar.

Ele deu de ombros.

– Você deve escolher. Sua criança ou seu amado.

– Não posso fazer isso.

– Você fará – o pai dela respondeu. – Já cumpriu seu papel e roubou o coração dele. Presumo que ele tenha contado o segredo de como poderia ser derrotado?

Krithika desviou o olhar.

– Ele me contou em confiança. Eu nunca o trairia. Acredito que o mundo pode ser diferente. Acredito que nossos destinos não são correntes em volta dos nossos pescoços, mas asas que nos permitem voar.

O homem sorriu gentilmente.

– Acredite no que quiser. Você é moça, Krithika. Moça, bonita e inteligente. Tudo que eu peço é que não desperdice sua vida.

Com isso, Krithika estreitou os olhos.

– Fazer o que eu acho certo é jogar minha vida fora?

Ele parou de sorrir.

– Se insiste em tomar esse caminho, vai colocar sua família em perigo. Vai destruir o propósito dos panchakanyas.

– Acredito que nosso propósito é maior do que mera reprodução – ela sussurrou.

O pai dela franziu o cenho.

– E você nunca mais poderá pisar nesta casa.

Com isso, a mãe de Aru hesitou, mas ainda assim ergueu o queixo.

– Já faz muito tempo que este deixou de ser um lugar que eu considero minha casa.

– Então arque com as consequências – disse o pai, batendo a porta na cara dela.

A visão deu um salto no tempo. Sua mãe estava usando uma camisola hospitalar e segurava um bebê nos braços: Aru. Estirado numa poltrona ao lado: Sono. Ele estava usando uma camiseta que dizia SOU PAI! No colo, um buquê de flores. Krithika o contemplava enquanto ele dormia, olhando para ele e para Aru.

Daí ela ergueu a cabeça para o teto.

– Amo vocês dois – sussurrou. – Um dia espero que entendam que estou fazendo aquilo que é necessário para libertá-los. Para nos libertar.

O ambiente se alterou para o museu. Não tinha o jeito de agora. As estátuas eram diferentes, exceto pelo elefante de pedra, que ainda teria de ser colocado no saguão de entrada. Tudo estava brilhando e novo. Uma pequena placa na porta dizia: ABRIREMOS EM BREVE PARA O PÚBLICO! MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ARTE E CULTURA INDIANA!

Krithika caminhou pela Galeria dos Deuses. Panos brancos cobriam as estátuas, de modo que parecia uma sala cheia de fantasmas malvestidos. Em suas mãos, carregava algo pequeno e reluzente. Lágrimas escorriam por suas bochechas.

Ela parou no fim da galeria, onde a diya esperava.

– Sinto muito – disse. – Muito mesmo. Nunca quis que isso acontecesse. Mas saiba que usei seus segredos não para destruí-lo, mas para mantê-lo. Eu o enlaço com o meu coração, o mesmo coração que lhe dei voluntariamente. Eu o enlaço com algo que não é feito de metal, madeira ou pedra. Eu o enlaço com algo que não é nem seco nem molhado.

Ela despejou a coisa reluzente, pouco mais que uma fita fina, e Aru percebeu que era Sono que tinha acabado de enclausurar na lâmpada. Uma luz irrompeu e formou um halo em torno da antiguidade antes de rapidamente se dissipar.

– Eu devia destruí-lo, mas não consegui. Mas também não posso colocar em risco a segurança da Aru – Krithika continuou. – Vou encontrar uma resposta. Vou examinar cada sítio arqueológico, ler cada tratado. E vou encontrar um jeito de libertar os dois, você e Aru. Prometo.

* * *

Mini puxou Aru e ela tombou para trás, cuspendo.

Ela se sentou.

Mini lhe deu um tapa nas costas, forte.

– Fala comigo, Aru! Se morreu, me diz. Fala alguma coisa!

Aru achou que Mini fosse quebrar suas costelas, mas finalmente conseguiu respirar fundo.

– Estou viva – coaxou.

– Ai, que bom – disse Mini. – Eu ia fazer respiração boca a boca.

– E você sabe fazer?

– Bem, na verdade não, mas na TV parece fácil.

– Ainda bem que escapei dessa – disse Aru, rindo de leve.

Ela olhou de volta para o lago. Tantas informações novas corriam por sua cabeça. Sua mãe enlaçara Sono. E não porque o odiava, mas porque não foi capaz de matá-lo.

Ele sabia disso?

Aru achava que não, considerando que chamou a mãe dela de mentirosa. Não dava para culpá-lo. Ficar aprisionado sem nada nem ninguém durante onze anos era dureza.

– Sério, mãe? – ela murmurou. – Você teve que escolher o carinha demônio?

– Eu também vi tudo. Sono quase foi seu pai de casa – disse Mini, fingindo vomitar.

Aru piscou. Ela se lembrou do que Sono havia dito na Biblioteca: *Você e eu poderíamos ser família.*

– Por que sua mãe não podia ter namorado com um médico simpático?

– Por que sempre tem que ser médico?

– Sei lá – Mini respondeu com uma careta. – É isso que a minha mãe sempre diz: “Vá pra escola, estude bastante, depois faça faculdade de medicina, estude muito mais, e case com um médico simpático”.

Um minuto de silêncio se passou. Pela primeira vez na vida, Aru não teve nada a dizer. O que podia dizer depois daquelas visões no lago? Parecia que sua vida tinha sido completamente reajustada.

Era por isso que nunca via sua mãe sorrindo? Porque ela teve de reconstruir toda a vida como se fosse apenas uma sala no Palácio das Ilusões? Ela não fez aquilo apenas por Sono... mas também por *ela*.

Mini tocou no seu ombro.

– Você tá bem?

– Nem um pouco.

Mini suspirou.

– Você nem tentou mentir. Está com febre? – Ela deu um tapa na testa da Aru.

– Ai!

– Desculpa – disse Mini, envergonhada. – Preciso melhorar minhas maneiras com os pacientes.

– Eu não sou sua paciente! – Aru se irritou, batendo na mão da Mini. Depois bufou. – Desculpa. Sei que não é sua culpa.

– Tudo bem, Aru. Mas o que a gente faz agora? – Mini perguntou. – Urvashi disse que encontraríamos a resposta de como derrotar Sono no Lago do Passado...

– E encontramos – Aru respondeu. – Mas não foi exatamente útil. Você ouviu a minha mãe. Ela disse que usou seus segredos para enlaçá-lo, não para *matá-lo*.

– Certo, e ela disse que ele não pode ser morto por nada feito de metal, madeira ou pedra. Nada seco ou molhado. Sua mãe o enlaçou com o coração, mas sinto que ela quis dizer isso mais metafórica que literalmente. Não tenho ideia de como ela fez isso, você tem?

A cabeça da Aru estava girando.

– Não. E mesmo se a gente soubesse... o que vamos fazer com um monte de corações? Atirá-los na cabeça dele?

– Então o que a gente faz?

– A gente podia lhe dar uma surra com macarrão *al dente*?

Mini revirou os olhos.

– E quanto a animais? – perguntou.

– Tem de ser a gente – Aru respondeu. – Foi o que Urvashi disse. Além do que, ele é um demônio. Mesmo se encontrássemos um tigre faminto devorador de gente, provavelmente ia se virar contra nós, humanos, antes de se virar contra ele.

– Talvez macarrão *al dente* seja a melhor escolha.

– Posso usar uma espada de macarrão.

– Bastão de macarrão.

– Porrete de macarrão.

– Arco e flecha de macarrão?

– Muito fraco.

– Raio de macarrão? – Mini gracejou.

– Espera – disse Aru. – *O raio*. Não é seco nem molhado.

– Nem metal nem pedra nem madeira!

Aru apertou Vajra em forma de bola como se suas mãos fossem garras. Quando piscou, viu Sono no quarto do hospital, usando a camiseta SOU PAI!

Seus olhos arderam. Seu pai de casa não as abandonara de jeito nenhum... ele só fora trancafiado. Numa lâmpada. Por sua mãe. *Isso é muito zoadado*, Aru pensou.

Ele *quis* ser seu pai de casa.

A garganta da Aru apertou, e lágrimas pressionaram seus olhos. Ela se forçou a se sentar com a coluna reta. Não importava o que ele costumava ser. A verdade é que Sono do Bazar Noturno não era mais aquele homem da visão da mãe. Agora era cruel e frio. Ele era mau. Ele feriu Buu e ameaçou matar suas famílias e elas duas, caso não lhe trouxessem todas as três chaves. Ele não era seu pai.

Aru atirou Vajra em forma de bola no ar e o pegou com uma mão só.

– Vamos lá.

Mas mesmo enquanto pronunciava essas palavras, um fio de dúvida se enrolou em volta do seu peito e apertou bem forte.

Elas se levantaram e silenciosamente começaram a caminhar entre os lagos, afundando os porta-incensos que pairavam baixinho. Aru sabia, no fundo do seu ser, que era ali que o Reino da Morte terminava: no limiar de uma nova vida. O clima era daquele de um público segurando a respiração em expectativa. A luz nas paredes peroladas oscilava o tempo todo, e as cores nunca paravam numa sombra, sempre reluzindo com novo potencial.

Como a vida começando de novo.

Aru inspirou fundo. Elas tinham conseguido atravessar o reino.

Agora a pergunta era: conseguiriam sair?

TRINTA E CINCO

Você poderia me dar
um cabelo melhor na saída?

É um desafio arcar com todas as coisas que o Reino da Morte dá.

Dadá (O Danda da Morte da Mini) não parava de sair da sua forma de estojinho de pó compacto, querendo virar um bastão gigante. Duas vezes quase acertou o olho da Aru. Ela começava a suspeitar que as armas possuíam um senso de humor. Do nada, a arma da Aru, Vajra, resolvia assumir sua forma de raio e ziguezaguear pelo céu antes de voltar a ser uma bola e quicar na frente dela. Aru o imaginava falando: *Me atira num demônio! Vai, anda! Quero brincar. Olha um esquilo!*

– Eu ainda nem entendi direito todas as possibilidades deste negócio – disse Mini, balançando o danda.

Aru ergueu a sobrancelha. O bastão danda pertencia ao deus da morte e da justiça. Já devia ter nocauteado um bocado de demônios e castigado muitas almas. E agora Mini o sacudia como se fosse um controle remoto que parou de funcionar.

– Talvez seja como um videogame. Você consegue acessar mais poderes e níveis conforme for completando etapas – Mini especulou.

– Bem, nós pegamos um demônio, fizemos compras num supermercado mágico e atravessamos o Reino da Morte... Que mais o nosso videogame mágico quer?

– Talvez derrotar um demônio de verdade?

– Ah, sim, pode ser.

Mini aninhou Dadá de um jeito meio desajeitado.

– Aru, acha que essas armas são um sinal de que eles gostam de nós?

Aru não precisou perguntar quem eram “eles”. Mini quis dizer seus pais celestiais.

– O danda é a posse mais preciosa dele – Mini raciocinou. – Ele não o daria pra alguém de quem não gostasse, né?

– Tenho certeza de que ele gosta – disse Aru. – Mas, sabe como é, gosta do jeito dele... Nas histórias, Dharma Raja assumia a forma de um cachorro e fazia companhia a Yudhistira no final da vida. Yudhistira se recusou a entrar no céu sem ele. Acho que foi uma espécie de teste. Se o seu pai de alma está

disposto a se tornar um cachorro só pra te fazer companhia, isso significa que gosta de você, pelo menos um pouquinho.

Mini sorriu.

– Gosto desse raciocínio, Shah.

Aru jogou os cabelos sobre os ombros de um jeito dramático, o que foi uma má ideia, pois estavam úmidos com baba de baleia e acabaram acertando seu olho. Credo.

– Você acha que com o Senhor Indra também é assim? – Mini perguntou.

Aru olhou para Vajra, que estava feliz quicando ao seu lado de um jeito que parecia alguém concordando, animado. Se sua mãe conseguia gostar dela mesmo longe, por que o pai não?

– Espero que sim – disse Aru depois de uma pausa. – Minha mãe contou que foi Indra quem ensinou pra Arjuna como usar todas as armas celestiais. Ele até tentou sabotar o castigo de Arjuna.

Isso fez com que Aru se lembrasse da mãe da escola que foi proibida de usar a biblioteca depois de ter rasgado certas partes de livros apenas para que o rival do filho na classe não conseguisse estudar. (A bibliotecária gritou: *Assassina de livros!* E depois disso todos os pais passaram a ter medo dela.) Indra decerto teria aprovado esse tipo de sabotagem.

– E ele deu seu famoso raio pra você – Mini acrescentou. – Deve se importar.

A ideia fez Aru sorrir.

Depois que elas se afastaram da Câmara de Lagos, viraram a esquina em direção ao barulho de máquinas. Avistaram um grande arco com um aviso gravado:

REFAÇA, RECONSTRUA, REVIVA!
SERVIÇOS DE MANUFATURA REENCARNATÓRIA

Esse, Aru supôs, devia ser o lugar onde almas eram instaladas em novos corpos e novas vidas.

Uma criatura similar a uma aranha, feita de peças de relógio e engrenagens, passou rapidamente por elas. Deu uma olhada nas duas e começou a gritar:

– CORPOS! Corpos com defeito correndo soltos!

Outra criatura, essa da forma de um pequeno dragão com asas peludas que se arrastavam pelo chão, passou alvoroçada. Não era feito de partes de relógio; era peludo – malhado como os cachorros que ficavam de vigia na porta do Reino da Morte, e seus olhos tinham um tom quente de dourado,

com fendas nas pupilas como os dos gatos.

– Como entraram? – perguntou o treco peludo. – Almas trapaceiras são...

– Almas trapaceiras? – Aru repetiu, encantada apesar da esquisitice à sua volta. – É um ótimo nome pra uma banda.

– Bando? – disse a criatura com peças de relógio. – Você ouviu, Desejo? Elas estão em bando! Vamos ser invadidos. Forçados àquele terrível ciclo *samsara* de vidas! Como punição! É isso que dá achar que pele laranja escamosa e cabelo falso impediria que o ex-demônio se elegesse. É tudo *sua* culpa.

– Nós não estamos em bando – explicou Mini. – Só estamos tentando sair. Mas, tipo, queremos continuar nesses corpos. Por favor...

– Quem são vocês?

Aru sorriu. Esse era o momento pelo qual esteve esperando a vida *inteira*. Na escola, as professoras sempre perguntavam: *Qual o seu nome?* Agora, finalmente, podia dar sua resposta dos sonhos para *Quem são vocês?*

– Somos seu pior pesadelo – ela respondeu com uma voz cavernosa do tipo Batman.

Ao mesmo tempo, Mini falou:

– Somos Pândavas. – Depois acrescentou: – Bem, temos as almas deles, pelo menos. Em nós.

– Mini, você sempre diz isso de um jeito que parece que a gente os *comeu*.

– *Pândavas?* – Desejo interrompeu.

A criatura com jeito de dragão e sua companheira recuaram em choque. Desejo cercou as duas, farejando.

– Isso faz sentido – disse a criatura com peças de relógio. – Heroínas normalmente são o pior pesadelo do Reino da Morte. Vivem se metendo, acenando pedaços de metal, exigindo coisas. Sem nenhuma educação.

– Desculpa aí! – disse Aru. – E os heróis? Aposto que são tão terríveis quanto as heroínas.

– É um elogio! Heróis raramente têm coragem de exigir qualquer coisa. Normalmente ficam prostrados até que um aliado mágico tenha dó e faça o serviço todo enquanto eles ficam com a fama.

– Então é assim que funciona a reencarnação? – Mini perguntou. – Com máquinas e coisa do tipo?

– Nenhuma palavra em idioma algum consegue exprimir exatamente como vida e morte funcionam. O máximo que a gente consegue é explicar o

samsara. Estão familiarizadas com o conceito? – Desejo perguntou.

– Mais ou menos. É como o ciclo de morte e vida – Aru respondeu.

– É bem mais complicado – continuou Desejo. – Conforme vai vivendo, suas boas e más ações são extraídas do karma. Durante o caminho, o corpo é sujeito ao desgaste do tempo. Mas a alma muda de corpos, assim como o corpo muda de roupa. Existe o objetivo, claro, de deixar tudo isso para trás, mas às vezes as pessoas demoram muitas, muitas vidas.

– E você é quem, exatamente? – Mini perguntou.

– Ah, nós somos aqueles que fazem um corpo ser o que é! – esclareceu Desejo. – Sou os desejos que não foram usados.

– É por isso que é coberto de... – Mini olhou mais perto. – Cílios?

– Ah, sim! Às vezes, quando as pessoas acham um pequeno cílio na bochecha, elas os pegam entre os dedos, fazem um desejo e os sopram ao vento. Esses desejos não verbalizados do coração sempre acham o caminho até mim. Eles deixam minhas mãos macias para que eu possa despejar uma alma numa nova forma.

– E eu sou Tempo – atalhou a criatura com peças de relógio, afundando numa reverência graciosa com suas pernas de inseto. – Como qualquer parte do Tempo, sou duro e implacável, a mão pesada que modela o recipiente.

– *Você é o Tempo?* – Aru perguntou. – Tipo “o” Tempo?

– Nós estamos tentando salvar você! – exclamou Mini. – Provavelmente devia se esconder ou algo assim.

– Que ideia mais pitoresca, menina – disse Tempo. – Mas sou apenas uma parte do Tempo. Sou o Tempo Passado. Veja bem, existem todos os tipos de Tempo correndo por aí. Tempo Futuro, invisível, e Tempo Presente, que não se prende a uma única forma. Tempo Padrão do Pacífico, que no momento está nadando nos arredores de Malibu. E acho que o Tempo Padrão da Costa Oeste, que está perturbando os corretores da bolsa de valores em Wall Street. Somos todos bem instáveis. Se o que está dizendo é verdade, sou meramente uma parte daquilo que precisa salvar.

Aru tentou sair do caminho deles.

– Bem, ééé... então é melhor a gente começar logo.

Era impossível enxergar o que existia depois do lugar onde as duas criaturas se encontravam. Parecia um túnel, mas toda vez que desviava o olhar, não conseguia se lembrar do que tinha visto. Isso fez com que Aru achasse que não era para ela ver.

– Não tão rápido! – disse Tempo. – Não posso permitir que partam sem que tenham nos dado alguma coisa! Devem pagar!

– Pagar? – Mini repetiu. Ela apalpou os bolsos. – Eu... eu não tenho nada.

Aru fez uma careta desconfiada. Primeiro, ninguém achou graça na piada do Batman. Segundo, por que tinham de ficar pagando pelas coisas? Elas estavam se dando ao trabalho de salvar todo mundo, afinal de contas! Que grosseria. Fechou as mãos em punhos ao lado do corpo.

– Aliás, por que a gente devia te dar qualquer coisa que seja? – perguntou.
– Não percebem que estamos fazendo tudo isso pra salvar vocês?

Tempo se ergueu um pouco mais em suas pernas de inseto.

Ah.

Tempo conseguia ficar bem... *maior* do que ela imaginava. Ele seguiu crescendo até atingir a altura de uma das colunas do museu. Aru teve de inclinar a cabeça para trás para ver seu rosto indefinido a encarando.

– Por acaso eu acabei de detectar um traço de impertinência?

Mini se colocou na frente da Aru.

– Não! De jeito nenhum! É apenas o jeito dela de falar. Ela tem um problema de saúde. É... Intolerância Tipo Um. Não tem culpa.

Valeu, Mini. Valeu mesmo.

– Vocês devem deixar algum pertence para trás se quiserem sair – Tempo insistiu.

A criatura-aranha ficou ainda mais alta. Ela batia as pernas dianteiras uma de encontro à outra, juntando-as como mãos impacientes de tanto esperar.

– Lamento – disse Desejo, lambendo delicadamente uma das patas. – Regras são regras, se bem que... o bom karma pode permitir que escapem, caso tenham algum.

– O quê? Tipo boas ações? – Aru perguntou.

Ela deu um passo cauteloso para trás, e Mini seguiu seu exemplo.

Tempo estava se debruçando de um jeito bem aterrorizante diante delas. Suas pernas finas tiquetaqueavam no chão de mármore.

– Hã... eu levo o cachorro da minha vizinha pra passear – Aru começou a dizer.

– Eu passo fio dental duas vezes por dia! – disse Mini.

– Provem – Tempo disse.

Mini enganchou os dedos nas bochechas e puxou.

– Biu zó?

– Não é bom o suficiente... – disse Tempo.

Mini começou a gargalhar histericamente.

Seria possível escapar da morte lutando? Aru se perguntou. Ela enfiou a mão no bolso, buscando Vajra, mas seus dedos encontraram outra coisa. Ela pegou o negócio:

Uma ficha cor de marfim.

A mesma que Chitrigupta havia lhe dado no que parecia ter sido outra vida. Ela a virou para um lado e para o outro, vendo as pequenas boas ações que havia feito durante sua vida piscando na superfície.

– Espera! – Aru gritou, erguendo a ficha. – Temos prova!

Mini vasculhou a mochila e pegou a dela.

– Vou mostrar que passo fio dental. Juro!

Desejo deu alguns passos adiante, pegou a ficha entre os dentes e a mordeu. Depois fez a mesma coisa com a da Mini. Virou-se para Tempo e disse:

– É verdade.

Num piscar de olhos, Tempo encolheu até ficar na altura dos olhos da Aru.

– Então podem ir, filhas dos deuses.

De jeito nenhum que Aru ia ficar um minuto a mais, esperando um segundo convite.

– Ótimo! – disse Mini com uma felicidade fingida. Ela chegou mais pertinho de Aru.

– Sim! Foi... um prazer. – Aru passou bem longe deles. Desejo e Tempo simplesmente observaram as duas se deslocando em direção à saída. – Até mais!

Tempo inclinou a cabeça.

– Inevitavelmente.

As pessoas fazem piadas sobre a vida após a morte. Dizem coisas como: *Não siga a luz!* Mas não havia nenhum brilho celestial ali. No entanto, de alguma maneira, era claro mesmo assim. Iluminado com alguma outra coisa, clareando o ambiente em torno.

Tudo que Aru lembrou ao atravessar o umbral foi uma curiosa sensação de confusão. Como se já tivesse feito aquilo antes, sem nunca realmente querer, mas se submetendo mesmo assim. Era mais ou menos como tomar vacina: um mal necessário. E era também um pouco como um sonho, pois não se lembrava direito do lugar que havia deixado para trás. Num instante estava lá,

e no seguinte não estava.

A cada passo que deu naquele túnel entre a vida e a morte, foi tomada por sensações. Sensações que pertenciam às memórias. Ela se lembrou de coisas impossíveis, como estar no colo, sendo embalada, com sua mãe lhe dizendo sem parar que a amava. Sentiu a fisgada do primeiro dente mole, tantos anos antes. Lembrou-se da vez que quebrou o braço depois de se pendurar na tromba do elefante do museu e sentiu mais susto do que dor. Até esse dia não havia lhe ocorrido que poderia se machucar.

Aru piscou.

Aquela mera piscada teve a sensação de centenas de anos e de tempo nenhum.

Quando abriu os olhos, ela e Mini estavam paradas no meio de uma rua. Alguns carros estavam com o motor ligado, de portas abertas, como se o motorista e passageiros tivessem saído correndo. Um pouco adiante, Aru ouviu o chiado de uma televisão, vindo de dentro de uma cabine de pedágio.

Mini se virou para ela:

– Pelo menos não é um estacionamento.

TRINTA E SEIS

A culpa é da TV

Aru flexionou a mão e Vajra se transformou de bola em um bracelete reluzente em torno do pulso. Ficou *muito* legal. Pena que ela não tinha a menor ideia do que fazer com aquilo. Além de atirá-lo nas pessoas, é claro.

Mini tentou transformar o Danda da Morte num bastão, mas pelo jeito ele não estava a fim.

– Vai! – ela choramingou, batendo com ele um par de vezes no chão.

Aru se perguntou se era isso que os grandes guerreiros de antigamente faziam: davam uns tabefes em suas armas esperando que começassem a funcionar direito.

Elas foram até a cabine do pedágio. A televisão estava ligada, mas não tinha ninguém lá dentro. A estrada toda parecia como se um bando de gente tivesse abandonado o local o mais rápido que conseguiram e sem olhar para trás. Ela deu uma olhada na TV que, em histeria, anunciava a notícia:

– Estamos recebendo relatos sobre um vírus aéreo que está varrendo a região noroeste. Especialistas conseguiram acompanhar a trajetória desde o ponto de origem, em algum lugar na região sudeste, provavelmente Geórgia ou Flórida. Mais alguma coisa que a senhora poderia nos dizer sobre o vírus, dra. Obafemi?

Uma mulher bonita, com um amontoado de tranças enroladas sobre a cabeça, sorriu para a câmera.

– Bem, Sean, no momento não sabemos como a doença está se espalhando. Parece estar pulando de um lugar para outro. Houve um surto em Atlanta. Depois atingiu uma galeria de lojas na zona norte de Houston. Em Iowa, achamos que o epicentro foi um supermercado. O comportamento é diferente de qualquer vírus que já vimos antes. Realmente, tudo que sabemos é que as vítimas ficam inertes, como que dormindo enquanto estão completamente acordadas. Sempre são encontradas em posições que levam a crer que foram atacadas rapidamente, e foram pegas de surpresa...

– Por isso o nome: Síndrome de Frozen! – O âncora riu. – Pena que não podemos simplesmente sair cantarolando *livre estou, livre estou*. Certo, doutora?

O sorriso contido da doutora foi o equivalente a uma navalha.

– Rá – foi tudo que ela conseguiu emitir baixinho.

– Bem, essas são as últimas notícias. Em seguida, vamos para a previsão do tempo com Melissa, e depois Terry com “O seu gato é obeso?”. Fiquem ligados...

Aru silenciou a televisão. Inspirando fundo, olhou para a palma da mão. O número em sânscrito havia mudado. Agora parecia mais contorcido, porém, pensou, ainda parecido com o número dois. Pelo menos era o que esperava. Aru ergueu a mão para mostrar a Mini:

१

– Isso significa que temos um dia e meio ainda?

Mini analisou a própria mão, e mordeu os lábios.

Não fale.

– Um – Mini ergueu o rosto. – Hoje é nosso último dia.

Um último dia.

Aru teve a sensação de que haviam embrulhado seu coração com arame farpado. Sua mãe dependia delas. Buu dependia. *Todas essas pessoas*, pensou. Aru tremeu, lembrando a palavra que a doutora na TV havia usado: vítimas.

Mini parecia ter adivinhado o que Aru estava pensando, pois apoiou a mão no seu ombro.

– Lembra o que o Senhor Hanuman disse? Pelo menos, todas essas pessoas congeladas não estão sentindo nenhuma dor.

Ainda.

Aru não tinha esquecido a ameaça de Sono. Elas tinham apenas até a lua nova (mais um dia...) antes que ele as impedisse de voltar a ver suas famílias novamente. E Buu ficaria engaiolado para sempre... caso ainda estivesse vivo.

Mas algumas coisas que Sono não esperava tinham de fato dado certo:

Elas encontraram o caminho para o Reino da Morte.

Elas despertaram suas armas.

E o mais importante:

Agora sabiam como derrotá-lo.

Mini parecia estar pensando a mesma coisa, pois suspirou:

– Vamos combatê-lo, né?

Ela não falou isso como poderia ter dito antes, amedrontada e se encolhendo. Ela disse como se fosse uma tarefa desagradável que ia honrar

mesmo assim. Do tipo: *Hoje vou tirar o lixo*. Outro mal necessário.

Aru assentiu.

– Nós sabemos como encontrá-lo. Ele disse que bastaria evocá-lo chamando seu nome, mas e quanto ao combate? – Mini perguntou. – Tudo o que temos é Vajra e Dadá, que eu nem sei como usar...

Aru olhou para a mesa onde a televisão estava. O funcionário do pedágio havia deixado umas quinquilharias em cima: um unicórnio com as asas escancaradas e um pequeno urso de gesso. Aru teve uma ideia.

– Teremos ajuda, Mini.

– Sabe, toda vez que você diz algo assim eu fico achando que uma explosão de luz vai escapar da sua cabeça – disse Mini. – Ou que música superdramática vai tocar.

Naquele momento, a televisão resolveu que não queria mais ficar silenciada. Mini recuou, e Dadá se metamorfoseou de um estojinho de pó compacto num bastão justo quando um dublê do Elvis cantava:

– *Você não passa de um esfregão ruim, quebrando sem parar!*

Uma mulher pulou na frente da câmera.

– Procurando uma alternativa a seus produtos de limpeza?

Aru tocou na TV com o bracelete. A tela chiou e estalou. E daí a coisa toda se incendiou.

– Não era esse tipo de música que eu tinha em mente – disse Mini, segurando Dadá com força.

Aru saiu da cabine. O ar estava tão frio que doía respirar. Ela não sabia onde estavam, mas sabia exatamente para onde iam.

– Vamos evocá-lo – disse Aru.

– Para vir aqui? – Mini guinchou. Ela tossiu, e daí continuou com uma voz mais grossa: – Aqui?

– Não – Aru respondeu. Pensou no que Arjuna, o guerreiro Pândava, teria feito ao encarar um demônio. Ele teria traçado um plano... uma estratégia militar. Afinal, fora isso que o tornara conhecido: a maneira como escolhia enxergar o mundo à sua volta. Ele teria tentado virar a guerra a seu favor. E parte disso significava escolher o campo de batalha.

– Temos que ir pra um lugar que ele não vai gostar. Um lugar que vai deixá-lo desconcertado por tempo suficiente pra que a gente tenha chance de vencer a luta. – E daí a ideia certa lhe ocorreu: – O museu.

Mini assentiu.

– A velha prisão dele. Ele não vai gostar de lá. Mas como vamos chegar a tempo? Não acho que a gente deva usar as redes do Outromundo. Aconteceu uma coisa bem estranha quando a usei pra alcançar aquela ilha no meio do Oceano de Leite.

– O mantra do Valmiki não funcionou? – Aru perguntou, com uma expressão preocupada.

– Funcionou, mas por pouco. Acho que não foi forte o suficiente. Precisamos do máximo de ajuda que a gente conseguir. E sabemos que ele está preparando seu próprio exército.

Aru se lembrou das últimas palavras de Sono: *Saibam que estou reunindo meus amigos. E, acreditem, não vão gostar de conhecê-los.*

Ela estremeceu. Precisavam de bem mais do que mera proteção. Precisavam de soldados próprios. E aqueles brinquedinhos de unicórnio e urso lhe deram a resposta.

Aru ergueu os braços para o céu. Não sabia ao certo se era assim que se fazia para evocar animais celestiais, mas pelo menos criava um efeito bonito.

– Veículos dos deuses e das deusas! – Aru gritou alto. Daí esqueceu o que ia dizer, pois estava focada demais em deixar a voz bem grossa: – Bem... sou eu, a Aru. Lembram-se daquele lance quando libertei vocês? Dá pra me ajudarem agora?

– E se não vierem? – Mini perguntou. Ela começou a morder as unhas. – E se só mandarem os bem pequeninhos, tipo o rato?

– Se o rato consegue aguentar um deus com cabeça de elefante, acho que estaremos bem.

– Sim, mas...

O restante do que Mini dizia foi encoberto por uma arruaça. O céu abriu no meio. Uma escadaria translúcida desceu cambaleante das nuvens, terminando bem na frente de Aru e Mini. Aru esperou. É isso? Mas daí foi como se um zoológico inteiro tivesse escapado do céu. Um crocodilo se arrastou pelos degraus, seguido por um pavão. Um tigre rugiu conforme saltava até o fim da escada. Em seguida, veio um carneiro e um elefante de três cabeças, um cisne gigante e um gracioso antílope.

Por fim, o cavalo de sete cabeças galopou escada abaixo até chegar a Aru. Seus olhos escuros não pousaram nos dela de imediato, mas, sim, no bracelete, Vajra. O cavalo deu uma bufada de aprovação.

– Uma verdadeira filha de Indra, mesmo.

Um búfalo trotou até Mini. Ele deu uma boa olhada no danda na mão dela antes de baixar a cabeça. Aru reconheceu o búfalo como a montaria de Dharma Raja.

– Essa Pândava é minha – disse o búfalo.

– Ai, que bom! – disse Mini. – Acho que não sou alérgica a búfalos.

– Oh, grandiosos corcéis – Aru começou a dizer num tom bem melodramático, mas daí não soube o que falar em seguida. Então foi direto ao ponto: – Preciso que levem a gente pra um lugar e, se der, que nos ajudem a lutar. Por favor?

O cavalo assentiu com suas sete cabeças.

– Iremos lhes conceder uma verdadeira batalha. Mas quando formos chamados de volta para nossas deidades, deveremos partir.

– Eles estão convidados pra vir lutar com a gente também – Aru respondeu, esperançosa.

– Ah, mas essa não é a luta deles, filhas de Senhor Indra e Dharma Raja. Eles ajudarão no que for possível, porém isso será tudo.

– Imaginei... – Aru suspirou. – Pelo menos tentei.

O cavalo se ajoelhou. Dessa vez, Aru não demorou tanto para conseguir montar. Atrás dela, Mini estava tentando equilibrar o danda e se segurar nas rédeas do búfalo.

– Declarem seu destino – disse o cavalo.

Aru desejou ter um grito de guerra melhor. Mas ela teria de se virar com o que tinha.

– Para o Museu Arqueológico de Arte e Cultura Indiana! – gritou Aru, antes de acrescentar rapidamente: – Aquele de Atlanta, por favor!

Com um ruído de cascos, patas e garras, as montarias celestiais dispararam direto para o céu, carregando Aru e Mini junto.

TRINTA E SETE

Ataca!

Mini perguntou se dava para evitar passar no meio das nuvens, porque ela não queria pegar um resfriado.

As montarias diminuíram a altitude obedientemente, voando mais perto da superfície. Agora, estavam atravessando o Oceano Atlântico. Os cascos do cavalo de sete cabeças mal roçavam as ondas.

Ao lado da Aru, Mini guinchou:

– Aquilo é um tubarão?

Aru só teve um segundo para olhar para trás e ver uma barbatana dorsal que raspou no calcanhar da Mini.

– Não. Golfinho – disse Aru.

Era um tubarão com certeza. As barbatanas dorsais dos tubarões são retas, enquanto a dos golfinhos fazem uma curva. Aru aprendeu num filme. Mas Mini não precisava saber.

Depois que as ondas ficaram para trás, paisagens calmas e silenciosas pairavam à frente. Tudo estava congelado. Conforme se aproximavam de Atlanta, ganharam altitude a fim de não colidirem com os prédios. Aru reconheceu a linha do horizonte de Atlanta, com o *Westin Peachtree Plaza* e a *Georgia-Pacific Tower*.

Elas voaram em direção ao pôr do sol, e Aru nunca achou sua cidade tão linda quanto à luz do entardecer, toda dourada e reluzente, com prédios elegantes tão altos e pontiagudos que poderiam ter sido usados para pregar as estrelas em seus lugares ao cair da noite. O trânsito estava parado. Mas Aru estava acostumada com isso. Afinal, era Atlanta.

Antes que se dessem conta, estavam na entrada do museu.

– Nossa – disse Mini, ao deslizar das costas do búfalo. – É aqui que você mora?

Aru sentiu uma estranha onda de orgulho. Era *sim* ali que ela morava. Agora que pensava a respeito, não queria a ilha particular ou a mansão tão grande que dava para se perder dentro. Não queria morar em qualquer outro lugar que não ali, com sua mãe. A mãe descongelada, feliz e saudável.

Um dos veículos divinais, o tigre dourado com garras surpreendentemente longas, andou até a porta e deu uma patada. A porta se abriu e todos correram

para dentro.

Aru sentiu um aperto no coração ao alcançar a Galeria dos Deuses. Ela já estava esperando encontrar o que viu ali, mas isso não facilitou as coisas. Sua mãe não havia se movido do lugar. Os cabelos ainda estavam abertos em leque em volta do rosto. Os olhos continuavam arregalados de pânico.

Mas mesmo estando exatamente como antes, Aru não pôde deixar de vê-la de um jeito diferente. Ela ficava imaginando a mulher do Lago do Passado, a mulher que abriu mão de tanta coisa apenas para protegê-la.

Aru correu até ela e se abraçou à sua cintura. Ela se recusou a chorar, mas talvez tivesse fungado umas duas vezes. Pensou no que a mãe havia falado para Sono: *Vou encontrar uma resposta. Vou examinar cada sítio arqueológico, ler cada tratado. E vou encontrar um jeito de libertar os dois, você e Aru. Prometo.*

Toda vez que sua mãe partiu... foi porque a amava.

– Eu também te amo – disse Aru.

Então se afastou, enxugando o nariz na manga.

– Quer um lençinho? Hum... esquece... – disse Mini.

As montarias estavam paradas em torno delas, com um aspecto aterrorizante. O leão mostrou os dentes. O tigre afiou as garras no elefante de pedra. Grosso!

– Aguardamos seu comando, Pândava – disse o cavalo.

Comando? Aru enfiou as mãos nos bolsos. Respirou fundo. Assim como ela, Arjuna enxergou o mundo de um jeito diferente da maioria das pessoas. Se havia uma coisa que havia sobrevivido a todos aqueles ciclos de reencarnação, era a imaginação que ambos compartilhavam. E agora era o momento de usá-la.

– Mini, o Danda da Morte consegue produzir uma ilusão que se pareça com um ser humano?

Mini assentiu.

– Acho que sim.

– Ótimo, pois vamos fazer uma coisa um pouco estranha...

Meia hora depois, a única coisa lá fora que provava não estar congelada era o sol. Ele tinha afundado completamente. O museu estava um breu, exceto pelos pontos de luz que Aru havia convencido Vajra a cuspir. Agora essas luzes pairavam no ar.

As montarias andavam de um lado para o outro ou brincavam. O crocodilo

fazia uma pose ao lado do makara de pedra, olhando para a estátua e sorrindo como que dizendo: *Ei, galera! Olha! Olha! Sou eu!* E, como ficou bem claro, todos os gatos – até os celestiais – ficaram altamente intrigados por caixas. O tigre não parava de enfiar a cabeça num dos engradados de madeira antes de tentar colocar, de um jeito bem estranho, o corpo todo lá dentro. Sempre que flagrava Aru olhando, parava e lambia a pata da frente, envergonhado. Aru estava grata a ele; antes, com muita delicadeza, ele pegara sua mãe congelada pela boca e a colocara no quarto dela, para que ficasse fora da zona de perigo. Duas montarias tinham ido até a Galeria dos Deuses somente para proteger as formas congeladas de Poppy, Arielle e Burton.

Pela enésima vez naquela noite, Aru olhou para a palma da mão, vendo o símbolo desbotando...

– Está na hora de evocá-lo – Aru disse. – Prontos?

As montarias se fundiram com as sombras, desaparecendo completamente. Do jeito que Aru tinha planejado.

Mini segurou o danda com força.

– Pronta.

Aru encarou as portas fechadas do museu e disse alto para a escuridão:

– Sono, nós, filhas de Senhor Indra e Dharma Raja, o evocamos!

Para dar ênfase, Mini deu uma batida no chão com o danda. Passou um tempinho. Depois um minuto inteiro. Mini relaxou os ombros.

– Como a gente vai saber que ele chegou? Vai ter um aviso ou algo assim? Tipo, talvez a terra rache no meio e ele pule pra fora?

– Ele é um demônio, Mini. Não é uma mola.

– E se a gente estiver errada e tivermos de ficar esperando aqui a noite inteira? Tem de haver um aviso ou *algo* do tipo...

A porta do corredor, que estava bem fechada, abriu de supetão e bateu contra a parede. Se fosse um filme, também haveria um estrondo de trovão. Mas era a vida real, e a vida real nem sempre soava como deveria.

Aru achou que Sono estaria parado na soleira da porta.

Mas não. Era algo muito pior. Uma dúzia de demônios com mandíbulas ensanguentadas espiavam pela entrada. Os chifres pareciam que tinham acabado de ser afiados. Eles farejaram o ar, lambendo os beiços. A parede da frente da galeria caiu feito uma peça de dominó.

– Aí está o sinal – disse Aru. Ela se recusava a sentir medo. Mas as mãos tremiam, e a boca de repente ficou seca.

– Eu avisei – disse uma voz.

Sono abriu caminho em meio à horda de demônios.

Ele parecia um homem, e ao mesmo tempo não. Seus olhos já não eram redondos e escuros como na versão do Lago do Passado. Em vez disso, tinham fendas e reluziam, como os olhos de um gato quando se estreitam com ira. Quando sorria, pequenas presas se curvavam para fora, debaixo do lábio inferior.

– Estranha escolha de local – Sono escarneceu. – Se bem que talvez previsível pra uma menininha que precisa da mamãe. Se achava que voltar aqui ia me fazer desistir, errou.

Uma pequena gaiola pendia de suas mãos. O pombo lá dentro começou a gritar e pular. Buu! Ele estava bem!

– O que vocês duas estão fazendo? – Buu gritou assim que viu Aru e Mini.
– Saiam fora! Vão!

Mini travou as pernas, apoiando o Danda da Morte sobre o ombro como se fosse um taco de baseball.

– Ai, deuses – Buu gemeu. Ele batia as asas dentro da gaiola. – Não consigo olhar.

– Sono! Nós não vamos permitir que leve isso a cabo – Mini avisou.

– Já estou entediado – Sono bocejou.

Então ele abriu a mão. Da palma, esguichou uma fita de uma substância preta que serpenteou pelo chão e escalou as paredes. Era o mesmo preto estrelado terrivelmente familiar que quase estrangulara Aru. Ela tentou desviar, mas a gosma enfeitiçada a chicoteou de volta, atirando as duas para a parede, de modo que ficaram como moscas grudadas em papéis aderentes de armadilha de inseto. *Fique calma, Shah*. Aru já esperava por isso. Aliás, apostava que ele ia agir assim.

– Vocês não entendem, pequeninas? – Sono perguntou. – Não são páreo para mim. Seria fácil demais derrotá-las. Aliás, nem merecem minha atenção. Podem se achar muito espertas por terem libertado aqueles veículos, mas vou botá-los de volta nas jaulas num piscar de olhos.

Lá estava. Aquelas palavras. *Pequeninas. Não merecem.*

No entanto, Aru começava a pensar que, talvez, ser subestimada ou considerada diferente nem sempre era ruim. Na aula de estudos sociais, aprendeu que era uma coisa boa para os guerreiros serem canhotos. Na Roma antiga, os gladiadores mais vitoriosos eram os canhotos. Eles tinham esse

elemento surpresa a seu favor, pois as pessoas só se defendem de um ataque vindo da mão direita.

Espero que goste de surpresas, Aru pensou.

Ela e Mini tinham ensaiado o que fariam. Agora era o momento de colocar em ação.

Mini manteve o olhar firme. O rosto estava pálido, mas ela sorria esperançosa mesmo assim. Aru sentiu aquele estranho zumbido de novo, o mesmo de quando lutaram juntas na biblioteca. Ficavam conectadas ao pensamento uma da outra quando combatiam juntas.

Sono não se deu ao trabalho de amarrar as mãos delas. Por quê?

Porque não achava que pudessem fazer qualquer coisa que fosse atingi-lo.

Ele atravessou a soleira da porta. Os demônios se espalharam à volta, tomando todo o espaço do lobby do museu. Aru sentiu um vento invisível soprando na sua nuca. *Apenas alguns passos mais*, pensou. Ele avançou.

Aru deu o sinal para Mini. Sua irmã assentiu.

Mini abriu seu estojinho de pó compacto e um pouco de luz escapou. Bem então, uma ilusão da mãe de Aru adentrou a Galeria dos Deuses. Ela estava linda, pensou Aru, contemplando a visão. Sono parou. Contraiu o rosto, assombrado.

– Eu conheço a verdade a seu respeito – disse a ilusão.

Sono largou a gaiola de Buu e a porta se abriu. O pombo voou para fora, indo direto para Aru e Mini. Começou a bicar as sombras que as mantinham grudadas à parede. Aru forçou até conseguir se soltar.

– Krithika? – Sono perguntou com a voz rouca. – Como? Eu pensei...

– Só quero conversar – disse a visão da mãe de Aru.

– *Conversar?* – Sono repetiu. – Depois de todo esse tempo, quer *conversar*? Isso não basta.

Ele deu um bote.

E pisou em cheio na armadilha que Aru e Mini tinham armado.

Sono não tinha reparado no pequeno círculo de giz desenhado no meio do chão. E ao entrar nele não estava apenas no centro da sala.

Estava no centro de um círculo composto por cada montaria celestial.

O tigre dourado emergiu da parede, seu focinho franzindo num rugido. As penas do pavão reluziam como uma ameaça. O búfalo começou a afofar o chão.

O cavalo de sete cabeças se virou para Aru.

Sono teve apenas um segundo para ficar perplexo, os olhos arregalados e confusos, antes que Aru gritasse:

– Ataquem!

TRINTA E OITO

Aru Shah é uma mentirosa

Aru costumava achar que o documentário de natureza que viu uma vez, com dois leões lutando um contra o outro, seria a coisa mais assustadora que veria.

Ela estava totalmente errada.

Os demônios atacaram, atropelando-se pelo museu conforme se lançavam sobre as montarias celestiais. Aru ficou com dó da placa no saguão que dizia POR FAVOR, NÃO TOQUE. Agora estava estirada no chão, esmagada por um demônio com cabeça de javali selvagem.

O tigre voou num dos rakshas que tinha cabeça de cervo. O pavão se juntou a ele, sua cauda varrendo o chão e cortando as pernas de um asura bem ao lado.

Buu vibrava em cima da cabeça da Aru.

– Lindo – ele disse, impressionado. – Mas deixa um pouco a desejar em termos de sofisticação. Emboscada é uma coisa tão burguesa.

Aru se escondeu debaixo da mesa da recepção quando a cabeça de alguém (literalmente) passou voando por ela.

– Agora não é hora!

– Certo.

Mini também se enfiou debaixo da mesa, junto com ela. Para toda parte que olhavam: caos. Pedacos de cerâmica jogados pelo ambiente. Cabeças também. Um urso espumando pela boca. Um dos chifres do carneiro celestial dobrado num ângulo que parecia bem dolorido. Suor brilhava no corpo do cavalo de sete cabeças. Aru observou o saguão. Quase todo mundo estava ali exceto...

Sono.

Aonde ele tinha ido? No instante em que começou o ataque, ele desapareceu em meio à enchente de demônios e animais.

– Buu – sussurrou uma voz atrás dela.

– Ai, o que você quer? – Buu respondeu, malcriado, antes de grasnar: – Ahhhhh!

Aru e Mini pularam, batendo as cabeças no tampo da mesa. Atrás delas, o rosto de Sono emergiu de uma parede.

Os pelos do braço da Aru se arrepiaram. Sono conseguia se deslocar por

dentro das paredes. Ela rastejou para trás. Vajra continuava na sua mão, mas embora a arma tivesse sido despertada, Aru não conseguia fazer muito com ela, exceto acertar algumas coisas. Ela tentou atirá-la, mas Vajra não saía da sua mão. Ele simplesmente fazia o que queria, como um gato gigante.

Aru rastejou feito um caranguejo, saindo de baixo da mesa. Sua mão escorregou e ela bateu o cotovelo no chão.

– Aiiiii! Dor de cotovelo! Dor de cotovelo! – ela exclamou, tentando espantar o formigamento do braço.

Mini, que não tinha caído, levantou-se primeiro. Girou Dadá sobre a cabeça. Um jato de luz violeta foi ejetado da ponta do bastão, mas Sono, agora totalmente fora da parede, simplesmente estapeou o facho de luz para o lado. A força do golpe empurrou Mini para trás. Ela abanou os braços, mas assim que recuperou o equilíbrio, um raksha bateu de frente com ela.

– Mini! – Aru gritou.

Buu mergulhou no meio da confusão, bicando o olho do demônio até o asura guinchar e se desequilibrar para trás. Aru olhou para cima. Pairando a uma pequena distância, estava um candelabro gigante, pesado e bem afiado. Tinha sido feito à mão, por um vidraceiro local, e era a peça predileta da mãe naquele saguão.

– Você é uma mentirosa, Aru Shah – disse Sono, aproximando-se lentamente. – Você mente para os seus amigos, sua família, mas, mais do que tudo, para você mesma. Se acha que me derrotou, errou.

Aru se afastou um pouco mais. As palmas das mãos estavam escorregadias. Um movimento errado e Sono poderia acabar com ela ali mesmo.

– Não sou mentirosa – Aru respondeu.

Sono deu outro passo adiante. Aru soltou Vajra. Pela primeira vez, o raio fez o que ela queria. Ejetou uma luz pela extremidade, fatiando a coluna do candelabro. Ela rolou para sair do caminho assim que Sono olhou para cima.

– Que...? – ele começou a dizer.

– Eu só tenho muita imaginação – ela disse, sorrindo.

O candelabro despencou. Sono mal conseguiu soltar um berro antes que um monte de vidro e cristais irrompesse ao seu redor.

– Sinto muito pelo candelabro, mãe – Aru sussurrou. Ela correu de volta até Mini.

Por toda parte, em torno da irmã, havia corpos abatidos de demônios e rakshas.

– Não estão mortos, infelizmente – disse Buu, pousando no ombro da Aru.
– Mas estão apagados por hora. O problema é que são apenas uma fração do exército de Sono.

– Onde estão os outros?

– Dormindo – disse Buu, num tom de *dã-porque-você--acha-que-ele-é-chamado-assim-com-certeza-não-é-por-seu-talento-em-tirar-sonecas-épicas*.

O cavalo de sete cabeças sacudiu uma delas. Sangue e cuspe respingaram nas paredes.

– Não podemos ficar muito mais, filha de Indra, mas você lutou... – O cavalo fez uma pausa, esforçando-se para achar a palavra certa.

– Corajosamente? – Aru aventou.

As cabeças do cavalo bufaram.

– Valentemente? – ela sugeriu.

– Arditosamente – ele disse por fim.

Aru suspirou aliviada, apoiando as mãos nos joelhos. Agora que Sono estava nocauteado, tudo que precisava fazer era liquidá-lo com Vajra.

Ela se virou para o estrago do candelabro, mas um demônio avançou para cima dela. Buu agiu rapidamente, e uma chuva de cocô de passarinho caiu sobre os olhos e a testa do demônio.

– Argh! – ele gritou, girando antes de bater a cabeça em cheio numa parede e cair inconsciente.

– Se ao menos eu estivesse na minha velha forma – o pombo lamentou. – Fazer o que... O estorvo é um poder por si só.

Aru ergueu o braço e Vajra virou um chicote. O raio era muito pesado, como ter de carregar três galões de leite numa mão só. Mas estava tão próxima de reverter tudo ao normal que uma força tomou conta dela. Aru bateu com Vajra, emitindo um baque aflitivo, e o demônio voou para trás, colidindo com uma parede antes de evaporar numa... poeira demoníaca? Não, *lamaçal* demoníaco. Deixou um resíduo com aspecto grudento na tinta. Asqueroso. Os estilhaços do candelabro tremeluziram. Mini correu para o lado de Aru.

Hora do golpe final.

Devia ter sido fácil. Rápido e indolor.

Mas daí várias coisas inesperadas aconteceram ao mesmo tempo.

Em volta delas, o salão foi de cheio a vazio numa questão de segundo. O exército de demônios e rakshas – muitos dos quais agora não mais que

caroços derretidos no chão do saguão do museu – sumiu numa lufada de fumaça. Com um tumulto de asas e patas, as montarias celestiais desapareceram, convocadas pelas deidades a quem serviam. A última coisa que Aru ouviu foi: “Que as Pândavas sejam abençoadas”.

Sono se levantou de baixo do candelabro destruído. Pedacos de vidro estavam espalhados em milhares de direções. Aru espremeu os olhos, agarrando Vajra com força. Então ergueu o raio acima da cabeça. Ao lado, podia intuir os pensamentos da Mini: *Agora, Danda da Morte, seja rápido!*

Infelizmente, Sono foi mais veloz. Fitas pretas jorraram das pontas dos seus dedos. Apontados não para ela, mas para Mini e Buu.

Os dois foram arremessados para trás e fixados na parede.

– Aru! – Mini gemeu.

Aru ergueu o raio, mas uma onda de instinto conteve sua mão. Foi como se os meros pensamentos da Mini a tivessem impedido: *Se você atacar, ele vai nos matar.*

Aru parou, os pulmões agitados pelo peso do raio e a situação de si.

– Sua vez, Aru – disse Sono. Ele sorriu. – Pode me destruir ou protegê-los.

Aru ficou parada. Não havia nada que pudesse fazer. Nenhuma resposta correta.

– O candelabro foi um golpe até que inteligente – disse Sono, esfregando o maxilar. – Mas não o bastante, lamento dizer. Vou dar um conselho: deixe sua família morrer, Arundhati. O amor pela família pode ser algo poderoso e aterrador. Basta ver as histórias do *Mahabharata*. Considere Shakhuni, embora vocês o conheçam como Buu. Ele achou que a irmã tinha sido insultada quando foi forçada a se casar com um rei cego, e por isso jurou a destruição dos seus ancestrais. E ele triunfou. Esse é apenas um exemplo entre muitos. Percebe, criança? Agir com o coração é algo perigoso. Deixe-os morrer.

– Solte eles – Aru disse com a voz trêmula.

– Ai, querida – disse Sono. – E eu que achei que você seria tão mais esperta.

– Eu disse... *solte eles*.

– Largue o raio e eu solto.

Aru baixou a mão, odiando-se por isso.

Sono girou os punhos, e Mini e Buu despencaram no chão, inconscientes.

Porém vivos.

– Você acabou de me lembrar de uma coisa, criança – ele disse baixinho. – A piedade nos torna bobos. Tive onze anos de tortura para poder lembrar todas as maneiras em que fui feito de bobo.

Em um instante, Sono estava junto dela.

– Um brinquedo um tanto sofisticado para uma criança – sibilou, pegando Vajra.

Aru torceu para que ele o queimasse. Como sua mãe conseguiu amar alguém assim? A jovem e otimista Krithika estava equivocada. Ele não conseguiu evitar sua natureza demoníaca.

Sono agarrou o braço dela e a arrastou pelo saguão do museu.

– Você me transformou no que sou agora. Você e a sua mãe. Tudo o que quis fazer foi pôr um fim à tirania do destino. Consegue entender isso? – Pela primeira vez, a voz dele ficou suave. – Percebe a crueldade que é dizer para alguém que seu futuro já está definido? Que não podem fazer nada senão viver a vida feito uma marionete? Vê como até seus dons a escravizaram?

Aru ouvia parcialmente. O pânico tornou seus pensamentos mais afiados. Quando sua mão encostou na calça do pijama, sentiu um negócio no bolso: um pedaço de ladrilho do Palácio das Ilusões.

Mas pode lhes dar a parte de mim que mais importa: proteção.

– Sua morte vai significar o fim não apenas de uma vida, mas de uma *era* – disse Sono. Seus olhos brilhavam. – Você e suas irmãs deixarão de ser condenadas a viver a vida repetidas vezes, sem parar. Faço isso por você, porque sua mãe – ele esgarçou – não teve a *coragem* de libertá-la.

– Desculpa – disse Aru, soltando-se do aperto das garras. – Só não estou no pique de morrer no momento.

Ela pegou aquele pedacinho do palácio e o atirou no chão. Uma violenta rajada de vento jogou Sono para trás. Durante um abençoado piscar de olhos, Aru conseguiu recuperar o fôlego. Sentiu o ladrilho do palácio voltando para o bolso. O pedacinho de casa era minúsculo, portanto só lhe forneceu um segundo de distração.

Mesmo assim, foi o suficiente.

Sono tinha deixado Vajra cair. Aru ergueu a mão, e o raio voou para ela. Então o apontou. Tomou coragem. Ela *tinha* que fazer isso.

Sono ergueu o braço, como se tentando tampar a luz.

– Criança, espera – ele pediu –, você não sabe o que está fazendo.

Aru tinha doze anos. Mesmo ela sabia que, metade do tempo, não sabia o

que estava fazendo.

Mas esse não era um desses momentos.

– Você foi amaldiçoada – Sono continuou. – Eu só estou tentando ajudar.

Amaldiçoada...

Antes que Aru pudesse lançar o raio, uma imagem saltou à sua frente:

Na visão, Aru era mais velha. Alta. À sua frente, na noite escura de um campo de batalha, havia outras quatro garotas... outras quatro *irmãs*, percebeu. Ela nem tinha certeza de como soube, mas era inegável. Todas as cinco garotas Pândavas, juntas. Todas portando armas. Até Mini.

Mini estava mais velha também. Seu rosto era uma máscara feroz de ódio.

Ódio direcionado contra... *ela*.

– Você não vê? – Sono perguntou. – O destino nunca quis que você fosse uma heroína.

TRINTA E NOVE

Quem é o mentiroso agora?

A imagem se dissipou.

Aru não conseguia apagá-la dos pensamentos. Havia feito algo tão terrível que até suas próprias irmãs se viraram contra ela. Por que estavam num campo de batalha? O que tinha acontecido?

– Você pensa que sua semidivindade é uma bênção – Sono continuou. – É uma maldição.

– É mentira – Aru respondeu, mas seu punho já não segurava Vajra com a firmeza de antes.

Quando piscou, viu – todas – virando-se contra ela. Rejeitando-a. *Abandonando-a.*

Aonde estavam indo?

Por que estavam indo?

Aru sentiu a náusea tomando conta do seu corpo. Lembrou de todas as vezes que havia corrido para fora do quarto, direto para a janela, apenas para ver a mãe partindo para o aeroporto, e Sherrilyn lhe dando um sorriso triste e oferecendo um sorvete. Pensou em cada dia em que perambulou pela escola, amedrontada, sabendo que bastaria uma palavra, um gesto errado e ela perderia tudo: amigos, popularidade e *pertencimento*.

As luzes que Vajra lançou no saguão do museu tinham diminuído. Mini e Buu ainda estavam desmaiados. Agora era apenas Aru e Sono.

– Se me matar, esse é o futuro que terá de encarar – Sono sibilou. – Acha que *eu* sou o inimigo. Você sequer tem ideia do que essa palavra significa? O que é um inimigo? O que é o mal? Você é muito mais parecida comigo do que pensa, Aru Shah. Olhe para dentro de si. Se me ferir, perderá todas as pessoas que são importantes para você.

Nas histórias, os irmãos Pândavas lutavam uma batalha épica contra a própria família. Mas nunca se viravam uns contra os outros. Na visão que Sono lhe mostrou, Aru viu algo diferente: sua família se virando contra ela.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Ela não lembrava quando começou a chorar. Tudo que sabia era que desejava que Sono engasgasse nas próprias palavras.

Mas ele continuou falando:

– Você é a pessoa de quem eu mais tenho dó. Pois pensa que é um herói.

Não percebe que o universo inteiro ri de você? Esse nunca foi o seu destino. Você é como eu: um herói vestido com trajes malignos. Junte-se a mim. Podemos travar uma guerra contra o destino. Juntos, conseguiremos destruí-lo.

Ele andou até ela. Ela ergueu o raio um pouco mais. Ele parou no lugar.

– Sua mãe não se importa com você. Acha que eu não percebi, através da lâmpada? Mas se ficar comigo... Eu jamais a deixarei, criança. Podemos formar um time: pai e filha.

Pai e filha.

Aru se lembrou do rosto da mãe na visão do Lago do Passado. A maneira como falou dos três sendo uma família. Ela tinha compartilhado da ideia do marido que as pessoas podiam desafiar o próprio destino.

Durante onze anos sua mãe havia vivido com apenas metade do seu coração.

Onze anos.

E somente por causa do tanto que amava Aru.

– Mate-me e suas irmãs e sua família vão odiá-la – disse Sono. – Você nunca será um herói. Nunca teve vocação para herói.

Herói. Aquela única palavra fez Aru erguer o queixo. Fez com que se lembrasse de Mini e Buu, da mãe, e de todas as coisas incríveis que ela mesma havia feito em apenas nove dias. Quebrar a lâmpada não foi um ato heroico... mas e todo o resto? Lutando pelas pessoas que importavam para ela, e fazendo tudo que estava ao seu alcance para corrigir seu erro?

Aquilo era heroísmo.

Vajra virou uma lança em sua mão.

– Eu já sou. E não é herói. É heroína.

E com isso, ela libertou o raio.

No momento em que ele deixou sua mão, a dúvida fisgou Aru.

Tudo que conseguia ver era a imagem das irmãs enfileiradas contra ela.

Tudo que conseguia sentir era a humilhação de ser odiada, sem saber o que havia feito para merecer aquilo. Um único pensamento sombrio invadiu sua mente: *E se Sono estiver dizendo a verdade?*

Seus dedos formigaram. O raio riscou o ar. Num instante ele estava girando bem na mira de Sono. Ela viu quando ele arregalou os olhos, a boca se abrindo para gritar. Mas no instante seguinte, tudo mudou.

A pequena dúvida perfurante alterou tudo. O raio parou justo antes de

acertá-lo, como se tivesse captado um rastro de hesitação em Aru.

Sono encarou o raio posicionado a dois dedos do seu coração. Daí ele olhou para Aru. E sorriu.

– Ai, Aru, Aru, Aru – provocou. Era a mesma voz que ela havia ouvido quando acendeu a lâmpada. *O que você fez?*

– Vajra! – Aru chamou.

– Um dia enxergará como eu enxergo, e daí eu lhe darei as boas-vindas, filha.

– Ataque, Vajra! – Aru gritou.

Mas não importava mais. Quando ela tirou os olhos do dardo de raio... Sono havia desaparecido.

QUARENTA

Fracasso

Certa vez, quando Aru estava muito estressada por causa de uma prova, ficou sem comer um dia *inteiro*. Estava ocupada demais tentando lembrar todas as datas do livro de História. Quando tocou o último sinal, ela se levantou da carteira e ficou tão tonta que caiu de costas.

Aquele foi um dia ruim.

Mas esse dia estava pior.

Aru achava que a magia a tornaria poderosa. Não tornou. Ela apenas meio que afastava as coisas. Assim como creme anticeira elimina a dor de uma picada de abelha, mas não repele a abelha em si. Agora que toda a magia havia deixado o ambiente, a fome e a exaustão tomaram conta.

Aru desmoronou. Vajra voou de volta para a sua mão. Já não era um raio, mas apenas uma bola comum. O tipo de brinquedo inofensivo com o qual uma criança brincaria, e para o qual um demônio não olharia duas vezes.

Aru estremeceu. O que tinha acabado de acontecer?

Ela ficava olhando para o lugar, ali no chão, onde Sono tinha desaparecido. Ele estivera na sua mira, bem ali. Ela tivera o raio pronto e tudo. E, no entanto, mesmo com tudo alinhado a seu favor, *fracassara*. Sono tinha permitido que ela vivesse, não por pena dela, mas por achar que ela poderia realmente se *juntar* a ele.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Depois de tudo que passaram, ela tinha *fracassado*. Agora sua mãe ficaria congelada para sempre e...

Um toque no seu ombro fez com que ela pulasse.

Era Mini, com um leve sorriso. Havia um par de cortes no rosto dela, e um dos olhos parecia um pouco inchado. Buu esvoaçou da mão de Mini e pairou em frente a Aru.

Aru esperou que ele gritasse com ela. Desejou que ele lhe contasse tudo o que ela tinha feito errado, pois isso seria melhor que descobrir que havia dado o seu melhor e mesmo assim não tinha sido bom o bastante. Mas Buu não gritou. Em vez disso, inclinou a cabeça daquele jeito estranho dos pombos, e disse algo que Aru não esperava:

– Falhar não é nenhum fracasso.

Aru começou a chorar. Ela entendeu o que Buu quis dizer. Às vezes você

cai, porém ainda consegue vencer a corrida ao se levantar de novo, mas não era assim que se sentia no momento. Mini se sentou ao seu lado e botou o braço em volta dos seus ombros.

Aru costumava achar que amigas existiam para compartilhar comida, guardar segredos e rir das suas piadas enquanto você vai de uma sala de aula para a outra. Às vezes, no entanto, o melhor tipo de amiga é aquela que não diz nada, mas apenas se senta ao seu lado. Era o suficiente.

Buu deu a volta no museu. Conforme fez isso, todos os escombros e o caos se resolveram, poeira e detritos pulando e se mexendo. A parede da frente da Galeria dos Deuses se ergueu do chão. Até o candelabro no saguão juntou seus estilhaços de cristal e retornou ao seu lugar no teto.

A porta da frente do museu tinha tombado na rua. Aru olhou para fora e ouviu sons familiares e bonitos.

Carros buzonavam. Pneus cantavam contra o asfalto. As pessoas gritavam umas com as outras:

– Tá tendo um eclipse? Por que virou noite?

– A bateria do meu carro descarregou!

Aru não conseguia acreditar.

– Viu? – Mini disse baixinho atrás dela. – Nós fizemos alguma coisa.

As meninas se afastaram para o lado e a porta da frente voltou para o lugar. Aru se apoiou nela, completamente passada.

– O que está acontecendo?

Buu desceu e pousou na frente delas.

– A maldição de sono congelado somente teria se consolidado se Sono tivesse conseguido chegar ao Reino da Morte antes da lua nova.

– Mas eu não o derrotei... – disse Aru.

– Mas vocês duas conseguiram distraí-lo e atrasá-lo – Buu disse gentilmente. – E sem a minha ajuda. Coisa que, francamente, é inacreditável.

– E o Conselho de Guardiões? – Mini perguntou. – Acha que conseguimos impressioná-los?

– Ah... Eles. Será que vão querer treinar a gente depois que eu... – Aru fez uma pausa, evitando dizer a palavra embora ela pairasse sobre a sua cabeça: *fracassei*. – No último minuto eu... eu deixei escapar.

– Foi a maldição – Mini disse gentilmente. – Lembra?

Na Ponte do Esquecimento, Shukra havia dito que no momento de maior importância, ela esqueceria. Mas será que aquilo realmente foi a consolidação

da maldição? Aru não conseguia lembrar – ou talvez não *quisesse* lembrar – o que sentiu no momento em que Sono desapareceu.

– Sim – Aru disse baixinho.

– Mas, mesmo com a maldição, você o deteve – disse Mini.

Aru não revelou que na verdade foi ele mesmo quem se conteve, apenas por esperança de que ela se juntasse a ele. *Nunca*, nem em um milhão de *anos*.

– E ainda por cima, nós impedimos o fim do Tempo – disse Mini. – O que mais você quer?

De repente Aru se colocou em pé.

– Minha mãe! Eu preciso...

Do alto da escadaria, Aru ouviu o som de uma porta se abrindo e fechando, e passos correndo pelos degraus. Mesmo sem ver, sentiu a presença da mãe na sala. Uma onda de calor. E o cheiro dos cabelos, que sempre despertava a lembrança do aroma de jasmim exalando à noite.

Quando Aru se virou, a mãe olhou para ela. *Apenas* para ela. Então abriu os braços, e Aru correu para o abraço da sua vida.

QUARENTA E UM

Gravou tudo?

Buu, Mini e Aru estavam sentadas na cozinha. Atrás delas, a mãe da Aru preparava um chocolate quente enquanto conversava ao telefone com os pais da Mini. Toda vez que passava por Aru, dava um beijinho na sua cabeça.

– você acha que eles já acordaram? – Aru perguntou.

Poppy, Burton e Arielle ainda não tinham acordado. De acordo com Buu, devido à proximidade da lâmpada, quando foi acesa, continuariam presos no lugar por um tempinho um pouco maior que as demais pessoas.

– Acho que mais uns vinte minutos – Buu disse. – Não se preocupe, eles vão ficar bem e não vão se lembrar de nada. Agora, quanto à questão do treinamento, é natural que o Conselho de Guardiões queira treiná-las. Vocês são Pândavas, afinal. E essa batalha ainda não acabou. Sono vai incrementar o exército, e agora a gente precisa fazer o mesmo.

Mini lançou um olhar desconfiado.

– Treinos... além da *escola*? Isso não vai prejudicar minhas atividades extracurriculares?

– Isso é como dizer: *Arrume o seu quarto para que você possa fazer mais lição de casa* – Aru acrescentou.

– Crianças ingratas! – Buu resmungou. – Isso é a honra do século! *Vários séculos*, aliás!

– Mas você vai acompanhar a gente, não vai, Buu?

Como resposta, Buu fez uma reverência, as asas se arrastando no chão.

– Será um privilégio treinar vocês, Pândavas – ele disse. Então ergueu a cabeça, porém sem olhar para elas. – Ainda aceitam minha tutela, sabendo quem fui?

Aru e Mini trocaram olhares. Não precisaram usar a conexão Pândava para saber o que a outra estava pensando. Aru recapitulou a versão de Sono que ela viu nos segredos da mãe. O homem de olhos doces que achava que jamais se tornaria do mal. Então se lembrou de quem tinha sido Buu nas histórias. Antigamente, Shakhuni tinha sido mau e propenso a vinganças, e por isso acabou sendo amaldiçoado. Mas talvez maldições não fossem tão terríveis assim, pois ele tinha salvado suas vidas; não apenas uma, mas duas vezes. Talvez não fosse inteiramente mau ou bom. Talvez fosse apenas... humano.

Em forma de pombo.

– As pessoas mudam – Aru disse.

Podia ter sido sua imaginação, mas os olhos de Buu pareciam particularmente reluzentes, como se estivesse prestes a chorar. O pombo aprumou as penas com o bico. Escondida em meio a toda aquela penugem cinza e sem graça havia uma única pena dourada, que ofereceu a elas.

– Um símbolo da minha promessa de fidelidade – disse, solene.

– Promessa de fidelidade? – repetiu Mini. – Que nojo! Isso não é o que as pessoas fazem quando se casam?

– Credo! – disse Buu.

– Eu sou um excelente partido! – Aru arfou depois que terminou de gargalhar.

– É uma promessa de fidelidade, que nem dos cavaleiros medievais! Nada a ver com casamento! – disse Buu, com uma cara totalmente enojada. – É um juramento... de honestidade. De lealdade. De agora em diante juro fidelidade à causa das Pândavas.

Mini e Aru trocaram olhares. *E agora?* Mini pegou o Danda da Morte e tentou outorgar o título de cavaleiro a Buu, dizendo:

– Levante-se, Sir... – Mas Buu chiou e saiu voando para uma parte diferente do museu.

O rosto de Aru doía de tanto rir. Ela espiou pelo painel de vidro, do lado esquerdo da porta. Embora ainda não fosse noite, as estrelas começavam a pipocar no céu. Normalmente, não conseguia enxergá-las tão nitidamente por causa da fumaça e da poluição da cidade. Mas naquele dia as estrelas estavam mais próximas e brilhantes. Quase piscantes. Um raio riscou o céu, seguido por um poderoso estrondo de trovão. Mini pulou, mas para ela foi como o som de aplauso. E Aru soube que Indra estava atento a ela.

– Agora tudo vai ser diferente, né? – Mini perguntou, olhando através da janela, ao seu lado direito. – E ainda não acabou. Sono vai voltar algum dia.

– Estaremos prontas – Aru respondeu, destemida.

Eu estarei pronta, pensou.

* * *

Uma hora depois, Mini botou a mochila nos ombros. Em sua mão, o Danda da Morte tinha encolhido para a forma de estojinho roxo de pó compacto. Ela o guardou no bolso.

– Quer que eu vá com você? – a mãe da Aru perguntou.

O elefante de pedra novamente se ajoelhou no chão, ergueu a tromba e abriu a boca, oferecendo a Mini um caminho de volta para casa. Um rastro de magia agitou o ar.

– Não, tudo bem – disse Mini. – Valeu, tia.

Algumas pessoas podem achar estranho que Mini já a estivesse chamando de tia, sendo que tinham acabado de ser apresentadas (embora Mini já conhecesse bastante sobre a mãe da Aru a essa altura). Mas as meninas tinham sido criadas assim. Qualquer pessoa que fosse amiga dos pais era automaticamente chamada de tia ou tio.

– Eu e sua mãe vamos voltar a nos falar em breve – disse a mãe da Aru. – Foi... foi há tanto tempo.

– Eu sei – disse Mini. Então enrubesceu. – Quer dizer, não digo que sei por ter visto seus segredos mais profundos e sombrios, ou nada do tipo.

Buu, que apenas recentemente tinha sido colocado a par de tudo, deu um berro esganiçado, querendo dizer muito claramente: *Cala a boca já*.

Mini atirou os braços em volta de Aru para um último abraço.

– A gente se vê em breve. – E, com isso, atravessou a porta do elefante e se foi.

Buu observou a partida e gritou:

– Não esqueça de se hidratar em casa! Pândavas estão *sempre* hidratados! – Buu voou até a ponta da tromba do elefante para se dirigir à mãe da Aru. Quando um pombo conversa com você, estando no chão, o efeito não é tão intimidante. Mas até aí, um pombo falante por si só já não impõe o menor respeito. – Krithika – chamou delicadamente –, talvez a gente devesse trocar umas palavrinhas.

A mãe da Aru suspirou. Ela tirou o braço do ombro da filha, e Aru sentiu uma onda de frio. Então segurou seu rosto e afastou os cabelos da testa, encarando Aru intensamente. Como se nunca a tivesse contemplado tanto quanto gostaria.

– Sei que você tem muitas perguntas – ela disse para Aru. – Vou respondê-las. Todas. Mas Buu está certo, tem certas coisas que ele e eu precisamos discutir.

– Buu pode vir morar com a gente?

– Eu não sou um animal abandonado que encontrou na sarjeta! – o pombo bufou.

- Eu compro uma gaiola bem bacana.
 - Não sou um pet!
 - Vou te abraçar e apertar, e te chamar de Piu-Piu...
 - Eu sou um feiticeiro megapoderoso!
 - Vou arranjar um travesseiro superfofinho pra você.
- Buu ergueu a cabeça.
- Você disse travesseiro? Bem, eu gostaria de tirar uma soneca...
- Antes que sua mãe pudesse recusar, Aru disse:
- Eba! Valeu, mãe!

Então correu para a Galeria dos Deuses. Se sua mãe e o resto do mundo tinha se recuperado, então certamente a essa altura....

Aru apertou o interruptor. Ali, espremidos num canto junto aos cacos de vidro do estojo onde ficava a lâmpada, estavam Burton, Poppy e Arielle. Eles olhavam para a Galeria dos Deuses totalmente confusos. Encararam o vidro quebrado, e daí a janela.

Arielle franziu as sobrancelhas.

- Eu pensei... Eu pensei que a gente tinha chegado aqui à tarde.

Mas toda a confusão desapareceu quando Poppy avistou Aru.

– Sabia! – ela disse, satisfeita. – Que mentirosa! Você nem conseguiu admitir a verdade, por isso teve que quebrar a lâmpada? Patético.

– Eu não menti – Aru disse num tom de pouco caso. – A lâmpada estava totalmente amaldiçoada. Eu acabei de voltar de uma batalha com um antigo demônio no saguão.

Burton ergueu o celular. A luz vermelha começou a piscar. Estava gravando.

- Gostaria de repetir? – ele perguntou, arrogante.

– Claro – disse Aru, andando até eles. – Eu menti. Às vezes faço isso. Tenho muita imaginação. Mas tento não mentir sobre coisas importantes. Eis a verdade: acabei de salvar suas vidas. Até atravessei o Reino da Morte para isso.

- Vai se tratar, Aru – disse Arielle.

- Não vejo a hora de mostrar isso pra escola inteira – disse Burton.

- Posso provar – disse Aru.

Ela apalpou o bolso em busca da caneta de Chitrigupta, e a usou para escrever uma mensagem no ar. *Me ajuda a sair dessa, tio.*

Imediatamente, uma coisa pontiaguda a cutucou no bolso. Ela pegou – era

um pedaço de papel que não estava lá antes. Rapidamente passou os olhos por ele, contendo um sorriso.

– Ainda está gravando? – Aru perguntou.

– Sim – Burton respondeu.

Os três riram entredentes.

– Ótimo – disse Aru. Ela começou a ler: – “No dia vinte e oito de setembro, Poppy Lopez foi ao escritório da sra. Garcia e disse que achava que tinha visto alguém se dirigindo ao carro dela com um taco de beisebol. Quando a sra. Garcia saiu correndo do escritório, Poppy pegou a prova no armário e a fotografou com seu celular. Ela tirou um A+”.

Poppy ficou branca.

– “Na terça-feira, dois de outubro, Burton Prater comeu seu próprio ranho, depois deu um biscoito de chocolate que tinha caído no chão para a Arielle. Ele não lavou as mãos. Nem o biscoito.” – Aru olhou para ele com uma careta. – Sério?! Cara, que nojo. Tenho quase certeza de que é assim que se pega peste negra.

Arielle estava com cara de quem ia vomitar.

– Isso é sério?

– “E ontem, Arielle usou o primeiro anel de noivado da mãe e o perdeu durante o intervalo. Ela disse para a mãe que tinha visto a empregada com ele na mão.”

Arielle ficou vermelha.

Aru dobrou o papel. Daí ela deu um peteleco na luzinha vermelha do celular do Burton.

– Gravou tudo?

– Como... como... como... como você...

– Tenho amigos por todo lado – Aru respondeu.

Esse era um daqueles momentos em que ela desejou estar sentada numa enorme poltrona de couro preto com um gato bizarro no colo e um charuto apagado. Ela gostaria de rodopiar e dizer: *Sentindo-se com sorte?* Em vez disso, contentou-se com um movimento de ombros.

– Ainda querem mostrar para a escola?

Burton ergueu o celular, foi até o vídeo e o deletou. Como prova de boa-fé, Aru entregou o pedaço de papel para eles.

– Agora estamos quites.

Os três olharam para ela. Aru sorriu.

– Vamos sair daqui – disse Poppy.
– Bom fim de semana – Burton começou a dizer, mas Poppy lhe meteu um tapa.

– Você é um puxa-saco.

Depois que saíram, apareceu um novo bilhete no bolso:

Considere esta a primeira e última vez!

Criança levada.

PS: O palácio manda um beijo e um oi.

Aru sorriu.

– Oi, palácio.

Talvez tivesse sido apenas sua imaginação, mas achou que sentiu um calorzinho vindo do ladrilho no bolso.

QUARENTA E DOIS

Vômito verbal

Quando o sinal da sexta aula tocou, Aru mal conseguiu conter o ímpeto de pular da carteira. Ela não era a única que estava ansiosa. Era o dia em que iniciavam o recesso de inverno. Embora não chegasse a nevar em Atlanta, o clima era de véspera de Natal. Era o máximo. O teto estava decorado com luzinhas piscantes e flocos de neve feitos de papel. As músicas natalinas tocando desde novembro ainda não tinham começado a lhe dar nos nervos. E na aula de química desse dia, a professora havia lhes ensinado a fazer neve artificial usando bicarbonato de sódio e água, então a maioria das mesas estava coberta com pequenos homens de neve.

Aru começou a arrumar suas coisas. Sua parceira de laboratório, Arielle, sorriu para ela, mas era um sorrisinho levemente preocupado de quem está perguntando: *Você é bruxa?*

– Então... pra onde você vai viajar no Natal?

Como de costume, Aru mentiu. Mas dessa vez com uma motivação totalmente diferente.

– Pra lugar nenhum. E você?

– Ilhas Maldivas – Arielle respondeu. – Alugamos uma ilha particular.

– Espero que se divirta.

Arielle parecia um pouco surpresa com a reação. Mas então sorriu mais genuinamente.

– Obrigada. Aliás, meus pais vão dar uma festa de Ano Novo no salão do *Fox Theatre*, no centro. Não sei se já recebeu o convite, mas você e sua mãe estão convidadas, se estiverem a fim...

– Obrigada! – Aru agradeceu. Dessa vez não precisou mentir. – Mas temos um programa de família.

Ela nunca havia pronunciado as palavras *programa de família* antes, e achava que jamais se cansaria de falar isso.

– Ah. Bem, divirta-se.

– Vou tentar! – Aru respondeu. – Boas férias!

E com isso, ela jogou a mochila no ombro e saiu no frio. Enquanto a maioria dos amigos estava a caminho de jatos particulares ou carros com motoristas, Aru estava a caminho da sessão de treinamento no Outromundo.

Toda segunda, quarta e sexta, durante três horas, Aru e Mini estudavam estratégia de guerra com Hanuman, dança e etiqueta com Urvashi e folclore com Buu. A partir da próxima semana ganhariam mais professores, e até se juntariam às crianças do Outromundo que já estavam em treinamento (embora nenhuma fosse descendente de deuses).

– Outras crianças? Como a gente? – Mini havia perguntado.

– Sim – Aru respondeu. – Talvez o menino-cobra do supermercado esteja lá.

– Não acho que ele vá se lembrar de mim...

– Você bateu de cara com um telefone público, Mini. É o tipo de coisa difícil de esquecer.

Mini pegou Dadá e lhe meteu um *toing* na cabeça.

Seus pais haviam determinado que elas só se juntariam aos outros após terem dominado o básico, de modo que conseguissem alcançar os demais. Buu disse que, essencialmente, eram “aulas de recuperação para apalermadas divinais”. *Grosso.*

Aru não estava muito animada com a ideia das aulas de dança, mas como Urvashi havia explicado: “Quando Arjuna sofreu uma maldição e perdeu sua masculinidade por um ano, ele virou um instrutor de dança maravilhoso, e isso o tornou *muito* mais gracioso nos combates. Eu sei muito bem... afinal, fui eu quem o amaldiçoou”.

– Quando a gente vai chegar na parte da pancadaria? – Aru havia perguntado na quarta-feira anterior.

Vajra, que naquele dia tinha decidido virar uma caneta fosforescente em vez de raio, reluziu um pouco mais com a pergunta.

Buu estreitou o olhar.

– Não devemos nos precipitar em direção à violência.

Agora, a caminho de casa, Aru pensou na última mensagem que recebeu da Mini. Ela ainda não tinha celular, então as duas não conseguiam trocar mensagens, mas para isso o elefante de pedra era útil. Naquela manhã, ao conferir a boca do elefante, a carta da Mini ia direto ao ponto:

Como vou conseguir treinar hoje?

Tenho 99% de certeza de que contraí a peste bubônica.

(Ontem eu até vi um rato.)

Aru riu ao lembrar. Mas a risada logo morreu em sua garganta quando viu quem estava andando um pouco à frente na calçada.

O novo garoto da escola.

Aiden Acharya havia entrado na semana passada, o que parecia pouco prático, considerando que as férias de inverno estavam prestes a começar. Mas de acordo com a melhor fofoqueira da escola (Poppy), a família dele foi muito convincente (leia-se: eram super-ricos). Ele estava se adaptando superbem na escola, o que fazia sentido, considerando seu... visual.

Até recentemente, Aru não tinha dado muita atenção ao que tornava um garoto bonito. Apenas os critérios básicos de não soar como uma mula relinchando e não feder feito um par de tênis dos diabos já eliminava metade dos meninos da classe. Aiden, por outro lado, tinha covinhas e cabelos pretos encaracolados. E era cheiroso. Não como sabonete ou desodorante, mas como o perfume de roupas limpas de lavanderia. Além do mais, seus olhos eram superescuros e contornados por cílios mais escuros ainda.

Aru ainda não tinha falado com ele. O que ia dizer? Tudo que sabia era que ele e a mãe haviam se mudado para a casa imensa bem em frente ao museu. No dia anterior, a mãe da Aru tinha conversado com a mãe dele na rua. Indianos fazem isso o tempo todo. (*Ah, você é indiana? Eu também! Que coisa!*)

Aiden estivera com a mãe. Num certo momento, parecia que ele tinha visto Aru o espiando pela janela do museu. Aru havia lançado seu sorriso mais atraente (até encolheu o nariz) antes de lembrar que estava usando um par de chifres de ferro. Buu havia insistido para que ela os usasse sempre que estivesse em casa. (*E se tiver de usar um capacete para lutar contra os demônios? Seu pescoço tem que estar forte!*)

Aru se desesperou, bateu em cheio na geladeira e caiu de cara no chão. Então ficou estirada no chão da cozinha durante uma hora inteira.

Queria estrangular Buu.

Agora Aru estava esfregando os olhos, constrangida com a ideia de ter sido flagrada com chifres... quando bateu em cheio em alguma coisa. A mochila dele. Ela olhou para cima. Aiden olhou para baixo. Ele era pelo menos uns trinta centímetros mais alto. Na luz do entardecer, a pele dele parecia dourada.

– Oi – ele disse.

Aru abriu a boca. Fechou. *Vamos, Aru. Você atravessou o Reino da Morte. Você consegue conversar com um...*

Ele sorriu.

– Eu não te conheço?

– Eu... – ela engasgou.

Por que de repente sua voz ficou tão grossa, do nada? Soava como o homem do tempo. Ela fechou a mão em punho e meteu um soco na garganta. O que só fez com que tossisse. *Diga alguma coisa!* Mas a única coisa que seu cérebro conseguiu concatenar foi: *"E aí, vem sempre aqui?" Não! Definitivamente não diga isso.* Era isso que dava ficar assistindo maratonas de *Friends*. Aru sorriu. E daí abriu a boca.

– Eu sei onde você mora!

Aiden olhou para ela. Ela o encarou.

– Você o *quê*?

– Eu... é... demônios. Tchau.

Nunca, em toda sua vida, ela correu tanto para chegar em casa.

QUARENTA E TRÊS

Por que, por que e por quê?

Malditas palavras!

Você não fez isso – Mini disse.
Essa era a quinta vez que Mini falava isso.
– Mini, se disser isso mais uma vez...
Um cacarejar de Urvashi calou Aru.

Às sextas-feiras, a primeira aula era de dança tradicional (especificamente *bharatnatyam*) e etiqueta com Urvashi. Mas Aru chegou tão abalada após o encontro com Aiden que Urvashi quis saber o que tinha acontecido.

Quando Aru contou, Urvashi gargalhou tanto que acabou provocando uma tempestade de raios. Vários comerciantes do Bazar Noturno foram reclamar, dizendo que ela havia estragado o estoque de casacos de chuva (os próprios casacos choviam). Mas bastou Urvashi sorrir e murmurar para eles “Qual é mesmo o problema?”, que esqueceram o que iam dizer, e partiram como que sonhando acordados.

Agora Urvashi tinha chamado Hanuman e Buu, e obrigado Aru a contar a história de novo. Hanuman não riu, mas sua boca se contorceu. Buu ainda estava tentando se recompor.

– Eu me lembro de Arjuna como um cara muito mais... – Urvashi começou a dizer.

– Descolado? – Buu sugeriu.

– Charmoso? – Hanuman aventou.

– Bonito? – Mini sugeriu.

– Mini! – ralhou Aru.

– Desculpa – ela disse, enrubescendo.

– Sabe, no meu tempo, você podia simplesmente se jogar e pegar a pessoa que quisesse – disse Buu. – É muito mais eficaz que conversar.

– Tenho quase certeza de que isso se chama sequestro – Mini disse.

– Era romântico.

– Ainda assim sequestro.

Hanuman bateu as palmas.

– Venham, Pândavas, está na hora das lições de estratégia.

Pândavas. A palavra ainda soava estranha na cabeça da Aru,

principalmente porque ela sabia que não ia se limitar apenas às duas. Sono ainda estava solto, e conforme o perigo crescia, seriam necessários mais Pândavas. Ela até teve um vislumbre delas em sua visão. Todas meninas... Então, onde estariam? Suspirando, Aru arrancou os sininhos do tornozelo e os entregou para Urvashi.

Urvashi fez um carinho na cabeça da Aru.

– Não se preocupe, minha querida. Depois que passar por mim, bastará uma risadinha e os homens cairão duros por você.

Aru não queria *matar* o garoto. Apenas, quem sabe, conseguir conversar com ele?

Por que era tudo tão difícil?

Depois que Aru e Mini deixaram Urvashi, o estúdio de dança do Bazar Noturno fechou as portas atrás delas. Urvashi se recusava a alugar um espaço num lugar qualquer, pois: “Tenho que manter minha imagem, e não vou botar meus pés num chão que já foi manchado pelas sombras dos outros”. O que significava que, durante três vezes por semana, o céu do Bazar Noturno se abria para permitir que Urvashi descesse numa flor de lótus azul celestial tão grande quanto o museu. Quando as meninas terminavam a aula, as pétalas da flor de lótus se fechavam sobre Urvashi e ela levitava de volta aos céus.

As aulas de Hanuman eram muito mais... rústicas.

– Por aqui – disse o semideus com cara de macaco, pulando à frente.

Aru e Mini caminharam com dificuldade, porém obedientemente, atrás dele. Hanuman gostava de usar o terreno do próprio Bazar Noturno. Nesse dia, deu a volta no pomar das Frutas dos Sonhos, passando debaixo de um arco de penas prateadas e reluzentes.

– Essas penas são de *chakora*, ou pássaros da lua – disse Hanuman. – Uma pena arrancada de um pássaro da lua possui um brilho forte, mas que dura apenas um instante. Se esperar a pena cair naturalmente, ela trará luz para sempre.

De fato, o arco de penas parecia que jamais se apagava.

Do outro lado, a paisagem era íngreme e mais traiçoeira. Olharam para baixo, aos pés de um cânion profundo com um rio muito largo. Lá embaixo, na margem oposta, uma coroa brilhante pairava no ar.

– Pândavas! – Hanuman gritou por cima do ronco do rio.

Mini ficou branca. Aru lembrou que sua irmã morria de medo de altura. Não de aranhas, embora também não fosse louca por elas...

– Imaginem que é sua missão recuperar a coroa – disse Hanuman. – Como chegariam até ela?

– Encontrando outro caminho? – Mini especulou.

– Enganando o outro lado para que a trouxesse até aqui? – Aru sugeriu.

Hanuman fez uma careta.

– Sempre escolham o caminho mais simples! Aru, você tem uma tendência a optar pela... complicação em vez de simplicidade.

– Ou talvez só não queira me afogar?

Mini assentiu vigorosamente.

– Na minha época, eu construí uma ponte. Chamei todos os meus amigos para me ajudar. Juntamos pedras e as jogamos no mar para que eu pudesse atravessar – disse Hanuman.

– Não tenho amigos assim – disse Aru.

– Ei! – Mini chiou.

– *Além de você*, quero dizer.

– Que tal trocar de forma? – Hanuman perguntou. – Sempre considere que pode se adaptar ao ambiente em vez de forçar o ambiente a se adaptar a você.

– Mas... nós não conseguimos mudar de forma, conseguimos? – Mini perguntou.

– Usem seus rabos! – disse Hanuman, curvando o rabo sobre o ombro.

– Nós não temos rabo. – Ela virou o bumbum para que ele pudesse ver.

– Ah – disse Hanuman, e o rabo dele murchou.

Naquele momento, um alarme disparou. Hanuman ficou tenso.

Antes, ele tinha a altura e constituição de um homem normal. Ao som do alarme, espichou, agarrando Aru e Mini no processo, de modo que ficaram em pé nas palmas das suas mãos.

– Vou vomitar – disse Mini, agachando-se na mão de Hanuman.

– Nossa! – exclamou Aru. Ela precisou de um instante para se equilibrar, mas a vista de todo o Bazar Noturno era incrível. Parecia que havia milhares de cidades conectadas. Lá de cima, Aru viu a linha de entrada, que se estendia para dentro de um aglomerado de nuvens. No posto de segurança, o raksha de cabeça de touro tinha sido substituído por um raksha com casca de tartaruga. Ela até conseguiu localizar a joia reluzente que era o Pátio das Estações.

O alarme disparou mais uma vez.

O céu mudou das tradicionais cores divididas: metade dia, metade noite.

Agora era uma escuridão uniforme.

– Roubaram alguma coisa – disse Hanuman, farejando o ar. – Devem voltar para casa imediatamente. Mando notícias na segunda-feira.

– Espera, o que é que foi roubado? – Aru perguntou. Ela esticou o pescoço sob a lateral da palma da mão de Hanuman, como quem tenta flagrar um ladrão fugitivo. Ficou com pena da pessoa que tivesse perdido seja lá o que fosse. Pelo menos não era a única que estava tendo o Pior Dia de Todos.

– Algo que até os deuses temem – Hanuman respondeu num tom sombrio.

Bastou três passos para Hanuman atravessar de uma ponta do Bazar Noturno a outra. Ele deixou Aru e Mini perto da porta de pedra esculpida com elefantes. A porta havia sido criada apenas para elas quando suas mãos decidiram que já estava mais do que na hora de começarem o treinamento.

– Cuidem-se – disse Hanuman. Ele fez um carinho em suas cabeças com a ponta do dedinho (que ainda era grande o bastante para quase esmagá-las) e saiu andando na outra direção.

– Pelo menos temos um tempo livre – disse Mini.

– Sim – concordou Aru.

Mas a que custo?

QUARENTA E QUATRO

Au-au

Mini estava deitada de cabeça para baixo na cama da Aru. Era sábado, um dia após o Bazar Noturno inteiro ter entrado em pânico por conta de alguma coisa roubada. Aru ficou conferindo a boca do elefante de pedra de hora em hora, mas ainda não tinham notícias de Hanuman.

Buu estava com um comportamento particularmente nervoso. Provavelmente continuava bravo porque o gato do vizinho tinha lhe pregado um susto ou roubado duas penas da sua cauda. Aru viu quando ele correu atrás do pobre felino pela calçada, gritando: “EU SOU UM REI PODEROSO! VOCÊ INSULTOU MINHA HONRA!”. Mas nem a “vingança” (ele bicou o rabo do gato e escondeu a tigelinha de ração dele) foi o suficiente para acalmá-lo.

– Você vai lá pra casa hoje? Meu pai vai fazer *pancit*! – disse Mini, eufórica. – É a minha comida favorita.

Aru queria, mas era a última noite antes que sua mãe partisse para mais uma escavação arqueológica. Ainda não tinham conversado sobre o que tinha acontecido entre ela e o pai da Aru. Às vezes, Aru conseguia perceber que a mãe estava tentando encontrar as palavras, mas então os ombros murchavam. Pelo menos, ela estava tentando. Aru ainda não gostava quando a mãe partia, mas agora as duas se esforçavam mais para curtir o tempo que tinham juntas.

– Vou ligar todo dia, e Sherrilyn vai ficar com você – a mãe prometeu. – Mas precisa entender que estou fazendo isso por vocês.

– Eu sei – Aru havia dito.

E estava sendo sincera. Sua mãe insistia em dizer que em algum lugar do mundo, apenas esperando para ser encontrado, existia um objeto arqueológico capaz de ajudá-las a derrotar Sono de uma vez por todas.

– Como sabe que ele não irá atrás de você? – Aru havia perguntado.

– Confia em mim, *chuckloo* – a mãe respondeu, suspirando. – Eu sou a última pessoa que ele quer ver.

Aru sabia o quão importante era para a mãe continuar procurando. Agora entendia que ela não estava apenas providenciando artefatos para o museu, mas também tentando garantir o futuro delas. Estava buscando respostas... e uma maneira de corrigir seus erros. Mesmo assim, era difícil para Aru ir para

casa da Mini e ver como a amiga era bajulada, acarinhada, sempre recebendo um cafuné na cama antes de dormir...

O amor parecia diferente para todo mundo.

Buu se empoleirou nos pés da Aru.

– Por que você não está lendo poesia ou praticando estratégias de guerra? Precisa ser diligente com seu treinamento!

– Buu, é sábado.

– Sono partiu, mas não foi derrotado. Quem pode saber que tipo de confusão ele está preparando? – Buu argumentou.

Mini o cutucou com o Danda da Morte, rindo com o alvoroço das penas e o pio de coruja que ele soltou.

– Criança endiabrada!

Buu se aprumou, fazendo pausas dramáticas para encará-las de tanto em tanto.

– Ele se chama Sono por um motivo. Pode passar um tempão sem que tenham notícia dele, de tão bem que se esconde. Mas terão notícias novamente. Até lá, outros seres, mais sombrios e perigosos que os que encararam, vão sair da toca e testar suas forças.

– Ai, que desmancha-prazeres! – Mini murmurou.

Aru esfregou o ombro. Ainda estava dolorido do último exercício do treino. E ela tinha quase certeza de que Hanuman torceu seu pescoço só de fazer um carinho na sua cabeça.

– Será que podemos viver? É sábado! – Aru reclamou, frustrada.

– Não, se não levarem isso a sério, não podem!

– Nós estamos levando a sério! – retrucou Aru. – Nas histórias, os irmãos Pândavas curtem metade do tempo e na outra metade lutam. Só estou mantendo a tradição. – Ela se virou para Mini. – Não vou poder ir pra sua casa hoje, mas que tal amanhã?

– Combinado.

– Absolutamente ingratas – disse Buu.

Esse era o discurso favorito dele. Aru já tinha quase decorado.

Crianças ingratas! Os deuses ficariam envergonhados em ver que é assim que escolhem se portar!

Mas justo então, do lado de fora do museu veio um uivo.

Mini se levantou num pulo.

– Ouviram isso?

As meninas correram até a janela. Buu esvoaçou atrás. Como era dezembro, Aru teve de espanar o gelo do trinco para poder abri-lo. Ela botou o corpo para fora, conferindo a rua.

Na calçada, um lobo imenso caminhava afoito. Estava carregando alguma coisa na boca: um pesado arco e flecha de ouro.

Nenhum transeunte na calçada percebeu nada.

Aru teve um mau pressentimento sobre o arco e flecha. Reluziam com uma luz própria, da mesma maneira como Dadá e Vajra. Seria uma arma celestial?

– Ei, oi? – Mini chamou. – Lobo gigante!

– Por que somos as únicas que conseguimos ver? – Aru perguntou. – Será que é melhor a gente descer?

Vajra voou para a sua mão, mudando para faca e espada e flecha. Não que Aru pudesse fazer alguma coisa com qualquer uma dessas armas.

– O que ele está segurando? – Mini perguntou.

Bem diante dos seus olhos, o lobo mudou de forma. Uma luz azul explodiu e estalou à sua volta. No instante seguinte, ele virou uma menina. Era mais alta que qualquer garoto da classe da Aru, mas ainda aparentava ter doze anos. Tinha olhos castanhos, pele bronzeada e longos cabelos castanhos. Ela segurou o arco com força.

– Isso não é bom – disse Mini.

A menina parou, farejando o ar. Estaria detectando o cheiro... delas?

Ela devia ter se assustado com algum barulho, pois estremeceu e virou um pássaro azul. Pegou o arco com o bico e saiu voando.

Lá embaixo, o elefante de pedra começou a soar sua sirene de alarme. Era o sinal de chamada do Outromundo. Um pedido de socorro.

Aru suspeitou que o objeto roubado que todos estavam procurando fosse um arco dourado.

– Como é possível que ninguém mais tenha visto? – Mini perguntou.

Aru não fazia ideia. Mas daí olhou para o outro lado da rua e flagrou alguém parado na janela: Aiden. A julgar pela expressão de surpresa, ficava óbvio que também tinha visto o lobo-menina-pássaro.

Mas isso não fazia sentido. Por que ele seria capaz de enxergar algo do Outromundo? Aru fez uma careta conforme fechava a janela e as cortinas.

– Isso vai ser divertido – disse Buu, rindo.

– Qual a graça? – Mini perguntou.

– A gente não devia fazer alguma coisa? – Aru perguntou. – Quem era

aquela?

– Aquela – respondeu Buu – era a irmã de vocês.

Aru ergueu as sobrancelhas.

– QUÊ? – ela e Mini perguntaram ao mesmo tempo.

– Mas ela... ela é um animal selvagem! – disse Mini, se encolhendo.

– Ela é um *animal selvagem* – disse Aru, com admiração.

– E provavelmente roubou aquilo! – disse Mini. – É uma ladra!

– Você conhece o ditado – disse Buu. – Família não se escolhe.

Mini começou a bater a cabeça contra o batente da porta.

– Mas a gente *acabou* de completar uma missão... – choramingou.

Aru olhou para além dela, para a calçada agora vazia e a luz de inverno. O mundo ainda tinha aquele cheiro de véspera de Natal. Havia um vestígio de gelo no ar. Mas outra coisa também... um fluxo de magia que Aru sentiu percorrendo suas veias.

Ao seu lado, Mini começou a puxar os cabelos. O Danda da Morte, como que pegando carona no seu humor, começou a pular e dançar, depois mudou de um estojinho de pó compacto roxo para um bastão de respeito num piscar de olhos. Quanto a Vajra, o raio permaneceu calado. Esperando. Ultimamente, tinha parado de assumir forma de bola. Agora preferia assumir a forma de uma fina pulseira dourada.

Buu disparou para o teto, gritando alegremente:

– Eu avisei! É por isso que têm que fazer lição de casa! O mal ataca quando bem entende!

Apesar de tudo, Aru sorriu.

Ela era Aru Shah.

Uma Pândava reencarnada. Filha do deus do trovão.

Tinha sua melhor amiga ao lado, um pombo levemente tresloucado e o conhecimento do Outromundo para guiá-la. Ela podia lidar com o que viesse.

– No que está pensando, Aru? – Mini perguntou.

Aru deu uma batidinha em Vajra em seu pulso. A pulseira virou um gigantesco raio que ia do chão até o teto.

– Estou pensando que a gente devia começar a trabalhar no nosso grito de guerra.

– Que tal AAAAAAAAAAAHHHHHHHHH-não-me-mate!? – Mini sugeriu.

Aru fez uma careta. Ok, talvez não estivesse cem por cento certa de que

poderiam lidar com qualquer coisa que viesse pela frente. Mas estava *quase* certa.

O que era bem melhor que da última vez.

GLOSSÁRIO

Oiê! Gostaria de iniciar este glossário dizendo que isso não é, de modo algum, exaustivo ou rigoroso em relação às nuances da mitologia. A Índia é MEGAIMENSA e esses mitos e lendas variam de acordo com o estado.

O que você vai ler aqui é meramente um recorte do que *eu* entendi das histórias que me contaram e da pesquisa que fiz. A coisa mais maravilhosa sobre mitologia é que seus braços são largos o bastante para englobarem várias tradições de diversas regiões. Espero que este glossário lhe ofereça um contexto para o mundo da Aru e da Mini, e talvez o incentive a fazer sua própria pesquisa. ☺

Apsara – Apsaras são lindas dançarinas celestiais que atuam na Corte dos Céus. Normalmente são as esposas de músicos celestiais. Nos mitos hindus, apsaras normalmente são enviadas em tarefas pelo Senhor Indra para atrapalhar a meditação dos sábios que estão ficando um pouco poderosos demais. É bem difícil meditar quando uma ninfa celestial começa a dançar na sua frente. E se desprezá-la (como Arjuna fez no *Mahabharata*), ela pode amaldiçoá-lo. Só avisando.

Ashvins (Nasatya e Dasra) – Deuses gêmeos cavaleiros que simbolizam o nascer e o pôr do sol; considerados os deuses da medicina e da cura. Normalmente são representados com cabeças de cavalo. Graças à bênção de Kunti (a mãe de Arjuna, Yudhistira, Bhima e Karna, que foi abençoada com a habilidade de convocar o deus que quisesse para lhe dar um filho), os Ashvins se tornaram os pais de Nakula e Sahadeva, os Pândavas gêmeos. A mãe era Madri, segunda esposa do Rei Pandu.

Astras – Armas sobrenaturais normalmente convocadas para a batalha através de um canto específico. Existe todo tipo de astras, como gada, o bastão de Senhor Hanuman, que é como um martelo gigante; ou indraastra, invocado pelo deus Indra, que produz uma chuva de flechas, assim como o próprio Indra, rei do clima, consegue evocar “chuvas”. Sacou? Rá! Deuses gostam de ironia. E violência.

Asura – Uma raça às vezes boa, às vezes má, de seres semidivinos. Eles são

mais conhecidos pela história de quando reviraram o oceano. É que... era uma vez um tempo em que os deuses não eram imortais. A fim de conseguirem a bebida da imortalidade (amrita), tiveram de revirar o Oceano de Leite. Mas... é um oceano. Então os deuses precisaram de ajuda. E quem chamaram? Adivinhou, os asuras. Prometeram aos asuras uma parcela de imortalidade. Mas os deuses, obviamente, não queriam compartilhar. Senhor Vishnu, o deus supremo, se transformou em Mohini, uma feiticeira. Depois que os asuras e devas (seres divinos) reviraram o oceano, Mohini sorrateiramente deu todo o amrita para os devas. Como se pode imaginar, os asuras não ficaram nada felizes.

Bharata – Palavra em sânscrito para o subcontinente indiano, nomeado em homenagem ao lendário imperador Bharata, que era um antepassado dos Pândavas.

Bharatnatyam – Uma antiga forma de dança clássica original do sul da Índia. Esta que vos fala estudou o bharatnatyam durante dez anos. (Você pode perguntar às rótulas dos meus joelhos sobre o assunto... Ainda estão bravas comigo.) Bharatnatyam é uma forma própria de contação de histórias. Muitas vezes a coreografia da dança é baseada em episódios da mitologia hindu. Bharatnatyam normalmente está associada ao Senhor Shiva. Um dos outros nomes de Shiva é Nataraja, que quer dizer “o Senhor da Dança”, e simboliza a dança como uma força ao mesmo tempo criativa e destruidora.

Bollywood – Versão indiana de Hollywood. Produzem toneladas de filmes por ano. Sempre dá para reconhecer um filme de Bollywood porque alguém leva uns tapas de mentira pelo menos uma vez, e toda vez que começa um número musical, o cenário muda *drasticamente*. (Como podem começar a dançar nas ruas da Índia e ir parar na Suíça ao final da música?) Uma das celebridades mais duradouras de Bollywood é Shah Rukh Khan (essa que vos fala *não* foi apaixonada por ele e nem tinha a foto dele no armário da escola... Você *não* tem prova disso, me deixa).

Brahmasura – Muito tempo atrás viveu um asura que estava sempre rezando para Shiva (Deus da Destruição, como deve lembrar). Shiva, contente com a persistência do asura, lhe concedeu uma dádiva, e esse cara, supercasualmente, por sinal, pediu o seguinte: “QUALQUER PESSOA QUE EU TOCAR COM AS MINHAS MÃOS VAI VIRAR CINZA”. Imagino que o papo tenha sido algo assim:

Shiva: Mas por quê?

Brahmasura: ☺

Shiva: Não, sério, por quê? Esse desejo é horrível.

Brahmasura: ☺

Shiva: Eu... ah... Tá... Tudo bem. Mas você vai se arrepender!

sacode o pulso

Brahmasura: ☺

Ok, salto no tempo, e todo mundo odeia Brahmasura e tem medo dele, então o Senhor Vishnu encontra uma solução. Ele se transforma em Mohini, a linda feiticeira. Brahmasura fica tipo “Ai meu deus, eu te amo”, e Mohini tipo “Hahaha, tá, vamos dançar primeiro, e ver se consegue me acompanhar passo por passo”, e Brahmasura fica superempolgado e topa. Bem, ele paga o preço, porque quando Mohini/Senhor Vishnu encosta a mão na própria cabeça, Brahmasura faz o mesmo. BUM! Ele vira cinza. Que todos os mortais fiquem sabendo: não subestime aquilo que considera assuntos frufu, tipo dançar, pois você pode acabar virando uma pilha de cinzas.

Chakora – Um pássaro mítico que dizem que se alimenta dos raios da lua. Imagine uma galinha superbonita que rejeita grãos de milho e prefere poeira lunar, coisa que, para ser sincera, me parece bem mais gostosinho.

Chitrigupta – O deus encarregado de manter um registro de cada vida humana. Ele é famoso por ser muito meticoloso e normalmente recebe o crédito de ser a primeira pessoa que começou a usar letras. Antes de Chitrigupta chegar ao Submundo, Dharma Raja (deus da morte) vivia sobrecarregado com o número de pessoas em seu reino. Às vezes, ficava tão confuso que mandava um cara bom para o inferno e um cara mau para o céu. Ops. Isso deve ter sido estranho de explicar. Fico imaginando se ganharam uns mimos na vida seguinte: “Desculpa pela confusão! Tó! Você ganha um desconto vitalício de dez por cento em qualquer *Pizza Hut* da sua preferência”.

Danda – Um rodo gigante normalmente considerado o símbolo de Dharma Raja, o deus da morte.

Devas – O termo sânscrito para a raça dos deuses.

Dharma – Ixi. Esse é complicadinho. O jeito mais simples de explicar dharma é obrigação. Mas não é obrigação no sentido de trabalho, mas de *cosmicamente essa é a maneira correta de se viver*.

Dharma Raja – O Senhor da Morte e Justiça, e pai do irmão Pândava mais velho, Yudhistira. Sua montaria é um búfalo.

Diya – Uma lâmpada de óleo usada em partes do Sul da Ásia, normalmente feita de bronze e colocada nos templos. Diyas de cerâmica são pintadas com muitas cores e usadas durante o Diwali, o Festival Hindu das Luzes.

Gandhari – A poderosa rainha de Hastinapura. Quando se casou com o rei cego, Dhritrashtra, optou por usar uma venda a fim de compartilhar da cegueira dele. Apenas uma única vez tirou a venda: para ver Duryodhana, seu filho mais velho (e inimigo dos irmãos Pândavas). Se ele estivesse nu, seu olhar o tornaria invencível. Mas o cara era modesto e não tirou a cueca, ficando vulnerável. (Parece um pouco com a história do Aquiles, né?)

Ganesha – O deus com cabeça de elefante adorado como o removedor de obstáculos e deus da sorte e novos inícios. Seu vahana (veículo divino) é um rato. Existem muitas explicações para o fato de Ganesha ter cabeça de elefante. A história que minha mãe costumava me contar é que sua mãe, Parvati, o fez a partir do barro, enquanto seu marido, Shiva (Deus da Destruição) estava fora de casa. Quando Parvati estava arrumando a casa para o retorno de Shiva, ela instruiu Ganesha a não deixar ninguém entrar pela porta. (Visitas podem ser um estorvo.) Então Ganesha, como um bom menino, disse: “Tudo bem!”. Assim, quando Shiva chega à porta, gritando “Querida, cheguei!”, Ganesha e Shiva se olham, franzem as sobrancelhas e dizem ao mesmo tempo: “E quem você pensa que é?”. Lembrem-se de que essa é a primeira vez que pai e filho se encontram. Bravo por não ter permissão para entrar na própria casa, Shiva corta a cabeça de Ganesha. Imagino que isso deve ter sido extremamente constrangedor para a família. A fim de evitar uma briga daquelas com Parvati, Shiva sai e arranja uma cabeça de elefante, gruda-a no corpo do filho, e tcharã, tudo fica bem.

Gunghroo – Tornozeleiras composta por sininhos, usada por dançarinas indianas.

Halahala – Quando deuses e demônios reviraram o Oceano de Leite para obter o néctar da imortalidade, *muitas* outras coisas emergiram do oceano. Algumas realmente boas! Como o cavalo de sete cabeças que Indra reivindicou como seu vahana. Uma das coisas não tão boas foi Halahala, o veneno mais nefasto do mundo. Shiva salvou a vida dos deuses e demônios ao beber o veneno que esguichou do oceano, e esse é o motivo de sua garganta ser azul, e também a razão de um dos seus nomes ser Nilakantha,

que significa *o da garganta azul*.

Hanuman – Uma das figuras principais no épico indiano *Ramayana*, conhecido por sua devoção ao deus-rei Rama e Sita, esposa de Rama. Hanuman é filho de Vayu, deus do vento, com Anjana, uma apsara. Quando criança aprontou muito, como achar que o sol era uma manga e tentar comê-lo. Ainda existem templos e santuários dedicados a Hanuman, e ele costuma ser reverenciado por lutadores por causa de sua força tremenda. Ele é meio-irmão de Bhima, o segundo mais velho dos irmãos Pândavas.

Indra – O rei do céu, e deus do trovão e dos raios. É o pai de Arjuna, o terceiro mais velho dos irmãos Pândavas. Sua principal arma é Vajra, um raio. Ele tem dois vahanas: Airavata, o elefante branco que gira as nuvens, e Uchchaisravas, o cavalo branco de sete cabeças. Tenho um forte palpite de que sua cor favorita é...

Jaani – Um termo carinhoso que significa *vida* ou *querida*.

Karma – Uma filosofia segundo a qual suas ações influenciam o que vai acontecer com você no futuro. Imagine que resta apenas uma fatia de bolo de chocolate numa padaria. Você acabou de comprá-la para a sua mãe, mas um cara rouba o pedaço enquanto você está guardando o troco no bolso. Conforme ele sai correndo pela porta, gritando “Mwahaha, o chocolate é meu”, ele escorrega numa casca de banana e a caixa com o pedaço voa da sua mão. Ela aterrissa, inteirinha, bem aos seus pés. Você balançaria a cabeça e diria, “Isso é karma!”, e pegaria o bolo. Para uma versão musical de karma, basta ouvir “What Goes Around... Comes Around” do Justin Timberlake.

Kurukshetra – Kurukshetra agora é conhecida como uma cidade no estado de Haryana, Índia. No poema épico hindu *Mahabharata*, Kurukshetra é uma região onde aconteceu a Guerra Mahabharata. O nome vem do Rei Kuru, antepassado dos Pândavas e dos inimigos/primos mortais deles, os Kauravas.

Lakshmi – A deusa hindu da riqueza e sorte, e consorte (esposa) de Vishnu, uma das três principais deidades hindus. Suas vahanas são uma coruja e um elefante, e nas reproduções artísticas costuma estar sentada numa flor de lótus aberta.

Mahabharata – Um dos dois poemas épicos em sânscrito da antiga Índia (o outro é o *Ramayana*). É uma importante fonte de informação sobre o desenvolvimento do hinduísmo entre 2.000 a.C e 200 a.C e conta a história

dos conflitos entre dois grupos de primos, os Kauravas e os Pândavas.

Guerra Mahabharata – A guerra disputada entre os Pândavas e os Kauravas pelo trono de Hastinapura. Muitos reinos antigos foram dilacerados ao escolher se alinhar com um dos lados.

Makara – Uma criatura mítica que costuma ser representada como metade crocodilo, metade peixe. Estátuas de Makara costumam ser vistas na entrada de templos, pois makaras são os guardiões das fronteiras. Ganga, a deusa do rio, usa um makara como vahana.

Mayasura – O rei demônio e arquiteto que construiu o Palácio das Ilusões dos Pândavas.

Mehndi – Uma forma de arte corporal temporária feita a partir do pó extraído das folhas secas da planta de hena. Os desenhos são elaborados e normalmente feitos nas mãos e pés durante ocasiões especiais, como casamentos hindus e festivais. Tem um cheiro distinto quando seca, como alcaçuz e chocolate (Eu *amo* o cheiro.)

Naga (plural: nagini) – Um grupo de seres mágicos com corpo de serpente que, dependendo da região da Índia, são considerados divinos. Entre os nagini mais famosos está Vasuki, um dos reis-serpente usado como corda quando os deuses e asuras reviraram o Oceano de Leite para obter o elixir da vida. Outro é Uloopi, uma princesa naga que se apaixonou por Arjuna, casou-se com ele e usou uma pedra mágica para salvar sua vida.

Pândavas, os irmãos (Arjuna, Yudhistira, Bhima, Nakula e Sahadeva) – Príncipes guerreiros semideuses, e heróis do poema épico *Mahabharata*. Arjuna, Yudhistira e Bhima são filhos da Rainha Kunti, a primeira esposa do Rei Pandu. Nakula e Sahadeva são filhos da Rainha Madri, a segunda esposa do Rei Pandu.

Pranama – Uma reverência para tocar os pés de uma pessoa honrada, por exemplo: professores, avós, ou outros anciãos. Isso torna as reuniões familiares particularmente difíceis porque você sai com dor nas costas de tanto se ajoelhar.

Raksha – Rakshas (às vezes chamados de raskshasas) são criaturas mitológicas, como semideuses, que às vezes são bons e às vezes ruins. São feiticeiros e conseguem mudar de forma para assumir qualquer aparência.

Rama – O herói do poema épico *Ramayana*. Ele foi a sétima encarnação do deus Vishnu.

Ramayana – Um dos dois principais poemas épicos em sânscrito (o outro é o

Mahabharata), que descreve como o deus-rei Rama, auxiliado por seu irmão e o semideus com cara de macaco, Hanuman, salvam Sita, esposa de Rama, das garras de Ravana, o demônio-rei de dez cabeças.

Ritus – Estações. O calendário indiano típico contém seis estações: Primavera (Vasanta), Verão (Grishma), Monção (Varsha), Outono (Sharada), Pré-inverno (Hemanta) e Inverno (Shishira).

Salwar kameez – Um traje indiano tradicional, que basicamente significa calça e camisa. (Um pouco decepcionante, eu sei.) Um salwar kameez pode ser chique ou básico, dependendo da ocasião. Normalmente, quanto mais chique o traje, mais coça na hora de usar.

Samsara – O ciclo de morte e renascimento.

Sânscrito – Uma língua antiga da Índia. Muitas escrituras hindus e poemas épicos estão escritos em sânscrito.

Sari – Um traje usado por mulheres no Sul da Ásia, composto por uma extensão de seda enrolada detalhadamente e amarrada em volta do corpo. Tentar vestir um sem ajuda de outra pessoa costuma ser uma experiência que acaba em lágrimas. E é difícil dançar vestida com um desses.

Shakhuni – Um dos antagonistas do *Mahabharata*. Shakhuni era rei de Subala, e irmão da rainha cega Gandhari. Ele ficou notório por orquestrar o infame jogo de dados entre os Pândavas e os Kauravas, resultando no exílio de doze anos dos Pândavas e, por fim, na guerra épica.

Sherwani – Um casaco na altura do joelho usado por homens no Sul da Ásia.

Shiva – Um dos três principais deuses do panteão hindu, normalmente associado com destruição. Também é conhecido como o Senhor da Dança Cósmica. Sua consorte é Parvati.

Soma – A bebida dos deuses.

Uchchaihshravas – Um cavalo voador de sete cabeças criado quando o Oceano de Leite foi revirado, o rei dos cavalos, um vahana de Indra. Esqueça dragões, eu quero um desses.

Urvashi – Uma apsara famosa, considerada a mais bela de todas as apsaras. Seu nome significa, literalmente, *ela que pode controlar o coração dos outros*. A moça também tinha personalidade forte. No *Mahabharata*, quando Arjuna estava de boa no céu, com seu pai, Indra, Urvashi mandou um recado dizendo que ela o achava muito lindo. Mas Arjuna nem ligou. Pior, ele a chamou respeitosamente de *Mãe*, pois Urvashi tinha sido esposa do Rei Pururavas, um antepassado dos Pândavas. Sentindo-se desprezada,

Urvashi o amaldiçoou a perder sua masculinidade durante um ano (grossa!). Naquele ano, Arjuna posou de eunuco, adotou o Brihannala, e ensinou canto e dança para as princesas do reino de Virata.

Valmiki – O sábio reverenciado como autor do *Ramayana*. Ele ganhou o nome Valmiki (“nascido de um formigueiro”) depois de pagar severas penitências religiosas durante vários anos. Durante esse tempo, imensos formigueiros se formaram à sua volta. Não sei bem o motivo. Construir um ninho em volta de um cara humano não me parece como uma decisão de moradia muito sensata. Talvez tivessem achado que ele era uma rocha. Deve ter sido um choque quando Valmiki finalmente abriu os olhos e se levantou. (Rocha, como se atreve? Traidora!)

Vayu – O deus do vento e pai de Bhima, o segundo mais velho dos irmãos Pândavas. Vayu também é o pai de Hanuman, o semideus com cara de macaco. Sua montaria é uma gazela.

Se chegou até o fim desse glossário, parabéns! Que tal um aperto de mão? Hum... infelizmente, tenho um certo pé atrás com apertos de mão. (Como Mini teria dito: “Germes! A PESTE BUBÔNICA!”.) Que tal um esfregão de cotovelos em vez disso? Pode ser? Três... dois... um...

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, set. 2018

FONTE Adobe Garamond Pro 12/15.7pt

Table of Contents

[Capa](#)

[Dedicatória](#)

[Créditos](#)

[Apresentação](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[Glossário](#)

[Opinião](#)

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

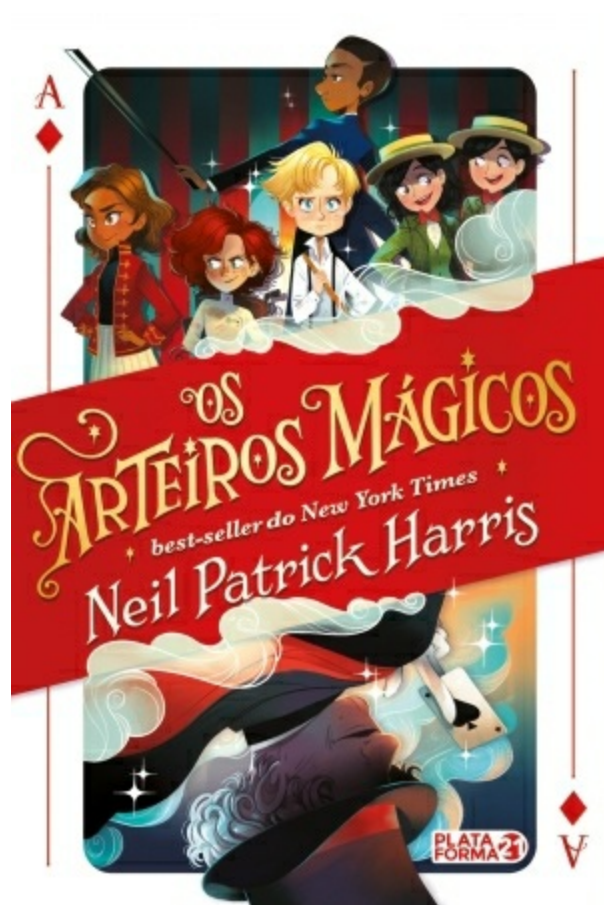
Nia, Fernanda
9788592783839
426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Moraes, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances,

Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



Os Arteiros Mágicos

Harris, Neil Patrick

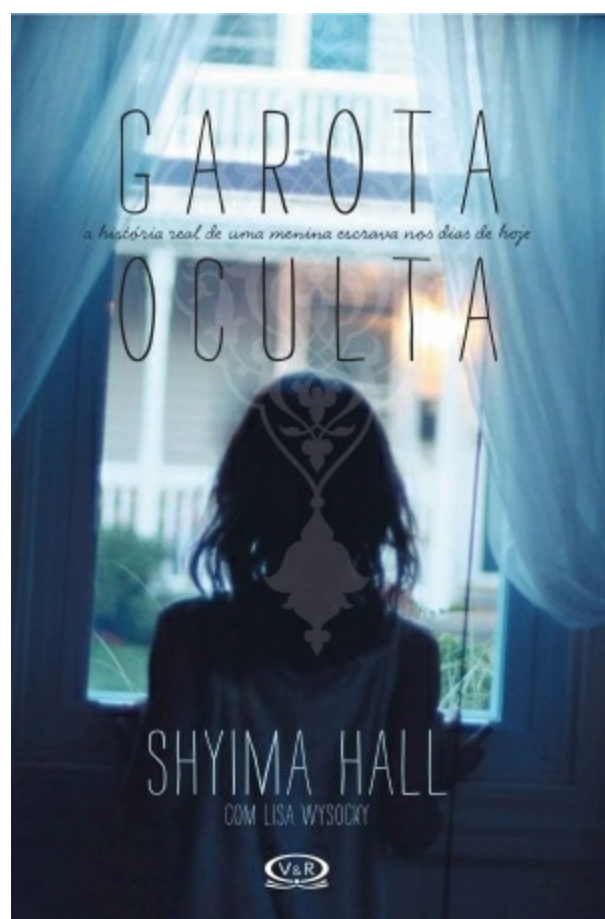
9788592783563

260 páginas

[Compre agora e leia](#)

Carter é mais habilidoso do que imagina, mas ele não acredita em magia de verdade. Quando os pais do garoto desaparecem, seu tio Velhaco o obriga a viver de trapaças nas ruas – até que Carter resolve escapar. Ao fugir, porém, ele jamais esperava encontrar amigos e magia numa cidadezinha pacata da Nova Inglaterra. Mas, como num passe de magia, tudo muda assim que o ambicioso B. B. Bosso e sua trupe de palhaços ladrões chega tocando o terror no lugar. Depois de um fatídico encontro com Dante Vernon, o provedor local de truques de magia, Carter encontra outros cinco jovens ilusionistas. Com trabalho em equipe e muita magia, eles farão de tudo para livrar a cidade das garras de Bosso. Os seis arteiros mágicos descobrirão, juntos, a amizade, a aventura e a autoconfiança nesta nova série que vai além de qualquer truque.

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima
9788576838142
248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro "Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica." – Kirkus Reviews

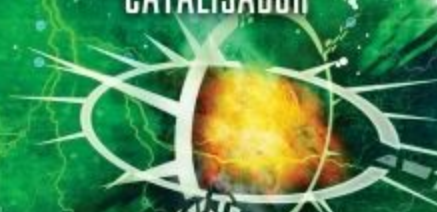
[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.
9788576838135
458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)